

A inspiração para este meu primeiro livro surgiu assim que retornei de uma viagem de um ano e meio pela Austrália e alguns outros países da região, na qual pude finalmente perceber que existem outras possibilidades diferentes daquelas tradicionais impostas a nós pela sociedade.

Vendo que este é um movimento que vai paulatinamente ecoando dentre os jovens da minha geração, senti-me na necessidade de elaborar um “manifesto” capaz de encarnar tais anseios. *Eudaimonia* nada mais é do que uma resposta ao sentimento de frustração de uma juventude desperta, que acredita ser capaz de muito mais, que busca se desamarrar, sair da esteira, se lambuzar enfim com as abundâncias da vida.

Sinopse:

Em *Eudaimonia*, Joshua é um garoto/homem recém-apresentado a vida adulta e, conseqüentemente, ao estilo de vida e pensamento tradicionalista imposto pela sociedade moderna. Assim como tantos outros, ele chegou ali após ser martelado pela certeza de que apenas um caminho é o correto: sistema escolar tradicional que te instrui a entrar em uma universidade renomada, a qual irá te encaminhar para os melhores empregos da cidade e, finalmente, a um posto de exclusividade após anos de devoção à vida profissional.

Embora lhe falte referências para traçar caminhos diferentes, Josh, como seus amigos o chamam, é incapaz de aceitar e se curvar diante desta suposta realidade ilusória, alimentando corrosivamente uma sensação de frustração e não pertencimento. Nas palavras do próprio Josh, “o senso da nossa função existencial

neste universo foi reprimido, oprimido, negado e abandonado” e, assim, todos levam uma vida que mais remete a uma ordem imposta.

Até que o acaso universal apresenta a ele pessoas com o mesmo desejo infinito por mudanças a este cenário pré-modelado. Inclusive, indivíduos que conseguiram se desatar com sucesso das amarras do imaculado sistema. Com influência direta destes personagens e de autores conhecidos por serem, da mesma forma, outsiders ou indagadores de novas condutas sociais, tais como Henry D. Thoreau, Jack Kerouac, Drummond, Gabo , Chris McCandless, Domenico de Masi, entre outros, Josh descobre um novo mundo de possibilidades e ideologias que acabam transformando por completo sua personalidade e modo de viver.

Eudaimonia nada mais é que uma ode a uma juventude que clama por mudanças estruturais, sociais e ideológicas no sistema vigente (e ultrapassado) de pensamento. Um grito de contemplação a novas possibilidades que possam traduzir de fato a verdadeira essência sublime que nos faz ser humanos. Uma alternativa a frustração que o estilo de vida moderno tende a consumir com suas artificialidades e julgamentos pré-fabricados. Uma resposta acolhedora, ora ironicamente cômica, ora provocativamente indelicada, que vislumbra os aspectos mais saborosos do convívio juvenil na cidade onde talvez tais ideais se choquem com maior vigor, São Paulo.

Índice

Capítulo 1

A figueira das vaidades.....6

Capítulo 2

O fumódromo.....13

Capítulo 3

A casa de praia.....21

Capítulo 4

Ode à natureza.....28

Capítulo 5

Sob a proteção dos tigres do passado.....33

Capítulo 6

Os privilégios da vida moderna – parte 1.....38

Capítulo 7

Um sol brilhou em um uma noite enluarada sem lembranças.....44

Capítulo 8

O poço de Tales.....53

Capítulo 9

Os privilégios da vida moderna – parte 2.....58

Capítulo 10

omeninocamaleão.....63

Capítulo 11

São Paulizando – parte 1.....71

Capítulo 12

Parênteses para uma fábula chinesa.....79

Capítulo 13

O primeiro despertar.....86

Capítulo 14

Reflexões de um maquinista.....96

Capítulo 15

Meninos e lobos.....104

Capítulo 16

São Paulizando – parte 2.....118

Capítulo 17	
O templo dos despertos.....	129
Capítulo 18	
Reencontrando novos amigos.....	135
Capítulo 19	
Um Marinheiro solitário.....	144
Capítulo 20	
A festa.....	149
Capítulo 21	
O segredo do mundo na ponta de um sorriso.....	164
Capítulo 22	
Eudaimonia.....	173
Capítulo 23	
Um Marinheiro e sua tripulação.....	184
Capítulo 24	
Desabafo.....	190
Capítulo 25	
O último banho de Andy.....	197
Capítulo 26	
As armadilhas.....	206
Capítulo 27	
A melhor xícara de chá.....	211
Capítulo 28	
Atendendo aos sinais do universo.....	219
Capítulo 29	
A mente é uma câmara de ecos.....	235
Capítulo 30	
Despertando.....	239

*A minha mãe, meu pai e meu irmão,
E a todos aqueles que me inspiraram a acreditar em Algo.*

Capítulo 1

A figueira das vaidades

Choveu a manhã inteira em São Paulo. Agora não mais. Pelo menos não por enquanto, pois o céu dá sinais de que ainda não cessou seu expediente. Eu também tenho uma longa tarde a minha frente. Trabalho em uma região nobre, que de nobre talvez tenha apenas o céu. Mesmo em seu esplendo, ele agora faz parte de uma paisagem sitiada por densos feixes cinzentos, libertos pelo suposto esplendor do homem.

Saio para almoçar acompanhado da frustração de quem não aguenta ficar mais um minuto sequer sentado àquela mesa. Mas a esteira responsável por movimentar o mundo precisa continuar funcionando.

E assim nós devemos nos limitar a trilhar o mesmo rastro batido de terra. Nele, é mais fácil gravar as marcas de nossas pegadas para que outros possam segui-las. Mas assim como os templos antigos são cercados pela poeira e o desgaste, alguns caminhos também foram abatidos pela desilusão provocada pelo tempo.

Apesar do mau tempo, é um momento a se valorizar. O principal benefício do trabalho é o valor incalculável que o tempo livre passa a receber. Pelo menos, esta é a sensação espelhada nos rostos dos pobres vassalos que, assim como eu, marcham sorridentes pelas ruas. Reféns da felicidade exprimida em uma nota de cem. Escravizados por um demônio que surge a cada segunda feira. Rostos pálidos em suas fantasias sufocantes. Nem de longe, elas conseguem passar a credibilidade que tentam pregar.

Ao percorrer meu caminho, sou mestre na arte de julgar. Sinto que estou também diante de um severo julgamento. Talvez devido ao meu olhar de desprezo. Ou ainda pelo meu par de sapatos, não mais gasto do que a realidade a minha volta.

Continuo a caminhar pelas ruas que fluem dentre os prédios comerciais. Antigas vielas suburbanas rendidas aos encantamentos da modernidade. Os edifícios espelhados refletem a si próprios como retratos deprimidos.

O odor dilacerante proveniente das legiões de cigarro passa a se fundir com o aroma de amargura dos pescoços. O resultado asfixiante me causa espasmos sufocantes. Preciso me mover antes que despenque repentinamente no chão e seja involuntariamente esmagado pelo resto da matilha. Movem-se como robôs insensíveis e atordoados, cegos propositadamente por seus criadores para que não sejam capazes de contemplar a verdadeira beleza do mundo exterior.

Sento-me então em um elevado de concreto, deixado ali para firmar o limite da única praça dentre os altos muros cimentados. Uma borda real erguida para que o verde primitivo não escape. Se solta, a natureza pode ludibriar aquelas mentes domesticadas.

Por um instante, sinto esvair a sensação de enjoo. Aquele desejo incógnito de angústia, no entanto, persiste em me agoniar. Sou rondado por ele há alguns dias, mas não consigo discernir de fato porque a sensação se inflama no cenário em questão.

Observo neste meio tempo um homem elegante. Terno sedoso, de corte clássico, e gravata atracada com maestria. Óculos escuros sobre a coroa de seus trinta e poucos anos. Há uma vaga inveja no ar. Não pelos óculos, mas pelo sorriso incandescente que carrega consigo no rosto.

Do meu posto de observação, consigo ter uma visão ampla do vai e vem próximo a praça. Como pavões anabolizados, homens e mulheres adornam seus relógios sofisticados. Desfilam sobre a avenida emplumando uma espécie de identificação na altura do peito, muito semelhante àquela que carrego no bolso.

Próximo a mim, um sujeito de mais idade range os dentes ao telefone. Braveja sobre números infinitos e reuniões encavaladas. Reclama também de um “contrato de merda”, do qual sempre ouço falar por aquelas bandas, mesmo nunca o tendo lido especificamente ou tido algum contato com seu teor.

O telefone é então recolocado no bolso interno do paletó. Embora a chuva matinal tenha amenizado o recém-chegado verão, não há motivos para exhibir tal peça. É como se o paletó quisesse transmitir outra mensagem a quem o nota e não só a preocupação com a temperatura ambiente.

A visão é responsável por proliferar o calor pelo meu corpo, atingindo um campo de percepção não mais suscetível aos caprichos dos poros da pele.

Duas mulheres se aproximam do homem de paletó que é saudado com abraços meramente virtuais. Embora minha visão não seja das mais favorecidas, é possível notar ambas carregando o mesmo tipo de identificação que seu colega utiliza como coleira. Seguem caminho rumo a uma cafeteria, distribuindo latidos e risos como se o mundo tivesse sido criado no objetivo único de ouvi-los.

Ao invés de também seguir em frente, opto por escalar a mureta que me servira de assento. Sou como o pirata desta imensa ilha artificial, medindo toda a área ao meu redor.

Guio minha visão por toda a extensão da praça até o limite final do horizonte, que se dá na sobreposição de mais concreto. Pareço ser o único indignado com tais cenas cotidianas, já que elas continuam a se suceder independentemente da minha relutância.

O único ser comovido com a minha causa é uma grande figueira bem no centro da praça. No auge da sua existência, era capaz de esticar o tronco como um elástico entre os dedos, a fim de reverenciar os infinitos limites do seu jardim. Banida do seu mundo, ela não demanda nenhum esforço a mais do que o garantido pelo seu tímido caule envergado.

De alguma maneira, a figueira e eu podemos nos confortar em nosso desconforto compartilhado. Talvez a partir dela, eu alcance meu próprio processo de iluminação e juntos, possamos despertar.

Um estrondo na barriga me compele a retomar o caminho do almoço. Chego a um restaurante pequeno de trejeitos amigáveis. O local se torna ainda mais agradável pela qualidade caseira das refeições nele servidas.

Os outros clientes, no entanto, não são contagiados pela minha calma ou pela doçura do estabelecimento. Talvez deversem colocar pratos maiores no restaurante, pois todos se servem como se estivessem diante da última porção de comida na Terra.

Digo isso em tom de piada a um homem ofegante se servindo a minha frente e ele nem se dá ao trabalho de me responder. Está muito ocupado espreitando uma porção de filés trazida a pouco pela garçonete.

Escolho uma mesa distante da porta, pois temo voltar a respirar o aroma dos cigarros conquistadores da rua. Pessoas continuam a entrar e sair sem respeitar a essência do local. Apesar do alto movimento e do delírio causado pela fome, poucas vozes são ouvidas ecoando pelos salões. Como numa batalha medieval, a atmosfera é riscada pelo assobio de utensílios de metal lutando uns contra os outros, despertando o choro corrosivo do porcelanato.

Após alguns minutos explosivos, o restaurante dá fim a sua guerra e rumo paulatinamente para um envolver silencioso, lembrando a todos que o intervalo de almoço está prestes a cessar.

Em uma mesa próxima a minha, um grupo feminino permanece exaltado. Estão indignadas com a, segundo palavras delas próprias, insensibilidade e inflexibilidade de seus cargos. Temem pelo futuro e, mais do que isso, pela sequência improdutiva de suas vidas. Após uma tiragem extra de desabafos mútuos, concordam não serem dignas de tal tratamento.

Sinto-me finalmente compreendido e, com exceção da overdose de maquiagem, posso ver-me personificado na angústia delas. Reforçam meu tom de rebelião e amargura sobre o descaso com as nossas vidas.

Ouço-as tramando uma reviravolta surpreendente de dar inveja a qualquer marxista de bar. Primeiramente, não sou atingido pela empolgação da mesa, mas fico comovido pela causa de qualquer forma. Afinal, é possível ouvir atos de rebeldia como este por toda região. Principalmente nos intervalos de almoço, onde simpatizantes das mesmas indignações se juntam em espaços “zens” para balbuciar contra um “sistema opressor” sustentado por eles próprios.

“Mas agora vamos logo, se não iremos nos atrasar”, a provável líder do grupo proclama. Seguida por suas companheiras, ela se levanta e sai às pressas do restaurante.

Tomo meu caminho de volta pela “praça da figueira” como um último instante de desabafo. Vejo sentado entre as árvores menores um dos rapazes que trabalham comigo. Andy tem também seus vinte e tantos anos, um pouco mais tantos do que os meus.

Encontro-o assolado por uma expressão emblemática e corrosiva, de uma forma nunca antes flagrada em qualquer outro rosto por entre aquelas ruas. Ele sempre estava gargalhando e tagarelado pelas paredes do escritório. Eu admirava muito o modo desalinhado com o qual dobrava as mangas e a maneira como não se preocupava em abrir um botão a mais na camisa tanto nos dias quentes como nos frios. Mas o semblante pálido e consternado daquele ser sentado ao pé da árvore me intrigava ainda mais.

- Qual o problema Andy? – pergunto acanhadamente.

- Isso...

- Isso o quê?

Ele apontou tudo a nossa volta com as duas mãos.

- Sei bem como é.

Uma penumbra silenciosa circundou nossos corpos por alguns instantes.

- Você não se incomoda com tudo isso, Joshua? – ele tornou a falar.

- Não sei se do mesmo jeito que você, mas sim, me incomodo.

- E o que estamos fazendo então? O que estamos fazendo com as nossas vidas? Somos tão jovens, tanto pra fazer, tanto pra conhecer, tanto pra aprender, tanto pra viver...

- E ainda assim, estamos aqui, certo? – completei seu raciocínio.

- É como se estivéssemos nos matando a cada dia, aniquilando nosso verdadeiro eu.

Melancolicamente, deixo escapar um riso acanhado na tentativa de ampará-lo. Pela sua contínua expressão desolada, qualquer atitude naquele instante seria em vão.

Espero então Andy se levantar para caminharmos de volta até o prédio onde trabalhamos. Como se fôssemos dois soldados feridos, procedemos em silêncio. Ele por não ter necessidade de se expressar por palavras e eu por não ter coragem

de dizê-las após testemunhar seu desabafo. Consigo apenas refletir sobre a força dos seus dizeres e como eles se fundiram ao misterioso sentimento que tomara minhas ideias durante todo o dia.

Uma sensação corrosiva e restringente. Como se algo me prendesse ou impossibilitasse o meu avanço. Uma percepção de perda de tempo, de patinar no vazio.

Nós nos limitamos a ser limitados. O senso da nossa função existencial neste universo foi reprimido, oprimido, negado e abandonado. Foi quando passamos a acreditar que o valioso dom da razão nos foi oferecido para sermos capazes de enjaular nossa própria espécie. Aprendemos a nos domar tal como animais são domesticados desde os nossos antepassados. Há uma grade invisível, porém dominante, sobre todos nós. O ser humano se sabotou e transformou sua vida em mais uma ordem ou obrigação. Vivemos em estado constante de mediocridade sem crer que podemos transgredir esta percepção.

Somos ensinados a desprezar nossos sonhos e carregar a vida sem maiores aspirações, fazendo parte de um mundo que não ajudamos ou concordamos em construir. Treinados a agir por recompensa, aprendemos a ignorar o bem coletivo e egoísmo social passou a determinar cada escolha em mundo de eterna competição. Fomos tomados pelo desejo surreal por coisas, não importando o que se tem desde que se tenha mais.

Alguém me disse que este é o caminho e então o segui inocentemente, sem ter antes possibilidade de compreender o infinito de possibilidades de uma vida.

Há de fato um roteiro pré-programado para todos nós e, mesmo aqueles com boas possibilidades, tendem a segui-lo sem qualquer indiferença. O script logicamente se aplica aos que têm alguma oportunidade em contestá-lo ou mudá-lo, pois há a uma necessidade pertinente em controlar estes intelectos para que o trem não deixe os trilhos. Fazendo o trem se mover, há uma massa ainda maior distante de qualquer possibilidade aparente, marginalizados e sacrificados para que alguns poucos possam prosseguir na estrada.

Não fui eu o responsável por inventá-lo, e a partir daquele momento eu entendi que era meu papel como ser humano questioná-lo.

Já no elevador, tento encontrar alguma motivação subjetiva para reter o sangramento incessante daquela ferida finalmente exposta. Notoriamente, ela estava mais aberta em Andy do que em mim. Sou apenas um daqueles chatos de plantão, reclamando de barriga cheia, imagino. Mas será que não é isso que querem que eu pense?

Observo a postura padronizada das pessoas a nossa volta. Os números no visor do elevador não param de aumentar, o que significa que o mundo continua a girar. Não muda nada. Andy tinha razão, eu já estava morto.

Capítulo 2

O fumódromo

Identifiquei-me com Andy por no fundo saber que ele me entendia e, a partir daquele dia, passamos a almoçar juntos quando nossos horários nos permitiam. Depois do almoço, frequentávamos um fumódromo localizado na parte de trás do prédio para liquidar o tempo restante até o horário de retorno ao escritório.

De início, me contive em aceitar seus convites. Sabia que no fumódromo reinavam os mais diversos casos de auto adulação. Indivíduos querendo convencer a si mesmos que são importantes com suas vidas artificiais fortificadas por uma tela de computador.

Sempre me abatia em desgosto com os pequenos gestos de materialismo e demonstrações de poder. Lembravam soldados enviados para defender com a vida um mundo de prestígio e exibição. Em grande parte destas ocasiões, era consumido pela sensação destruidora que pode acolher uma pessoa quando a mesma se sente deslocada. Sentia-me um estrangeiro por não ser hábil de aplicar o idioma daqueles grupos, no qual as palavras de maior utilidade para formar sentenças (e de fato, sentenciar) sempre foram os adjetivos.

Por intermédio da atitude imperturbável de Andy, passei a vivenciar tais momentos com outra cabeça. Ele atacava cada uma daquelas poses. Ironizava não só a conduta alheia, como também nossa falta de atitude perante ela. Todo o cenário não passava de uma grande sátira da qual ele participava com fervor. Expressava-se com conteúdo e sabedoria e, embora fizesse um tipo predominantemente sereno, suas palavras exprimiam um tom coibido de revolta.

Quanto mais o conhecia, mais me prendia às suas ideias. Ele fugia completamente do estereotipo sistematizado pelas empresas. Não se prendia a carreirismos e não precisava usar do puxa-saquismo para se destacar. A conduta natural adotada dentro das empresas de ocultar ou disfarçar personalidades verdadeiras, ele extrapolava. Das panelinhas e alianças obscuras, não fazia parte. Burlava o clima de impessoabilidade exigido pelo escritório, tornando-se um farol no interior daquela linha negra de pensamentos competitivos. Ria de dogmas

corporativos e daqueles que tentavam reprimir suas virtudes, os quais formavam um número significativo devido àquele potencial pujante e inovador que os ameaçava.

O positivismo adotado por Andy tinha um caráter mais revolucionário do que propriamente simpático. Eu fazia questão de ouvir suas reflexões sobre o ponto de virada em que a humanidade se encontrava. “O homem é o ser mais sagrado para o próprio homem”, ele sempre dizia, enquanto eu adotava uma postura mais conservadora e pessimista em relação às pessoas.

Rapidamente, aprendi a confiar nele, tornando-o um verdadeiro conselheiro diante dos meus momentos de fraqueza ou revolta. Ele também tinha os seus, mas era muito hábil em disfarçá-los. No fundo, acredito que ele temia perder o seguidor, como se eu fosse deixar de admirá-lo caso expurgasse suas fraquezas.

Virou uma rotina diária, nosso escape das horas lamentáveis, que embora muito bem trabalhadas, alimentavam nossa angústia e nos amputavam ainda mais do verdadeiro sentido que queríamos dar a nossa realidade.

Permanecíamos ali filosofando sobre a vida, tentando criar um significado para tudo e todos. A culpa por não sermos fumantes logo se esvaiu quando passamos a notar que muitos outros frequentadores do espaço também estavam ali por puro devaneio.

A incessante busca por significados mais abrangentes e superiores corriqueiramente nos esgotava mentalmente, além de incitar discussões sem sentido. Em alguns momentos, rompíamos a barreira do nosso casulo filosófico, criando uma válvula de escape da existência que passávamos horas tentando idealizar.

Era o instante de alívio no qual retornávamos a realidade e podíamos nos contentar em sermos apenas dois homens matando o tempo do trabalho, assim como todas as outras pessoas ali presentes. Assumíamos descaradamente não estarmos sujeitos a maiores leis ou complicações que não fossem as decorrentes do próprio fluxo de possibilidades. Tornávamos seguidores niilistas da vida despreocupada.

Não era mais necessário sacar a mão do bolso para apontar tudo que não me agradava no mundo. Bastava dissolver a ansiedade e entender que a paz operante em mim seria transbordada para tudo a minha volta.

Com o tempo, passamos a também tirar intervalos durante o período da tarde. Não era justo que somente os fumantes pudessem ganhar esse intervalo inculposo e, assim, nos deixávamos passar por apreciadores do ato recreativo de fumar.

De certa forma, nosso desejo por escapar aumentava nosso empenho no trabalho. Por querer cada vez mais tempo no fumódromo, trabalhávamos com uma dedicação exemplar. O resultado se dava na despreocupação em saber que nossas tarefas estavam concluídas sempre com antecedência.

Tirávamos proveito do tempo extra para apreciar os torneantes milagres da natureza que caminhavam a nossa volta. Andy sempre perambulava com um maço de cigarros a mão no intuito de estar preparado caso alguma pobre dama precisasse de sua dose de nicotina. Não importava muito se pensavam como nós, mas sim a curiosidade que cada uma despertava.

Algumas eram lindas demais para serem passíveis de algum defeito, excluindo-se a memorável ocasião em que uma destas beldades confessou sua paixão por tabelas de Excel.

Outras procediam como sedutoras profissionais. Saias curtas o suficiente para lhes garantirem uma boa promoção, personificando de certa forma as mulheres ocas de Vinicius de Moraes com sua sensualidade ditatorial. Ostentavam seus cigarros como se fossem pagas para tal, chamando a atenção justamente quando não estavam fumando: uma escultura de carne e osso portando um cigarro entre os dedos enquanto a outra mão se encaixa engenhosamente na cintura.

Havia também aquelas que esbanjavam elegância. Retratada pelos seus cabelos presos adornados dos mais diferentes jeitos. Impressionavam não só pela postura estritamente correta, como também pela clareza das palavras. Os homens tremiam diante de tanta firmeza.

Poucas eram de uma beleza singular e quase selvagem àquele ambiente. Perambulavam num ritmo dilatante pelos prédios comerciais com suas sandálias de pano e vestidos longos. Era comum se fixarem na praça, mas esporadicamente uma delas acabava se perdendo dentre as saias curtas e os ternos engomados. Mostravam-se quebra-cabeças engenhosos à medida que as descobríamos.

Todos os incomparáveis tipos eram igualmente tentadores. Possuíamos logicamente preferências pessoais, mas todas nos atraíam de alguma forma. Assim como o próprio fumódromo, aquelas mulheres nos proporcionavam um instante transgressor do efetivo cotidiano. Estas janelas fora da rotina eram o ponto alto dos nossos dias.

Naquele, dia, Andy já havia passado pela minha mesa há um tempo. Como de costume, tapeou minhas costas e apontou em direção à saída. Por conta de uma ligação sem fundamento, só consegui alcançá-lo quinze minutos depois.

Ele conversava com três belas mulheres e, logo que me notou, acenou com a palma da mão ricocheteando na direção do grupo.

Após uma sufocante apresentação sobre onde trabalhavam, o que faziam e todas as baboseiras convencionais explicitamente inúteis, finalmente me contaram seus nomes. Clarissa parecia ser uma boa garota, se comunicava muito bem e tendi a acreditar que não era uma fumante, por tossir a cada tragada involuntária. Andy não deixou de fitá-la nem mesmo quando permanecia calada. De fato, era difícil não se ater a imensidão cósmica que suas íris esverdeadas espelhavam.

Sasá na verdade era um diminutivo de Sabrina. Quando não estava fumando, permanecia em silêncio. Talvez por isto ela não tenha sido capaz de instigar todos os meus sentidos, embora tivesse sem sombra de dúvidas um rosto deslumbrante.

Ana foi a que realmente me impressionou. Seus traços delineavam uma harmonia imponente, como se tivessem sido copiados de alguma proporção perfeita. Sutis toques de inteligência eram traduzidos na lucidez de suas palavras. Ela domava com implacável destreza suas melhores virtudes, utilizando-as para cativar quando necessário.

Seus punhos finos me saltaram a vista num primeiro instante. Eram a garantia da sutileza final daquele corpo caprichosamente calculado. Feito de um artista apaixonado que ao talhar as medidas exatas da sua obra, utilizou-se de uma aquarela alva e radiante para pincelar a pele.

Tamanha era a segurança da sua postura que eu me impeli a calar meus pensamentos apenas para contemplá-la. Era paciente e inteligentemente sutil. Respeitava opiniões contrárias, ato digno de uma verdadeira dama.

Ana pertencia ao grupo seletto de mulheres que não têm necessidade de chamar a atenção. Ao mesmo tempo em que sabia se controlar, esbanjava uma feminidade instigante. Eu era magnetizado conforme ela deslizava seus punhos franzinos pelo mar de longos cabelos negros, como se tecesse mais um pedaço do céu na terra castigada que era o ambiente ao nosso redor.

- Mas então Joshua, o que você acha desses homens que veem ao fumódromo só para conseguir mulheres? – Ana fez a pergunta, se dirigindo explicitamente a mim.

- Eu sinceramente acho que são todos uns pervertidos.

- Sei... – ela balbuciou através de um sorriso quebrado de quem não fora convencida se aquilo era uma verdade ou uma ironia. – E você fuma por acaso?

- Depende. – respondi infiltrando seus olhos amadeirados.

- Como assim depende? – Questionou Clarissa em mesmo tom de não convencimento.

- Mas precisa ser fumante pra vir ao fumódromo? – Andy interpolou, já escondendo seu maço de cigarros que de fato nunca seriam fumados por nós.

- Bom, não. – Ana respondeu. – Mas normalmente, quem não fuma, não gosta de cigarro. Tem dessas coisas. Esse pessoal normalmente fica sentado ali na pracinha. – apontou para a direção da praça, enquanto Andy me olhava de canto como se ela estivesse prestes a descobrir nosso segredo. De fato, tinha razão em suas palavras, só não sabia que as mulheres da praça eram infinitamente menos fascinantes do que ela.

- Nós não ligamos. Sempre descemos aqui pra conversar. É mais prático... A praça é longe também. – Andy ponderou.

- Tem muita gritaria da criançada que vai lá. Além do que, está mais do que provado que aqui sempre há pessoas interessantes. – completei nossa defesa.

Elas acreditaram ou pelo menos fingiram acreditar na justificativa. Clarissa então tornou a falar com Andy sobre algo relacionado ao trabalho dela. Sabrina

permanecia em silêncio enquanto examinava descaradamente os trejeitos de uma mulher no grupo ao lado. Também não parou de fumar um único minuto, o que pode ter contribuído para sua participação nula naquela discussão. Ana os acompanhava, mas parecia querer estar alheia àquela conversa. Sua expressão de apatia se refletia em mim pelos mesmos motivos. Estava mais do que implícito que eu precisava fazer algo.

- Não gosta de falar de trabalho fora do trabalho? – minhas palavras foram cuidadosamente medidas para que pudessem ser ouvidas apenas por nós dois.

- Nem um pouco. Você? – ela consentiu esbanjando certa frieza, mas nunca indelicada.

- Sempre evito. Às vezes não temos muitas opções, já que é algo normal a ser tratado, especialmente quando se está no intervalo de um trabalho.

- É... Acho que você tem razão... – ela parecia querer se abrir, mas o hábito a impedia.

- Minha solução imediata é apenas fingir que estou no papo. Aliás, você faz muito bem isso.

Ela censurou o máximo que pode um sorriso tímido até finalmente desprendê-lo. Uma atitude branda aos olhos mais despercebidos, mas eu sabia que aquele na realidade era um sinal de passagem. Não a toa, a atitude se mostrou suficiente e ela permaneceu quieta, como se quisesse assumir o controle da situação.

- Não entendi o negócio “dos homens que veem aqui atrás de mulheres”. – prossegui antes que ela pudesse minar nosso papo reservado.

- Não precisa se fazer de puro. Andy me contou que vocês já saíram com algumas “amigas” que conheceram aqui.

“Ah Andy, sempre tão sincero”, foi meu único pensamento conforme ela erguia sua confiança. Para Ana, eu era apenas mais um entre tantos “conquistadores” do fumódromo. E ela parecia não perdoar este tipo.

- Eu nunca disse que não conheci mulheres aqui. Apenas respondi sua pergunta sobre homens que só estão atrás disso.

- E do que mais você estaria atrás então? – o tom da sua voz subira e esbanjava uma prepotência calculada, perfeita para assediar homens frágeis.

- Possibilidades.

Ana permaneceu em silêncio. Minha resposta fora um ataque inesperado em seu plano defensivo.

- Uma vez, por exemplo, conheci um rapaz aqui que me vendeu um par de ingressos pra um ótimo show. – prossegui.

- E aquilo de que esses sujeitos “são todos uns pervertidos”? Já se esqueceu?!

- Claro que não.

- Então você é, além de pervertido, um negociador? – sua atitude voltou a parecer dominante perante a minha, insinuando sua vontade de conferir-me o golpe final.

- Olha Ana, não queria jogar isso na sua cara, mas foi você quem puxou papo comigo. Ao que tudo indica, você é a pervertida aqui.

Ela tentou, novamente sem êxito, conter o sorriso. Desta vez, ele se intercalava com um olhar tipicamente feminino de curiosidade. Olhos franzidos e penetrados, como quem tenta enxergar além da carne. Ficamos inseridos neste quadro por alguns segundos. Daqueles que ficam vagando pela memória durante dias toda vez que recorremos à imagem em questão.

Ignorando a importância do acontecido e a maneira como nossos olhos gritavam um em direção ao outro, sua amiga Clarissa subitamente pousou entre nossos corpos. Distraiu nossa atenção não só com sua presença, como também com a voz aguda que lembrava o choro de uma criança.

- Vamos Ana, já está na hora! A Sasá terminou o último cigarro. É melhor voltarmos ou se não vamos nos atrasar.

Ana permanecia a me fitar. Agora não tão curiosa como antes. Não pude deixar de fitá-la em resposta, mesmo sabendo que aquilo implicava em ignorar a sua amiga.

- Além disso, já combinei com o Andy de juntar todo mundo na outra semana. Aí vocês terão tempo suficiente pra continuar essa guerra de olhares. – Clarissa concluiu.

Neste impasse de agudos de criança e olhares de gente grande, Sabrina decidiu acender outro cigarro. Ficamos todos ali por mais alguns minutos divagando sobre outros assuntos. Eu já estava mais comedido. Só conseguia pesar o quanto o olhar de Ana me pervertia. O resultado se deu numa fitada involuntária, porém

depravada, em seu tronco conforme ela caminhava para o outro lado da rua. Fora do meu controle, meus olhos foram obrigados a considerar aquele passar apetitoso de perna sobre perna.

O olhar de Andy também o entregava. Ele e eu optamos então por ficar ali mais alguns minutos, idealizando cada uma em seu pequeno feixe de perfeição.

De fato, nunca fui capaz de dimensionar com palavras ou pensamentos a satisfação que o fumódromo me transmitiu àquele período. Talvez fossem os instantes de reflexão que, embora breves e confusos, sempre se tornavam válidos. Pode ser que fosse o público feminino, capaz de me distrair de mim mesmo. Ou ainda os papos banais e a vontade petulante de retornar ao lado ordinário da vida. Talvez não fosse nada disso e eu apenas tivesse apreço pela fumaça, embora ela nunca tenha mostrado alguma gratidão por mim.

Capítulo 3

A casa de praia

Sexta feira, véspera de praia. Não há nada que faça um dia correr mais devagar. Lembro de ter lido no trabalho um texto sobre Charles Bukowsky, escritor “maldito” da geração beat, falando a respeito da sua vocação (não cometerei a heresia de chamá-la de carreira) literária.

Segundo a publicação (e neste ponto não vale determinar a veracidade da mesma, mas sim seu significado), o então funcionário dos correios recebeu uma proposta do amigo editor para que deixasse o emprego e se dedicasse inteiramente a literatura. Em troca, Bukowsky receberia certa quantia de dinheiro para manter seu sustento, contanto que continuasse escrevendo e não submetesse seu tempo a outras tarefas remuneradas.

Passados quinze anos do acordo, o “poeta da vida subterrânea” enviou uma carta de agradecimento ao camarada denunciando a realidade injuriante de seus concidadãos: “o que machuca é a consistente diminuição de humanidade daqueles que lutam para manter seus trabalhos que não querem, mas têm medo que as alternativas sejam piores. As pessoas simplesmente se esvaziam. São corpos cheios de medo e mentes obedientes”. E então concluiu com mais uma de suas frases decapitantes: “a escravidão nunca foi abolida, ela apenas foi estendida para incluir todas as cores”.

Bukowsky talvez esperasse uma atitude mais corajosa do que simplesmente desligar o computador e me dirigir à livraria mais próxima atrás de um dos seus livros. Ao menos, não tive de voltar mais ao escritório naquele dia. Disse ao meu chefe que sofrera de um repentino ataque de pânico. De qualquer maneira, eu não estava mentindo.

No caminho até a livraria, liguei para meu amigo Pedro. Ele poderia nos buscar mais cedo no trabalho e assim poderíamos poupar algum tempo de viagem. Andy já me aguardava na praça da figueira com sua pacata mochila às costas. Ela carregava mais rasgos do que qualquer outra coisa.

Pedro nos apanhou com o carro do pai por volta das quatro da tarde. O seu deixara em manutenção por algum dos muitos motivos que fariam você levar aquele veículo a uma mecânica e abandoná-lo por lá.

O sol ainda alto nos fez parar em um boteco qualquer. Andy e eu compramos algumas cervejas em celebração a Apolo, embora se estivesse chovendo sei que também brindaríamos ao suposto deus da chuva. Pedro se satisfez com uma lata de energético que o poupou dos efeitos da noite varada.

Após o tradicional e pecaminoso trânsito paulistano na saída da cidade, seguimos firmes e entusiasmados rumo ao nosso destino litorâneo.

Já no topo da serra, Andy enrolou um belo cigarro e foi aí que a conversa desencantou para os mais belos debates socioeconomicoambientalisticamenteculturais. Havia uma atmosfera de prazer e ansiedade no carro, como se desbravássemos um caminho desconhecido.

Pedro e Andy, embora nunca tivessem se encontrado até então, pareciam parceiros de longa data. Ambos tinham feições e trejeitos particularmente semelhantes. Falando alto, rindo sempre, insultando e pestanejando contra os carros na pista, como se fosse culpa daquele senhor empanturrar seu Chevette com montes e mais montes de tralha. Eu não sabia se tinha mais pena do homem ou do pobre pardal enjaulado no porta-malas, sufocado por toda aquela muamba.

Eu os admirava do banco de trás como se fosse o caçula (e de fato eu era o mais novo ali) daquela família de exploradores lunáticos, fazendo minhas precisas ponderações sempre que me era dada a oportunidade de falar.

As discussões tomavam rumos mirabolantes à medida que a estrada a nossa frente circundava a serra, como se fosse ela a intermediadora daquele singelo debate, dando no alcance de suas curvas o tempo limite para cada contestação.

Quando atingíamos o ápice de nossas vozes, elas eram empurradas junto de toda força da gravidade para baixo, em uma típica manobra de ação e reação. O silêncio exigido pela natureza era respeitado, o que me permitia arriscar algumas folheadas no novo livro.

Elas de nada mais serviram além de amarrotar a capa, pois assim como meus companheiros, fui obrigado a me entregar a estes raros momentos de paz, rendendo-me enfim ao nirvana daquela prece em movimento. Os sons mudos vindos da paisagem pareciam camuflar o ego motorizado do carro, restando a nós apenas contemplar os mapas coloridos no céu.

O aroma mentolado e filtrante da mata recompensava cada centímetro de vidro aberto, consumando a afirmação de Andy ao lembrar que a natureza é a mãe de todas as mães.

O transe foi tão intenso que as ondas sonoras provenientes da música ao fundo foram se perdendo antes de alcançar os meus ouvidos, como se a cantoria viesse dos confins da árvore mais longe que os olhos conseguiam avistar. Nossa patrona tomou posse então dos seus protegidos, permitindo fazer da trilha sonora sua proclamação, e assim a poesia do rádio ecoou pela névoa serrana.

*Faço de mim
Casa de sentimentos bons
Onde a má fé não faz morada
E a maldade não se cria
Me cerco de boas intenções
E amigos de nobres corações
Que sopram e abrem portões
Com chave que não se copia
Observo a mim mesmo em silêncio
Porque é nele onde mais e melhor se diz
Me ensino a ser mais tolerante, não julgar ninguém
E com isso ser mais feliz
Sendo aquele que sempre traz o amor
Sendo aquele que sempre traz sorrisos
E permanecendo tranquilo aonde for,
Paciente, confiante e intuitivo
Faço de mim parte do segredo do universo
Junto a todas as outras coisas as quais
Admiro e converso
Preencho o meu peito com luz
Alimento o corpo e a alma
Percebo que no não-possuir
Encontram-se a paz e a calma
E sigo por aí viajante
Habitante de um lar sem muros
O passado eu deixei nesse instante
E com ele meus planos futuros
Pra seguir*

*Sendo aquele que sempre traz o amor
Sendo aquele que sempre traz sorrisos
E permanecendo tranquilo aonde for,
Paciente, confiante e intuitivo*

(Forfun – Morada)

A casa de praia de Pedro era uma típica casa de praia. Seus pais a haviam comprado daquele jeito, realizando algumas pequenas reformas no decorrer do casamento com o único objetivo de preservar a planta original.

Na minha opinião, era perfeita. Mas Pedro achava que podia ser incrementada através de algumas pequenas modernizações. Uma tevê boa e ar condicionado não fazem mal a ninguém, dizia ele.

Acabou convencendo os pais (com a ajuda do irmão e da irmã) a instalar os aparatos tecnológicos. De qualquer maneira, não chegaram a afetar drasticamente a magia do lugar, já que raramente eram usados.

Entra-se na casa através de um pequeno caminho segmentado paralelamente por blocos ásperos de pedra dispostos a cada dois palmos. Apenas um carro consegue passar ali por vez. O trajeto leva a um gramado de bom tamanho onde então os veículos podem manobrar e estacionar.

Embora possua uma parede soberba com uma porta de infinitas fechaduras (provavelmente fabricada à época do ciclo do café), é possível infiltrar a propriedade caminhando-se por um jardim de cerejeiras paralelo a varanda anterior da casa. Esta área é guarnecida somente por uma cerca de metal nivelada a altura da cintura.

Nunca entendi o objetivo daquela imponente porta ao lado da cerca improvisada. A explicação mais plausível era a de que o antigo dono fora um preguiçoso exemplar que nunca perdia seu precioso tempo abrindo as mil e uma fechaduras enferrujadas.

Faixa de pequenos ladrilhos brancos como em um hotel tropical, a área abriga os mais diversos adereços tipicamente praianos. Pássaros de madeira pendurados do teto, painéis de coqueiros pintados à mão e ainda uma tímida

mobília azul turquesa sem muita utilidade aparente, estando ali para tampar uma parede descascada.

Vasos de todos os tamanhos completam o ambiente levemente arcaico. Carregam plantas que parecem só florescer graças às condições propiciadas por aquele mundo estranhamente perfeito de tão comum.

Quando chegamos, tive de pular a cerca lateral e correr até o banheiro enquanto Pedro desperdiçava seu tempo abrindo a porta da frente. Era uma das regras do pai para que os filhos usassem a casa. Só desobedeci à ordem porque nosso motorista achou perda de tempo encostar o carro durante a viagem.

A irmã de Pedro, Luana, cochilava na sala junto de uma amiga, ambas soterradas pelas grandes almofadas coloridas do sofá. Sobre a carrancuda mesa de jantar, ainda sonolenta pela falta de uso, alguns lanches a nossa espera.

Pedro não se conteve e pulou em cima de Luana, afogando-a ainda mais sobre as almofadas. Depois de levar um tapa ardido nas costas, sossegou de braços abertos entre a irmã e a amiga.

As duas haviam pego um ônibus na hora do almoço até a cidade e depois uma carona com o filho do caseiro, Tino. Tiveram de matar duas aulas de “mecânica dos solos e fundações” na faculdade para chegar a tempo na estação. Matéria desnecessária a carreira de um arquiteto, segundo elas.

Quase perto das dez, Andy nos deu boa noite e rumou em direção ao quarto. Nada mais justo para quem planejava passar o dia seguinte inteiro surfando, dada a ótima previsão de ondas para o fim de semana. Pedro e eu iríamos compartilhar uma velha prancha de nove pés adquirida junto da casa.

Ninguém sabia que ela fazia parte do acordo até Pedro encontrá-la repousando num caminho de pedras que percorre a lateral do lado de fora. Estava camuflada por entre um espesso jardim que há muito não se digladiava com a revolta de uma tesoura.

Assim que a primeira remessa de cervejas foi finalizada, Pedro se prontificou a buscar uma próxima para recarregar o isopor que nos acompanhara por toda a noite. Teka posicionou-se rapidamente e logo o seguiu em passos ocultos. O

movimento era tão obvio que eu sabia que não veria mais os dois naquela noite. Lua foi até a cozinha, prometendo voltar com as garrafas anunciadas.

Lembrava-me dela e Pedro bem pequenos indo à escola, descendo do carro junto do irmão mais velho do trio. Os aniversários de família, as festas adolescentes no prédio em que moravam, as brigas corriqueiras entre eles, além da troca de favores evidentes entre um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Só não conseguia me recordar exatamente quando passei a enxergá-la como a mulher na qual havia se transformado.

Poderia descrevê-la de olhos fechados, inclusive distinguir de longe a fragrância que emanava da sua pele. Tinha cabelos escuros levemente clareados nas pontas, sempre impecavelmente desajeitados. Pele morena, da cor do pecado como diria o outro, e profundos olhos de cor azul marinho, presente de seus avós. Uma capacidade incrivelmente simples de escolher seu armário, sempre passando longe de qualquer exagero. Sabia fazer valorizar as marcas naturais do seu corpo, renunciando aos excessos de pintura no rosto, como se todo dia fosse apenas mais um passeio pela praia.

A primeira impressão era que Lua fora concebida precisamente daquele jeito. Inspirada na mata daquela pequena enseada que frequentava desde menina, como se a própria Iemanjá tivesse lhe ensinado a engatinhar. Seu descaso com tudo me fascinava, tornando-a ainda mais única diante das paisagens cinematográficas que a envolviam naquele momento.

Nunca a percebera com aqueles olhos vorazes que passaram a me dominar naquele instante. Seu sorriso, capaz de corromper o fluxo contínuo da maré, me tornava um alvo fácil diante da anestesia causada pela maresia do oceano. A pele morena se destacava ainda mais diante do olhar intimidado das noites de verão, fruto das carícias do sol no fim de tarde.

Os muitos anos de experiência junto da família Cabrini haviam me ensinado a driblar o desinteresse de Lua com o mundo. Por muito tempo, tratei-a como uma irmã e aquilo jogava tanto contra como ao meu favor.

Ela havia se especializado não só em novas expressões, como também em diferentes jeitos de mover seu corpo diante de um homem. Uma sutil mudança no tom da voz denunciava sua recém-atingida maturidade.

A naturalidade com que nossas conversas fluíam felizmente permaneceu a mesma de outros tempos. E então lembrei que ao meu lado sentada, estava nada mais do que uma amiga.

O destino se incumbiu de selar minhas renovadas intenções naquela noite e, no pior dos cenários, em qualquer outra. Não foi de espantar quando ela citou que estava saindo com um sujeito. Senti-me feliz pelo infeliz, ou será que foi o contrário?

Capítulo 4

Ode à natureza

Acordei com o sol latejante golpeando a janela. As cortinas de linho cru mostraram-se ótimas aliadas às beliches. Desimpediam não só a passagem do sol, como também refletiam chamas de luz pelos cantos do quarto.

Atrás de um copo de gelo com água, encontrei Pedro agachado sob a pia da cozinha. Sorriu levemente ao me notar, desmascarando a noite gloriosa que tivera.

Fatias de um bolo alaranjado repousavam sobre a mesa sólida de granito. A louça empapada e os vestígios de farinha pelas paredes davam sinais de que a caseira havia acabado de tirá-lo do forno. Estavam ainda quentes, o que tirava um pouco do sabor.

Devorei o último de dois pedaços logo antes de pular a cerca perto das cerejeiras. O jardim era uma das muitas alternativas que leva para a estrada até a praia. Cinco minutos depois, alcancei o meu destino.

Iniciei minha inocente cerimônia com um mergulho instantâneo. Diferente de outros templos, a praia não exige de seus seguidores grandes rituais. Assim, agradei o generoso fato de poder desfrutar daquela parte do mundo. Sempre acreditei que todos fazem a mesma coisa ou, ao menos, deveriam. Assim como em qualquer outra criação da natureza capaz de tirar nosso fôlego e nos ligar espiritualmente a verdadeira essência infinita de que é feita o mundo.

A energia superior emanada do contato com o oceano preenche lacunas de angústia deixadas ali por sentimentos confusos ou inconvenientes. Mesmo inerentes à natureza humana, são capazes de exercer um domínio muito maior do que de fato deveriam em nossas vidas.

O mar restaura nosso equilíbrio e assim nos é devolvido por alguns instantes o controle absoluto da nossa natureza. Somos extasiados por uma sensação de felicidade imediata a que muitos chamam de paz interior. Este ponto de harmonia só pode ser concebido por uma força mais antiga do que as próprias palavras. É uma potência natural responsável por escancarar nosso lugar diminuto e,

consequentemente, a inferioridade de nossas aflições diante da consonância do universo.

É como entender o valor de uma tempestade após um longo período de seca. Ou ainda o experimentar o alívio de uma calmaria expresso em um mar de azeite. Como se existisse uma reação particular da proximidade entre uma alma humana e a substância pura da água salgada. Um cientista certamente chagaria à conclusão de que, ao reagir em contato com as células da pele, esta essência é capaz de produzir um elemento etéreo que eleva a potência humana.

Tal qual Hemingway e seu velho Santiago, sempre pensei no mar como “*la mar*”. Nome inspirado nos pescadores que passavam meses acompanhados somente de uma rede e o antigo espírito dos oceanos. Assim como de uma mãe, uma esposa ou uma filha, sempre queremos de “*la mar*” o bem mais profundo que se pode desejar.

Sempre em movimento, é a prova dada pela natureza de que nada é eterno e o universo está sempre em constante mudança. Partículas trazidas do mundo inteiro se unem em harmonia para nos refrescar durante um breve mergulho. Algumas gotas são engolidas, parte dos minerais se une ao nosso corpo e grandes porções de água são embaralhadas graças às correntezas. Ou seja, cada mergulho é um instante singular, pois tais elementos nunca mais farão parte do mesmo conjunto. Não agiria a nossa vida da mesma forma?

Havia aquela poesia que rimava sobre os meninos nascidos das lágrimas do oceano quando este não era capaz de salvar um pescador de uma infame tempestade. E assim emergiu daquelas águas mais outro filho da maré.

Caminhando vagarosamente no sentido das ondas, joguei-me no solo extasiado, sendo ainda tangido pelas águas espumadas que atingiam o berço da areia.

Paulo foi o primeiro a me ver enquanto andava à beira-mar. Chegara a pouco junto da noiva depois de enfrentar algumas horas a mais de trânsito. Ela vinha logo atrás pelo caminho que sai do jardim da casa.

Não demorou para que Andy também desse as caras. Passara a manhã inteira encavando ondas nervosas em um pico escondido e agora estava pronto para se juntar a nós. Trazia não só a sua prancha, como também a barca de nove pés que Pedro e eu compartilharíamos. Eu seria o primeiro usá-la, já que ele continuava debruçado sob o balcão da pia, ajudando Tino a concertar uma tubulação estourada.

O sol se aproximava do seu cume e a maré já dava sinais de subida. Ondas cheias e constantes quebravam a poucos metros da orla. O visual deslumbrante enchia o peito de admiração e a areia lisa era salpicada por pequenos frutos remanescentes das árvores abocadas à encosta.

Mergulhei a minha prancha com carinho por de baixo da água, imaginando que ela também tinha um ritual próprio. Aproveitei a oportunidade e fui junto com ela. A mudança de marés e ventos deixara a água um pouco mais turva do que pela manhã. Um ligeiro efeito de ardência se deu nos meus olhos devido à salinidade, o que não deixava de ser revigorante.

Quando emergi, pude notar Andy já a alguns metros na minha frente. Ele tinha uma habilidade nata para remar e, a cada dez braçadas, olhava para trás a me procurar com o maior dos maiores sorrisos que alguém pode dar.

Vê-lo ali, se expressando com tamanha naturalidade, era emocionante. Seu sorriso gritava a liberdade de um ser nascido para engolir o mundo. Suas remadas o afastavam de uma vida da qual não fazia parte. No final das contas, sempre era guiado por uma última onda que lhe dava motivos para continuar a acreditar, como se concluísse após uma sessão de terapia: “estou pronto para tentar de novo”.

Passamos assim o resto da manhã na água. Pegando onda atrás de onda na companhia de alguns simpáticos peixes voadores. A água já não parecia mais tão salgada e sol se tornara muito menos crítico a minha pele clara.

Sentado na prancha, longe da arrebentação, fui capaz de dimensionar a real imagem da praia. Tentei estipular a extensão exata da faixa de areia e a largura entre os dois morros que a protegiam das levas de gente da cidade. Havia uma sincronia tão grande entre os tons do mar e do céu que um parecia refletir o outro. Encharcavam-se de um azul clareado, mas nunca infantil. A pequena baía,

guardada por fileiras de coqueiros encavalados, parecia ter sido remontada a partir de um quadro dos famosos vilarejos pesqueiros do Caribe.

E bem no canto daquela pintura, eu exercia meu papel secundário admirando-a. Um mero expectador, sábio o bastante para saber reconhecer minha irrelevância diante daquela paisagem eterna.

Só fui notar Andy pegando sua última onda quando já estava sobre ela. Sua prancha cortava anestésicamente uma massa de água espelhada, enquanto que as quilhas eram responsáveis por traçar linhas inteligíveis. A cauda produzia espirros fumegantes a cada rasgada, como se fossem faíscas ateando o oceano em chamas.

Steve Pezman, lendário surfista californiano, relatou brilhantemente a sensação: “os surfistas são o perfeito exemplo do ‘esteja aqui agora’. Dentro de um tubo, onde você está vivendo para aquele exato instante do tempo contínuo, onde o tubo está quebrando sobre sua cabeça, o seu rastro é criado e desaparece na parte de trás da onda, suas pegadas são lavadas pela areia; e isso é estar totalmente em sintonia com onde você está naquele momento”.

Meu troféu se deu em uma onda suave e de amplitude longa, perfeita de ser navegada por uma prancha grande. Meus braços se portavam como o vento, em total harmonia com os movimentos da água. O oceano me agradecia por reconhecer a sua divindade. Por alguns instantes, senti-me como o protagonista daquele breve momento de eternidade.

Após me atirar na água, segui caminhando vagarosamente até a areia seca ainda surfando a onda em meus pensamentos.

Num último ensinamento, pude me render à sabedoria secular da região, medida em cada grão que é trazido pelas correntes. Como recompensa, fui glorificado com um daqueles momentos raros de realização pessoal, nos quais nos sentimos guiados por uma força além da compreensão rumo a uma ascensão quase que espiritual.

Sob os efeitos do mesmo encanto que tomara conta de mim pela manhã, fui derrubado por essa força invisível, despencando no solo em um último sinal de redenção.

Minha reação imediata foi a de abrir os olhos, mas ao sinal dos primeiros movimentos, fui censurado pela claridade do sol. De olhos fechados, agradei por contemplar o êxtase da natureza.

Capítulo 5

Sob a proteção dos tigres do passado

As garotas já estavam atiradas em suas cangas. Paulo e sua noiva Paula dividiam uma cerveja sob o abrigo de um guarda-sol visivelmente antigo em suas listras coloridas e seu suporte metálico enferrujado. Pedro já me aguardava pronto para tomar a prancha e tornar-se também um sábio dentro da água. Sentei-me na areia em uma porção de sombra acanhada e desfrutei de um bom gole de água gelada.

O corpo de Lua se destacava notavelmente diante da imensidão pálida da paisagem. Seu bronzeado natural parecia ter sido tingido com um dourado igualmente atraente. O símbolo budista pincelado em suas costas ganhava um alto-relevo próprio à medida que seu corpo arrepiava diante da passagem de alguma brisa litorânea. Ela trocava de posição de tempos em tempos para coroar-nos com seu lindo rosto salpicado e sua embriagante barriga polida.

A calmaria momentânea foi fragmentada quando o telefone de Paulo começou a tocar incessantemente, lembrando a já quase adormecida Lua de retornar à posição inicial. Enquanto Teka ponderava seus passos em direção ao mar, Paulo se levantou da cadeira e atendeu à ligação.

Durante todo o tempo, ficou vagando em círculos por alguns instantes até se afastar a uma distância suficientemente inaudível. Sua boca pouco se abriu nesse meio tempo. Quando desligou, retornou com uma expressão de pesar dizendo as palavras “meu chefe” antes que alguém pudesse pensar em fazer alguma pergunta.

Com o silêncio decidido a ir embora, cinema foi o novo tema da roda. Assim como eu, Andy era muito fã de todos os trabalhos de Sean Penn. Paulo nos contou sobre sua tara por fitas VHS e da dificuldade que ele e Paula tinham em chegar a um acordo justo no momento da escolha de um filme. Ela tinha como favoritos os de suspense e terror, gêneros detestados por ele.

Em sua defesa, Paula afirmou lhe agradecer o frio na espinha intrínseco a tais categorias, além de revelar seu prazer inexplicável em tomar sustos.

Andy me passou outra cerveja conforme éramos atualizados por Teka, pouco molhada do mergulho recente, sobre os últimos lançamentos.

Lua também entrou na discussão, mas seus únicos pensamentos expressos foram a respeito de um filme nacional que nenhum de nós conhecia. Após o comentário sisudo de Andy em relação ao seu pobre conhecimento a cerca das produções brasileiras, Paula nos aconselhou a conhecer o trabalho do documentarista Eduardo Coutinho, nos pondo a par também do seu legado na cena internacional.

A conversa era prazerosa e a cerveja tornava todos especialistas de alguma forma. Andy e eu ficávamos boquiabertos com o conhecimento demonstrado pelas garotas. Até Paulo, após alguns minutos em silêncio remoendo a ligação do chefe, quando resolveu participar, nos deu boas lições sobre a sétima arte. Contou inclusive quais eram as outras artes.

Incapaz de conter minha empolgação, resolvi levantar para ter uma visão mais ampla daquela imaginária mesa de debates. Nestes raros momentos de hiperatividade, eu tinha a mania de mover as pernas e os pés desenfreadamente. Era a forma que meu corpo encontrava para expressar seu entusiasmo.

Neste caso não foi diferente e quando me dei conta, meus dedões já estavam percorrendo os grãos de areia em círculos desconexos.

Os diálogos e explanações continuavam. Atingiam agora outros assuntos ainda mais interessantes. Peregrinamos desde assuntos cotidianos, como cinema e esportes, a temas mais categóricos, como política e engajamento social. Todos pareciam estar empolgados e queriam dar seus palpites conforme os temas eram aleatoriamente trazidos à tona.

Meus pés pareciam ter ganho vida própria. Embora se configurassem como calculados, meus movimentos não seguiam nenhuma linha lógica de execução. O delinear traçado pelas pontas dos pés remetiam à dinâmica de um desenhista ao elaborar suas próprias imagens em um ateliê. Traçando linhas pontilhadas e listras incompletas atrás de uma possível revelação final. Sem perceber, eu já havia completado duas imensas figuras exatamente iguais na areia.

Paulo discorria sobre um filme baseado em um livro de contos que, por sua vez, tinha também sido referência para um curta e alguns seriados para a televisão. Foi quando Andy se levantou do canto sombreado do guarda-sol e começou a se aproximar a passos arrastados. Ele não conseguia tirar os olhos da areia. Foi neste momento que eu de fato notei os desenhos.

- Sabia que você era um cara sábio, Josh! – ele falou extasiado.

- Antes de qualquer coisa, fico grato pelo elogio. Mas não posso me conter em perguntar do é que você está falando.

- Os desenhos que você está fazendo!

- Quais desenhos?

Andy apontou na direção da areia e eu o segui com o olhar.

- O que têm eles? São apenas borrões.

- Estão protegendo todo conhecimento que estamos acumulando aqui. Ideia genial!

Soltei uma expressão frangida, indicando minha total perplexidade. Os olhos pressionados não deixaram de passar uma atmosfera cômica.

- Cara, eu acho que você já tomou cervejas demais. – fui sínico ao respondê-lo, tal qual um pai alerta seu filho, tentando extraviar a lata de cerveja da sua mão.

- Você desenhou dois tigres exatamente iguais na areia simplesmente por estar distraído?!

Espantado ainda mais com sua explicação, eu não tive escolha se não rir.

- Andy, você é um cara meio doido.

Ele permaneceu sério, intercalando seu olhar entre o desenho e eu. Foi quando me dei conta que não estava brincando. E tal foi minha surpresa quando, na tentativa de enxergar o mundo com os seus olhos, mirei novamente as linhas no solo. Por um determinado ângulo, remetiam de fato a figura de dois felinos.

Eu não sabia em que ponto ou como havia convencido a minha mente a acreditar nas suas palavras. A indignação acabou se transformando em curiosidade e só me coube prestar atenção em mais outro ensinamento.

- Mas como você sabe que são tigres, se nem listras têm? – e realmente não tinham.

- Bom... Achei que você não tivesse terminado.

Eu o olhei como uma criança olha os pais quando ouve pela primeira vez uma palavra complexa.

- Levantei porque queria presenciar de perto você finalizando os bichanos.

Não entrava na minha cabeça aonde Andy queria chegar. Notando meu ceticismo juvenil, ele se propôs a explicar, enquanto o resto do grupo continuava compenetrado no debate sobre o mundo das artes.

- Veja bem Josh, em algumas culturas orientais bem antigas, os sábios e estudiosos eram tidos como os verdadeiros representantes dos deuses na Terra, diferentemente da representação divina dada a reis e déspotas que estamos acostumados a ouvir falar. Nessas comunidades, as pessoas atribuíam a um grupo de sábios previamente definidos os papéis e destinos da sociedade em geral. Estes ditos sábios eram na realidade grandes estudiosos que passavam anos se dedicando a busca e exploração do conhecimento, aperfeiçoando seu saber através do estudo e reflexão. Depois de muito ponderar sobre a existência humana, a moralidade e a nossa relação com a natureza, estes grupos de intelectuais se reuniam para debater e proliferar o conhecimento obtido. Uma das formas corriqueiras de extrair o conhecimento nestas reuniões era através da arte. Assim, passavam grande parte do tempo escrevendo, compondo, encenando ou até mesmo pintando. – àquele ponto, comecei a ligar os fatos de onde queria chegar. – Uma das formas mais comuns de retratar as dádivas do pensamento era desenhando elementos da natureza de forma simétrica. A ideia da proporção exata entre as figuras vinha de observações concisas do próprio mundo natural. Eles de fato queriam retratar a simetria contida nos elementos e fenômenos da natureza, pois acreditavam que a busca pelo conhecimento se dava da mesma forma, justamente através do equilíbrio. Uma das figuras representava a força da razão como sendo um atributo intrinsecamente humano, enquanto sua imagem simétrica denotava o poder das emoções e sensações, sendo este visto como um dom divino e universal. A geometria perfeita das imagens queria retratar a igualdade entre a razão e o coração, que segundo os sábios, tinham de ter o mesmo peso na balança final da vida e por este fato, as imagens tinham sempre o mesmo tamanho e forma. Assim, eles deduziram que o exercício harmonioso do pensamento reflexivo poderia nos aproximar da verdadeira essência do ser humano e consequentemente ao entendimento dos grandes enigmas que afligem até hoje a raça humana, tais como nossa origem e nosso objetivo de existir.

- Mas por que os tigres? – Indaguei mesmo sabendo que esta não era a questão mais apropriada a ser feita depois de uma elucidação como aquela. Ainda assim, foi a única coisa que me veio à cabeça.

- Por mais esclarecidos que fossem esses grupos, não havia como se desvincular totalmente de suas raízes culturais. Por isso, era usual estes desenhos retratarem elementos da natureza comumente encontrados em suas crenças e histórias sagradas. Os tigres, por exemplo, representavam força e proteção em algumas culturas. Já os dragões simbolizavam sabedoria. Algumas flores eram associadas à pureza espiritual, e assim por diante.

- E pensar que meus dedões são mais sábios do que eu, pois eles é que estavam desenhando na areia. – refleti, ainda confuso com a semelhança cada vez maior das imagens.

- Quando vi você desenhando, achei que fosse proposital. Como se quisesse resguardar nossa troca de conhecimento e ideias, por mais vagas que fossem.

- Bem... Agora que você falou...

- Não é mais tão comum hoje em dia as pessoas se interessarem por temas mais intrincados. Elas tendem a fugir de tais assuntos com medo de se apresentarem sérias demais. – Andy esclareceu, já me convencendo que, por mais desprezíveis que fossem as imagens, elas tinham enfim algum significado relevante para o momento.

- É verdade, Andy. É verdade... Agora... Você explicou como e o porquê os desenhos surgiram. Só não entendi porque eles eram vistos como sinais de proteção.

- Bom, com o passar do tempo, os encontros perderam um pouco de seu objetivo original e temas referentes ao desenvolvimento da sociedade e o bem-estar dos cidadãos passaram a reger as reuniões, muito devido ao avanço coletivo dessas comunidades. Assim, deixaram de ser grupos de caráter cultural e intelectual, passando a se preocupar com questões mais sociais, de um modo que se aproxima muito das primeiras definições que temos de política.

- E como os desenhos entram nisso?

- Alguns hábitos foram preservados durante esse lento processo de mudança. As formas de arte desenvolvidas, incluindo os desenhos simétricos, passaram a simbolizar estes encontros, como se fossem bandeiras erguidas ao triunfo do conhecimento obtido pelos antepassados. Assim, muitos supersticiosos achavam que tais imagens tinham o poder de proteger o local, pois representavam a presença da natureza durante tais reuniões, graças à crença inicial de que só através dela o homem poderia atingir o esplendor do seu intelecto.

- Talvez eu os tenha desenhado para proteger este nosso grande sábio! – conclui enquanto batia as mãos sobre os ombros de Andy.

- Me deixe em paz seu farsante! – ele respondeu rindo, se contendo para não derramar a cerveja enquanto eu o chacoalhava sem parar.

Capítulo 6

Os privilégios da vida moderna – parte 1

Com uma nítida expressão de satisfação, Pedro largou a prancha na areia antes de desabar sobre a canga da irmã. Contou-nos sobre a vez na qual fora expulso de um cinema por, como ele mesmo descreveu, estar amando exageradamente uma garota.

Talvez percebendo nossa desatenção, Lua se levantou e, depois de alcançar um bronzeador próximo à base do guarda-sol, rumou para o nosso canto. Andy e eu permanecíamos guardando o conhecimento próximo aos desenhos. Ficou um tempo parada em pé, com os óculos escuros camuflando a direção real do seu olhar.

Ela passou a se aproximar mais de mim a cada passo dado por Andy em direção ao mar, como se a presença dele não fosse necessária aos atos seguintes.

Meus pés já haviam se acalmado, embora eu permanecesse levantado. Muito próxima de atingir seu suposto objetivo, Lua se esguiou sorrateiramente a minha frente e, sem dizer uma palavra, colocou a embalagem do bronzeador na minha mão. Dos olhos autoritariamente incisivos, partiu a única manifestação que comprovava suas reais intenções, como se seus dois irmão mais velhos ali presentes fossem apenas uma extensão da paisagem. Astuta em suas ações, ela havia se postado de costas para eles e, portanto, não podiam notar o vigor do tal olhar.

Trocamos algumas rápidas palavras que, num primeiro momento, não faziam sentido diante da situação. Ela parecia esperar por algum sinal para dar o aval. Sabia que eu havia entendido o recado apenas pelos seus gestos.

Pedro repentinamente se ergueu de onde estava sentado e, em silêncio, começou a caminhar em direção a passagem de volta para a casa. Levou consigo a bolsa térmica esvaziada e quando já estava a uma distância segura, Lua interrompeu as sentenças sem sentido para falar:

- Eu tinha pedido para ele ir buscar mais cerveja. O calor está muito forte.

O pedido fazia todo sentido, afinal o calor já tomava proporções desérticas. Além disso, ela estava acostumada a receber os agradamentos dos irmãos mais velhos.

Impressionante mesmo foi quando o telefone de Paulo voltou a tocar, fazendo-o rumar para longe do grupo como da primeira vez. Não teve coragem de perguntar como ela havia conseguido esta proeza dupla e, na realidade, estava interessado mesmo em concluir minha tarefa.

Sem exaltações, ela graciosamente me deu as costas já prendendo as extremidades claras do cabelo a uma altura segura acima do pescoço. A rispidez solar da sua pele não era capaz de mascarar a verdadeira essência suave de todo o conjunto. Examinando com calma, era possível perceber a leve aspereza causada pelos intensos banhos de água salgada diante dos minúsculos pelos loiros. Estes me arrepiavam apenas por vê-los arrepiar.

Obviamente, levei mais tempo para concluir minha tarefa do que o necessário, certificando-me duas ou até três vezes de que todas as áreas estavam devidamente banhadas pelo bronzeador.

Enquanto eu assegurava a Lua de que ela estava em boas mãos, Andy voltou da água, exprimindo inveja e orgulho ao mesmo tempo com seu semblante de admiração.

Completei minha tarefa minutos antes de Pedro retornar com a bolsa novamente cheia. Dada a sucessão de fatos, a única alternativa foi sentar-me novamente.

A esta altura, a brisa do mar já havia desfigurado boa parte dos símbolos na areia, o que não impediu uma nova aproximação de Andy com o intuito de ofertar uma cerveja, como se eu já não tivesse sido premiado o bastante. Com o telefone preso ao ouvido, Paulo continuava a se distanciar cada vez mais. Seguiu-se a mesma rotina da primeira ligação, só que desta vez suas palavras eram acometidas por um período muito maior de silêncio, até tomar o caminho de volta à casa.

- É do trabalho... – disse Paula, visivelmente consternada.

- Meu irmão é foda. Até aqui nesse lugar não deixa de trabalhar. Deprimente.
– Pedro bravejou.

- Deixa ele, Pedro. É só uma fase. – retrucou a irmã.

- É Pedro... Sei que não é o melhor dos mundos, mas ele está naquela fase em que os chefes pedem tudo pra ele. Parece que estão testando seu irmão. Não tem jeito, o trabalho acaba consumindo muito dele. – Paula argumentou, embora faltasse confiança no tom das suas palavras.

Todos se entreolharam, como se esperasse um sinal para tomar algum lado. Paula então tornou a falar:

- O Paulo é dedicado. É importante pra carreira dele passar por essa situação.

- Eu entendo, só não concordo. – entrei na conversa em defesa do meu amigo. – Mas cada um sabe o que faz...

- Talvez ainda não concorde. Mas quando chegar a sua vez de passar por isso... – Paula retrucou. Embora despretensiosas, suas palavras me foram uma flechada.

- Eu fico puto na verdade porque ele era um cara muito tranquilo antes de entrar nessa paranoia do trabalho. Agora parece que o Paulo vive pra isso.

- Bem...

- Você viu como ele engordou?! – Pedro prosseguiu, interrompendo a cunhada. – Além do que, ele parece estar sempre cansado e entediado. Nunca vi meu irmão assim.

- Ele está tentando fazer o melhor que pode, Pedro. – Lua falou com certa incerteza, muito mais na tentativa de acalmar os ânimos do que propriamente defender Paulo.

- Não sei explicar direito, mas parece que ele se fechou num mundo só dele. Dá a impressão que ele não se empolga com mais nada, que a vida não tem nada melhor pra oferecer! Não é possível que só eu ache que ele não está bem.

Quando notei as expressões derrotadas de Paula e Lua, fui obrigado a tomar partido do outro lado antes que Pedro se arrependesse por ter falado demais.

- Difícil falar Pedro. Às vezes, tem outras coisas envolvidas das quais não temos conhecimento. Você não pode ser tão radical.

Ele estava prestes a soltar uma nova saraivada de desaforo, quando sua revolta subitamente murchou. Havia notado Paula tentando disfarçar seus olhos irrigados e aquilo o preencheu em arrependimento.

- É... Talvez sim Jo... Talvez sim... – completou abatido, fazendo o silêncio derrubar ainda mais o momento.

Alguns segundos depois, Pedro voltou a desabafar. Agora era tomado por uma melancolia tocante.

- Acho que fico revoltado por causa dos meus pais também, que apoiaram tudo isso, enfiando esse negócio de carreira, sucesso e dinheiro na cabeça dele. Como se fosse o objetivo maior da vida. Dinheiro ele de fato está ganhando que eu sei, e muito. Mas a que preço? – e então concluiu. – Enfim... Foda-se...

O clima havia sido totalmente rasgado por completo. A discussão desenterrou raízes muito mais profundas do que era de se esperar.

Meus pensamentos travavam um duelo de valores enquanto mensurava a dureza das palavras com que Pedro se referia ao irmão. Muito porque eu concordava com boa parte do seu raciocínio.

Conhecia Paulo há muito tempo e realmente, após concluir a faculdade, parecia ter abdicado do seu antigo eu. Não que não fosse uma situação comum, pois a maioria seguia pelo mesmo caminho. O desfecho incomodava mais, pois parecia ter corrompido um sujeito que todos nós tínhamos como incorruptível. E talvez este fosse o ponto fraco de Pedro quando o assunto era o seu irmão. Aquela vida havia reprimido o bom relacionamento entre eles, e daí a indignação quase cruel de Pedro. Era como se a figura icônica do irmão mais velho tivesse sido esmagada.

Se na infância, Paulo ensinara os irmãos a contestar a ideologia tradicionalista do pai, agora parecia servir aos seus comandos. Estava claro que Pedro via o pai como a pedra fundamental daquele processo de metamorfose, descontando na atitude do irmão sua decepção paternal.

O antigo Paulo era dono de um jeito tão despreocupado que dava a impressão de ser incapaz de envelhecer. Primava pelo simples e pelo prático. Incapaz de ser atordoado pelos medos cotidianos, ele era como uma versão primordial à Lua.

Não era de sair muito e se contentava em apreciar as coisas simples, embora tivesse seus contatos e suas garotas. Estas eram levadas à casa de praia nos fins de semana para vivenciar muito mais do que um mero romance.

Muitas não se acostumavam com sua rotina intensamente ativa na praia. Por ser um excelente nadador, Paulo acordava bem cedo para nadar nos dias de calmaria do mar. Em temporadas de águas agitadas, ele perambulava por horas pelas muitas trilhas que partem de uma estrada de terra perto da casa. Sempre

convidava suas acompanhantes, mas elas desistiam entre uma rota e outra, dada sua resistência indígena.

Foi Paulo inclusive que nos ensinou a pescar com uma linha de pipa. Normalmente, as minhocas do jardim serviam de isca, mas às vezes éramos presenteados pelo caseiro com pequenos camarões ferrinho. O anzol era feito por um anel de lata, afiado nas pedras da encosta. Pedro e eu, muito pela impaciência infantil, sempre falhávamos em conseguir algo. Mas acabávamos ganhando os créditos da pescaria e, assim, voltávamos para a casa esbanjando os peixes fígados por Paulo. Graças às inúmeras férias passadas sob a tutela da caseira, ele cozinhava frutos do mar com a maestria de um chef renomado.

Pela sabedoria incontestável do universo, os três filhos haviam sido criados por almas amorosas, pagas para tomar conta das crianças enquanto os pais passavam os dias preocupados em solidificar um império. Tanto Paulo como os irmãos foram apresentados à simplicidade e carinho de pessoas como os pais de Tino, por exemplo, o que construiu inconscientemente uma barreira contrária aos valores do pai.

A tristeza que Paula deixou transparecer ao ouvir as palavras do cunhado confirmava que ela também guardava algum tipo de ressentimento. Mais do que a melancolia óbvia pela compulsão do noivo, enxergava nele seus próprios defeitos e, conseqüentemente, as escolhas das quais ela própria se arrependia de ter tomado.

Pedro já havia me dito em outras ocasiões que Paula apresentava a mesma afixação pelo trabalho. Assim como Paulo, era uma excelente profissional e extremamente dedicada a tudo que fazia. Não era de se surpreender que um fora cliente do outro antes de assumirem oficialmente o compromisso.

Sempre gostei de vê-los juntos, pois aparentemente formavam um consistente padrão de casal moderno. Cada um buscando sua independência, mas se complementando em suas diferentes formas de enxergar a vida.

Mas enquanto Paulo entrava de corpo e alma naquele mundo, ela nitidamente desacelerava seus passos. Muito devido à desumana quantidade de remédios que foi obrigada a tomar depois de sobreviver a uma grave crise de

estresse. À época, Paula recém completara trinta anos e chegou a ser diagnosticada com sintomas de depressão.

A distância criada foi tamanha que acabaram se tornando independentes um do outro. Era como se o trabalho sugasse tudo de cada um e o relacionamento, ao invés de escapá-los, os saturasse ainda mais. Trocavam frases apenas de maneira formal, como se o relacionamento fosse mais uma reunião em um dia qualquer. Foram conquistados pela monotonia resultante da ilusória segurança de um relacionamento maduro.

Certa vez, ela propôs uma viagem na tentativa de salvar o mínimo restante daquilo que um dia havia sido um casal apaixonado. Depois de muito ponderar, ele acabou aceitando a ideia. De fato, estava feliz com a possibilidade de passaram um tempo juntos, longe da egoísta vida cotidiana.

Passaram-se algumas semanas e ainda não haviam decidido um possível destino. Verdadeiramente, ela se esforçou um pouco mais do que ele, mas nada que tenha feito diferença. Estavam novamente ocupados demais para se preocupar. A hipótese da viagem fora suficiente para iludi-los, fazendo crescer uma falsa sensação de comprometimento e entrega.

Acabaram não indo a lugar algum. Aconteceu de mais uma vez entrarem em conflito quando descobriram que tinham períodos pré-determinados para solicitar as férias e, portanto, a viagem só seria possível caso um deles pedisse demissão.

Não voltaram a pensar na viagem por um tempo até que um dia conseguiram finalmente se encontrar na Bahia. Ela havia acabado de deixar o escritório de um cliente enquanto ele tinha o tempo livre graças ao intervalo de uma conferência.

Capítulo 7

Um sol brilhou em um uma noite enluarada sem lembranças

Paula rendeu-se e seguiu em direção à casa pouco tempo depois da partida sombria do noivo, alegando precisar de descanso antes do churrasco planejado para o jantar. Andy cavalheiramente a acompanhou pelo percurso, voltando instantes depois com um dos seus cigarros entre os dedos.

Relaxamos em um final de tarde memorável, conversando sobre o mar, ondas e outras belezas mundanas. Acima de nós, alegorias alaranjadas serviam de plano de fundo para as nuvens carregadas. As garotas logo partiram também, deixando apenas os três amigos munidos de suas palavras, viagens e pensamentos.

Foi a primeira vez que Andy mencionou uma possível viagem. Ainda não conhecia seu destino, aonde queria chegar com a experiência ou ainda o que ela poderia representar em sua vida. Mas “o primeiro passo é largar aquilo que não te faz bem”, foram suas palavras ao fixar o olhar no sol se deitando no horizonte. Iria demorar algum tempo até que tocasse no assunto de novo. Talvez a culpa por “abandonar” a mãe ainda o assolasse de alguma forma.

Muito pela relação conturbada em casa, Pedro enfatizava uma posição contrária em relação às intenções liberais que surgiam de Andy. Jamais imaginaria abdicar do emprego e do estilo de vida conquistado para voltar a se sujeitar às regras do pai.

Ele tratava nossas frustrações de forma cômica, embora estivesse claro depois do episódio com o irmão, que ele também mantinha mágoas com o mundo. Assim como Paulo em seus tempos áureos, estava sempre satisfeito com a dinâmica de sua vida. Para ele, dirigir um bom carro, usar roupas elegantes ou frequentar festas chiques atrás de causos românticos eram reflexos da capacidade humana.

Eu me via entre o idealismo de Andy e o cinismo de Pedro, como se fosse o ponto de equilíbrio daquela balança. Quando o sol finalmente se pôs a dormir, surgiu a deixa para voltar.

O churrasco seria feito do lado de fora da casa, na grande varanda posterior, definitivamente a graça final de todo o terreno. Com suas cadeiras de junco, poltronas acolchoadas e redes tingidas, o espaço dá sentido ao desejo de alguém querer viver na praia.

Uma gaiola enferrujada evidencia as pistas sobre a verdadeira idade do local que os novos donos tentaram forjar. A coloração rústica dos móveis, crua por arte da maresia, abraça com calor os tons verdes dados pelas árvores ao fundo no gramado. O piso é serpenteado por grãos de areia clandestinos até a entrada da casa, onde são barrados por um tapo de chão castigado.

Qualquer guru poderia fincar sua bandeira ali sem se preocupar com mais nada, além de meditar ao som do oceano e dos pássaros que ali pousam para matar a sede em uma pequena vala esguichada pelos degraus da casa. No quintal, uma pequena churrasqueira de metal glorifica por completo esse retiro que há muito tempo chegou a fazer parte de uma vila de pescadores.

Pedro logo foi proclamado o “rei da churrasqueira” e Andy humildemente se ofereceu como seu leal vassalo. Eu fiquei por um tempo deitado em uma das redes folheando as páginas de um livro encontrando sob a mobília azul da outra varanda, que enfim não se mostrou tão inútil.

Falava sobre um velejador e suas jornadas solitárias pelo mundo sempre na esperança de retornar para sua pequena praia, na qual construíra com as próprias mãos uma cabana onde morava junto da família. Fiquei na promessa de desbravá-lo mais tarde, pois a fome já dava seus primeiros gritos, fazendo meu dorso estremecer por inteiro a cada ronco.

Tino me ajudou a trazer os pratos e parte dos talheres. O casal maior de Paus apareceu logo depois, já lamentando o fato de terem que se retirar após a refeição. Paulo fora encarregado de terminar uma apresentação para segunda de manhã, o que tomaria todo seu domingo. Assim, partiriam cedo na manhã seguinte.

Lua saiu correndo da casa gritando “quente, quente!” segurando uma enorme panela de arroz branco. Havia ainda alguns legumes e uma grande tigela colorida de salada. Pedro se mostrou um rei digno visto sua capacidade inegável de preparar um churrasco. O banquete foi finalizado com uma succulenta melancia que

háviamos comprado na estrada e, assim, estávamos liberados novamente para nos afogar em mais cerveja.

Enquanto a noite caía, ganhei a chance de conhecer Tino melhor. Não tinha nem dezoito anos, mas já falava como um homem decidido.

Descreveu todos os seus três irmãos mais novos de maneira precisa e encantadora, como se todos tivessem saído da mesma fôrma. Ele era peça fundamental no sustento deles e aquilo inevitavelmente lhe inspirava um orgulho prematuro.

Engajou-se ao falar sobre o pai, responsável por ensiná-lo tudo que sabia, desde trocar azulejos até como cortejar uma mulher com respeito. A mãe era sua eterna heroína e companheira. Ainda ouvia suas histórias como se esperasse finais diferentes daqueles dos tempos de criança.

Chegou a receber o convite de um tio para trabalhar e morar em São Paulo, mas recusou-o logo na primeira oportunidade. “Aquilo não é pra mim”, proferiu enfaticamente, replicando a resposta dada ao tio que, ao contestar a decisão premeditada do sobrinho, obteve as seguintes (e ainda mais emblemáticas) palavras: “Meu lugar é aqui, ao lado da minha família”.

Tino transbordava todo agradecimento e compaixão que sentia pela família e, de maneira até inocente, ele a colocava acima das suas próprias vontades. Quando o questionei sobre algum arrependimento por não aceitar o convite do tio (que poderia lhe render recursos suficientes para aprimorar seus estudos), foi seco ao dizer que não considerava justo aproveitar uma oportunidade que o levasse para longe dos irmãos e dos pais. Todas as suas respostas eram absolutas, embora seu rosto deixasse transparecer as vontades e trejeitos de um menino.

Ele gostava de se passar por uma pessoa madura, pois era parte fundamental da sua personalidade se portar como um espelho dos pais. Como se fosse a prova viva do qual excepcional seus mentores de fato eram.

Não lhe importava o que estivesse fazendo, contanto que fosse útil as pessoas. Naquele momento, trabalhava em algumas casas da região, ajudando com tarefas do dia-a-dia, como limpeza, concertos e manutenções. O pai era homem de

confiança de muitos senhores daquela parte da cidade, o que garantia a Tino parte dos seus trabalhos.

O menino mostrava certa timidez em alguns momentos, principalmente quando era indagado pelas garotas. Mas o tempo e a cerveja o consagraram naquela noite.

Lembro-me de vê-lo debruçado na rede cantando alto uma música que sequer estava tocando. Levantava-se, ensaiava algumas voltas no tablado raso da varanda e então despencava em gargalhadas perto de um de nós. Paulo chegou a tirá-lo para dançar, fazendo Pedro recuperar boas sensações do passado.

Tino contagiou a todos com sua simplicidade legítima. Revitalizava uma sensibilidade que deixamos de ter quando decidimos virar adultos. Aquela percepção límpida de que mundo é construído apenas de coisas boas. E não caberia a ele desrespeitar estes fundamentos.

Em um clima de comemoração, o álcool se provou devoto da boa vida quando nos trouxe de volta o espírito primitivo de Paulo. Tomado pela vodca e algumas fatias de limão, deu de ombros para seus compromissos engravatados, permanecendo conosco. Passou o resto da noite latindo contra si mesmo, confessando a todos seus recentes pecados:

- Sou a verdadeira vítima do crime de colarinho branco! Mandem prender esse tal de Senhor Paulo! Ele é o culpado! – trovejava abanando os braços entre risadas e representações burlescas do seu ambiente de trabalho.

Paula o acompanhou, se dizendo cúmplice do crime em questão. Estava comprovada a sintonia hilariante que manteve o casal unido por tanto tempo. Pedro gargalhava ao reviver a figura idolátrica do irmão antes do mesmo seguir sua nova vida. Os dois permaneceram um bom tempo abraçados, apoiados um no outro diante da dificuldade aparente de permanecerem em pé.

Foram os dois inclusive que puxaram as primeiras canções no violão, abusando da voz potente e grave de Paulo. Ele realmente se destacava pelo calibre das notas. Eu também arrisquei meus dedilhados, aproveitando sua habilidade para que ninguém notasse algum ocasional acorde desencontrado.

Lua seguia o ritmo das canções com os pés, agora debruçados sobre a bancada de madeira que antes havia dado lugar ao jantar. Ela permanecia entretida com alguma visão além do jardim. Eu já estava alto o suficiente para embarcar na poesia que era sua expressão e sentei-me ao seu lado em silêncio, na tentativa de não atrapalhar sua contemplação.

Depois de uma versão caetaneda de um punk rock, Paulo entrou correndo pela casa num passar tão desengonçado quanto os meus acordes. Da varanda, era possível ouvir seus gritos atravessando todos os cômodos e mobílias. Lembrava um cachorro ao notar a presença de seus donos quando estes retornam de uma longa viagem.

Na mesma passada alucinante, surgiu pela porta sustentando em uma das mãos uma fileira de copos de dose. Na outra, carregava uma garrafa que não possuía rótulo e, tão pouco, piedade. Foi de pessoa em pessoa oferecendo um trago da velha bebida, a qual queimava mais que gasolina em nossas bocas. O resultado óbvio para alguns seria enfrentar horas no banheiro na tentativa de expurgá-la.

O frenesi foi tanto que outra rodada de churrasco teve de ser requisitada para manter o bando de zumbis acordados. Desta vez, Andy foi atrás de mais sacos de carvão para ressuscitar a churrasqueira, nunca deixando de abrir mão de uma lata de cerveja que o acompanhava há mais de meia hora. Pedro renunciara ao cargo de rei, pois já estava ocupado demais com seu amor de verão.

Os noivos permaneciam admirando um a presença do outro, mas tinham a atenção quebrada pela existência divina de Tino que, no alto de sua glória, acabou escorregando no próprio suor. A reação se deu no sorriso mais puro já visto naquela enseada pelo menino que, certamente, vivia a noite da sua vida.

Sem maiores explicações, Lua se levantou, saltando delicadamente em minha direção. Permaneceu fixa diante de mim ainda fitando uma lembrança desconhecida.

Graças ao decote abdominal de um moletom californiano, seu umbigo me encarava com certa volúpia. Eu me controlei para não evidenciar meu objetivo lógico de poder sentir sua pele novamente, mas a hipnose já havia me penetrado.

Começou a caminhar lentamente em direção ao gramado, parecendo querer me mostrar o algo que a havia cativado alguns minutos antes. Ninguém questionou nossa movimentação, mas pude ver Paula olhando rasteiramente em minha direção junto de um sorriso quase que irônico.

O clima da noite era agradável e aconchegante. A grama suava diante da nossa presença e o vento nos abraçava junto da maresia. As poucas nuvens formavam borrões de café no espectro estelar.

Seguimos até alcançar um ipê onde Lua usou o tronco como encosto. A planta era segura e estrategicamente bloqueava a vista de quem estava na varanda, exigindo uma caminhada maior de algum curioso. De baixo daquela mesma árvore, ela havia dado o seu primeiro beijo.

Minhas mãos foram escorrendo meticulosamente desde a altura das suas coxas até alcançarem o encaixe natural da cintura. Em nenhum instante, Lua optou por frear ou hesitar diante de tais impulsos. Eu a conhecia suficientemente bem para calcular minhas ações e não me deixar exagerar ou, muito menos, subestimar a beleza daquele enredo. Ao sentir o relevo cálido dos meus dedos, seus olhos instantaneamente se fecharam.

Ouvia-se da varanda uma voz perdida durante o hiato entre uma música e outra. A maresia conduzia com astúcia o eco das ondas deslizando sobre a areia, enquanto Lua se permitia fantasiar com a atmosfera. Ao se dar conta que denunciara sua vontade com aquele gesto não premeditado, as pálpebras se desuniram.

Entendi então porque nossos olhares teimavam em se atrair desde o início da viagem. Não de uma forma inocente, mas inconscientemente proposital. Ela certamente havia notado a mudança de atitude quando passei a desejá-la. Uma vontade que agora estava clara também para mim, conforme eu desbravava suas curvas. Na certa, acostumara-se a morder os lábios todas as vezes que me flagrara fitando seu corpo ou venerando seus olhos azuis.

Os sinais estavam claros de ambas as partes a todo tempo e agora eles se potencializavam naquele instante de intimidade. Intensifiquei levemente o apetite contido em minhas mãos ao pressioná-las com mais firmeza contra o seu corpo,

obtendo em resposta um delicioso suspiro. Houve também uma recíproca ferocidade de seus dedos que já se perdiam entre os fios ásperos do meu cabelo.

O aroma emanado pelo ipê era massacrado pelo perfume natural de Lua. Uma fragrância que me remetia a um tempo onde era possível distinguir a primavera. Nossos pés descalços se tocavam impreterivelmente diante do frescor repentino provocado pela umidade do gramado. Pressionei-a ainda mais contra o meu ventre quando experimentei o calor da sua boca já tomando conta de todo o meu corpo. Esta sensação se intensificava toda vez que éramos atingidos por uma brisa embriagante, trazida até nós como recompensa pelos ventos terrais.

Nossos beijos eram interrompidos por uma breve falta de oxigênio que desarticulava nossos movimentos. Minhas mãos já se perdiam pela extensão permeável do seu corpo conforme a noite escancarava um estado de adoração. No panteão de estrelas que reinavam sobre o céu, uma lua brilhava em minha direção.

Não demorou muito para que uma voz curiosa atravessasse os limites entre a casa e o jardim. Lua logo conteve seus modos e voltou a admirar o limiar intangível entre nossos corpos. Percebendo sua inquietação diante dos ruídos passantes, tomei eu mesmo a frente de guiá-la de volta à varanda.

A música ainda ressoava, embora com volume mais ameno do que no início da confraternização, anunciando os resquícios finais de uma noite sem lembranças.

Paulo logo se despediu junto da noiva, nitidamente mais lúcidos e resguardados, contendo assim a euforia das saudações de ambas as partes. Não sabíamos se ainda lidávamos com aquele sujeito cativante surgido no decorrer da noite ou se a metamorfose tivera seu efeito revertido. Pela expressão desnorteada, seriam abatidos por uma amnésia impetuosa no dia seguinte. Aquilo nos fez perceber que dificilmente voltaríamos a encontrar o antigo nadador.

Andy ensaiava na antiga viola trechos de uma música que só ele conhecia. Tino já estava empacotado na rede, tal como um embrulho feito às pressas. Emitia um ronco acanhado, porém honesto de uma alma realmente cansada. Pedro achou melhor não acordá-lo com medo que se perdesse no penumbroso percurso até sua casa.

Eu já era de opinião contrária, não só porque eu estava certo de que o garoto era capaz de fazer tal trajeto de olhos vendados, como também temia que seu sumiço pudesse preocupar os pais. No final das contas, prevaleceu a vontade de Pedro e Tino prosseguiu com seu ronco.

Havia uma gota de inconsequência na paisagem caótica da varanda. Muito pelo fato de que seria eu o responsável por transformá-la em um lugar decente novamente. Situação justíssima para quem não havia ajudado com a preparação da comida ou das bebidas, além de provocar o repentino sumiço da filha dos donos da casa, mesmo ninguém tendo colocado explicitamente este fato à tona.

Tentei estimar o número de latas e garrafas, mas elas pareciam se multiplicar durante a minha contagem. O piso, inicialmente cristalino, parecia ter sido banhado em caramelo fervente, dada a dificuldade de caminhar sem que os pés grudassem no chão.

Quando comecei a unir o exército de cadáveres, um corpo se ergueu da rede junto de seu inseparável sorriso juvenil. Tino escutara minha justificativa e concordou que seria melhor voltar para casa, mas não antes de mostrar novamente sua generosidade. Sem qualquer necessidade de se provar, optou por ficar e me ajudar com a faxina. Seus olhos extenuados pareciam ter sido imersos em um copo de vinho, delatando-o contra o tédio. Pela feição espantada diante de mim, deveria pensar o mesmo sobre os meus.

Mais entulho surgia conforme Tino e eu seguíamos adiante em nossa missão. Sob a tutela de um enxame de estrelas, fantasmas davam continuidade à festa sem que pudéssemos cumprimentá-los. Desanimados e exaustos, a única alternativa cabível era sermos ressuscitados por algum feitiço sobrenatural.

Foi então que avistei a garrafa emblemática trazida por Paulo no auge de sua noite. Ela repousava sobre a mesa, espantando qualquer espírito que se aproximasse graças ao odor envenenado partindo de sua boca destampada. Certo de que receberia um não, ofereci uma dose a Tino após justificar razoavelmente bem a necessidade de tamanha loucura. Num último gesto de dignidade, ele não só me acompanhou, como ofereceu-me metade do seu pedaço de pão.

Vagas são as lembranças do final daquela noite, nenhuma que valha mais do que a leitura de um bom livro. Talvez garrafas e latas tenham guardado tais recordações, mas permanecem todas sepultadas em um devido cesto reciclável. Afinal, éramos todos loucos conscientes.

Capítulo 8

O poço de Tales

Uma chuva intensa e fúnebre iludia minha mente, impedindo-me de adivinhar se ainda era manhã, tarde ou começo de noite. A situação não deixava de ser um consolo para quem desbravara a noite reescrevendo estórias e desafinando canções. Como se perde um dia se ele já nasce em si perdido?

A sensação foi tão reconfortante que afoguei a cabeça no travesseiro determinado a me gratificar com mais meia hora de sonhos ou, por que não, pesadelos.

Ao fechar meus olhos, minha mente era arremessada para uma área desprotegida tomada por lembranças instáveis. Aquela meia hora acabaria se transformando em uma hora inteira de um transe sonolento, como se a fibra investigativa da mente prevalecesse sobre a exaustão do corpo.

Automaticamente, como em uma meditação imposta, fui guiado pela linha de acontecimentos transcorridos durante a noite anterior. Um mapa desprovido de legendas e de limites irreconhecíveis se formava conforme cada lembrança se ligava a uma memória ainda mais enraizada. Um portão aberto ao meu subconsciente, e ele se mostrava disposto a ser saqueado.

A figura cristalina de Tino era a única imagem incontestável naquele salão escuro, como a luz de um farol que atravessa a névoa carregada da alvorada. Ela pesava sobre a minha cabeça, não de um modo repreensível, mas sim como resultado da sua alegria, reproduzida através de um esboço rasurado, porém nítido, no qual Tino batucava a tampa da lixeira. Ao golpeá-la com determinação e uma teimosia pacata, fitas coloridas desprendiam-se de sua mão num revigorante carnaval de sensações. Ele era aplaudido por estrelas engravatadas ao seu redor, sem se deixar levar pelo entusiasmo das constelações que faziam coro por uma canção diferente. Em alguns momentos, minha feição substituíra a tampa do cesto e eu sentia-me vivo e disposto a cada badalada, como se sua mão fosse a própria mão do universo tentando guiar meu ritmo. Aquele Tino, jovem e munido de um sorriso sem fronteiras, havia encontrado seu propósito maior. Quando cantava,

cantava também seu espírito. A alma transbordava e nos derramava por consequência. Assim como ele, sob o colo do mundo, eu queria desfrutar uma experiência máxima de vontade.

Talvez tenha me intrigado e maravilhado tanto por ser um caso de sucesso totalmente antagônico aos quais eu estava habituado. Aqueles a quem eu considerava os mais sábios não seriam capazes elucidar o caso utilizando a noção limitada que os fazem ser admirados. Como borrões pálidos e melancólicos, eles se apunhalavam em mezaninos de discórdia no horizonte profundo da minha mente.

A resposta final destes tipos certamente desvalorizaria o verdadeiro significado da consciência virtuosa de Tino. Seria fácil diminuí-lo a uma vítima social ou regredir sua simplicidade da escassez de oportunidades a qual supostamente um garoto como ele está sujeito. Mais uma estatística injustiçada dentro de um esquema socialmente falho que ninguém tem coragem de desmascarar. Eles jamais alcançariam o tom harmônico cantado pelo espírito do garoto.

Em uma cabine isolada de todas as outras, erguida sobre uma ilha de concreto, eu conseguia avistar Paulo sentado utilizando as mãos como base para o rosto. Espalhadas pelo pequeno espaço, uma infinidade de garrafas vazias se confundiam com o próprio espelho lúgubre do mar. Um tubarão faminto rodeava a ilhota de maneira inconsistente, aproximando-se dela somente quando o indivíduo isolado se levantava e media os limites a sua volta. Os olhos miravam nossa direção, mas não exprimiam qualquer atitude. Como deve ser angustiante estar diante de um sino em agitação e não ouvi-lo tinir.

Uma expressão fria e amarga delatava a pessoa que suas escolhas estavam construindo. Talvez ele próprio tenha escolhido ignorar os sons do oceano, blindando-se da possibilidade de algum dia tornar a escutar aquela voz dormente dentro dele. O mesmo grito de insubordinação que o convenceria de que existem outras direções.

A partir dali, notei a evidente incongruência em se entregar completamente ao trabalho para garantir que nossos entes tenham uma vida melhor. Não me refiro apenas à presença física de uma pai ou uma mãe junto do filho. Mas sim ao desprendimento de energia, à vontade de ensinar e aprender junto da criança, à

garantia de exercer a mesma (para não dizer maior) dedicação e disposição aplicadas na vida profissional.

Estes indivíduos ganham muito dinheiro para garantir que alguém “de confiança” possa cuidar de sua família e assim, conquistam tempo livre para aproveitarem a si mesmos. Não é mais necessária a presença intensa de um pai ou de uma mãe, desde que ambos continuem trabalhando o bastante para comprar uma vida decente para a criança. Constroem palácios que só utilizam para passar a noite e, com sorte, uma tarde de domingo.

Tornei então minha atenção para o trajeto do tubarão. Era de uma tonalidade cinza turva, quase se tornando negra. Por mais que fosse nitidamente um peixe, possuía trejeitos estranhamente humanos. Além das covas que esbanjavam superioridade no canto da mandíbula banguela, mostrou exercer prazerosamente seu domínio sobre o Paulo da ilha. Erguia com glamour a nadadeira traseira como um homem de sucesso que pergunta as horas por conta própria e as exhibi em seu relógio de diamantes. No ato deste movimento, ele chamava a atenção para si, enquanto o arco-íris consagrado pelos batuques se enrolava entre as supernovas ao fundo.

Era estranho e, de certa forma, assustador observá-lo diante da inocência do colo de Tino. Sentia-me vulnerável na presença dele, como se bastasse apenas sua vontade para que me aniquilasse.

Ele esbanjava não só poder, como também se munia de um determinado tipo de carisma irônico. Seu nado, embora determinado, carecia de beleza ou pujança, como se sua saúde já estivesse ameaçada pelos anos em movimento contínuo. Por um minuto sequer, deixou de rodear a pequena porção de desejos que formava a base da ilha e embora tivesse o oceano inteiro à disposição e sob o seu domínio, não parecia ter mais tempo ou disposição para usufruí-lo.

O espectro opaco de Paulo continuava a atrair sua atenção ao se levantar. Mas antes mesmo que fosse capaz de reaproximar a ilha, o boneco voltava a sua posição inicial. Aparentava temer a mudança, como se fosse treinado a vida inteira a seguir padrões.

Imaginei-me no mesmo lugar daquele pobre ser enclausurado, sem perspectivas de transformação por medo de ser reprimido pelo tubarão insaciável. Aprendera do eclipse causado pela nadadeira que não havia mais sentido em buscar a beleza totalitária do arco-íris, mas sim o pote de ouro em seu extremo. Surdo diante da canção do mundo, quando tudo o que eu mais queria era continuar a ouvi-la.

A descoberta desta canção superior, a experimentação de uma consciência universal, de certa forma, desacelerou o fluxo descontrolado de ideias que surgiam a cada insight.

Tudo retornou ao vazio e o vazio se tornou tudo. Numa imensidão vasta de claridade, apenas o choro carinhoso da chuva voltou a fazer sentido. Com a mente limpa, compreendi que não era culpa de Paulo ou de qualquer outra pessoa personificar um mundo do qual eu começava a remar contra. Talvez ele próprio já tivesse percorrido tais pensamentos, mas optou por ceder à supremacia de um futuro que pode ser comprado.

Eu era alvo agora de uma fonte de calor intensa e reveladora que comprovava minha existência. O contorno dos móveis subitamente voltou a formar modelos congruentes. A tinta das paredes era novamente palpável e, de tão viva, desprendia um aroma próprio. As cortinas pareciam sorrir em minha direção, dançando á janela.

O ambiente logo me convidou a despertar e, como milagre, o alívio imediato causado pela diferença de temperaturas entre meu corpo enfermo e o azulejo frígido curou meus sintomas de ressaca.

Segui até o banheiro do quarto e só me senti plenamente desperto depois de lavar o rosto pela terceira vez. Terminei de arrumar a cama, recolhi algumas roupas largadas pelos cantos e as coloquei de volta na mala.

Somente depois de percorrer o dormitório todo, me dei conta da exaustão completa à qual eu me submetera. Desejava como nunca uma dose de ar puro para sentir meus pulmões novamente trabalhando. Logo me veio à mente a imagem da varanda, de onde eu poderia não só contemplar as ondas mingando a ponta da praia, como também me opor secretamente ao domínio da tempestade.

Fui obrigado a dar meia volta quando forcei em vão as grandes portas esquadriadas da sala principal que ainda permaneciam trancadas. Lembrei-me então do acesso que corria das cerejeiras até a lateral da casa, aquele mesmo onde Pedro encontrara a prancha.

A chuva se enfraquecera durante o andar da manhã e, naquele momento, se esfarelava em pequenos grãos prismáticos. A grama umedecida convidava meus pés descalços para dançar e, ao deixar o circuito de pedras, acabei aceitando a sua proposta.

A varanda já era batizada pelos primeiros raios de sol que se infiltravam por entre as densas nuvens de chuva. Graças ao ar virgem e úmido, rapidamente meus pulmões voltaram a pulsar. O costumeiro barulho das ondas havia sumido, preparando-se para voltar a trabalhar no dia seguinte. Salpicado pelas gotas que ricocheteavam do telhado, agradei pela chance de compreender que há sempre outro caminho a se percorrer.

Capítulo 9

Os privilégios da vida moderna – parte 2

Metade das semanas seguintes se deu com a mesma rotina de sempre. A outra metade sempre a mesma rotina. Surpreendentemente, consegui alguns bons resultados no trabalho que serviram para acalmar em anonimato minha sede por mudanças.

Eram momentos raros estes de “sucesso” profissional. Eu nunca me considerei entre os melhores por diversas razões que iam desde o desgosto pelas minhas funções até a grande distância da minha mesa para o bebedouro. Nunca fiz parte de um lugar onde me sentisse totalmente útil ou insubstituível, o que também seria uma invejável prepotência da minha parte levando em consideração minha pouquíssima experiência no glorioso mercado de trabalho.

Nunca fui também protagonista de alguma função que gerasse em mim a expectativa de estar fazendo algo realmente significativo. Inclusive, muitos amigos acreditavam ser esta a razão principal para a minha crescente frustração. Muitos deles diziam estar no emprego dos sonhos (embora uma vez eu tenha escutado que trabalhar com o que se ama pode ser considerada uma abordagem um tanto quanto elitista) e a motivação fluía justamente deste fato. Eu verdadeiramente sentia-me animado por eles, pois assim como a boa gente do meu escritório, muitos tinham o dom para fazer o que faziam.

Meu caso era um tanto quanto obscuro. Do que valia encontrar minhas virtudes se eu nem sabia no que deveria usá-las? Algumas vezes measurei isto como motivo da insatisfação que me assolava tanto no trabalho, como na vida em geral. Poderia muito bem sair e tentar arrumar outra coisa mais desafiadora ou que se encaixasse mais com o meu “perfil profissional”, como meus professores gostavam de falar. Mas (e sempre havia um “mas” para mim nestes casos), lembrava ter chego ali exatamente pelos mesmos motivos e circunstâncias. Antes de conseguir aquele emprego no mesmo escritório de Andy, deixara o último justamente na expectativa de encontrar algo mais tentador. E este ciclo indigestível provavelmente seguia igualmente infinito para muitas outras pessoas, tomadas pela visão de que, não só a grama do vizinho é mais verde, como também a carteira.

Intimamente, eu já sabia que centralizar todas as minhas angústias apenas na decepção com minha vida profissional era banalizar ao extremo um sentimento muito mais complexo. A verdade reveladora é que nunca fui convencido por ninguém que o mundo precisa de planos de marketing para ser um lugar melhor. Minha inconveniente ingenuidade nunca me permitiu compreender como um advogado pode convencer um juiz da inocência de um indivíduo utilizando-se de brechas nas leis que colegas seus ajudaram a criar. Não entrava na minha cabeça o fato de alguém querer virar médico pelo status decorrente da profissão. Entre tantos outros exemplos.

Eu já havia idealizado há muito tempo uma visão de mundo surreal onde pessoas eram movidas por satisfação e auto cooperação, não pela riqueza. À época, imaginava que este sistema tornaria boa parte dos cargos atuais redundantes ou desnecessários. Não precisaríamos pagar para alguém construir nossas casas se contássemos com a ajuda das pessoas para erguê-la. E assim, você me daria apoio em troca de apoio e por aí em diante.

Recordo-me de ter projetado uma maquete nos tempos de escola para um trabalho de ciências sociais. Era uma comunidade praticamente auto suficiente, o que sepultaria o anseio demoníaco atual pela acumulação de enormes quantias de futilidade.

Seríamos deslocados para novos papéis sociais, pois não haveria mais essa noção defasada de trabalho que assola qualquer pessoa só de pensar na proximidade de uma segunda-feira. Mas para isto dar certo, o primeiro passo seria nos livrar do materialismo que comanda os rumos atuais e a ilusória noção de poder que ele alimenta.

E por ser sempre motivo de deboche toda vez que expunha esta visão a outras pessoas, resolvi deixá-la de lado para também fazer parte da encenação, pois assim era mais fácil seguir com a vida. Muito se deu também depois que lentamente uma armadura foi se criando conforme eu amadurecia e entendia que o ser humano é um animal muito complicado e imprevisível.

Justamente por não compreender o funcionamento capcioso da nossa vida moderna, eu nunca fui capaz de dar o meu melhor. Levando em conta a visão

tradicional, eu também não era capaz de estar entre os melhores, pois só fui descobrir depois de terminar a universidade que provavelmente eu havia seguido o caminho errado. Então, mesmo me convertendo, não seria capaz de atingir meu potencial máximo.

Como sempre existiu a pressão para que os jovens de classe média em diante estudassem em boas universidades, obriguei-me a entrar em uma antes mesmo de completar dezoito anos. Obviamente, esta é uma idade em que não estamos preparados ou não temos o conhecimento necessário para tomar uma decisão que irá afetar literalmente o restante da vida. Um menino não pode ser capaz de adotar um caminho profissional sem conhecer seu real funcionamento.

E por isso o motivo da minha surpresa naqueles dias de relativo bom desempenho. Por mais que tais ideais estivessem em mim, pareciam não afetar meu triunfo.

Conforme os resultados melhoravam, recebia mais e mais obrigações que inevitavelmente acabavam me prendendo e exigindo mais de mim. Dado meu fatídico puritanismo, eu acatava as ordens sem refletir sobre os consequentes efeitos devastadores de um funcionário produtivo, sendo estresse o mais traiçoeiro.

Cheguei a alimentar um falso orgulho em algumas situações, algo normal a qualquer ser humano que tem seu esforço reconhecido. Não sentia isto me corromper como outras mazelas da vida corporativa, das quais estava acostumado a ouvir nos bastidores do fumódromo.

Ele por sua vez continuou a ser nossa válvula de escape. Andy e eu seguíamos engajados em nossa missão. Nossos encontros, entretanto, foram decrescendo devido à demanda de tempo que o trabalho passou a exigir de ambos. Descíamos poucas vezes por semana, mas com o mesmo ímpeto de sempre, quiçá ainda maior, já que estávamos restritos a pouquíssimas oportunidades de estar ali.

Em um desses dias atribulados, Andy me enviou uma mensagem avisando que precisávamos conversar. “URGENTE PRA CARALHO” estava escrito no texto. Eu, prestes a embarcar em uma reunião, não tive tempo sequer de respondê-lo. Não depois de horas intermináveis de slides coloridos e uma disputa patética entre dois sujeitos para ver quem era o mais babaca.

O objetivo ali era decidir quem poderia seduzir mais astutamente um importante cliente. E eu só conseguia pensar em como a palavra seduzir havia perdido completamente seu sentido original. Aquele termo que antes era apetitosamente usado para desmistificar o jogo de sensualidade entre os sexos passou a definir a habilidade com as palavras em uma roda de negociação. Imaginava ainda embasbacado ouvir executivos utilizando o termo “delicioso” ao se referirem a uma previsão anual de vendas. Ou ainda, outros mordendo os beijos ao ler uma intrincada planilha no computador, gemendo os seguintes termos ao verificar a precisão dos números: “ah, esses números estão maravilhosos”..

As xícaras de café não paravam de se aglomerar sobre o centro da mesa, sustentadas por uma engenhosa tampa de madeira alocada sobre um suporte esférico que permitia a mesma realizar movimentos circulares e, assim, alcançar os braços mais distantes. Um símbolo da modernidade prática que um dia pode vir a se tornar perigosamente preguiçosa.

O ar condicionado pulsava firme e opressor, rasgando minha fracassada e já falida garganta, ao mesmo tempo em que a reunião também parecia dilacerar minha integridade. Olhei para o estagiário e senti certa inveja ao perceber como tudo aquilo o impressionava. Comoção de quem nunca experimentara aquele mundo, como se os altos teores de cafeína em seu sangue alavancassem efeitos alucinógenos diante da apresentação no retroprojektor. Fazendo esvaír gradualmente a essência da vida à medida que o café fluía por todos os caminhos do seu corpo já petrificado pela atmosfera congelante. Da mesma forma envenenada, fluíam os termos técnicos das bocas de nossos superiores, seduzindo ainda mais a jovem mente incapaz de formular opiniões contrárias às daquela sala.

Aquele ambiente era a concretização de um mundo do qual o estagiário somente ouvira falar durante a lavagem cerebral praticada na universidade. Pela sua feição, sentia-se finalmente inserido, embora lhe faltasse gabarito para peitar qualquer mandamento. Não se importava com esta excludente subordinação, já que um dia tais postos seriam de seu comando. Ele também conquistaria um dia o poder de olhar seus subalternos com a mesma indiferença que lhe era conferida naquele momento.

Um dos nossos chefes lhe pediu que fechasse parcialmente as persianas da sala para o reflexo da luz do sol não prejudicar a qualidade da apresentação. O ato parecia ser a comprovação de que estávamos diante de soldados a cargo da escuridão. Mesmo com todo o suposto conhecimento acumulado, não foram capazes de notar que o crepúsculo criado na sala dava cada vez mais razão ao comboio de xícaras formado no centro da mesa. Habilmente, eu havia me sentado ao fundo, o que ocultava as piscadas e breves oscilações da cabeça.

Por fim, como se o cenário não pudesse satirizar ainda mais a eminente tragédia, fomos informados, o estagiário e eu, que passaríamos a trabalhar juntos no próximo projeto.

Terminada aquela aula de insensibilidade do ser humano, pude finalmente solucionar meu verdadeiro problema. Corri então até a mesa de meu nobre companheiro que, como eu, tinha considerável fobia por reuniões conduzidas por lobos missionários da república do café com blefe.

Andy não estava mais lá e nem em outra mesa qualquer do escritório. Foi quando me dei conta ao olhar pela janela que a reunião transformara não só nosso precioso vocabulário, como também o dia em noite. Ainda lhe enviei outra mensagem desculpando-me e questionando a “urgência do caralho” a qual ele se referia.

Não houve resposta naquela noite. Nem em outras das semanas seguintes que eu passaria sem encontrá-lo. Ele teria uma viagem pela empresa conforme eu seria informado dias depois por um dos colegas da sua área. Eu continuava acumulando cada vez mais tarefas e me encontraria mergulhado em pilhas de relatórios dentro de poucos dias, agradecendo como nunca a companhia devota do nosso estagiário.

Capítulo 10

omeninocamaleão

Ainda não sabia ao certo como se dariam os dias sem a presença de Andy. E a previsão para sua volta era uma informação guardada a sete chaves. Os primeiros passaram normais e atarefados. De uma forma ou outra, fui capaz de me distrair com coisas dentro e fora do trabalho até que a mentira construiu uma barreira de culpa dentro de mim e me dei conta de que eu estava tentando evitar uma situação inevitável.

A primeira sensação verdadeiramente experimentada foi aquela já prevista: solidão. O vazio ainda imaturo e em parte irreconhecível passou a se valer conforme as tardes se mostravam mais e mais irredutíveis.

O desolamento ao qual fui submetido se deu muito, é verdade, por opção própria. Acabei me isolando do resto do mundo em todos os sentidos, na tentativa desesperada de me auto firmar como um ser independente.

Almoçava sozinho no trabalho e a inventava desculpas toda vez que era chamado para algum evento. Evitava qualquer tipo de relação com pessoas que eu pensava não serem capazes de me acrescentar algo útil, e isso corriqueiramente incluía muita gente.

Minha mãe presumiu um diagnostico de doença para a situação, chegando inclusive a cogitar um possível estado de depressão. Passou a executar um menu pronto de questões quase que diariamente, como se alguém tivesse a aconselhado de tal prática a fim de alcançar algum sentimento mais profundo. Ela também afirmava que eu passava tempo demais com meus livros e andava evitando outras formas de interação. E nisso, ela possivelmente tinha razão.

Pedro me ligava quase todos os dias para checar meu estado, muito a pedido dos meus pais. Ele aproveitava então para fazer algum convite que pudesse me tirar de casa. Cheguei a frequentar uma festa ou duas com ele, mas eu já não tinha o mesmo entusiasmo de antes. Com o tempo, passou a ligar cada vez menos. Houve um acordo silencioso entre ambas as partes para que deixassem as coisas como elas estavam. Era a nossa amizade reconhecendo a individualidade de cada um.

Faltava algo em mim, embora eu não quisesse admitir. E após muito examinar e refletir sobre o assunto, cheguei a conclusão que este algo não se dava pela ausência de Andy. Muito menos ainda pelo excesso de trabalho, conforme eu imaginava.

Eu me ressentia na verdade (e mais uma vez) de uma falta de posição. Era martelado pela excessiva perda de comprometimento com meus ideais, além do sentimento obvio de presenciar novamente as oportunidades se esvaírem das minhas mãos. Sentia pena e, ao mesmo tempo, remorso por mim mesmo pela acomodação à qual eu estava me sujeitando. Só que desta vez, era algo mais extremo, mais impuro. Não só danificava minha mente, como também deteriorava a relação com aqueles escolhidos a dedo como dignos do meu carinho. Eles se afastavam de mim por pura incompetência e desânimo da minha parte, o que dava ainda mais razão a minha consciência de me impor críticas severas. Algo precisava ser feito imediatamente.

E se o acaso de fato existe, ele não acontece por acaso, diria Andy caso eu o encontrasse durante aqueles dias. Em uma tarde abandonada, no meio do caos também chamado de minha mesa, perdi uma importante relação de arquivos necessários para tarefas que dispensam maiores detalhes.

Depois de desbravar os montes de papel, recorri ao e-mail atrás de uma cópia do vigarista. Uma das poucas lições que minha rotina enfadonha havia ensinado era sempre guardar uma cópia de tudo.

Fui passando então mensagem a mensagem na tentativa de encontrar o arquivo salvo. Atenção redobrada a todo aquele carnaval de palavras, assim como o controle predatório sobre o mouse.

O processo foi culpado por adicionar ou reafirmar informações totalmente dispensáveis a minha memória, graças a e-mails que há muito eu não lia. Daqueles que não são apagados por algum motivo e assim são deixados no esquecimento, como verdadeiros guardiões da caixa de mensagens.

Passei a deslizar mais rapidamente as páginas à medida que minha impaciência também avançava. A mão direita já dava os primeiros sinais de uma tendinite aguda, se esforçando para manter firme o deslizar irritante da seta do

mouse. Atingi um ponto no qual a minha mente se encontrava aquecida o suficiente para absorver o conteúdo das mensagens sem ao menos lê-las.

Continuei aumentando a velocidade até subitamente sentir a mão direita travar num espasmo instantâneo, parecendo suplicar por piedade. Meu cérebro, no seu alto escalão ocupacional dentro do organismo, se frustrou e desacelerou imediatamente quando notou que fora abandonado pelo corpo.

Para apaziguar a situação, tive de recuá-la para perto de mim, fazendo movimentos de abre e fecha na expectativa de uma ressurreição. Eu não entendia a validade medicinal do movimento, mas fui tentado a imitar meus equilibrados colegas de trabalho, que sempre o executavam diante do mesmo incidente.

Enquanto caprichosamente abria e fechava a mão, dei com os olhos na tela do computador. Realçava um enorme amontoado de palavras em sequência, ausentes de parágrafos ou travessões. Imaginei ser uma daquelas mensagens vagantes pela rede sem dono e sem um propósito definido, circulando sem que ao menos uma pessoa as tenha lido. São espécies de correntes que parecem ser direcionadas a indivíduos específicos, embora elas não saibam ao certo quem devam atingir, como se um pombo correio fosse enviado em sua missão com os olhos vendados.

Ao que tudo indicava, a própria Internet se encarregara de disseminar a mensagem através de seus sistemas e códigos indecifráveis, pois no topo da tela não constava nenhum remetente.

O texto era encorpado, ininterrupto e, em alguns trechos, fugia de uma linguagem clara. Parecia ter sido escrito de uma só vez por alguém não conformado com alguma coisa, semelhante a uma mensagem de desabafo ou ainda uma carta de despedida. Talvez seu autor tivesse sido reprimido ou censurado de alguma forma e, como última tentativa de ver sua mensagem difundida, anexou-a a um e-mail que pudesse percorrer distâncias infinitas Internet a fora, até chegar enfim a minha tela. Ou ainda, fora obra de um indivíduo com nada melhor há fazer do que enviar mensagens sem sentido.

Poderia ser também alguma forma nova de propaganda digital. Ao menos se destacava quando comparada ao lixo comum que estava habituado. De qualquer

forma, ali estava o texto sem pudores ou advertência ao leitor curioso e desavisado. A mente começou a latejar junto com a mão quando examinei as primeiras palavras. E que o maldito relatório fosse para o inferno.

**

O conto do menino camaleão que foi traído pelo mundo

O menino nasceu em uma cidade boa. Criado carinhosamente pela família em um bairro simples e amigável. O pai veio de família abastada. A mãe de família humilde. Mas isso não impactou em nada sua existência. Foi ensinado desde pequeno que o certo é certo e o errado é errado. E que tinha quer ser bonzinho. E foi, porque os pais também eram. E não há escola que ensine isso. Foi sim uma criança um tanto quanto bagunceira, embora nunca tenha dado mais trabalho do que qualquer menino da mesma idade. Ao nascer, seu primeiro lar foi uma casa, onde morou junto dos pais e o irmão mais velho. Fez o que qualquer criança nascida à época também gostava de fazer. Rolava na grama, jogava bola na rua, andava de bicicleta. Pipa não empinou, mas disso nunca sentiu falta. Gostava de se fazer de veterinário ou ainda um biólogo. Claro, os termos em si ainda nem haviam sido inventados na sua pequena cabeça infantil. Mexia nos bichos por prazer. Fuçava em buracos de insetos porque não sabia o que dali podia sair. Quando encontrava imagens de animais nas revistas que seus pais compravam, passava a tarde fazendo recortes e colando as fotos em um pequeno caderno. Não entendia direito porque alguém tiraria uma foto do mato, mas sabia que tal reflexão estava aquém de sua primavera. O menino na verdade achava que um dia poderia brincar com todos esses bichos e plantas na vida real. Sempre falava que queria ser cientista do planeta, embora não tivesse idade suficiente para conseguir soletrar a palavra inocência. Para ele, era só mais uma brincadeira. Mais uma forma diferente de ver um mundo tão repleto de maravilhas, as quais ele passava horas e mais horas tentando entender. Sua imaginação virgem filtrava o que era conveniente ao seu mundo de criança. E isso o distanciava ainda mais do mundo dos gigantes que sempre estavam a sua volta desde seu nascimento. Sem perceber, sua família o criou como mais um filhote da natureza. Seu pai o levava à praia quando podia e nunca se cansou de construir os maiores castelos de areia que aquela porção de mar já vira. Cavava com as mãos sem parar, abrindo uma grande fenda no espaço

entre o monumento e as ondas vindas do mar, enquanto o menino arquitetava as torres do castelo. Quando já estava com as pontas das unhas acinzentadas, o pai dizia que todo castelo que se preze deve ter um rio em sua volta. E o menino não entendia porque o rio só dava para frente, entre o castelo e o mar. Mal sabia o pai que não seria capaz de proteger o castelo da criança de ondas muito maiores. A mãe lhe ofereceu o odor solene e enigmático das flores ao rodeá-lo de belos jardins desde o nascimento. Não conseguia se lembrar de um lugar onde ela não havia plantado alguma coisa. Certa vez, viu sua mãe plantar uma grande laranjeira. Das laranjas mais laranjas que já tinha visto. Ela teve tanto trabalho que, em certas noites, voltava para casa com o rosto cansado e algumas gotas de suor escorrendo por debaixo dos olhos. E ele sempre perguntava como estavam as laranjas. E ela respondia que iam muito bem. Um dia, resolveu visitar a laranjeira. Chegou lá e avistou a mãe sentada com o cesto vazio e a árvore toda pelada de frutos. A mãe sorriu e entregou o último fruto ao filho, dizendo que os outros haviam sido levados por pequeninos jardineiros, que mais pareciam gnomos. Talvez pela idade, ele não conseguia entender como a mãe havia dado todas as laranjas que tivera tanto trabalho para cultivar. A mãe continuava sorrindo enquanto descascava a laranja com a criança em seu colo. Ela era a primeira prova que o menino teve na vida da existência de um Deus. O avô o motivou a se engajar na tal profissão de cientista do planeta, pois apanhava tudo que lhe cabia no palmo para contar algum fato curioso ao neto. Foi assim com a sorte do trevo (que para ele não precisava ser de quatro folhas, contanto que fosse sempre de cor verde). Também com o tatu transformado em bolinha por um sopro. Com o rolo de filme antigo que nada mais era que um engenhoso binóculo para admirar o sol e os eclipses da lua. Brincava com o menino enquanto dava algumas tragadas em um de seus cigarros de palha, dando vida assim a uma maria-fumaça. Graças a ele, o menino entendeu que as abelhas ficam tão tristes quando picam uma pessoa que depois morrem. E assim se fez um naturalista. Martelado a sorrisos por aqueles que só se realizavam pelo seu bem. Por ser eterno aprendiz, nunca perdeu o gosto em aprender. Sempre foi fiel a leitura. Se ainda não havia criado aptidão com romances, contos e poesias, se engraçava com os livros da escola. A matemática não lhe causava nenhum tipo de admiração. Por ser muito pragmática e exata. Por não ser passível de leitura. Por ser o que é e não aceitar mudanças. É quase contra a natureza que mudou para lhe dar vida. Cresceu e continuou crescendo. Chegou naquela fase onde a inocência de

uma outrora criança nada mais é que uma folha quase morta, prestes a se desprender do galho por já não mais servir ao propósito da planta. O mundo a sua volta começou a se apresentar tal como os gigantes da sua juventude o viam. E assim como fazia com os gigantes, passou a moldá-lo de um jeito que sua família talvez não fosse mais capaz de fazer. Cabia portanto ao mundo agora finalizar a obra. E os mais sábios pintores não são dignos da glória quando não estão aptos a escolher o devido pincel. O volume de informações ultrapassou qualquer montante já visto até então. A mente do ex-menino evoluiu e se tornou independente das ações do organismo. A partir dali, ele nunca mais foi capaz de controlá-la. O corpo em si entregava mais energia do que conseguia absorver. O pensamento voava num ritmo desajeitado e cataclísmico na tentativa de absorver o máximo possível de ideias e seus pais não estavam mais ali para filtrá-las. As vias de comunicação se tornaram livres, quebrando todas as barreiras com o mundo lá de fora. Sob controle de um senso crítico minimamente confiável, contava apenas consigo mesmo para discernir coisas que lhe eram cabíveis ou não. Por essa razão, pensou que entendia o amor, fez mais amigos do que o universo gostaria, aprendeu que nem sempre era preciso agradecer favores e achou que fosse capaz de agradar o mundo inteiro com o seu sorriso. Caiu tanto na armadilha que passou a valorizar as coisas mais do que as próprias pessoas. Não teve nenhum professor para ensinar-lhe, mas as entrelinhas do mundo gritavam estas novas ideias. Lembrava vagamente de algumas lições recebidas ainda criança sobre a diferença entre ter e ser. Mas sua memória afetiva o havia abandonado e agora tudo ao seu redor indicava que o ter iria de algum jeito prevalecer diante do ser. Então, era melhor ele ser o ter. Foi a passagem enfim para a vida adulta, que nada mais era que o contrapeso da infância. A tentativa do universo de balancear as coisas. Passou a desconhecer ou mistificar os limites do seu corpo jovem e imaculado. Conheceu os prazeres a que todo deus com rosto de homem tem direito quando desce a terra. Aprendeu a ser julgado e conseqüentemente a julgar aquele diferente dele. E então, se tornou especialista em se camuflar. Consequia se moldar a tudo e todos como se aquilo fosse sua razão de existir. Também aprendeu a latir contra o mundo, embora tivesse aprendido quando criança que apenas os cachorros podiam latir. Chorou por não entender por que aqueles a quem amava partiam sem se despedir. Culpou tanto tudo e todos quando as coisas não iam bem que se tornou um descrente. Não fazia sentido existir uma força maior capaz de orientar o fluxo natural da vida com

tanta desordem e injustiça ao seu redor. As coisas simplesmente acontecem e não há nada que possamos fazer para mudar isso, ele pensava. Esqueceu enfim quem era a natureza. A única lei que passou a considerar era a de que é preciso dar para receber. E que iludir pessoas é uma arte. A felicidade é relativa, o sucesso não. Mas ele sabia que tudo valeria a pena no final, pois seria muito bem recompensado por seguir as regras. E ao ser recompensado, ele seria capaz de adquirir coisas que só podiam ser adquiridas, nunca dadas. E não pode se culpar o homem por ser engolido por esse novo mundo de aparências, promessas e recompensas. É o que lhe parecia mais correto, pois todos agiam da mesma forma. E de certa forma, ele merecia ser congratulado. Em mais uma prova de sua natureza rebelde, havia novamente se moldado diante das circunstâncias do ambiente. E dessa vez fora premiado muito bem por isso. À medida que o homem foi sendo ajeitado por um mundo cada vez mais artificial, ele se viu obrigado a agarrar ainda mais a ideia de que todos são pecadores, sentenciados a viver em uma realidade tomada pela ignorância, inveja, vaidade e egoísmo. E assim, passou a defender estes valores, como se as pessoas vivessem em uma ilha separada de todo o resto do universo. Ficou tão preso a esta realidade artificial que criou sua própria noção de valor para as coisas, pessoas e o que mais entrasse em seu caminho. Pensou ser apenas mais um entre tantos, pois um ser humano de fato ele não era. No fundo, sabia que do mundo nada conhecia. Mas para continuar prevalecendo diante dos outros, não podia deixar este detalhe transparecer, embora esta noção dilacerasse algo primitivo escondido dentro dele. Quando estava a beira de despencar no abismo, ele se deparou com um anjo que tentou fazê-lo mudar de ideia. O homem se usou então de todo seu ceticismo para zombar do anjo que sem mais nem menos o empurrou buraco a baixo. Enquanto caía pelo longo abismo, o homem não conseguia entender por que o anjo não o tratara com misericórdia. Talvez o mundo ganhasse mais sem a presença dele, foi o resultado final da sua reflexão. Ele então atinge o chão. Quando abre os olhos, percebe que está a uma altura mais elevada do que a do topo do abismo. Como se estivesse usando óculos especiais, ele é capaz de enxergar nitidamente todas as pessoas do planeta, tal como os astronautas fazem do espaço. Ele então se realiza de que realmente nada conhece. O homem volta a ser menino quando consegue ver que existem mais pessoas de bom coração do que ele imaginava. Começa a se apaixonar pelo valor das diferenças e percebe que as vidas lá de baixo são repletas de possibilidades e

formadas por encontros infinitos. Inevitavelmente, ele se sente deslocado, como nunca antes. Deslocado não pelos outros, mas pelo mundo em si. Como nunca lhe fora apresentada essa variedade tão bela e intensa enquanto andava lá em baixo entre todas aquelas pessoas maravilhosas? Ou será que fora? De qualquer jeito, sente-se traído pelo mundo. Mas não dá a mínima, pois o anjo de fato tinha razão ao arremessá-lo. Retoma aquele sentimento de vivência e gratidão quando se vê pensando em situações simples e apaixonantes que a vida sempre lhe deu. Entende de novo o quão significante pode ser uma amizade. A família lhe faz uma falta enorme agora que não está mais ao seu lado. O contato com a natureza ganha novamente algum sentido agora que não pode mais tocá-la. Corações não são mais quebrados agora que compreende que, do amor, não se pode entender nada. Tudo corre bem e ele reconhece saber pouco, porém agora sabe pelo menos do que precisa. Acredita tanto no seu renascer que acaba esquecendo naturalmente as verdades absolutas das vidas passadas, afinal elas nunca existiram entre as nuvens. Pela primeira vez, ele não se vê obrigado a mudar de pele. O mundo saúda sua chegada, menino camaleão.

Capítulo 11

São Paulizando – parte 1

Infelizmente ou não, sempre fui de reparar os aspectos negativos da cidade, talvez com mais aptidão do que os positivos. Entre tantas coisas, realmente me incomodava a falta de natureza e não seriam alguns parques e praças capazes de mudar minha sentença sobre a escassez natural da qual São Paulo era vítima.

O calor nas grandes cidades (pelo menos na minha grande cidade) sempre foi abastecido pela combustão cinzenta exalada do asfalto. Veículos de todos os tipos e rodas catalisam essa reação, aniquilando qualquer brisa que ouse ventar sobre esse centro megalomaniaco.

O trânsito por sua vez também sempre foi motivo de desânimo no dia-a-dia paulistano. A parcela que reclama deste problema sempre é tida como uma parte mais esnobe da nossa sociedade. Afinal, tudo que estes hipócritas têm a fazer é aguentar solenemente horas de tráfego intenso dentro de um veículo confortavelmente seguro. Há até o luxo do ar condicionado para alguns sortudos.

Sempre haverá o rádio, celulares, revistas e jornais para as vítimas de uma Marginal em um dia de chuva. Os caronas têm até o privilégio quase mesquinho de dormir enquanto seu motorista é condenado ao purgatório das avenidas paulistanas. Mas eu tendo a contrariar esta análise, embora concorde com elas em alguns aspectos, como no conforto, por exemplo.

Não há como amenizar o maior dos prejuízos: é um tempo enorme perdido que poderia ser utilizado em outras coisas um pouco mais relevantes, como em uma tal de vida, por exemplo. Só quem já esteve presente neste cenário carcerário conhece a frustração. A grande verdade é que somos prisioneiros do próprio progresso. A própria palavra transporte caiu em desuso dentre os condutores da cidade, dado seu sentido impróprio. Pois está claro que o objetivo do transporte é transportar. E para transportar, é preciso se mover.

Mas uma coisa é inquestionável: se o trânsito incomoda, o transporte público incomoda muito mais. Pelo menos, ele não é um canal elitista e tão pouco segregador. Afinal, tanto nobres, como camponeses são obrigados a fazer parte da

aventura terrorista também chamada de transporte público de São Paulo. Estas almas sim são postas a provas de vida ou morte em tais batalhas. De fato, mais perdem do que ganham, pois vencer não depende só da disposição de um soldado, sempre a mercê da boa vontade de outros igualmente atrasados para a guerra.

E mesmo a par de tudo isso, segue a pobre alma em seu caminho de chibatadas (de carne e osso) dentro da bomba de metal que a qualquer momento pode explodir. Ora metrô, ora trem, ora ônibus, mas nunca na hora certa.

Os metrô, por exemplos, são cenários clássicos para situações de repúdio. O passageiro é enxotado para dentro quando não quer entrar no vagão. Arremessado para fora ao passo que não é seu momento de desembarcar. Mulheres são violentadas em todos os sentidos da palavra. Idosos ou inválidos são apenas meros descartes na confusão daquele baralho. O vagão engazopado segue seu fluxo parecendo desconhecer o que acontece em suas entranhas. Pois se soubesse, decerto não seguiria. Afinal, ele fora designado a transportar gente e não bois. E ainda que fossem bois, provavelmente seria alvo constante das associações protetoras de animais, tal qual é o caráter sub-humano que ele pode adquirir em horários de pico.

A questão peculiar é: optar pelo calvário de perder duas, três ou quatro horas do seu dia dentro de um carro ou lançar sua sorte (abrindo mão de certa dignidade) a um burro de carga que (quase) não se atrasa?

Tanto a imobilidade do transporte particular, como o descaso com o serviço público são tão comumente mencionados na rotina paulistana, que alguns acreditam já fazerem parte da lista de pontos turísticos da cidade. Como se um turista tivesse necessariamente que passar uma manhã no incrível trânsito ou vivenciar uma aventura no metrô nos horários de rush para ter uma verdadeira experiência do que é São Paulo.

Por estar a cargo destas duas escolhas cruéis, o paulistano faz parte de um grupo seleto de colônias urbanas que já começam o dia de forma trágica. Não é questão de balancear qual das opções é a mais assustadora, pois ambas seguem condenadas. E não há muitas alternativas, a não ser que você não tenha medo de ser atropelado em uma bicicleta.

Naquele dia, eu resolvi sair de casa um pouco mais cedo para burlar o irreduzível caos matinal já citado. Tive de caminhar até a estação mais próxima, o que transformou o receio em uma plenitude quase que romântica.

O dia ainda estava escuro em decorrência do já vigente horário de verão. Luzes se destacavam nos arredores graças ao efeito lustroso dado pela brisa que se erguia com o despertar da cidade. Caminhava o percurso entre a minha casa e a estação em linha reta, percorrendo uma fileira sem fim de casas e sobrados. Driblei pequenas guaritas que resguardavam arbustos ou ainda necessidades amanhecidas dos cachorros sonâmbulos da madrugada, que certamente não haviam as deixado no caminho por maldade.

Nas casas, uma molécula constrangida de luzes acesas provavelmente vindas da cozinha. Onde uma mãe carinhosa começava a passar o café pensando em como pagaria as contas do mês anterior que, como de costume, passou sem ao menos deixar uma moeda.

Grande parte das residências permanecia apagada, envoltas em uma mesma penumbra que unia todos os telhados da região. Não era possível saber se abrigavam dorminhocos sortudos ou humildes trabalhadores que tentavam apenas economizar na conta de luz. Preferi ficar com a sorte e continuar a andar.

Do outro lado da rua, um botequim de esquina daqueles bem fuleiros levantava seus portões de ferro. O som das portas descarrilhando ecoou por todo o quarteirão e imagino que tenha sido responsável por acordar os últimos sortudos da região. À porta, um homem de meia idade parecia ter o peso do mundo em suas costas, pois não conseguia deixar de chacoalhar mesmo quando estava parado. A única coisa que levava com sigo era um boné azul do extinto Banco Nacional.

As portas mal estavam abertas por inteiras quando ele adentrou o boteco inclinando o corpo. Com a mesma firmeza que contraiu seu tronco para transpassar a porta, ele segurou bravamente o adereço à cabeça. No entanto, seu movimento foi tão rápido que, mesmo aparentemente seguro, o boné despencou no chão sem que o sujeito notasse. O homem responsável por abrir as portas se sensibilizou com o fato, agarrando o adereço para devolvê-lo ao seu orgulhoso dono. Este foi

atendido pelo nome que, graças ao barulho de um ônibus passante, não fui capaz de ouvir com clareza.

O homem de boné salvo e nome indefinido sentou-se então em um pequeno assento de plástico à altura do balcão. Portava-se com gabo e gentileza, como se fosse o proprietário da casa, mantendo elevado o dedo indicador na direção de um rapaz uniformizado que limpava uma das mesas.

Ao atravessar a rua seguinte, perdi parte da visão do balcão. Não consegui assim enxergar mais seus movimentos ou o verdadeiro significado do sinal. Continuava visível apenas o seu boné azul que mais parecia seu cão de guarda, sempre a acompanhá-lo.

Já alcançando a estação, notei um aumento significativo no movimento de pessoas. E também de pombos. A sincronia das laranjas sendo exprimidas nas barracas que montam posto ali contrastava com a desordem emporcalhada das calçadas. O ar gorduroso logo me invadiu, estimulando o estômago praticamente vazio, alimentado até então por um ofensivo copo de leite.

Indivíduos que podiam ser facilmente confundidos com zumbis formavam filas nos vários pontos de ônibus. Todo esforço seria válido depois que estes primeiros sortudos fossem apresentados com um lugar para sentar.

Os motoristas e cobradores estavam acomodados em uma mesa bamba alguns metros à frente. Junto de suas garrafas térmicas, riam ao presenciar o aumento de zumbis vagando pela estação. Afinal, eram os únicos com assentos privilegiados. Com direito ao jornal do dia anterior, almofadas nos bancos e pequenos ventiladores que, embora fossem de pouco efeito no calor desértico esperado ao longo do dia, ainda eram itens a serem ostentados e invejados.

Atravessei por fim a rua que dá acesso aos ônibus, chegando até as escadas que iriam me levar ao metrô através de uma grande passarela elevada que corta a principal avenida da região. Utilizei a escada rolante por uma simples questão de preguiça, pois subir degraus no precursor do raiar do dia era uma tarefa a qual eu não me dava o trabalho.

Ao andar pela passarela e seu chão emborrachado, fui capaz de admirar no horizonte da avenida os primeiros sinais daquele que se transformaria no grande alçó das muitas pobres almas que não poderiam contar com o luxo de um ar condicionado. O escritório estava repleto deles, embora meus pulmões preferissem passar o dia inteiro soando.

A nobreza do nascer do sol foi suficientemente linda a ponto de fazer uma cidade cinza como São Paulo se tornar colorida. Reavivou um lugar que é caracterizado por abrigar coisas sem vida.

A cidade, que nunca foi culpada por ter sido escolhida por moradores viciados na epidemia da urbanização, era sempre merecedora daquela alvorada cintilante.

Logo me surpreendi com a multidão aglomerada nas faixas que sinalizam as portas de cada vagão. Alguns outros indivíduos, desapontados pelo grande número de passageiros, aguardavam recuadamente pelo próximo veículo.

Tendo em mente o nascer do sol da passarela, o breve sentimento de frustração não causou qualquer indisposição. Respirei fundo, inspirei a confusão de emoções e antitranspirantes, construí coragem para me enfiar no meio do bolo e deixei-me levar para dentro do metrô junto da natureza apressada digna dos bons paulistanos.

Imerso no furacão, conseguia espiar os nomes das estações graças à baixa estatura do sujeito a minha frente que, com muito esforço e destreza, se prendia aos suportes acoplados no teto.

Gente de todo o tipo lutava por uma fatia inexistente de espaço. Uma mulher de óculos escuros cotovelava minhas costelas com uma desintenção calculada. Não parei para refletir sobre o fato, mas a força dos golpes podia estar diretamente relacionada à minha expressão risonha.

Apesar do apuro implacável, havia uma fagulha de grandiosidade também presente. Alimentada por pessoas que, mesmo tendo em mãos todos os motivos para agir de forma contrária, teimavam em não sabotar a vontade que tinham de começar o dia de maneira positiva. Algumas delas sorriam entre si como forma de

solidariedade. Outras iam mais longe ao desejar honestamente cumprimentos de manhãs melhores. Dois homens recostados sobre a porta começaram a tagarelar assim que um deles fez menção à pujança viril das botinas do outro. Usavam uniformes diferentes e pareciam estar alheios ao caos do vagão, como se revivessem uma amizade de longa data.

Utilizando uma velha e eficaz tática, um garoto de barba recém-nascida imitava um cadáver enquanto uma alma ordinária ao seu lado cedia lugar a uma outra, ainda mais jovem, e suas muletas. Ambas passaram a trocar olhares líricos após o incidente, sendo distraídas somente pelo toque de freios do motorista.

Alimento até hoje uma quase certeza de que presenciei um índio de cocar descendo na estação Anhangabaú, empunhando seu sabre de bambu como se fosse proclamar o direito às suas terras ou finalmente expurgar os maus espíritos que deram nome à região.

Com a sorte dos preguiçosos ao meu lado, consegui ser despejado na estação certa segundos antes das portas se fecharem. Um nobre cidadão ergueu os braços sobre o esplendor da multidão para abrir caminho a uma senhora, concedendo-me involuntariamente passagem.

Os degraus de saída da estação já refletiam a luz do sol, indicando que ele já havia dado as caras de sua coroa. O fluxo de passantes na rua já era intenso e atrapalhado, lembrando o número dos palhaços em um circo. A cidade finalmente havia acordado para mais um dia de trabalho.

Pelas minhas rápidas contas, algo em torno de setenta por cento das pessoas falavam, teclavam ou encaravam o celular, premeditando um futuro improvável de aparelhos indispensáveis à raça humana. Passei a prestar atenção no passo desenfreado que tomavam rumo ao sacrifício de suas vidas. Alguns acanhados se destacavam perante o dinamismo da multidão por caminharem vagarosamente, como se estivessem ali a passeio, fato que nitidamente incomodava o pelotão do celular. Era possível vê-los resmungando alguma expressão azedada ao ultrapassarem os “turistas” entre frestas que eles mesmos abriam com seus ombros impacientes. Eu seguia um ritmo normal naquela esteira.

Minimamente apressado pela força do hábito, mas nada exagerado a ponto de incomodar qualquer um dos lados.

Estava mais adiantado do que previra ao sair de casa e isso me dava tempo suficiente para completar o desjejum. Tendo utilizado todo o copo de leite para transpassar minha aventura matinal, a barriga já rosnava diante da falta de nutrientes. Atrás de um local decente, tomei a direção da praça da figueira.

Chegando lá, tentei avistar o mais vazio e calmo estabelecimento, já que a anestesia provocada pelo nascer do sol ainda fazia efeito e eu não pretendia interrompê-la antes da hora. Minha primeira opção foi um pequeno bar café chamado “Cafezitto” que, além do nome, tem também no serviço um exemplo de simpatia.

Contrariando todas as expectativas, uma onda desordenada de ruídos me atingiu como uma marretada nos ouvidos logo ao fincar os pés na porta do local. Difícil dizer o que incomodava mais: o ritmo delirante das pessoas àquela hora da manhã, a tortura psicótica do pressionar das teclas nos notebooks ou a minha presença obtusa no meio daquilo tudo. Logo dei meia volta e foquei minha procura num lugar incapaz de emitir qualquer tipo de som que me remetesse às horas de labor vindas pela frente.

Fui andando até alcançar o fim da rua que delimita a praça. Um local afastado que eu raramente frequentava pela distância do prédio. Em muitas vezes não era viável caminhar até aquele ponto, comer e voltar a tempo para o escritório.

Notei de súbito uma casa de aparência modesta com uma pequena placa no portão da frente com o nome “Açaí bar”. Fui instantaneamente atingido pela curiosidade ao notar as portas abertas, afinal eu nunca havia conhecido ninguém que fazia de uma tigela de açaí seu café da manhã.

Após um breve suspense, decidi que aquele seria meu primeiro açaí de café da manhã. Na certa, ele me recompensaria com a energia necessária para enfrentar mais uma etapa da longa maratona de relatórios e planilhas. De qualquer modo, eu já não me importava mais com o tipo de refeição após ter presenciado a atmosfera do café anterior. Minha necessidade era exclusivamente encontrar algum sossego.

Apenas algumas mesas estavam ocupadas dentro do Bar. Nelas, pessoas conversavam de maneira agradável, civilizada e, o mais importante para mim, sem teclas. Eram acompanhadas por grandes jarras de suco e cestos artesanais contendo os mais variados tipos de pães. Não pude deixar de perceber que poucos clientes se aventuravam nas tigelas de açaí, talvez por não precisarem tanto daquela energia como eu.

A música ambiente era incrivelmente suave, tornando os pequenos bancos de madeira confortáveis o suficiente para desfrutar a refeição. Escolhi uma mesa próxima a um quadro pintado a mão. Ele retratava uma praia deserta com alguns poucos coqueiros curvados, que por sua vez seguravam uma rede tão branca quanto a areia a seus pés. Havia finalmente encontrado um lugar que respeitava minha aura anestesiada que, embora tivesse se deparado com todas as insanidades da manhã paulistana, continuava a respirar tranquilidade.

Antes mesmo de sentar, pedi à garçonete meu açaí batido com banana e bastante granola por cima. Senti um tímido orgulho próprio pela precisão da minha escolha enquanto admirava o restante do lugar ao qual eu infortunadamente nunca havia sido apresentado. Sua personalidade me remetia a alguma coisa, mas eu não fui capaz de adivinhar exatamente o quê. Distraí-me então da ideia e passei a examinar outros aspectos a minha volta. Eu estava contemplando o pequeno cardápio plastificado quando uma mão pousou sobre o meu ombro.

- O meu é o açaí, por favor. – eu disse, sem tirar os olhos do cardápio, já certo de que a pessoa trazia meu pedido.

- Ahhhh! Não acredito que te encontrei aqui!

A pessoa subitamente puxou a cadeira da mesa ao lado e sentou abruptamente quase que passando por cima do assento. E mesmo reconhecendo essa rapidez ninja, foi na verdade uma velha gargalhada familiar a responsável por me chamar a atenção. Graças a ela, eu soube que o Açaí Bar não me remetia a alguma coisa, mas sim a alguém. Andy estava de volta da sua viagem de trabalho, mas sua empolgação era de alguém que acabara de sair do quadro acima de mim. E eu estava louco para saber por quê.

Capítulo 12

Parênteses para uma fábula chinesa

É extremamente difícil encontrar pessoas passíveis de ser personificadas por lugares. Andy era um desses casos raros, embora sempre tentasse fugir de qualquer definição. Se ele não trabalhasse comigo, diria tranquilamente que ele era o dono do local. Tatuagens também são personificações precisas quando bem escolhidas. A de Lua, por exemplo, lhe caía como uma continuação de sua infinita e irretocável despretensão. Muitos dizem que roupas também são elementos marcantes que podem ser imputados e transformados em seres reais.

Marcante mesmo era a animação de Andy quando começamos a conversar. Estava visivelmente agitado e as palavras se desprendiam da sua boca com mais velocidade do que vinham a sua cabeça.

- Cara, sobre aquela mensagem... A gente precisa conversar! Era urgente pra caralho e ainda é!

Tantos dias haviam se passado que eu havia me esquecido da mensagem.

- Então vamos conversar! – respondi de bate pronto, já me deixando levar por sua empolgação.

- São tantas coisas pra te explicar... Como posso começar? Que tal pela... Não, não, por aqui não, melhor te dizer que eu estava... – parecia travar embates consigo mesmo. – Nossa, quanto tempo faz que a gente não se vê!? São muitas coisas, cara. Muitas coisas.

- Do que você está falando? Chega dessa enrolação e me fala o que tem pra dizer! – retruquei com uma expressão típica de quem manda um velho amigo “à merda”.

- Temos que ter calma, Josh. Não adianta eu vomitar tudo e aí você vai ficar fazendo um monte de perguntas que eu não vou conseguir responder aqui.

- Não entendi. Qual o problema desse lugar?

- Nenhum, na verdade. Mas é que estou atrasado e pela hora, você também deve estar.

O tempo decolou durante a minha busca pelo café da manhã perfeito e realmente estávamos atrasados levando em conta o tempo necessário para voltar ao prédio. Eu fazia as contas no relógio tentando aliviá-lo, mas ele logo tornou a interromper meus cálculos:

- Já sei! – seguiu-se uma pausa desnecessária. – Faz tempo que não vamos ao fumódromo trocar umas ideias. Hoje é o dia perfeito pra mim. Não estou com muita coisa pra fazer depois do almoço. Se você estiver tranquilo, podemos nos encontrar lá. Daí, eu vou ter tempo de explicar tudo que está acontecendo. Que tal?

- Fechado! – retruquei sem pensar, mesmo não tendo ideia se minha tarde seria igualmente tranquila. Em todo caso, eu estava decidido que desta vez não trocaria um bom papo por qualquer compromisso que fosse. – Devo ter algumas coisas pra fazer, mas posso deixar na mão do estagiário. O garoto é gente boa. Vai entender.

- Combinado! Fumódromo depois do almoço então.

- Ok!

- Mas agora eu já vou indo! Fiquei de encontrar meu chefe logo cedo.

Ele já havia pulado da cadeira como um gato e seguia em direção à saída, quando achei melhor perguntar:

- Espera aí! Você não vai nem falar do que se trata?

- Qual é o primeiro passo Joshua, meu amigo? – ele gritou absoluto se voltando para mim enquanto segurava com as duas mãos o batente da porta de saída.

- Porra Andy! Essa hora da manhã e você me vem com suas charadas!

Ele soltou uma de suas gargalhadas dantescas, daquelas que o dorso se retorcia para trás, ao mesmo tempo em que desferia alguns tabefes no frágil batente. Logo sumiu de vista quando retomou seu caminho conforme eu me levantava para pagar a conta, ainda sem entender nada.

O decorrer do dia, para minha agradável surpresa, se mostrou aceitável. Não havia muito para fazer e o estagiário dava conta, como sempre, de alguns poucos pedidos feitos pela chefia. Prometi recompensá-lo com uma rodada de cervejas assim que terminássemos o maldito projeto. Minha mente estava totalmente voltada a descobrir o significado da pergunta de Andy, assim como seu sumiço e a inexplicável empolgação.

Ele sempre me surpreendia com charadas e enigmas. Na maioria dos casos, eram todas singelas piadas que resultavam em respostas inúteis incapazes de mudar minha perspectiva em relação a qualquer coisa. O que me levava a participar desses jogos era acreditar que através deles eu poderia compreendê-lo melhor.

Andy de fato tinha algo simbólico em sua essência, o que valorizava ainda mais o lado guru desse grande homem. Estava sempre falando sobre a natureza e sobre como sentia que as pessoas estavam se distanciando dela. Tinha inclusive alguns pequenos rituais de meditação que dizia reaproximá-lo do mundo natural.

Quando as pessoas me perguntavam sobre ele, colocava-o junto dos vagabundos iluminados de Jack Kerouac. Um ser dotado de um senso superior de auto entendimento, que observa a realidade de uma maneira mais pura e orgânica, incapaz de ser moldado pelas convenções sociais, pois acredita que a vida é ilimitável.

Sempre ansiou por um sentido superior que jamais foi capaz de encontrar em sua vida tradicional. Parecia que, assim como o Ray Smith de Kerouac, ele precisaria passar por alguma experiência reveladora ou transcendental para finalmente preencher esta lacuna. Vivia numa busca constante por uma paz quase inalcançável, desejada apenas por tipos únicos como ele, capazes de despejar um pouco de sabedoria em tudo que faziam.

Batido finalmente o gongo imaginário do almoço, fui até sua mesa no outro departamento. Atravessei o andar velozmente desviando de bancadas, cadeiras, assistentes e fios de telefone.

Ao alcançar sua bainya, fui pego pelo mesmo sentimento impotente de quando fui traído pela reunião no dia em que a mensagem veio à tona. Uma mesa impecavelmente limpa e vazia caçoava da minha indignação. Impossível pensar que, atrapalhado como ele era, havia organizado todos os seus pertences antes de ir almoçar.

Quando começava a resmungar sobre a atitude de Andy, deparei-me com outro de seus possíveis símbolos. Ao lado do computador desligado, como que deixado lá de forma oculta propositadamente, um cigarro daqueles que Andy mantinha no bolso quando vagávamos pelo fumódromo, sempre a espera de uma moça que nunca vinha. Estava claro para mim que ele confirmava não só o nosso encontro, como também o seu local. O que realmente me intrigou foi o objeto deixado de baixo do cigarro: um pacote vazio de chá verde.

Num primeiro raciocínio, não fui capaz de decifrar seu papel no contexto. Apenas me lembrava de que aquela era sua essência favorita. Irritei-me novamente com Andy ao estar diante de mais um imbróglio sem sentido, do qual me faltava tempo para apurar. Afinal, não era possível precisar quanto tempo antes havia se retirado para o almoço. Era bem provável que terminasse antes de mim, não só pelo fato de ter saído antes, mas porque devorava seus pratos como uma hiena.

Deixei as pistas exatamente na mesma posição e tornei a correr pelos corredores. Assim que deixei o prédio, procurei por qualquer barraca minimamente decente que oferecesse comida ou algo que se parecesse com ela. E lá estava ele na minha frente, como por obra do destino: o “tio do crepe”.

Corri em sua direção com os braços já levantados acenando um dois com a mão direita. Ele era um bom parceiro nas tardes famintas ou nos almoços (algumas vezes jantares) em que o trabalho sugava nosso tempo das refeições. A pedida era sempre a mesma na grande parte dos casos: dois crepes de queijo. Em algumas tardes mais luxuosas, um crepe de queijo era substituído por um de chocolate. Mas a febre climática que assolava a região tornava o crepe de chocolate um provável inimigo. O calor e o chocolate derretido poderiam fermentar um fogo dentro de mim que, fundamentalmente naquele dia, eu não teria tempo de apagar.

Devorei os dois pobres crepes com tanta velocidade que não tiveram tempo nem de dizer alô ao mundo. Depois de dez minutos, tudo estava acabado. Tomei um caldo de cana de mais outro “tio”, que estacionava seu canavial móvel numa esquina também próxima do prédio. Eu habitualmente não gostava de comer com pressa (ou fazer qualquer outra coisa apressado), mas os minutos daquele dia se mostraram valiosos desde o nascer do sol até o inusitado encontro com Andy e suas pistas. Havia algo místico em tudo aquilo, como se cada passo meu estivesse sendo observado para que, no final das contas, tudo me levasse ao derradeiro encontro no fumódromo. E mesmo se não quisesse encontrar significados escondidos em todas estas situações, sabia de qualquer forma que Andy não iria me decepcionar. Afinal, se existia algo em que ele era realmente bom, era justamente em não me decepcionar.

Esperando pelo meu copo de cana, não pude deixar de refletir sobre o significado da embalagem de chá. Novamente, só me vinha à mente a paixão de

Andy pela iguaria. Já perdera inclusive a conta de quantas vezes me contou sobre a importância milenar do chá na purificação do corpo, mente e espírito. Ele dizia que, ao tomar o chá, estamos dando um banho na alma.

Tinha inclusive uma espécie de almanaque detalhando tipos, sabores, aromas, fundamentos terapêuticos e aspectos medicinais. O livro, traduzido de uma edição chinesa ainda mais completa e valiosa, ainda relatava uma série de contos datados desde a época dos Estados Combatentes chineses até o começo do século vinte. Todos eles tinham em comum o fato de retratar o chá como parte importante do cenário cultural da história chinesa, já que a bebida estava envolvida com lendas, batalhas e atos de heroísmo, todos eles pilares para a construção da nação.

Andy me emprestara o livro não fazia muito tempo e já havíamos conversado sobre algumas histórias retratadas nele, inclusive a que mencionava o seu chá favorito. Foi então que consegui recordar alguns trechos do tal conto.

Um bravo general chinês cavalgara por todo o inverno a fim de encontrar um reino perdido, do onde as antigas lendas diziam que se iniciaria o processo de unificação e restauração da paz em todos os estados chineses. Mas o tal reino nunca chegava, e graças às rigorosas condições do tempo, toda sua tropa adoeceu até que restasse apenas ele e mais um soldado para continuar a empreitada.

Os dois já estavam cavalcando sem rumo há meses pela névoa fria quando avistaram um feixe de fumaça por cima de uma densa floresta. Pensavam ter alcançado o reino perdido, mas temiam que algum outro comandante o tivesse encontrado primeiro e agora tratava de conquistar o local incendiando-o junto da floresta. Mesmo contando apenas com um soldado, o general decidiu enfrentar seu destino.

Ao se infiltrarem pela floresta, já praticamente desacordados devido ao cansaço de toda a viagem, notaram que a fumaça na verdade eclodia de uma chaminé solitária no meio das árvores. O general bateu então à porta da cabana atrás de ajuda, pois temia que ele e seu soldado estivessem a delirar por causa da fadiga. Um rapaz de longas orelhas e vestes humildes abriu a porta e os convidou para entrar. Eles tiveram forças apenas para tomar o chá verde oferecido generosamente pelo jovem, e então despencaram de cansaço.

Depois de muito tempo adormecido, o general despertou. Acordou também seu soldado quando notou que não havia mais ninguém na casa. O fogo, no entanto, continuava a queimar no pequeno braseiro, e as poucas lenhas pareciam estar exatamente na mesma posição do dia anterior. Mas como o general e o soldado chegaram ali muito cansados, acharam que sua mente havia lhes pregado mais uma peça. Eles resolveram então deixar a cabana e ir atrás do jovem de orelhas grandes na esperança que ele pudesse ajudá-los a encontrar o reino.

Quando abriram a porta, toda nevoa havia se dissipado e todas as árvores haviam desaparecido, com exceção de apenas uma. O espaço limpo revelou um vasto campo dourado, como se as flores de canola tivessem transformado a antiga floresta densa em um oceano amarelo.

Bem de frente da casa, jazia a grande árvore solitária. Ela continha uma inscrição talhada em seu tronco e, ao aproximá-la, o general enxergou as seguintes palavras: “O maior reino de todos é aquele que encontras dentro do coração”. “O general e o soldado então iniciaram o caminho de volta a sua terra. A missão deles estava cumprida.” eram as exatas palavras finais do conto.

Voltei caminhando, agora mais tranquilamente, rumo ao edifício. Não só exausto pela maratona alimentícia, mas principalmente pela atmosfera depravada que pairava sobre a região. Quente e seca graças às muralhas de concreto que bloqueavam qualquer possível passagem de uma corrente de vento. Os adornos espelhados dos edifícios contribuía para canalizar todo o calor, não havendo nada que a humilde praça pudesse fazer para contê-lo.

Peguei o elevador vazio e sem filas, o que deu mais valor a minha saga anterior. Checava a previsão de tempo no monitor acoplado acima do painel enquanto esperava pelo meu andar. Tempestades bruscas intercaladas por momentos de sol.

Passei pelo corredor desabitado até chegar a minha mesa e me deparar com alguém sentado nela, literalmente. Ao seu lado, algumas cascas descascadas de laranja. Os pés cruzados lançados ao nada, símbolos de uma personalidade naturalmente descompromissada. O sorriso de lado encoberto por pequenos pedaços da fruta. A manga da camisa já amassada e revirada, reflexo das tantas

vezes e modos com que fora dobrada no decorrer do dia. Mastigava uma fatia levemente azeda dada a resposta instantânea de seus músculos faciais. Ele apontou com a cabeça para a porta no fim do corredor e, ainda mastigando, profetizou:

- Vamos?

- Vamos.

- Só vou acabar de descascar isso aqui.

Andy era também muito bom em descascar laranjas.

Capítulo 13

O primeiro despertar

Andy engatilhou um cigarro a mão antes de iniciar suas ponderações:

- Josh, a gente não vive reclamando sempre da nossa... Da nossa paralisia subversiva auto-degradante?

- Poderíamos parar com as charadas por hoje...

- Foi mal ,foi mal... Quero dizer... Não que fiquemos reclamando o tempo todo. Ou sejamos ingratos com o mundo de alguma forma. Mas aquela ponta de indignação. Aquele sentimento de que podemos muito mais. Que nosso lugar não é esse. Que há um mundo inteiro lá fora de possibilidades que nós não conhecemos.

- Sim, essa parte eu entendi. Estou falando dessa paralisia sub...

- Calma, calma. Desculpe os termos. Ando lendo muito Thoreau ultimamente.

- Só pelo nome do sujeito, dá pra perceber sua afeição por termos complicados.

- Que seja, mas me deixe continuar...

- Claro.

- A gente vive se matutando sobre isso ou não? Quanto tempo já passamos aqui nesse fumódromo falando disso?

- Talvez mais tempo do que nossa vã consciência...

- É isso! – Andy sempre me interrompia quando eu esboçava dizer algo mais poético. – Chega Joshua! Chega! Nós já discutimos isso milhões de vezes. Como não nos sentimos bem com a situação que nós mesmos nos impusemos. Ou em como não nos sentimos adequados a tudo isso. Sempre fazemos as ressalvas de não ser contra essa vida. Que apenas não somos capazes de entendê-la. E mais toda aquela baboseira chorona de que é assim que as coisas são. Que não há muitas alternativas palpáveis pra gente da nossa idade. Que no futuro seremos recompensados pelos nossos sacrifícios pessoais de agora. Essas merdas que alguém colocou na nossa cabeça e nós passamos a aceitar! – estava visivelmente agitado e ansioso com seu discurso, de um modo incomum ao tranquilo Andy.

- Entendi Andy, entendi! Nós somos grandes chorões que sabem o que não querem, mas mesmo assim, continuam a caminhar por esses trilhos em uma rota que levará provavelmente a lugar nenhum. É aquela coisa, quanto mais você vai enfiando o pé na areia, mais difícil de t...

- Isso cara! É exatamente isso! – me interrompia novamente em outro devaneio.

- Ok! Mas disso nós já sabíamos. Ou não? – perguntei, ainda sem saber onde ele queria chegar.

- Senti que meu pé já estava muito preso no fundo da areia.

- Mas o que você fez?

- Ué, resolvi tirá-lo. – ele ergueu a perna como se realmente estivesse desenterrando o pé da superfície.

- Como assim, Andy?

- Pedi demissão.

- Quê?!

- Vou pra Austrália daqui algumas semanas.

- Austrália?! Quê?! Não estou entendendo cara.

- Não há o que entender Josh.

- É mais uma das suas charadas? Porque se for...

- Largar tudo cara! Quantas vezes eu não te disse para fazermos isso? Sair dessa bolha! Conhecer outras bolhas. Outras poças. O riacho inteiro! – por mais que Andy continuasse a se explicar, meu raciocínio havia caído na mesma lama imaginária da qual ele acabara de se desvencilhar.

Por eu não ter condições de falar, ele prosseguiu:

- Já está na hora de começarmos a aprender a viver meu amigo! Quem melhor professor do que o mundo? – eu continuava a encará-lo, ainda sem uma reação externa, mas me contorcendo estranhamente por dentro. – Já pensei em tudo Josh! Coloquei meu carro pra vender. Já tenho aquela grana que estava economizando para usar em alguma viagem. De qualquer jeito, ela vai acabar sendo usada para isso mesmo! Tudo esquematizado!

- Demissão?!

- Demissão dessa vida! – ele respondeu tomado por uma energia superior.

- Foi mal a reação cara... Mas você há de entender. Nunca que eu estava esperando por isso.

- Você achou que a “URGÊNCIA DO CARALHO” era o quê?

- Pra ser sincero, achei que você tinha conseguido algumas garotas pra gente...

Meu carente e despretensioso palpite abriu alas para suas gargalhadas. Seu braço direito então deitou sobre os meus ombros, quase como me consolando.

- Pô cara. Mandeí a mensagem porque queria que você fosse comigo na agência de viagens. Sabia que você ia se interessar também. – ele explicou num tom consolador.

- Se eu soubesse... – na minha cabeça, era atacado pelas imagens de todos os relatórios que haviam me prendido durante todo o período que se passara desde a mensagem.

- Depois daquele dia, tudo ficou tão caótico no trabalho que não tive mais tempo de falar contigo.

- Meus relatórios que o digam.

- Eu já estava decidido pra falar a verdade. Fui mais porque não tinha noção nenhuma de como essas coisas funcionam. A agente de viagens me ajudou com alguns detalhes mais burocráticos. De qualquer jeito, não havia muito que planejar também. No fundo, eu já estava decidido há algum tempo. Apenas tive de seguir minha intuição. Claro, tive sorte de já ter aquela grana guardada. Lembra que eu comentei sobre ela?

- Lembro sim. Acho que foi na praia.

- Era só uma questão de admitir a derrota aqui e encarar o próximo desafio. Já estava cansado de ficar sentado, olhando tudo passar. Sei que você pensa mais ou menos do mesmo jeito. Mas enfim, é isso meu amigo. Isso que eu tinha pra te dizer.

- Mas quando você pediu demissão?

- No dia seguinte que te mandei a mensagem. Logo que cheguei no escritório, já fui falar com meu chefe.

- Mas e esses dias que você passou viajando a trabalho? Se já havia pedido demissão antes, por que foi viajar?

- Quando contei que queria sair, combinei com meu chefe de não deixar a empresa antes de preparar alguém pra me substituir. Foi um acordo justo já que tudo foi decidido meio de última hora. Acabei indo pro Rio treinar a garota que vai ficar no meu lugar. Gente boa. Você vai gostar dela. Na verdade, ainda não sabem se ela vai ficar aqui ou no escritório de lá. Mas meu chefe falou: podemos trazer ela até aqui e você treinar ela no nosso escritório ou você pode ir até lá e treiná-la. Qual das opções você acha que eu escolhi? – ele questionou abrindo os braços, como se imitasse a postura do Cristo.

- Só espero que tenha me trazido alguma lembrança do Rio, seu canalha!

- Não parei um minuto sequer lá. – Andy respondeu ainda rindo. – Além do treinamento é claro, eu ainda tinha que correr atrás das coisas da viagem. Aproveitei meu tempo livre também pra conhecer as praias de lá. Nunca tinha ido pro Rio, você sabe.

- Acho que você já havia comentado uma vez.

- Por isso sumi esse tempo todo. Não tive tempo nem de falar com a minha mãe direito.

- Fica tranquilo, Andy.

- De qualquer jeito, foi mal não ter te avisado antes.

- Você avisou. E se não fosse o trabalho, eu teria ido junto de você. – eu estava realmente contente por ele. No entanto, eu não era capaz de extrapolar este sentimento à minha expressão. Uma minúscula voz dentro de mim lembrava-me de como eu continuava preso. Talvez por imaginar que tomaríamos rumos parecidos, a notícia me pegou de surpresa e o choque provocado por ela estava nítido no meu semblante.

- Imaginei que você estivesse em uma reunião. Aposto que foi outra daquelas de caráter indiscutivelmente inútil. – ele disse em tom de brincadeira, nitidamente tentando me animar.

- Como sempre... – concordei, munido de um sorriso de lado.

- Talvez por algum motivo que não saibamos, as coisas eram pra ser assim. Pense desse jeito.

- Vou pensar.

- As coisas vão acontecer pra você também. Sua hora também vai chegar, tenho certeza.

- Pra todos nós, meu amigo. Assim eu espero.

- Pode ficar sossegado. – ele falou, munido de uma certeza serena, suficiente para me consolar.

Houve uma breve pausa. Ficamos admirando o tumulto controlado da rua. E rapidamente tudo voltou a fazer sentido. Foi só então que fui capaz de reconhecer o tamanho do seu feito:

- Mas de verdade, que notícia boa cara! Você merece isso! Mas conta mais! Vai quando? Fazer o quê? Ficar aonde? Desembucha!

- Bom, vamos com calma... – ele refletiu por um tempo erguendo os olhos, como de costume. – Vou ficar em Sidney. Inclusive, já comprei a passagem aérea. Está marcada para o di... – interrompeu-se por um cutucar carinhoso nas costas.

Ambos olhamos instintivamente para trás e lá estava Clarissa. Ana surgiu logo depois, igualmente doce como da última vez. Talvez um pouco mais doce pelo singelo bronzeado de verão que deixara sua pele clara um pouco mais rosada.

Bem provável que não se lembrassem de mim, mas a saudação íntima entre Clarissa e Andy desmentia a mesma tese no caso deles.

Eu não me recordava de Clarissa com olhos tão grandes e verdes. Por outro lado, Uma imagem idealizada de Ana surgiu preponderante na minha cabeça, como se acordasse de um sono profundo. Para o meu alívio, ela era exatamente igual à mulher que agora se aproximava de mim.

- Oi meninas! Como estão? – ambas responderam que “bem”. – Se lembram do Joshua? – Andy teve o mesmo raciocínio que eu e achou válido nos introduzir novamente.

- Oi pervertido. – Ana deixou escapar em minha direção, contrariando minhas expectativas anteriores. Não que ela já não tivesse me ganho da outra vez, mas esta resposta foi sua consagração. Não tive outra reação, se não rir junto dela.

- Mas do que você estava falando tão entusiasmado, Andy? Deu pra ouvir sua voz do outro lado da rua. – Clarissa falou.

- Por isso vocês vieram até aqui? – Andy já retrucou soltando uma das risadas que comumente o denunciavam a um quarteirão de distância.

- Na verdade, tem muita gente que fala alto por aqui. Deve ser por causa do barulho de tantos carros e ônibus. Mas a sua risada te entrega. Não há como confundi-la. – Ana completou, imitando também os gestos incessantes que Andy se utilizava ao falar.

- É Andy, Ana tem toda razão. Sua risada te condena. – concordei, já notando seu alívio ao reparar que eu me lembrava do seu nome. Esquecê-lo seria o mesmo que cometer suicídio. Andy então nos brindou com outro riso gordo e tornou a falar:

- Estava contando pro Josh da minha festa de despedida. Comentei com a Clarissa uns dias atrás, lembra? – ela assentiu com a cabeça. – Estávamos programando alguns detalhes e provavelmente me empolguei demais com o lance todo.

- Então está certo que você vai, né? – Clarissa falou em tom pesaroso. Não só o timbre lânguido da sua voz chamou a atenção, como o abalo nítido em sua expressão, transformando rapidamente sua até então atitude positiva. A notícia parecia ter afetado mais a ela do que a mim minutos antes. E eu não tinha ideia de onde vinha todo aquele sentimento repentinamente excessivo.

- Graças ao bom Deus! – Andy respondeu, sem ser capaz de notar a força de suas palavras. Talvez, ele estivesse tão desavisado como eu sobre o suposto relacionamento.

- Que bom... – Clarissa ofegou.

O que se seguiu foi um silêncio melancólico e desconfortante, quebrado em seguida por Ana numa provável tentativa de amparar a amiga:

- Bom, nos avisem quando souberem de tudo. Agora, temos que voltar. Se cuidem, meninos.

Dessa vez não houve troca de olhares, nem alguma outra ação semelhante. As duas partiram rapidamente em direção ao semáforo, confirmando que a chamada de Ana fora uma saída para resguardar a amiga. Talvez Andy não tivesse reparado nos olhos lacrimejados de Clarissa para ter lhe respondido com tanto convencimento. Eu já conseguia imaginar o que havia se passado entre os dois, mas mesmo assim, achei melhor perguntar:

- E aí? Não vai falar o que está rolando?

- É esse calor cara. Comi muito no almoço. Desculpa ter soltado bem aqui. Poderia ter segurado até a hora que estivéssemos voltando. Naquele corredor lá de cima bate uma brisa legal que ajudaria a espalhar o cheiro.

- Não seu maluco! Que papo é esse com as duas?

- Qual papo?

- Pô, você não reparou na cara da Clarissa quando você deu “graças a Deus” que ia viajar?

- Não, por quê? O que ela fez? – ele realmente não havia feito aquilo por mal, assim como a bomba que deixara escapar há pouco.

- Bom, eu que não sei o que está rolando entre vocês, não tenho muita propriedade pra falar. Mas ela me pareceu bem chateada.

- Nada de mais está acontecendo.

- Mesmo assim, ela parecia abalada com a notícia.

- Não tinha reparado. Será que pegou muito mal mesmo?

- Já falei. Depende do que está acontecendo entre vocês. Mas como você falou que não é nada de...

- Bom, na verdade, não sei explicar direito. Pois bem, você se lembra de quando conhecemos as garotas aqui, correto? – acenei positivamente com a cabeça. – Então, lembra também que nós tínhamos combinados de marcar alguma coisa, mas aí tínhamos a viagem pra praia e então achamos melhor marcar pra outra semana?

- Lembro sim.

- Quando a semana chegou, elas mandaram uma mensagem me lembrando do combinado. Tentei falar com você, mas...

- Na semana depois da praia, acabei indo viajar para o sítio dos meus avós. Já sei o que aconteceu. Você não conseguiu falar comigo porque lá não chega o sinal de celular.

- Ia te falar isso. Seu número só caía na caixa postal.

- Lá é assim... Só usando o telefone fixo mesmo.

- Eu não tinha esse número.

- Mas pelo jeito vocês acabaram saindo, certo?

- Certo. Fomos num bar ali perto de casa e acabei ficando com a Clarissa.

- Mas essa tristeza toda dela tudo por causa de um cara que ela ficou uma vez num bar? Sem querer menosprezar você, é claro.

- A verdade é que continuamos saindo depois daquela noite.

- Ahhh... Agora o jogo começou a mudar. – falei, como se fosse um detetive encontrando pistas para solucionar um caso.

- Nos últimos dias principalmente, tenho a visto bastante. Você sabe como eu sou. – se referia a sua capacidade de se grudar a qualquer mulher. – E sabe melhor ainda que a Clarissa é um pêssego que corrompe até os cadarços do meu sapato. – nesse momento, Andy estremeceu como um sino ao falar.

- Sei de tudo isso sim. Principalmente do seu tesão excessivo por loiras.

- Não que eu não me importe com ela. Mas queria deixar as coisas acontecerem com calma. Agora com a viagem então fica muito mais complicado de se comprometer com esse tipo de coisa.

- Nisso você tem razão. – continuei com minha postura investigativa.

- Ela por outro lado foi ficando mais amarrada à situação. Pra falar a verdade, eu não achei que estivesse tanto assim. Mas pelo jeito que você descreveu a reação, não tem como pensar de outra maneira.

- Então ela está te curtindo e você, sendo você, está de boa com o mundo?! – ele riu e consentiu com uma expressão facial de certo desinteresse pelo caso.

Como eu o conhecia muito bem para saber que em nenhum momento deixara de ser sincero (tanto em palavras, como em sentimentos) com a garota, também me passei por desinteressado. E então fui ao que realmente me apertava (corrompia) o sapato:

- Mas e a Ana? Sabe o que sobre ela? – agora eu acatava o tom de vítima do mistério a ser solucionado.

- Pô broder, que mulher! – suspirou, frangindo boca e olhos.

- Jura?

- Algumas das vezes que saí com Clarissa, ela foi junto com outros amigos. Não sei te explicar, mas ela tem aquele tipo misterioso. Que você fica louco pra imaginar o que se passa na cabeça dela.

- Mas isso não dificulta uma aproximação? – induzi friamente. Como se eu também não quisesse me aventurar por aqueles pensamentos...

- Não, não! Faz parte do conjunto dela!

- O que você quer dizer com isso?

- Quero dizer que não é uma atitude isolada que ela possa fazer propositalmente.

- Estou te ouvindo...

- Ela é diferente de outras mulheres que eu já tenha conhecido, Josh. Com certeza é... Não sei explicar... Parece que a Ana tem total noção de tudo aquilo que fala. Sabe das coisas. Tem um lado intelectual bem marcante. Já troquei muitas ideias com ela daquelas que troco com você.

- Bom, eu só conversei com ela uma vez. E foi um assunto bem banal. Mas deu pra perceber que ela é bem segura mesmo.

- E como é! – ele refletiu a confiança de Ana em sua expressão.

- Mas acho que eu me interessaria mais se ela fosse também um pouco menos fria.

- Meu caro Josh! O almanaque das ervas aromáticas transportadas em pequenos sachês puxados por cordinhas não te ensinou nada?

- Estava demorando pra você aparecer com outra xarada...

- Quando estão dentro dos saquinhos, todos os chás cheiram igual capim. Só se aprecia o verdadeiro sabor quando os colocamos em contato com água fervendo. Você precisa fervê-la, provocá-la. Fazê-la entrar em uma ebulição interior. Dois minutos de água quente não bastam, como dois minutos de conversa não são suficientes com ela!

- Bom. Se você tá falando, o que seria eu para...

- E te digo mais! A Clarissa é linda. Gosto muito do jeito carinhoso dela que consegue me acalmar de uma forma que eu não sei te explicar direito. Quase como o surf. Quase por muito. Mas ainda assim quase. – não me lembrava de alguma vez tê-lo ouvido comparar algo ou alguém ao êxtase do surf. – Mas a Ana tem alguma coisa indecifrável nela. Como te disse antes, não sei te explicar. Talvez seja a facilidade com a qual você senta pra conversar com ela sobre qualquer coisa. De qualquer forma, você vai ter que ver por você. Ou melhor, experimentar por você.

- E aí que entra sua despedida, que por sinal, você ainda não falou nada.

- Estou indo viajar logo menos. Tem que ter uma despedida com classe, não tem?

- Com certeza meu amigo! Você merece a maior despedida de todas. Já perdi as contas de quantos anos você passou nessa prisão.

- Não veja como uma prisão. Por que não um reformatório? Ou ainda uma escola que, para passar de ano, não basta apenas ter excelência em geografia ou história, mas sim aprender o básico de cada matéria para buscar um maior sucesso no final. Eu já cansei de estudar matemática em São Paulo. Quero agora estudar filosofia na Austrália!

- Tenho que concordar que é uma ótima metáfora.

- A grande moral aqui é que aprendemos que há razão de ser para tudo. Até a laranja quando cai da laranjeira, cai por algum motivo maior que nossa compreensão.

- Espera... Não entendi. Nós somos a laranjeira? Ou a laranja? Ou o vento que derruba ela?

- Só falei da laranja porque ainda estou com o gosto da última que eu comi na boca. Mas posso te afirmar com toda certeza que nós somos aquele bichinho que vive dentro dela.

Eu cocei a cabeça em resposta.

- Josh, meu amigo. A pressão da família para que fossemos a boas universidades, a paranoia da sociedade que nos induziu a procurar empregos seguros e tradicionais, o contato com pessoas vazias e materialistas, o próprio ritmo artificial de São Paulo. Enfim, essa casca. Se não tivéssemos vivido em pele e alma todos estes fatores, talvez não fossemos capaz de reagir com tanta convicção diante deles. Alguma razão maior nos trouxe exatamente a este ponto. E o primeiro passo, você sabe qual é.

Como se tivesse lançado algum feitiço em mim com suas palavras, o restante da frase se iluminou com clareza na minha mente:

- O primeiro passo é se livrar do que não te faz bem.

- Exatamente! Enigma resolvido! – ele gritou.

- Antes tarde do que nunca. – falei, admirado com minha crescente capacidade de entender aquele ser.

- Tome. Quero que fique com isto. Já me foi de grande ajuda e acho que vai ser útil para você também. – Tirou um pedaço de papel do bolso. Estava mais amassado do que propriamente dobrado. No topo da folha, o nome de Thoreau em letras maiúsculas, seguido das seguintes palavras:

Talvez me parecesse que eu tinha várias outras vidas a viver, e não podia dedicar mais tempo àquela. É notável a facilidade e a insensibilidade com que caímos numa determinada rotina, e construímos uma trilha batida para nós mesmos (...). A superfície da terra é macia e se deixa imprimir pelos pés dos homens; o mesmo ocorre com os caminhos por onde viajar a

mente. Como, então, devem ser gastas e empoeiradas as estradas do mundo, como são fundos os sulcos da tradição e da conformidade! Eu não quis pegar uma cabine de primeira classe sob o tombadilho, mas viajar de segunda, na frente do mastro e no convés do mundo, pois dali podia enxergar melhor o luar entre as montanhas. Não pretendo descer agora.

Aprendi com minha experiência pelo menos isto: se o homem segue confiante rumo a seus sonhos e se empenha em viver a vida que imaginou, ele terá um sucesso inesperado em momentos comuns. Deixará algumas coisas para trás, cruzará uma fronteira invisível; novas leis universais e mais liberais começarão a se estabelecer por si só ao redor e dentro dele; ou as velhas leis se ampliarão e serão interpretadas em seu favor num sentido mais liberal, e ele viverá com a licença de uma ordem superior de seres. À medida que ele simplifica sua vida, as leis do universo se mostrarão menos complexas, e a solidão não será solidão, nem a pobreza pobreza, nem a franqueza franqueza. Se você tiver construído castelos no ar, não será trabalho perdido; é ali mesmo que eles devem estar. Agora ponha-lhes os alicerces.

Capítulo 14

Reflexões de um maquinista

Existe em todos nós uma geração de felicidade, completamente diferente das outras já experimentadas, quando sentimos prazer real decorrente da alegria de alguém por quem temos apreço. Sem nada a me preocupar, percebi estar confessamente aliviado pela decisão de Andy.

Eu não podia imaginar outro destino para ele que não fosse vagar pelo mundo. Sempre inspirando e se deixando inspirar. Caçador de todas as espécies de beleza que a vida tem a nos oferecer. Atrás de ondas ao redor do globo, oficializando seu matrimônio com a natureza. E sempre dividindo, ensinando e prosperando, mentor de sua própria tribo, na qual eu certamente estava entre os seguidores mais perenes.

Naquele dia, deixei o prédio com o céu já escuro e a noite vingada. Refiz o caminho até a estação cautelosamente, ainda tomado pelo efeito apaziguador da libertação do meu amigo. Ele agora se misturava à gentil admiração do raiar do dia, quando a cidade fora brindada com uma sucessão cintilante de feixes dourados.

Aproveitei a inédita sensação para reparar em todos os detalhes que a mente nunca me instruíra a observar, mas que agora se faziam despertos e viventes naquele estado de super consciência.

Havia em mim um algo de liberdade, como se tivesse sido eu a tomar a grande decisão. Um otimismo avassalador ligava-me a uma sensação oceânica, como a gota caída no mar que começa instantaneamente a fazer parte do todo. Aliviado com o ar mais puro e suave da brisa noturna, contrapondo a atmosfera esfumaçada e carregada da manhã, sentia-me solidário ao sentimento do mundo.

As ruas pareciam ter sido fechadas para uma passeata em comemoração a uma vida nova, dada a ausência total de movimento nelas. As pessoas deviam estar em suas casas jantando com suas famílias, celebrando a liberdade do garoto Andy. Afinal, era inspiração para todos nós seu maestrino ato heroico.

Apenas por costume de sempre querer controlar o tempo, esbocei uma involuntária espreitada no relógio. Lembrei-me de que estava adiantado como sempre e então resolvi acertá-lo. Pela primeira vez em sua vida cronometrada, tinha a oportunidade de marcar o tempo certo. Um esboço do que eu sentia naquele instante, como se o ponteiro do mundo passasse exatamente sobre a minha cabeça.

Assim como nas ruas, o íntimo da estação se enriquecia de uma harmonia justificada pelos meus pensamentos. Havia sim certa melancolia, mas ela agora se tornava necessária e digna, como se a guerra diária daquelas pessoas alcançasse enfim seu término.

Postei-me em uma das marcações obrigatórias da passarela, provavelmente pertencente ao segundo ou terceiro vagão. Eram isoladas por barras metálicas que agiam com grosseria a quem aguardava pacientemente pelo próximo metrô, remetendo o ambiente a algum tipo de prisão.

Apoiado em um das barras, avistei um casal juvenil encostado sobre a parede na minha frente. Enquanto não estavam se beijando, jogavam conversa fora. Eles não precisavam de um horizonte orgânico ou um pôr-do-sol purpúreo para celebrar o amor. A frieza intrínseca aos ladrilhos do muro era suficiente para algemá-los eternamente.

O menino usava apenas um dos fones de ouvido enquanto sua parceira vestia os dois. Ele então tirou um livro da mochila rasgada e abriu em uma página que parecia ter sido previamente escolhida. Da minha distância, não consegui ver com precisão o que ela retratava, pois eu teimava em contrariar as ordens do meu oftalmologista. Só fui capaz de notar alguns símbolos e marcações sem sentido, todos feitos à mão. Eles não só tinham um local exclusivo para se adorarem, como também uma linguagem própria.

A garota começou a rir como se tivesse criptografado a mensagem, conforme escrevia algo se utilizando dos mesmos símbolos indecifráveis. Seu companheiro então fechou o livro e o recolocou no mesmo compartimento. Seus olhos não deixaram de observá-la conforme ele apalpava outro bolso menor da mochila. Ele não queria perdê-la de vista por nenhum instante. Talvez temesse que a garota

pudesse se desatar das algemas e acordar para uma realidade estéril, obrigando-o a despertar também. Demorou a encontrar o fone que não estava usando, mas assim feito, o pôs finalmente de volta na orelha direita.

A garota tirou um doce do bolso, que eu estava certo de ser uma bala, mas senti-me traído novamente pelos sentidos quando ela assoprou uma pequena bola de chiclete pela boca. Assim que o balão explodiu, voltaram a se beijar.

Influenciado pela simbiose do casal, retirei do bolso o telefone celular. Simplesmente sentia vontade de transmitir a alguém aquela energia nova e provocante. As pessoas, quando em estado simbólico de paz, têm a capacidade de transmitir tal energia para outros seres, canalizando ou dissipando esta força em pequenas ondas para tudo que as envolve. Não há forma física ou conceitual de descrever o processo. É apenas aquele sentido extra que flui pela mente ou corpo ao conversar com alguém e pensar: “essa pessoa possui uma energia boa”. Eu necessariamente queria dividir minha energia boa. É uma ação que supera aparências ou até mesmo interesses, indo além da compreensão de quem vive apenas um dia após o outro e não acredita na casualidade que nos envolve. É o resultado do efeito borboleta que pode mudar sua vida para sempre, tal como a atitude isolada de Andy havia recém transformado a minha.

Tonei a erguer a visão buscando alguma inspiração. As pessoas desciam as escadas e olhavam de um lado ao outro da passarela antes de se deslocarem, indicando estarem atrás das áreas mais vazias. A situação não me chocou, afinal se tratava da ação da força do hábito de quem enfrenta fatidicamente as manhãs e tardes desordenadas daquele mesmo local. Atingiu-me mesmo as expressões de cansaço que carregavam. Não se tratava de algo físico, mas um sentimento muito mais profundo, como se fossem vítimas de algum castigo do qual não tinham como se livrar.

Algumas delas estampavam uma espécie de sentimento obscuro que rondava entre o repúdio e o medo. Suplicavam com seus olhares fechados para não serem incomodadas à medida que se direcionavam para as entradas metálicas mais longínquas da passarela. Simbolizando negativamente o mesmo efeito da energia descrita anteriormente, estes indivíduos abatidos eram deixados solitários em suas pequenas bolhas de desesperança.

Como por um choque inconsciente de providência, tornei minha atenção ao celular. Encontrei por acaso a fatídica mensagem de Andy conforme eu deslizava pelos atalhos do aparelho, me dando conta de que aquele amontoado organizado de letras havia sido o início de tudo. Teclei na opção para abri-la e ela revelou que ainda guardava todo seu poder quando as letras maiúsculas saltaram à tela. Que ideia genial a de destacá-la desta forma. De outro jeito, não causaria o mesmo impacto. Andy havia deixado claro com apenas duas palavras em destaque de que se tratava de uma situação de vida ou morte. Talvez a salvação da morte ou ainda a consagração da vida, expressões que para muitos possuem o mesmo significado, como se a vida nada mais fosse que uma preparação para o nosso destino final.

A linha entre vida e morte sempre foi tênue na minha cabeça. Não quero soar depressivo ou parecer que tendo a emanar uma veia suicida. Tudo é muito pelo caminho contrário a esse. A morte nada mais é do que uma passagem. Mais um caminho, de tantos escolhidos em vida. Morre apenas o corpo. A alma fica. O espírito se eleva por não mais precisar de um objeto de carne para emanar suas emoções. Este deve ser o auge da experiência humana. Transcendência humana. Elevação e evolução que depende só de você para acontecer, pois o mundo material já é um local distante.

Sempre imaginei um local onde se tem acesso a todo conhecimento e sabedoria do universo, no qual estaríamos subordinados a leis muito maiores e belas. Leis que não somos capazes de valorizar ainda em vida, embora saibamos que elas sempre estiveram agindo sobre nós.

Este seria o prêmio maior após uma vida feliz. Você deve passar horas a fio revendo vídeos da sua vida num grande projetor. Repassa a história do mundo dias e dias até finalmente entender o seu porque naquele gigantesco sistema. Reencontra-se com entes queridos que não irão mais partir, a menos que seja para outra jornada. Por que as pessoas temeriam passar por tudo isso?

Por outro lado, nunca podemos perder em mente de que a vida é a maior dádiva que qualquer ser divino poderia nos dar. Ela é si já é um milagre se você analisar todos os eventos cósmicos necessários para o ser humano se transformar no que ele é hoje. Portanto, há de se concordar com aqueles que dizem que o único

pecado passível de ser cometido pelo homem é o de desperdiçar uma vida ou, utilizando um termo mais filosófico, ter uma vida desperdiçada.

Não há sentido em refletir sobre um paraíso ou mundo superior depois da morte se não tratarmos com a mesma contemplação nossa existência. Se não acreditarmos que somos parte de um Algo muito maior. O ser do ser humano só pode ser idealizado em vida, pois é nela que temos a oportunidade de nos ligar e refletir sobre tudo que o intelecto é capaz de produzir.

Como querendo me acordar de um estado de transe superior, urgiu da escuridão do túnel o estrondo galopante dos trilhos sendo cruzados. Dos confins de um breu desbotado, surgiram os primeiros raios de luz e a máquina finalmente se mostrou engolindo o caminho a sua frente.

Dentro da cabine do maquinista, um homem sorridente de meia idade acenou para uma menina em resposta aos seus pulos de alegria na passarela, provando mais uma vez que o amor pode sobreviver mesmo de baixo da terra.

Os vagões quase totalmente esvaziados não carregavam mais aquela aura pesada comum do fim de tarde. Os faróis sorriam agradecendo a paciência dos passageiros. Não demorou aos freios proferirem um grito final, exigindo que todo o corpo de metal parasse.

As pessoas sentaram-se distantes uma das outras numa espécie de convenção social justamente aceita para os transportes públicos. Elas só querem fazer valer sua privacidade com conforto e um silêncio relativo, visto que o som do próprio metrô é parte natural daquele ambiente equilibrado. Eu tomei meu lugar perto da porta com o celular ainda empunhado, certo de que encontraria meu chamado.

Depois de passar mais alguns minutos vagando por mensagens antigas, comecei a deslizar os nomes da agenda telefônica na certeza de que ela me traria a resposta correta. O nome de Pedro se iluminou quando o metrô atingiu a estação Liberdade.

Havia um tempo que não nos falávamos e, de certa forma, ele não seria a pessoa mais indicada para conversar sobre a proeza de Andy, dada sua manifesta

opinião contrária. Imaginei que nossa conversa escorregaria para assuntos banais do cotidiano, como os infortúnios de mais um dia exaustivo de trabalho ou as glórias de uma possível promoção. Eu temia que tais trivialidades corrompessem meu êxtase de contemplação com o mundo.

Fiquei sem escolha quando o tranco repentino de partida fez uma força extra sobre o meu dedo que culminou em uma ligação acidental. Antes que eu tivesse tempo de desfazer o destino, uma voz feminina soou do outro lado da linha, obrigando-me a servi-la:

- Alô? – após a voz ressoar, continuei em silêncio.

- Alô? Alô? Alô! – a voz repetiu cada vez com mais força.

- Alô... É... Posso falar com o Pedro?

- O Pedro não está. Ainda não chegou do trabalho. – foi então que reconheci a sutileza da fala e percebi que o celular havia ligado para a casa de Pedro.

- Lua?

- Sou eu. Quem tá falando?

- O Joshua.

- Josh! Quanto tempo! Nem reconheci sua voz.

- Pois é. Já faz um tempo mesmo.

- Você também nunca foi de ligar aqui em casa. Mas aposto que ligou hoje pra dar parabéns pra minha mãe. Acertei?

- É... Bem, foi isso mesmo Lua. Liguei exatamente pra isso. Só precisava falar com o Pedro antes. – eu de fato havia me esquecido do aniversário, só não queria dividir a culpa com Lua.

- Então, ele deve estar pra chegar. Comentei com ele esses dias que fazia tempo que vocês não se viam.

- Eu sei, eu sei. Estou um pouco sumido mesmo, admito. O trabalho está muito puxado ultimamente. Você sabe como é. – foi a desculpa usual que veio à cabeça, embora eu tenha me arrependido de usá-la após ouvir a resposta de Lua.

- Sei sim. Igual o meu irmão...

- O Paulo continua trabalhando muito?

- Estava falando do Pedro, na verdade... – sua resposta foi acompanhada de um silêncio tão profundo que foi capaz até de intimidar a marcha do metrô.

- Bom... Não tem problema. Eu tento falar com ele mais tarde.

- Por que você não faz assim? Vai vir um pessoal mais chegado aqui em casa pra comemorar o aniversário. Tenho certeza que meus pais não vão ligar se você vier também. Sei que minha mãe vai ficar feliz. Faz tanto tempo que não te vê! Ai você já aproveita pra falar com o meu irmão. Que tal?

Não me sentia motivado o suficiente para uma reunião familiar. Embora eu provavelmente conhecesse todos dali desde criança, reuniões assim implicavam em falar de trabalho, vida social e família. Coisas que eu não era bom em debater ou compartilhar, principalmente naqueles últimos dias. Tentei então driblar o convite de alguma forma que não parecesse indelicada da minha parte:

- Ahn... Hoje? Mas que horas? Mas é que ainda estou saindo do trabalho. Talvez eu não chegue a...

- Ótimo! O Pedro também acabou de sair. Ligou avisando.

- Mas ele está de carro. E o escritório dele fica muito perto daí.

- Não tem problema. Ele ainda vai passar no mercado pra comprar algumas coisas que a minha mãe pediu. Vão chegar ao mesmo tempo aqui!

Faltou-me coragem para continuar a evitar a situação e então acabei cedendo:

- Ah, ok. Sem problemas. Então até mais tarde.

Talvez aquela fosse a oportunidade pra reavivar uma amizade um pouco esquecida e desmascarada pela vida adulta. No fundo, eu sabia, embora não quisesse admitir, que havia me mantido afastado de Pedro propositalmente. Não havia como esconder a angústia por notar que não possuíamos mais a mesma ligação de antes.

Havia uma grande chance de que ele criasse algumas piadas das minhas babaquices poéticas e terminaríamos a noite falando dos seus últimos encontros. De qualquer forma, estava feliz em reencontrá-lo, pois cheguei à conclusão que era ele com quem eu gostava de ter essas conversas banais, cotidianas e simplesmente humanas.

Pedro parecia liberar algum dispositivo em mim. Através dele, eu era capaz de ver o mundo exatamente como ele é. Dinâmico, cru, objetivo e dissimulado. Ao seu lado, sentia-me mais resistente, como se minha inocência se detivesse diante de sua presença.

Era um tratante com caráter. Fortificava um estado de anarquia moral, passivo de estudo sociológico. E tinha uma energia de mil estrelas explodindo, atirando fogo pra todos os lados de uma sociedade que para ele não passava de um jogo aceitável entre hipócritas. Ele entraria naquele metrô vazio e ficaria de pé, sustentado apenas pelo peso da sua própria sem-vergonhisse social.

Capítulo 15

Meninos e lobos

Passei em casa apenas para um banho rápido. Como de lei, troquei as calças por uma bermuda muito mais confortável. A noite reluzia quente e seca e as pessoas não rua andavam com seus pares de tênis esportivos.

Talvez minha maior indignação funcional com o jeito moderno e padronizado de se trabalhar ou se portar fosse o preconceito com as bermudas. A pessoa será boa trabalhadora, nobre convidada ou desfrutará de elegância do mesmo jeito, seja usando calça, seja usando bermuda, seja nu. Não vou entrar nem no mérito dos chinelos e sandálias e, muito menos, dos pés descalços que talvez não se adequem às cidades grandes por estas estarem cobertas de sujeira. Mas vá dizer a um menino criado na catinga que seus pés nus e cascudos são menos dignos que os nossos sensíveis e hidratados calcanhares cosmopolitas.

Não é porque as calças nos protegem dos invernos tenebrosos que devemos adotá-las como única vestimenta socialmente aceita para nossa anatomia inferior. Deve existir algum estudo bizarramente óbvio indicando que advogados (viciados nos ternos e gravatas) são menos produtivos no verão.

Assim, uma calça e uma camisa mais leve, segui a pé em direção à casa de Pedro, distante apenas alguns quarteirões da minha.

Adentrei uma padaria perto da metade do caminho para comprar uma garrafa de vinho. Embora a mãe de Pedro não bebesse, foi a única alternativa possível àquela hora que mais se aproximava de um presente. Representaria uma oferenda a toda família como um gesto polido de generosidade.

Realizei a escolha seguindo o conselho de uma mulher que estava ali para comprar uma broa de coco. Nunca fui entendedor de vinhos e muito menos tinha interesse em tornar-me um. Para se entender de algo bebível, creio que antes é preciso apreciar este algo. E do vinho, só era capaz de compreender sua capacidade bélica de estimular pontadas na minha cabeça, como se fosse um verdadeiro general da enxaqueca. Talvez o pai de Pedro dispusesse de conhecimento suficiente para notar que aquele não passava de um vinho de

padaria, embora tivesse sido comprado com a melhor das intenções. De qualquer forma, nessas festas, era normalmente o uísque seu melhor companheiro. Ganhei de troco algumas balas, pois não se fabricam mais moedas no século vinte e um.

Ao sair e seguir em direção à calçada, fui abordado por um velho aparentemente cansado. Perguntou se eu poderia lhe dar um gole do vinho que eu colocava naquele momento dentro de um embrulho de papel de pão. Quando respondi que a garrafa se tratava de um presente a um amigo, ele pediu desculpas e se afastou. Antes que partisse, ofereci as balas do troco e ele as aceitou, agradecendo logo em seguida com sua voz jovem e cativante. Não devia ser tão velho quanto sua fisionomia cadavérica gritava.

Cavei a mão no bolso da bermuda e puxei uma nota de dois, ainda impressionado pela jovialidade da sua voz. Ele novamente se mostrou simpático, agradeceu e seguiu na direção oposta a qual eu apontava caminhada. Não há como negar um gole de vida a um homem ausente dela, pensei. Olhei pra trás e fiquei feliz pelo “velho” que agora acendia um cigarro junto a um casal do outro lado da rua.

Andei por mais dois quarteirões até chegar ao meu destino. Lua me atendeu à porta após a campainha tocar por duas vezes. Estava mais gostosa do que me lembrava. Olhou para a garrafa de vinho, para a bermuda e o que se seguiu foi um sorriso seguido de um forte abraço.

Fechei a porta da casa enquanto ela caminhava a minha frente. Fez um sinal para segui-la e caminhamos direto pelo corredor que leva até a cozinha. Passamos rapidamente pelo batente que guia até a sala, onde estavam todos. Consegui rapidamente avistar Pedro sentado num dos sofás bebendo uma cerveja. Ele ainda trajava as roupas do trabalho.

Na cozinha, um grupo de mulheres conversava enquanto sua mãe retirava uma assadeira do forno. Lua colocou uma mão no ombro dela, fazendo-a automaticamente se virar. Assim que me notou, colocou a assadeira em cima do mármore da pia e limpou as mãos no mesmo pano que a ajudara em sua tarefa anterior. Ganhei um abraço apertado e carinhoso, além de alguns elogios suspeitos sobre o meu visual. Na sequência, algumas perguntas rotineiras de alguém que

realmente parecia se importar comigo. Se o tratamento não era melhor, poderia dizer que era igual ao dado aos seus próprios filhos. Carinho este já mais reluzente outrora. Seus olhos pardos já não emanavam a mesma exuberância de outros tempos, talvez pelo calor exalado do forno ou ainda pelo clima árido dentro de casa.

Fui apresentado a algumas amigas e primas que também estavam na cozinha ajudando com o cardápio da noite. Eu fingia lembrar-me delas, embora não fosse necessário. Entreguei o presente de aniversário, ganhando em troca mais um abraço. “Já ouvi falar que este é muito bom”, ela dizia ao empunhar o vinho às convidadas da mesma forma que fazem os garçons nos restaurantes da zona sul. Eles na certa não estão servindo vinhos de padaria.

Saí pela porta que dá direto na sala de estar, cumprimentando todos pelo caminho. Lua ficou na cozinha para repor algumas bebidas na geladeira. Pedro ainda estava no sofá ao lado de um desconhecido, dando a impressão de ter ficado um tanto quanto surpreso com a minha presença.

Na mesa de jantar, mais pratos do que pessoas para comer e mais comida do que bocas para alimentar. Havia também alguns castiçais sobre a mesa sustentando pequenas velas arredondadas, embora todas as luzes do ambiente estivessem acesas. As mulheres, assim como as da cozinha, usavam sapatos que pareciam apertar seus pés, dada a dificuldade com que andavam pela sala.

A maior parte dos homens estava perto do bar, cercados por pequenas vidraças de pães e patês. As bebidas não alcoólicas estavam em cima de uma estante vidrada ao lado da grande mesa. Além dos refrigerantes tradicionais, três garrafas diferentes de água e mais uma jarra ainda cheia também com água.

O televisor permanecia ligado, embora não emitisse nenhum som. Havia também uma música ambiente vindo de uma das caixas do aparelho instalado dentro do bar. Ao lado dela, uma escultura de madeira que viajou todo o caminho da África Subsaariana até ali. Foi pelo menos o que ouvi a mãe de Pedro dizer a uma desconhecida enquanto faziam o caminho de volta à cozinha esforçadamente.

Antes de me juntar a Pedro, fui até seu pai para saudá-lo. Estava no bar preparando um Martini a outro sujeito. Estendeu-me a mão assim que me aproximei,

reafirmando sua formalidade clássica. Os cabelos agora mais brancos que da última vez que o tinha visto, ali mesmo naquele bar.

Retornei ao sofá do centro enquanto ele preparava um segundo drinque. Pedro se levantou e apertou minha mão. Eu então esbocei uma espécie de posição de abraço, mas ele continuou imóvel. Mesmo assim, não hesitei e dei continuação ao procedimento. Fui retribuído assim que ele notou de fato minha intenção. Em seguida, me apresentou ao namorado de Lua, o rapaz desconhecido ao seu lado. Ele se levantou para me cumprimentar e foi induzido por Pedro a buscar mais cervejas.

Nossa conversa começou tímida e um pouco atrapalhada, mas assim que pegou no tranco, Pedro se disparou a falar, como nos velhos tempos. Ele então fez uma breve atualização da sua vida e, como eu esperava, contou que havia sido promovido no trabalho. Agora era praticamente um gerente, embora os outros não o chamassem como tal. Recebera um aumento generoso e já havia dado entrada em um carro novo. O valor final seria uma pechincha graças a um dos esquemas sempre nebulosos feitos pelo seu pai que nunca me preocupei em entender. O veículo antigo e guerreiro, responsável por nos guiar por tantos caminhos, passaria às mãos da sua irmã.

O que mais lhe agradava no carro novo era o teto solar, embora o carro demorasse mais tempo a ser entregue devido ao adereço. O namorado de Lua chegou com as cervejas enquanto conversávamos sobre as possíveis opções de compra que passaram pela sua cabeça antes de ter tomado a decisão final. Pedro sempre fora amante incrédulo de carros, motos e coisas com um motor de no mínimo cento e cinquenta cavalos. Eu entendia muito pouco, mas sempre acabava me interessando devido à paixão com a qual discorria sobre o assunto. Eu imaginava se existia algo capaz de me entusiasmar com a mesma paixão demonstrada por ele. O namorado de Lua também pareceu ser excelente entendedor e eu me retive a ouvi-los com receio de soltar alguma asneira.

Quando o assunto dos carros se deu por esgotante, Pedro retomou sua promoção. Comentou que poderia arrumar algo para mim devido aos seus novos “poderes”. Disse a ele que as coisas iam bem no escritório, muito por não ter coragem de revelar a verdade e ter de enfrentar seu julgamento. Felipe, namorado

de Lua, se mostrou empolgado com a situação e também fez voz por uma oportunidade. Ainda estava no começo da faculdade e não tinha experiência profissional, além de uma viagem aos Estados Unidos para trabalhar em um parque ou coisa parecida. A exaltação de ambos não me contagiou e, por mais que evitasse o assunto, tive de me impor antes que pensassem que toda aquela situação me agradava.

Foi a oportunidade para falar de Andy e sua decisão. Comecei então a contar a história toda da mensagem e sua ida à agência, além dos seus planos antigos de realizar uma viagem. Lembrei também das conversas que tivemos os três juntos, como da última vez na praia. Ninguém se mostrava tão empolgado quanto eu, mas isso já era totalmente esperado.

Mencionei meu arrependimento em não tê-lo acompanhado à agência por ter que ficar trabalhando em coisas desinteressantes. Talvez pudesse ser eu ali agora falando da minha viagem e não a de outra pessoa, mas isso não estragava em nada a benevolência que sentia pelo meu corajoso amigo. Felipe, com uma visão ainda virgem sobre o mundo, mostrou alguma empolgação após fazê-lo entender mais sobre a pessoa de Andy.

Já Pedro não abriu a boca em nenhum momento para esbanjar qualquer reação, positiva ou negativa, aos fatos apresentados. Quando falava sobre minhas conversas de tarde com Andy (as do fumódromo), ele chegou a se levantar para ir ao banheiro, como se eu estivesse me dirigindo à outra pessoa, quando na verdade era ele quem eu queria ouvir. No fundo, tentava me convencer de que ele aceitaria o caminho tomado por Andy, mostrando assim que ainda era capaz de me surpreender. Imaginei que ele iria tirar um sarro de toda a situação, mas no final seria capaz de pesar as vantagens e desvantagens e compreender que aquela havia sido a decisão correta ao nosso amigo. Até Felipe, sem ter qualquer conhecimento do tamanho da situação, fez algumas perguntas inteligentes. Ao terminar o relato e o capítulo final em que Andy pedia demissão, Pedro finalmente se fez perceber:

- O Andy é meio maluco. Ele quer se mudar para esse mundo utópico que ele criou na cabeça dele.

- Como assim, Pedro?

- Ah, Jo, você sabe... Essa vontade insaciável que ele tem de mudar o mundo. De achar que as pessoas vivem infelizes. E agora usa isso tudo como desculpa pra viajar pro outro lado do planeta. Como se não fosse obvio que ela vai ficar fumando e surfando o dia inteiro até um dia se encher também daquela vida e decidir voltar. Aí teremos que ouvir que a experiência foi muito reveladora. Ou que foi transcendental. Ou algum desses termos complicados que ele gosta de usar.

- Achei que você ia apoiar o cara pelo jeito que vocês se dão bem. – eu estava visivelmente contrariado com a declaração insensível de Pedro.

- Me dar bem com ele não significa que eu concorde com a mentalidade que ele tem. Nós mesmos pensamos diferente em algumas coisas e não é por isso que deixamos de ser amigos nesse tempo todo que nos conhecemos.

- Nisso você tem razão Pedro. Mas justamente por entender que ele tem outra mentalidade, você também deve saber que o caminho que ele iria seguir muito provavelmente seria diferente do seu.

- Mas vai fazer bem pra ele. Essas viagens sempre fazem. – Felipe tentou amenizar o clima tenso iminente.

- Bom. Você queria minha opinião, não queria Joshua? – Pedro indagou com soberba.

- Queria sim. Muito por imaginar que ela seria mais complacente.

- Bom, é a única que tenho nesse momento. – o barulho de outra lata se abrindo completou sua sentença.

- Entendo seu ponto de vista. Só não consigo entender porque criticar a decisão de outra pessoa que não tem nada a ver com você.

- Mas o que é uma opinião, se não uma crítica?

- Nesse caso, devo estar pedindo a opinião das pessoas erradas.

- Veja bem Jo. Não que eu desrespeite a decisão dele. Mas não faz muito sentido pra mim, só isso. Ele larga tudo agora, vai viajar, mas e depois? Vai voltar pra cá, ter que arrumar outro trabalho, por que ninguém sobrevive só de reflexões. Começar tudo de novo e ver que nada mudou desde que resolveu ir embora. Porque as coisas, infelizmente ou não, são assim. . – passou a contra-atacar meus comentários como se fosse eu o decidido a largar tudo.

- Mas você realmente acha que alguém como Andy consegue oferecer seu melhor ao mundo com o estilo de vida que ele tem levado ultimamente? O cara não conseguia nem ir pra praia, porque tinha que passar o fim de semana trabalhando.

- Olha, se ele fosse um surfista melhor, talvez não estivéssemos tendo essa conversa. Mas infelizmente, ele é só o Andy. E até os Andys precisam trabalhar, crescer, fazer umas economias. Essas coisas que nós tentamos adiar a vida toda. Jo, nós gostamos de sair, de viajar, de sermos independentes, certo? Pra isso, temos que trabalhar cara! Talvez mais do que o que gostaríamos, mas já que optamos por essa vida, temos que ir atrás do melhor! – ao falar, parecia não se dar conta de que acabara de descrever a trajetória do próprio irmão.

- Eu sei disso Pedro. Só quero dizer que não existe só uma opção. Ficar trancado num escritório, brincando de ser parafuso é só uma delas. Mas isso eu te falo do fundo do coração: não é a opção para os Andys. Aliás, talvez eu até seja um deles! –

Nesse momento, o pai de Pedro se juntou a nós. Carregava um copo de uísque puro com gelo. Sentou-se na poltrona encouraçada ao lado do sofá, perguntando sobre o que conversávamos.

- O Andy, nosso amigo. Largou o emprego. Está indo para a Austrália em algumas semanas. – Pedro respondeu obedientemente.

- Mas vai ser bom pra ele filho. Praticar o inglês. Fazer algum curso bom para o currículo e depois voltar com mais bagagem.

- Na verdade, estes são os últimos motivos que o levariam a viajar, pai. – Pedro rebateu timidamente, como se estivesse envergonhado.

- Como assim os últimos? Por que motivo ele iria então? – deu uma golada firme no uísque.

- Bem... Acho que ele está um pouco de saco cheio da vida que tem aqui. Não entendi direito também. O Joshua pode te explicar melhor.

- Ah, mas isso é normal, filho! Os jovens têm várias oportunidades hoje em dia. Às vezes são atordoados por essas questões de que não nasceram para ser gente grande. Não querem ter responsabilidades e ficam pensando que a vida é uma balada sem fim. No meu tempo, as coisas eram diferentes. A gente tinha que ralar desde cedo, se não apanhava ou era posto para fora de casa. – foi o primeiro discurso daquele que personificava precisamente a expressão “chefe de família”.

- Me desculpe Sr. Cabrini, mas Andy não é um vagabundo. Nunca vi alguém ser tão dedicado e determinado como ele. Ele só estava infeliz profissionalmente e isso refletia na sua vida pessoal. Ele só queria mudar e tentar outros caminhos. Sua saída foi resolver conhecer um pouco o mundo e conseqüentemente outras pessoas com ideias diferentes as que estamos acostumadas aqui. Sair dessa nossa bolha social, onde o que vale a pena é trabalhar feito um porco para ter um carro com teto solar, sem querer ofender. – ainda falei olhando na direção de Pedro. – Sair um pouco da rotina que criamos para nós mesmos. E mais do que tudo, provar a si mesmo que existem estilos de vida alternativos ao nosso. Ele também estava bem no trabalho e as coisas estavam acontecendo pra ele no escritório. Mas Andy optou por mudar antes que fosse tarde demais para voltar atrás.

- Mas quem garante que lá vai ser diferente? – Pedro indagou um pouco mais recatado do que no início da conversa, como se a presença do pai o amedrontasse.

- Bom Pedro. Você deve concordar que só há um jeito de saber.

- Faz os pais gastarem uma fortuna em estudos e faculdades e agora se acha no direito de jogar tudo isso pro alto sem mais nem menos! – atravessou o pai com veemência, como se ainda precisasse proteger o filho de tais ideias corruptas.

- Na verdade, a mãe dele foi a primeira a apoiá-lo. Você conhece bem o Andy, Pedro. Sabe como ele não se encaixa por aqui. Lá, pelo menos ele ficará mais perto de natureza. – o pai de Pedro riu ironicamente em minha direção e então se levantou para cumprimentar um primo da família, distraíndo-se momentaneamente de nossos assuntos.

- Mas precisa ir pro outro lado do mundo para ficar mais perto da natureza? – Pedro indagou.

- Nunca teremos essa resposta ficando parados. O caminho é experimentar todas as realidades, para que possamos enfim nos decidir por uma. Ele quer tentar achar algo que realmente faça sentido pra ele. Mais sentido do que ficar o dia inteiro lendo planilhas, por exemplo. E eu tenho certeza absoluta que tem pessoas que nasceram pra isso e adoram ler planilhas, mas não ele. O lugar pra onde ele vai é o de menos, diante da importância da decisão em si.

- Ainda não entra na minha cabeça que tudo isso não passa de um mundo muito distante. – Pedro respondeu, de certa forma, pensativo.

- Talvez seja muito distante porque estamos rodeados de pessoas com esse pensamento a nossa volta. Casos como ele incomodam porque fogem a regra e ao modelo tradicional de vida que estamos acostumados. Talvez por isso, são vistos como irresponsáveis, malucos ou até vagabundos. Muito porque há uma quantidade enorme de gente querendo fazer o mesmo, mas não têm coragem. E assim, se satisfazem quando outros tentam e fracassam. Outros não entendem isso, pois foram criados em uma realidade completamente diferente da nossa, privados de escolhas e liberdade. Mas essa realidade se tornou obsoleta. Hoje somos capazes de decidir nosso próprio destino e não somos mais obrigados a concordar com os pensamentos dos nossos pais. – estava nitidamente fazendo uma referência à ideologia arcaica do Sr. Cabrini.

- Poder ser, Jo. Pode ser... As palavras são bonitas, embora tudo soe romântico demais para mim.

- Você não percebe Pedro? Andy se deu essa chance única de ir em busca do que gosta de verdade. Aquilo que faz seu coração vibrar e dá mais sentido a todo o resto que o envolve. Quantas pessoas que você conhece já fizeram algo parecido? Ele mesmo me disse: “se a vida não é nada mais do que uma oportunidade para correr atrás disso, então do que ela serve?”. E se no final das contas, ele se der conta de que sua vida aqui era aceitável e decida voltar a ela, ainda estaremos ao seu lado para apoiá-lo. Certo?

- É. Acho que sim...

- Não há porque criar um grande caso disso tudo. Só quis deixá-lo a par da situação, pois nunca vi Andy tão bem. Parece que mesmo sem a aventura ter começado, a decisão de viajar em si já tirou um peso enorme de suas costas.

Assim que os ânimos finalmente se acalmaram, monsenhor Cabrini voltou a se sentar na poltrona. Ele então entregou o copo ao filho e solicitou mais um trago, imaginando que a situação ia contra a sua ordem e seria preciso mais combustível

para reajustá-la. Pedro então se levantou para preparar o drinque longe do pai. Felipe o acompanhou sentindo que a bomba poderia cair em seus braços.

Ainda pensativo, perguntou do bar quantas pedras de gelo o pai gostaria no copo. Não obteve resposta, pois ele continuava a me martelar com suas lições medievais de falsa moralidade, as quais eu bravamente resisti:

- Você é um rapaz entendido, Joshua. E também muito inteligente. Seus pais também são. Entendo a preocupação com o amigo de vocês. Mas lembre-se que você deve muito a sua família e tudo que lhe deram. Talvez seu amigo não estivesse passando por uma situação boa na casa dele. Seu amigo devia tirar umas férias para esfriar a cabeça.

- Tenho certeza que ele é muito grato à família. – falei austeramente, me segurando ao máximo para não contrair suas ideias desajuizadas.

- Veja o Paulo como está indo bem. Acabou de receber um bônus faraônico da empresa. Já tem seu apartamento e mês que vem vai tirar férias. Estão planejando de ir para a Europa.

- Ele e a Paula? – perguntei fingindo que, de todas as suas sentenças, aquela era a única que me preocupava.

- Não, não! A Paula e ele terminaram já faz algumas semanas. Ainda bem, porque ela não conseguia acompanhar a evolução dele. Ele tinha todo esse potencial e ela ficava prendendo o rapaz. Essa Rebeca é uma boa garota. Advogada. Está num dos melhores escritórios do país.

- Sei. Bom, espero que esteja bem.

- Melhor do que nunca!

- Mas ele está pra chegar? Faz tempo que não o vejo.

- O Paulo não vai conseguir vir hoje. Ficou preso no escritório, mas mandou flores lindas para a mãe. Estão ali na mesa de jantar ao lado do cesto de pães. – apontou com o dedo, enquanto a cabeça examinava a sala por todos os cantos à procura de Pedro com seu copo cheio.

Temendo ter sido abandonado naquela batalha, pedi licença para ir ao banheiro. Na verdade, só queria me poupar do próximo drinque nefasto e coberto de negatividade.

Ao deixar a sala, percebi que Pedro provavelmente fizera o mesmo ao se ouvir falando como o pai. Ao notar a ausência do irmão, deve ter imaginado que seria ele o próximo a ser representado por um punhado de flores nos anos seguintes.

Vagando pela casa, eu me perguntava se esse tempo todo afastado não seria uma tentativa de Paulo de se manter longe dos pensamentos do pai. Àquela altura, Pedro já teria tomado a dose de uísque ao se defrontar com tais dilemas. Talvez assim também tenha começado sua mãe. Ela recarregava um copo com vodca quando passei pela cozinha antes de me dirigir ao banheiro.

No pequeno lavabo, me esforcei para tirar algo a mais de mim além da urina. Despejei o resto da minha cerveja já quente na privada enquanto fazia bexiga e mente trabalharem. Qual seria o futuro da família Cabrini?

Já não sentia mais vontade de voltar para a sala ou de continuar na festa. Tudo parecia ter sido um mero engano ocasionado por um simples apertar acidental de um botão no telefone. Ao sair do banheiro, avistando o caminho livre, me dirigi à porta da frente instintivamente. Acima de tudo, eu não queria apagar ou substituir as boas memórias que tinha daquela casa.

Já do lado de fora, fiquei por um tempo sentado em um banco velho de madeira colocado sobre uma pequena área jardinada disposta entre a porta da casa e o portão da frente.

Enquanto refletia sobre os acontecimentos da noite, uma espécie de vespa passou voando sobre a minha cabeça. Seu planar capenga indicava que uma de suas asas provavelmente estava quebrada ou apenas deixara de funcionar. Talvez o mesmo ocorrido com o lóbulo cerebral criativo do pai de Pedro, ou qualquer outra área responsável por lidar com emoções ou interações sociais.

O pequeno inseto debilitado pousou então no meu braço, no que foi instintivamente abatido pela outra mão. Não que representasse alguma ameaça, mas havia ali certo simbolismo natural, no qual os mais fortes tendem a prevalecer sobre os mais fracos. O ambiente, no entanto, havia sido responsável por gerar uma injustiça, além de uma falsa prepotência. A vespa com certeza sobreviveria mais tempo que eu se duelássemos em uma selva. E com isso em mente, era até cabível compreender os argumentos de Pedro e seu pai, levando-se em conta que eram movidos pela insegurança e pela falta de certezas que uma vida a mercê da vida pode gerar.

Possível também que o destino tivesse sido cruel com aquela família, dando motivos para que, tanto pais como filhos, o esmagassem, tal como uma pequena vespa. Ao invés de usarem as mãos, utilizavam seus copos para apunhalar uma existência já arruinada.

Os pais pareciam ter atingido um estado de desgaste tão grande que se limitavam agora a sobreviver dia após dia. O mundo em algum momento havia se transformado em um salão vazio, silencioso e de tão vasto, incapaz de ser iluminado. Apenas uma canção violinizada ressoava pelos cantos, como dando corda às marionetes.

Em algumas etnias africanas, meninos são enviados a selva para sobreviver sozinhos por três meses. Acredita-se que nesse período de provação ocorre a morte do menino e se inicia a vida do homem. Andy poderia ser o eterno menino inocente nesse contexto. Já o pai de Pedro era o homem que havia sido enviado à selva cedo demais.

Enquanto me desculpava com o cadáver da vespa, notei a toada cintilante de passos vindos de dentro da casa. O contorno das sombras das cortinas então estremeceu no piso de grama, enquanto uma pequena cabeça espiava por trás delas. Sacudiram novamente até o vulto sumir e fazer a porta atrás de mim se abrir. A silhueta florida de um vestido longo se projetou junto de um pé descalço, apresentando Lua. Ela trazia consigo duas cervejas, as quais disse serem as últimas da casa. Pedro havia saído para comprar mais, ela se prontificou a falar.

Ficamos um tempo em silêncio, como se respeitássemos os motivos de cada um para estarmos ali isolados do resto da festa. Enquanto eu observava o céu pelado de verão, ela se inclinou junto a um vaso florido suspenso por uma corrente de ferro, retirou uma pequena flor amarelada do bolo e a colocou por sobre a orelha.

Ao retomar sua posição original, tomando cuidado para que o vestido não mostrasse mais do que deveria, perguntou com uma meiguice quase entristecida:

- Está tudo bem Jo?
- Está sim. Só quis tomar um ar aqui fora. Dar uma respirada.
- Sei... Eu também...

Sorri em sua direção por não ter palavras para confortá-la.

- Você ficou chateado com as coisas que meu irmão e meu pai disseram? Pode ser sincero.

- Não sei te falar se fiquei chateado, desiludido ou qualquer outra coisa. Com todo respeito ao seu pai, já esperava isso dele. Mas não do seu irmão.

- Mas vocês não têm a mesma cabeça pras coisas. Você sabe disso.

- Eu sei, eu sei. Todo mundo tem suas opiniões, desejos, ideias, pensamentos, etc. Ninguém é obrigado a raciocinar como eu. Só nunca tinha parado pra pensar em como nossas vidas haviam tomado rumos tão diferentes.

- Como assim?

- Parece que não temos mais aquela ligação de quando éramos mais novos.

Lua permaneceu apreensiva, vagando pelo movimento das minhas mãos ao gesticularem.

- Sempre tive Pedro como um irmão, desde pequenos. Mas hoje, não sei... Tudo mudou. Os interesses já não são os mesmos. Os sonhos, muito menos... Se fosse colocar tudo isso num quadro, seria eu pintado em direção a um canto, e ele pintado em direção ao outro.

- Mas você só está falando isso porque tem medo que ele fique igual ao meu pai.

- Talvez. Pode ser. Só sei que em algum momento nos distanciamos. Parece que nos decepcionamos com nós mesmos por não conseguir acompanhar um ao outro. Antes, abríamos mão de ideias conflitantes para fazer prevalecer nossa amizade.

- É que antes eram ideias banais. Agora, vocês estão tratando de coisas diretamente relacionadas à vida de vocês e ao caminho que irão seguir daqui em diante. É normal ficarem um pouco decepcionados porque talvez nunca tenham discordado de algo tão importante.

- Não tinha parado pra pensar desse jeito. – voltei os olhos para os dela, como se fosse carregado para um estado maior de atenção.

- Faz sentido pra você?

- Totalmente.

- Só posso te falar que ele gosta muito de você e sente sua falta. Afinal, você também sumiu.

- Eu sei Lua. Sei que errei nesse ponto também. Talvez pudéssemos ter conversado abertamente sobre tudo isso antes.

- Ele também não tinha muita opção. As coisas aqui em casa não estão nada bons. Acho que nem devia estar te falando isso... Sei que Pedro não te falaria. Ele sempre teve essa coisa de mostrar que está tudo bem e de ter o controle da

situação. A verdade é que ele não tem. Ninguém mais aqui em casa tem. Meus pais andam brigando muito ultimamente. Está um pouco insuportável...

Lua então resgatou a flor, apertando vagorosamente o cálice da planta, não com raiva, tão pouco com alegria.

- Não sabia disso tudo. Desculpe.

- Tudo bem, Jo. Essas coisas acontecem.

- Acontecem mesmo. – falei, envolvendo suas mãos, a flor e as minhas.

- Só não vai contar pro Pedro que eu te falei tudo isso.

- Pode ficar tranquila. – ela sorriu em minha direção, confiante das minhas palavras. – Mas e você, está bem?

- Se bem for sinônimo pra “saco cheio”, sim. – sorriu novamente.

- Foi mal. Não quis parecer presunçoso.

- Eu só não entendo... – disse, fitando as frágeis pétalas.

- O que você não entende?

- Porque ainda estão juntos. Parecem fazer tão mal um pro outro. Deve ser por pena dos filhos.

- É difícil pessoas casadas há tanto tempo admitirem isso Lua.

- O Paulo já não vive mais aqui. Logo menos, o Pedro também deve sair. Eu com certeza não vou aguentar morar sozinha com eles. O que vai ser só dos dois aqui?

- Você já falou sobre isso com eles?

- Só com a minha mãe. Com meu pai não tenho coragem. De qualquer forma, ela diz que está tudo bem. Vão se acertar uma hora ou outra. Que casamentos são assim.

- E você concorda com ela?

- Concordo que nunca vou me casar.

- Acho que devo desculpas ao Pedro. Não sabia que estavam passando por isso. Ele nunca foi um cara aberto a este tipo de conversa. Bom, nesse ponto somos bem parecidos porque eu também não sou.

- Se você pedir desculpas, ele vai saber que eu te contei.

- Não se preocupe Lua. Temos o nosso jeito de pedir desculpas.

Ela refletiu o mesmo olhar de criança dos tempos em que tais conversas eram coisa de gente grande. Colocou a mão na minha perna, apoiando a cabeça no meu ombro. Eu tomei a flor amarela em minhas mãos, dizendo:

- Seu namorado parece ser um cara legal.
- Ele é sim. Vocês iam se dar bem.
- Acho que íamos sim. Contanto que vocês não se casem, está tudo certo.

Capítulo 16

São Paulizando – parte 2

Andy viajaria no próximo domingo. A festa de despedida estava marcada para o sábado. Enviou uma mensagem a todos os convidados com as seguintes informações:

*Festa de despedida do Andy no próximo sábado
Local: casa do Andy
Sem hora para começar e sem hora para acabar
Trazer o que for consumir*

Não sabia ao certo se ele tinha o número de Pedro na agenda. Então, tratei eu mesmo de encaminhá-la. Depois do aniversário da sua mãe, essa era a primeira vez que nos falávamos, embora aquilo não fosse propriamente uma conversa. O tempo necessário para cada um refletir sobre o que ouviu do outro naquela noite fora dado. Era a nossa amizade novamente reconhecendo a individualidade de cada um.

Conforme prometi a Lua no dia do aniversário, aquela mensagem simbolizava meus sinceros pedidos de desculpas. Uma prova de que estava preparado para retomar nossa amizade de onde ela havia estagnado.

De fato, éramos excelentes em farrear juntos. Afinal, nossa juventude foi escrita em grande parte por este hábito. Tenho de admitir que a mistura de álcool, mulheres, música e loucura dava mais razão ao nosso vínculo.

Naquele tempo, não havia necessidade de estabelecer reflexões mais profundas sobre a vida. As grandes preocupações se referiam à escolha dos compromissos em um final de semana ou a falta de dinheiro recorrente para gastarmos nelas. Em muitas dessas vezes quando eu estava quebrado, Pedro me ajudava com quantias consideráveis para nossa idade, sem se importar em reaver o montante contanto que o mesmo fosse usado para se divertir.

Depois destes grandes eventos de balburdia e resignação, nos juntávamos para celebrar fatos que sequer éramos capazes de relembrar. Pedro soltava as memórias dispersas em sua mente e eu liberava as minhas. Aos poucos, o quebra-

cabeça pecaminoso se formava mostrando o sucesso da noite anterior, o que nos dava motivação para planejar uma próxima ainda mais inconsequente.

Acima de todos os ensinamentos transmitidos sobre uma verdadeira vida boêmia, reinava uma advertência imoral de Pedro: “mais curta do que a própria vida, é a vida de solteiro”. Por frases como essa que acabou incitando um exército de inimigas espalhado por toda a cidade. Algumas provavelmente devem ter jurado morte a nós dois, já que eu sempre o acompanhava, me tornando alvo de ser reconhecido como seu fiel escudeiro. Tudo era feito em glória ao divertimento e muitos diziam que nos viam presos em um eterno recreio.

Porém, quando comecei a enxergar o mundo com outros olhos (talvez mais maduros e inflexíveis), esta rotina sem limites e aflições foi posta em segundo plano, dando espaço a um estilo de vida mais regrado e, ao mesmo tempo, liberto das práticas sócias convencionais.

Ainda assim, na maior parte das vezes, Pedro era o único capaz de me abstrair do casulo reflexivo dentro do qual eu me fechava. Basicamente formado pelas páginas dos livros da minha estante, esta capa invisível me ocultava do mundo externo, pois no fundo eu não encontrava mais prazer em desbravá-lo.

Chegava a desligar o celular na tentativa de barrar Pedro de suas abordagens, mas ele era astuto e incrivelmente persistente. Batia na calada da noite à porta do meu prédio e, como já tinha amizade com o porteiro da madrugada, era liberado com facilidade. Do meu quarto, sua presença se tornava evidente quando a campainha retumbava por duas vezes, sendo o primeiro gongo rápido e o segundo demorado, como se ele pressionasse com mais força o botão para que o som tivesse tempo de atravessar as paredes.

No final das contas, ele me convencia de que este casulo existencial não fazia mais sentido do que a filosofia enraizada nos infinitos casos da vida noturna paulistana. E seria capaz de convencer até um bispo usando seus argumentos, típicos de quem fora criado noite a fora. Eu, sempre propício a me influenciar por aqueles cujas energias eram sobrenaturais (tendo Pedro e Andy como exemplos clássicos), não seria o carrasco a sentenciar a virgindade do grupo. Também nunca

fui nenhum bispo, e em grande parte dos casos, acabava aceitando um breve retorno àquela vida que havia nos consagrado.

E antes que eu pudesse recolocar o celular no bolso, Pedro comprovou pensar da mesma forma:

Ele vai se arrepender de ir embora

Festa vai ficar pra história!!!

Há tempos, uma mensagem como aquela não me entusiasmava. Dava pra contar em ciclovias de São Paulo o número de vezes passadas noite a fora nas últimas semanas. Muito por ter novamente me enclausurado no casulo sem ter alguém como Pedro para me resgatar.

Aquela era minha grande chance de finalmente colocar em uma panela tudo que aprendera com as duas figuras que mais influenciaram meus pensamentos recentes. Misturar, equilibrar tudo e erguer as bases dos meus próprios valores para poder enfim encontrar um caminho só meu.

Encontrava-me naquele instante sagrado em que decidimos pelo próximo passo, no qual a única direção possível é a da evolução.

Era o momento de ir atrás de novas ideias e percorrer outras visões que estavam batendo à minha porta. Talvez me identificar com outras pessoas não só para tirar lições delas, mas também transmitir o que eu tinha a dizer após tanto frequentar as aulas do universo. Sempre houve tanta gente interessante espalhada pelo mundo, mas eu nunca havia me sentido preparado para encarar enfrentamentos e opiniões distintas. Já me aborreci por não encontrar gostos ou ideias semelhantes às minhas, mas posso afirmar fatidicamente que eu mesmo boicotava essa procura.

Mas não depois de conviver com aquelas duas almas extremas, pois eles representavam fielmente a beleza e a sabedoria da diversidade. Andy e Pedro eram de fato o Yin e o Yang da minha bandeira. A eterna dualidade do universo representada em um vínculo de amizade completado em mim. Era a benção irônica do cosmos tentando me dizer que as pessoas são essencialmente cativantes se você dá a oportunidade delas assim serem. Os três macacos sábios que nunca o seriam, se tivessem atravessado aquela jornada sozinhos.

No sábado, dia da festa, decidi pegar o metrô para ir até o apartamento de Andy. Liguei para o Pedro a fim de checar se iríamos juntos, até para poder dividir os custos das nossas bebidas. Mas ele já tinha um compromisso no começo daquele dia ensolarado. Finalizou a chamada afirmando que chegaria à festa próximo ao fim da tarde, mas de qualquer jeito ligaria antes para confirmar a quantidade de suprimentos necessários. No fundo, era uma mentira, pois sempre trazia o que bem entendesse.

Peguei uma carona com o meu pai até o metrô e, no caminho até a estação, telefonei para o anfitrião com o objetivo de fazer as mesmas indagações que Pedro prometera para mais tarde. Foi me atender apenas na segunda tentativa, notoriamente agitado.

Durante três vezes no decorrer dos cinco minutos que a chamada durou, tive de aguardar na linha. Dava pra ouvir o som do Sublime ressoando pela sala enquanto o telefone permanecia apoiado em algum lugar do apartamento. Pela sequência de músicas, certamente pertenciam à parte final do clássico álbum “40 Oz. To Freedom” que eu havia gravado para Andy.

Após a terceira pausa forçada, acompanhada por uma saraivada de risadas e gritos cuja origem eu não fui capaz de identificar, conseguimos finalmente trocar frases inteiras:

- Alô! Ainda tá por aí? – ele falou com o telefone ainda distante da boca.
- Conforme o combinado.
- Desculpa cara. O pessoal deve estar pra chegar, então tenho que deixar tudo preparado.
- Sem problemas. Mas pode ficar tranquilo, já estou a caminho para te dar uma ajuda.
- Na verdade, está tudo praticamente pronto. Não precisa se preocupar.
- Não estou preocupado meu amigo. – e realmente eu não estava, pois não havia atingido nem a metade do percurso até a festa.
- Existe alguma possibilidade de você trazer alguns sacos de gelo? Estou pensando em encher a banheira de novo.

Sua ideia era colocar tudo na antiga banheira do apartamento, fazendo assim um cooler de dar inveja a qualquer quiosque de praia. Pelo que me contou numa outra ocasião, a mesma estava quebrada havia anos e o proprietário não tinha interesse em concertá-la, pois segundo as próprias palavras do dono, “seria mais

barato comprar um banheiro novo”. Andy também não se importava desde que pudesse usá-la como bem entendesse e o acordo foi então firmado dessa forma.

A destreza dos jovens insanos frequentadores da morada de Andy também nunca permitiu que fosse deixado para trás qualquer tipo de prova capaz de incriminá-lo.

Lembro inclusive de uma história que me contou sobre uma dessas confraternizações na sua casa antes de nos conhecermos. Um de seus amigos se encontrava em um estado consideravelmente alterado a ponto de realizar um dos sonhos favoritos de muitas crianças de classe média. Teimou de encher a banheira com Coca-Cola para poder assim se banhar com o néctar dos deuses capitalistas.

Enfiou o tampão de borracha no ralo e foi até a cozinha atrás de garrafas do refrigerante, enquanto Andy e o resto dos amigos observavam a façanha de braços cruzados. A quantidade de garrafas na casa (como eles já sabiam e haviam inclusive alertado o sonhador), no entanto, não era suficiente para encher sequer um balde. Um talvez fosse, mas não mais do que dois.

Tamanha era a crença do sujeito, que foi capaz de convencer uma fiel seguidora a ajudá-lo, a qual passou também a crer no milagre da piscina de Coca-Cola. Antes mesmo de esgotarem todas as garrafas, ele já estava nu, pronto para se embeber da fonte milagrosa.

O resultado foi um banho embaraçoso, indecoroso e obsceno que se estendeu até a altura de suas finas canelas. Pelo teor desta e outras aventura que sempre contava ao pessoal do escritório, não me surpreendia o fato delas não serem mais tão constantes. De qualquer forma, eu não poderia ajudá-lo com aquela missão:

- Existir, ela até existe. A única coisa é que estou indo de metrô. A menos que você não se importe que eu leve sacos de ág... – não me deixou nem finalizar a explicação do porque do metrô não ser o transporte apropriado para carregar sacos de gelo. Talvez porque ela era óbvia demais. Eu também queria comentar que o mercado mais próximo da sua casa era na verdade o menos longe, tornando ambas as hipóteses descartáveis para um sujeito que transitava a pé.

- Sem problemas. Sem problemas. Eu dou um jeito. Não se preocupe.

- Já disse. Não estou preocupado. Mas para facilitar seu trabalho, vou levar algumas cervejas. – eu estava de fato preocupado em encher a banheira rapidamente, antes que algum louco quisesse reatestar a hipótese da piscina.

- Ótimo! Já que você vai passar em algum lugar pra comprar cerveja, veja se consegue arranjar também alguns copos plásticos, umas guloseimas e também seria bom uma...

- Andy? Não estou te ouvindo... cara... O metrô está... entran... no túnel. Acho que a ligação vai... cair. – tive que interrompê-lo, antes que pedisse para trazer o mercado inteiro nos ombros, utilizando uma desculpa tipicamente paulistana.

- Mas que caminho afinal você está fazendo? – ele questionou, sem notar que a ligação continuava estável.

- Peguei o metrô do lado de casa. Ia descer perto do trabalho e depois andar até aí.

- Você é lesado mesmo, Josh! Esse caminho é muito demorado, brother! Desce logo em algum lugar na (Avenida) Paulista e pega um dos ônibus que vem direto até aqui. Muito mais prático!

Antes da ligação supostamente cair, Andy ainda teve tempo de passar mais algumas coordenadas, fazendo-me decorar os números dos ônibus que eu poderia pegar. Não o interrompi, pois ambos sabíamos da minha limitadíssima capacidade de me deslocar pela cidade. Esta característica, anexada ao meu senso perturbado de direção, poderia culminar em um atraso significativo. Felizmente, tudo acabou sendo muito bem explicado pelo meu amigo bandeirante.

Com o novo caminho em prática, desci em uma das muitas estações da Av. Paulista e me dirigi a um dos pontos de ônibus sugeridos por Andy. Conforme descrevia seu mapa fonético, o mais próximo seria um ao lado do MASP.

Enquanto aguardava meu transporte, tive a oportunidade de passar meu tempo reparando e estudando o ambiente. Havia uma beleza singular na região que não era representada essencialmente por algo belo, mas sim pela mistura canalizada dos diversos cenários espalhados por toda São Paulo, como se a Avenida simbolizasse a resenha de toda enciclopédia paulistana. Eu estava encoberto por uma atmosfera essencialmente urbana que sempre encantou por definir com precisão o paulistano e seu povoado.

Fora criada no século dezenove para expandir e interligar a crescente cidade. Pelo menos, isto era o que dizia o banner à saída do metrô, colocado próximo às catracas, contendo este e outros fatos históricos sobre a grande avenida. “Será Avenida Paulista, em homenagem aos paulistas”, declarou um dos engenheiros responsáveis pelo projeto. De fato, não podia pensar em nada mais digno para homenagear meus conterrâneos.

Arranha-céus de bases pichadas e grafitadas, escritórios cercados tanto por botecos como por restaurantes grã-finos, carros de todos os tamanhos usando suas setas para ultrapassar catadores em suas carroças, buzinas de ônibus alertando qualquer ciclista desavisado, além do oceano de cultura que se alastra dali para toda a cidade através dos mais distintos, porém complementares, estilos, hábitos e comportamentos.

Na calçada universal que permeia toda avenida, os casos mais banais se transformavam em poesia aos olhos dos mais atentos. Poesia esta de rua, monocromática, insensível. Tão contemporânea quanto os cestos de lixo adornados.

Primeira estrofe. Um homem de terno refinado oferecia algumas moedas a uma moradora de rua que imaginava estar dentro de uma fábrica de bonecas, pois parecia estar segurando uma em suas mãos.

Atrás da saída do metrô, havia uma disposição organizada de uma série de caixas enrugadas de papelão trazidas por um grêmio estudantil. Elas hospedavam livros que ainda não haviam encontrado uma finalidade para existir. Além de ordenar as caixas, os jovens montavam uma pequena bancada para também vender a preço de banana revistas de época ou outros manuscritos ainda não degolados pelo tempo. Conforme um dos responsáveis disse a um passante, o valor arrecadado seria destinado a uma viagem de “teor científico”.

Nos canteiros que dividem os sentidos da avenida, cones bloqueavam pequenas áreas demarcadas. Dentro delas, operários (que deveriam ser muito bem recompensados) continuavam a restaurar pequenos espaços verdes, na tentativa hercúlea de desumanizar, nem que fosse minimamente, a Avenida.

Os canteiros restaurados fariam companhia às pouquíssimas árvores dispostas pelo leito da corrente asfaltada, teimosas o suficiente para resistirem à dominação urbana.

Aos pés da escadaria do edifício Gazeta, duas jovens, uma de roupas sofisticadas e a outra só de esticadas roupas, discutiam por “Cinco Minutos”. Passou voando por elas um garoto junto de seus quinze anos que, para sua própria agonia, foi obrigado a frear repentinamente ao sentir soltar a fivela azul de seu chinelo. Tudo isso ao mesmo tempo em que um homem de meia idade, vestindo uma camiseta vermelha, saía do sebo ambulante depois de adotar alguns exemplares, recebendo de brinde uma das caixas para poder transportá-los. Como

não eram de ferro, parte da renda dos jovens já havia sido revertida em algumas garrafas de cerveja.

Um grupo de skatistas era abordado por dois policiais que patrulhavam o perímetro. Tinham apenas o teto do MASP como proteção, embora uma quantidade considerável de passantes tivesse parado para acompanhar o espetáculo, como se formassem barricadas em torno dos artistas. Para ser mais exato, um dos policiais ficou de lado dando informações a uma senhora visivelmente perdida, enquanto o outro checava um documento pertencente ao rebelde de rodinhas que usava uma manga feita de tinta.

Próximo a eles, um morador de rua deixava seus aposentos inflamáveis para recolher bitucas de cigarro em seu jardim da frente, ostensivamente incomodado com o excesso de movimento em torno da sua morada.

Duas mulheres de salto alto falavam ao telefone conforme alimentavam passadas largas para atravessar a rua, embora o semáforo já indicasse seu fechamento. Pela sincronização do movimento de seus lábios, tenderia a dizer que estavam se comunicando entre si.

Meu próprio abrigo durante esse tempo todo era também uma lírica paulistana: uma banca de jornal que sobrevivera à modernidade graças ao comércio de cigarros.

E assim a avenida me saudava com seu espetáculo do cotidiano, comprovando não haver nada que chegue a sombra do que ela representa para a cidade. Sempre será o coração incapaz de desacelerar para que São Paulo continue sem dormir.

Nos confins daquela paisagem dual que corria do cinza ao azul, já era capaz de avistar uma barca de metal ganhando velocidade. O registro luminoso em sua testa deixava claro ser a minha e, ainda que estivesse atrasada, chegaria a tempo de completar sua missão.

Enquanto os carros se embaraçavam pelo fluxo intenso (que talvez já seja considerado comum para um sábado vespertino), o ônibus cruzava com orgulho sua faixa exclusiva. Poucos instantes antes dele atingir o ponto, um comboio de pingos começou a deslizar pelo meu braço direito, único segmento do corpo desabrigado pelo teto da banca.

Diferentemente do ônibus, que permanecia impedido de cobrir seus últimos passos devido a um farol fechado, a garoa se aproximava com pressa. Caminhei até

a área exata de embarque, temendo que as paredes cinzentas da banca encobrissem meu sinal de parada ao motorista.

Do outro lado da avenida, homens e mulheres já desembargavam guarda-chuvas de dentro de bolsas, balsas e bolsos. Não seguia esta regra apenas um senhor engravatado. Ele sorrateiramente colocou a mão na parte interna de seu terno de linho, tirando de seu infinito uma boina azulada que de nada serviu, se não aumentar a velocidade da sua caminhada.

A chegada do ônibus me salvou de ser contaminado pelo rebuliço causado pela eminente tempestade. Subi as escadas cumprimentando o motorista, que ao notar os pequenos indícios úmidos na minha camiseta, assentiu: “Cheguei bem na hora, hein garoto?!”. Seu bigode lusitano escondia desafortunadamente um sorriso amigável, o que não me impediu de concordar com seu comentário e agradecê-lo pela generosidade.

Já o cobrador se revelou um pouco mais tímido, embora semelhantemente educado. Não era possível precisar se a timidez advinha da sua idade, inferior a da maioria no ônibus, ou ainda do desconforto nítido do seu assento de plástico. Diferentemente do motorista, ele escolhera não instalar um encosto feito de bolinhas de madeira remendadas.

Continuei caminhando até o final do corredor, onde encontrei um lugar vago à janela. Na minha frente, um casal trocava carícias enquanto conversavam sobre alguma partida de futebol. Ele vestia uma camiseta verde e ela uma preta, ambas listradas.

Lá fora da caixa de ferro, o fenômeno meteorológico já ganhava o status de chuva, embora se esforçasse cada vez mais para ser reconhecido como tempestade. Alguns pedestres já levavam jornais à cabeça para se protegerem do poder da natureza. Outros mais temerosos haviam cedido e se espremiavam de baixo dos prédios que, além de abrigar agências bancárias, passavam agora a acolher estes paulistanos desavisados (por mais inapropriado que essas duas palavras juntas possam soar). Muitos dos recolhidos reclamavam como se, depois de tanto tempo, ainda não tivessem compreendido que todo bom cidadão está sujeito a algumas variáveis irremediáveis na equação exponencial que é São Paulo, tais como a inutilidade das previsões do tempo, as chuvas de verão, os passeios em shoppings centers e o preço da gasolina.

O ônibus continuou seu trajeto pela avenida sem se preocupar com a quantidade de água vinda do espaço, abrindo assim novos caminhos para a minha imaginação. O descaso dos outros passageiros me fez acreditar que aquela sequência de cenas só era transmitida pela minha janela.

Divergentemente dos infelizes propensos a passar o resto da tempestade sob os edifícios, algumas almas sortudas agradeciam o acontecimento saudando os céus com seus brindes de cerveja. Na certa, passavam pelos bares da região assim que as gotas se anunciaram, podendo agora desfrutar de um bom e seco trago. Graças à chuva, poderiam trocar um jantar sofisticado por porções menores de iguarias não menos atraentes vindas de todas as curvas do Brasil. Os pratos também eram vítimas da tradição acolhedora da cidade, pois sempre pareciam ser mais adaptados ao estilo de vida de São Paulo do que ao de outros lugares.

Pela fresta aberta da janela, eu era capaz de sentir o cheiro de gordura e álcool pulsando entre o odor recalcado da chuva. Muitos bares já estavam cheios desde o momento em que eu deixei a estação de metrô. E conhecendo o ritmo da cidade, provavelmente não se esvaziariam até segunda-feira, dia em que é possível observar nestes mesmos estabelecimentos os chamados “mais fortes” ou “sobreviventes”.

Casais boêmios exibiam largas taças de caipirinha que se destacavam diante da massa de copos de cerveja. Embora a maioria manifestasse uma cor verde pulsante, havia tantas tonalidades vivas dentro daquelas taças, que pareciam refletir o arco-íris tingido no horizonte. As calçadas já estavam quase totalmente esvaziadas, dando lugar apenas a indivíduos não feitos de açúcar.

Maravilhado com tudo aquilo, lembrei-me da reflexão sobre a singularidade de cada gota do mar e como ela se traduzia naqueles pulsos de vida espalhados pela Avenida.

A sequência decomposta da cena dos prédios sendo deixadas para trás deu-me a garantia que eu precisava para credenciar o valor do agora. Se eu estendia meu campo de visão a uma distância muito grande, tanto para frente quanto para trás, a imagem se distorcia e confundia meus sentidos. No entanto, ao mirar precisamente na área transpassada pela janela do ônibus, eu tinha total consciência de identificar e vislumbrar todos os detalhes da paisagem. Os tons pálidos de cada edifício, como que vizinhos se protegendo do sol, a curvatura sinuosa das vidraças inundadas pela chuva, o proposital acúmulo de água das calhas e toldos, o

vermelho de um vestido agredindo os borrões alvinegros da calçada. Carlos Drummond de Andrade certamente diria “o presente é tão grande, não nos afastemos”.

Antes de aproximar um dos últimos faróis da avenida, o ônibus freou tão bruscamente que fez o casal futebolista engasgar durante um beijo. Do meu assento, pude ver o motivo da repentina parada: um grupo de vira-latas se esguiava pela frente do veículo. Pareciam estar tão ou mais alarmados do que as pessoas na rua, como se exclamassem através de um algum instinto indetectável sua descendência paulistana.

Logo alcançamos a última parada na grande avenida. Muitos passageiros deixaram o veículo antes do mesmo partir para desbravar o resto da cidade. Em contra partida, o número de subintes compensou o êxodo anterior, como se ali fosse o início ou o fim de algum tipo de tour.

Aproveitei a transição de personagens para deixar meu posto, deslizando para o banco do lado. A fresta da janela, que servira de respirador até ali, passou a ser um estorvo diante da minha secura. Embora a salva dos respingos, minha nova posição comprometia a visão do mundo lá de fora, que agora voltava a ser incompleto.

Diante do tumulto que se dava pela pressa das pessoas ao descer e subir do ônibus, não conseguia parar de pensar na alegria do dono da banca. Além de seus cigarros, na certa havia vendido todos os jornais aos desavisados que nunca foram capazes de confiar na inevitabilidade de uma chuva de verão.

Capítulo 17

O templo dos despertos

Optei por descer alguns pontos antes para passar no mercado e comprar as cervejas prometidas. A chuva voltara a se esfarelar em algumas pequenas gotas, deixando de ser um empecilho à minha empreitada.

Acabei comprando três engradados de lata, cada um de uma marca diferente para garantir opções diversas de degustação aos convidados.

Completei a tarefa mesmo após saber da atendente do caixa que uma das marcas era participante de uma promoção “dois por um”. Ela explicou que um dos lotes estava no limite da sua data de validade e, portanto, o mercado estava querendo se livrar do produto. Mesmo assim, continuei fiel a minha empreitada alcoólica, finalizando a compra. O mercado não teria problemas em vender as unidades restantes para muitos dos convidados de Andy. Em todo caso, a dica estava dada, caso a festa esgotasse nosso suprimento de cerveja.

Quando deixei o mercado, a chuva havia cessado totalmente e o céu voltara a clarear. O sol já acenava de seu posto elevado e, dali pouco tempo, o asfalto começaria sua fotossíntese cálida, transformando tudo que estivesse ao seu alcance em calor.

Fui compelido a pagar um táxi pelos quilômetros restantes sabendo que o clima não teria misericórdia de mim ou dos três engradados. O motorista chamava-se Sidnei e, coincidentemente, tinha um primo distante morando na cidade homônima australiana. Recordou-se do fato quando falei a respeito da despedida de Andy. Seu primo ou primo do primo (não soube classificar com certeza o grau de parentesco) morava na cidade há alguns anos e trabalhava atualmente como encanador. Namorava uma garota local e estava planejando voltar para o Brasil no próximo inverno para desfrutar as férias. Não me surpreenderia se, daqui alguns anos, eu usasse aquela mesma descrição para me referir ao meu amigo.

O trajeto a percorrer era pequeno e assim não tivemos tempo de abordar outros detalhes. Desejou boa sorte a mim e a Andy, pois entendera que iríamos juntos na viagem. Conclusão provavelmente inferida depois de ouvir a seguinte fala: “Estou indo me despedir na casa de um amigo. Ele vai para a Austrália e eu vou estar lá com ele. Vamos acertar os detalhes finais dessa grande loucura”. A grande

loucura se referia na verdade à festa, mas talvez não estivesse errado em pensar que alguma coisa de mim seria levada com Andy.

O prédio do nosso anfitrião era daqueles pertencentes aos mais antigos da região. Não possuía portaria e muito menos um porteiro. Havia somente um pequeno interfone acoplado a grade da frente, através do qual o próprio morador dava acesso aos entrantes.

Tive que colocar os engradados de cerveja no chão para conseguir apertar o botão de número vinte. Ficou claro que seu problema vocacional para os telefones se estendia aos interfones. Foi atender apenas na terceira vez, liberando a porta ao mesmo tempo em que fez ressoar pela escuta uma voz mecanizada:

- Qual a senha?
- A porta já está aberta Andy.
- Certo.

O próprio me recebeu à porta do elevador no corredor do segundo andar. Segurou um dos engradados amontoados sobre os meus dois braços, os quais se dispunham na forma das alavancas de uma empilhadeira ao transportar sua carga. A porta do apartamento estava aberta e, para minha surpresa, eu havia sido o primeiro a chegar.

- E o resto? – falei ao notar o local vazio.
- Estão a caminho. Ainda é cedo. O Edu meu vizinho ainda nem acordou.
- E aquelas risadas que eu ouvi quando te liguei?
- Devia ser a música.
- Precisa de alguma ajuda? Quer que eu adiante algo?
- Vai colocando as cervejas lá na banheira. Deu tempo de ir comprar alguns sacos de gelo. Acho que vai ser o bastante pra começar. Pelo menos nós dois começamos.
- Você trouxe os sacos de gelo sozinho?
- Peguei o carro da minha mãe emprestado. Disse que seria bom ficar com ele por aqui caso precisássemos sair pra comprar mais coisas. Ela não se importou em deixa-lo comigo. Amanhã de noite, ela vem até aqui e seguimos direto para o aeroporto.

Andy morava sozinho em um pequeno apartamento perto de onde trabalhávamos. Algumas vezes, quando se dispunha a acordar mais cedo, tinha tempo suficiente para ir andando até o escritório. A caminhada inteira não levava

mais do que trinta minutos. No início, fazia o percurso de bicicleta, o que lhe economizava metade do tempo, mas acabou vendendo a mesma depois de alguns meses para investir em uma nova prancha.

Esta, por sua vez, também recebera uma passagem para o outro lado do mundo. Assim que entramos no apartamento, Andy me revelou os detalhes de como pretendia carregá-la em segurança. Já estava embalada em inúmeras camadas de plástico-bolha no interior de uma capa reforçada que ele havia adquirido junto do novo brinquedo. À época da aquisição, já imaginava tê-la como companheira em suas viagens futuras, não se importando em pagar um pouco a mais para garantir sua segurança. O conjunto final se assemelhava a um sarcófago muito bem guardado que agora jazia em cima da cama.

Ao lado de um armário solitário quase colado à cama, repousava sua bagagem já lacrada e preparada. Segundo as minhas estimativas ao erguê-la, não devia pesar mais do que quinze quilos. Não era possível que carregasse ali todo o necessário para uma mudança de país.

Tive de obrigá-lo a abrir as portas de madeira do armário, pois achei que estivesse envergonhado em me mostrar uma segunda mala. Contudo, o interior do móvel estava praticamente vazio com exceção de algumas roupas antigas datadas do tempo em que ainda morava com sua mãe. Andy falou que já haviam cumprido sua finalidade e agora precisavam se revitalizar diante da companhia de um novo dono. Deixaria com a mãe a responsabilidade de repassá-las.

Poucas vezes entramos no mérito das razões que lhe fizeram sair de casa. Mesmo sendo uma situação desejada por muitos jovens, havia riscos implícitos, os quais acabaram se transformando em realidade para Andy logo ao se mudar.

Além de abdicar das regalias maternas, se deparou com um aumento colossal no seu custo de vida que quase o arrastou para um calabouço de dívidas. Mesmo em situações como esta, o orgulho o impediu de voltar atrás em sua decisão, sendo salvo graças à generosidade de alguns amigos em cenários não tão irreversíveis como o dele.

Das raras vezes que tocou no assunto, deixou desprender uma certa mágoa dos tempos em que ele e a mãe viviam sob o mesmo teto. Diante dos poucos fatos, eu acabei presumindo que tinham comportamentos muito semelhantes no que se referia ao respeito da liberdade individual almejada por ambos.

Na nossa viagem a praia, comentou brevemente que certa vez chegou a fugir de casa após uma discussão séria em casa. Seu destino foi justamente a pequena enseada em frente à propriedade de Pedro. Embora meus questionamentos se sucedessem, ele insistiu em não querer comentar o fato, sempre desviando suas respostas para outros assuntos. O máximo que falou, num tom inevitavelmente cômico, foi que teve de passar a noite usando a capa metálica da prancha como saco de dormir.

À época, acabei erroneamente interpretando o ocorrido como uma atitude de rebeldia, mas conforme fomos ficando mais próximos, a revelação voltou a sondar minha memória.

Depois de compreender verdadeiramente sua personalidade, não seria justo assimilar seu comportamento ao de um garoto rebelde que opta por fugir de casa com o único intuito de gerar arrependimento na mãe. Não conseguia entender as circunstâncias que fariam alguém como Andy tomar tal decisão. E como ele nunca mais voltou a mencionar o fato, sempre tive este ponto de interrogação à cerca especificamente da sua relação com a mãe.

Mesmo naqueles dias em que ficamos mais próximos, este era o único assunto do qual ele não tinha disposição para se abrir. Em todo caso, havia escutado algumas vezes os dois falando pelo telefone de forma quase que carinhosa. Ainda não se tratavam inteiramente como mãe e filho, mas já davam sinais que muito do ressentimento enraizado na relação começava a ficar pelo caminho.

Ao que parecia, a separação de ambos fora a melhor escolha para poderem recomeçar. Nunca soube nada a respeito do pai, mas a família parecia se reconstruir muito bem sem ele.

Enquanto Andy banhava em gelo as primeiras cervejas da festa, fiquei a esperá-lo na sala principal. Na realidade, aquela era a única sala do apartamento que, junto de uma cozinha, um banheiro, um quarto e uma varanda, integralizavam o templo dos despertados, desviantes ou outsiders, como ele próprio gostava de chamar, sempre remetendo ao livro de Colin Wilson que figurava entre seus favoritos.

Surfista de esporte e alma, decorou a sala com cadeiras listradas de praia compradas em alguns dos brechós da zona oeste. Formavam um espaço

confortável junto de um sofá de dois lugares que estava coberto naquele dia por uma lona de proteção.

A “mesa de centro” era formada por duas estacas de madeira de cedro paralelas que sustentavam uma velha prancha de surf. Esta, além de um relâmpago adesivado, continha dezenas de assinaturas, desenhos e caricaturas dos amigos de Andy. Funcionava como seu álbum de memórias para a eternidade, afinal nunca iria se livrar da prancha, da qual sempre falava sempre com muita afeição e orgulho pelas mais de mil ondas nela descidas.

Além dos muitos desenhos caprichosamente executados, havia expressões como “Viva la Revolución” e “O objetivo da vida é viver de acordo com a natureza” de seus colegas quase hippies.

Uma das imagens mais impactantes era a de uma mulher seminua carregando uma prancha, concebida por um desenhista que se dizia publicitário nas horas vagas (pelo menos era a forma que ele se autodenominava, como eu mesmo descobriria naquela noite). Os detalhes e a destreza desta ilustração provinham de uma habilidade fora do comum, comprovada na dinâmica das cores obtidas pelo autor apenas combinando a tinta de canetas esferográficas.

As mulheres também haviam deixado sua marca com o objetivo preciso de instigar qualquer um que se deparasse com frases como “Sexo é tão bom que eu não sei como ainda não começaram a cobrar por ele” e “Adoro garotos virgens”. Outras eram mais singelas e moderadas, pois registravam algumas palavras de carinho a Andy, destacando o porquê de ele ser um indivíduo único e admirável.

O resultado final de todas essas formas de percepção interpoladas se dava em uma obra de arte enigmática e atraente, dado o furacão de sensações que exalavam da prancha. Para os mais insensíveis, ela nada mais era do que a mesa de centro do apartamento.

Na parede por trás do sofá, um retrato colado de Bob Marley contemplando o espírito do lugar junto de sua viola. Cerca de dois palmos a sua esquerda, um Jimi Hendrix sobriamente introspectivo lhe fazia companhia.

A sala ainda era vestida por dois pequenos tapetes beges de fibra de algodão que, segundo Andy, já estavam ali quando ele se mudou.

Outro objeto mais antigo do que ele próprio era uma televisão em forma de caixa. Fora colocada sobre uma toalha velha para não danificar o piso taqueado de madeira. Este era o responsável por consumir o charme total da sala que, de

pequena, só tinha o cinzeiro sobre a estante e, de despretensiosa, somente a tinta carambolada das paredes.

O apartamento ainda possuía uma pequena varanda, ambientada com um vaso de espadas de São Jorge. Fora um presente da mãe e retornaria aos cuidados dela depois da partida de Andy.

A porta do apartamento continha uma descrição da alma do lugar muito mais rica do que a apresentada pelos ambientes. O próprio Andy tratou de adotá-la assim que ouviu os dizeres da boca de um amigo.

Tratava-se de um breve texto, autoria de Jack Kerouac, expresso em um uma folha de papel já amarelada pela leitura do tempo. As letras haviam sido digitadas sob uma tonalidade musga que dificultava sua leitura de distâncias maiores. Os espectros das palavras se embaralhavam ao serem agredidos pelas sombras vindas da cozinha, já que o sol se limitava a beijar o topo da porta somente no raiar do dia.

Como se pertencessem a uma prece responsável por guardar a áurea daquele templo, as palavras emanavam uma luz própria toda vez que eram atingidas pelos raios de luz:

Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de caso. Os pinos redondos nos buracos quadrados. Aqueles que veem as coisas de forma diferente. Eles não curtem regras. E não respeitam o status quo. Você pode citá-los, discordar deles, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que você não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós os vemos como geniais. Porque as pessoas loucas o bastante para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.

Capítulo 18

Reencontrando novos amigos

Após despejar todos os sacos de gelo na banheira, Andy iniciou um entra e sai irritante do banheiro para secar o piso encharcado. Não me admirava um homem como ele não ter sequer um pano de chão em todo o apartamento. A alternativa adotada foi utilizar um rolo de papel toalha e, por isso, ele era obrigado a refazer o percurso até a cozinha toda vez que se dava conta que havia subestimado a quantidade de água no banheiro.

Ao negar minha ajuda e aparentemente terminar o serviço, retornou à cozinha uma última vez trazendo de volta duas cervejas geladas em garrafas até então desconhecidas para mim. Tratavam-se de marcas australianas, recomendadas pelo vendedor de um dos empórios da região.

Enquanto ele repetia os termos usados pelo vendedor para descrever os ingredientes e o processo artesanal de preparação, se levantou para buscar um punhado de revistas de viagem que repousavam sobre a pequena estante de canto. O próprio Andy montara o móvel usando pedaços de madeira encontrados na rua ou doados pelos vizinhos. Todas as magazines falavam da Austrália, sendo a maioria ilustrando os “surf points” do país.

Conversávamos sobre os lugares retratados nas páginas quando seu vizinho Edu bateu à porta mesmo ela estando entreaberta. Trazia com ele duas garrafas de bebida e mais algumas sacolas misteriosas. Prosseguiu seu caminhar dançante enquanto girava um molho de chaves entre os dedos, fazendo sacudir o trem de pulseiras em seu pulso.

Junto dele, um sujeito alto e enérgico portando uma barba dos tempos do Renascimento. Carregava um jarro de cinco litros de vinho já esgotado pela metade. Uma garota de sorriso fácil trajando roupas da moda trazia uma cadeira dobrável de pano. Por alguma razão ainda misteriosa, aqueles três me chamaram a atenção, não só pelos trejeitos impactantes, como também por destacarem feições atípicas, vivas, quase suburbanas.

Havia também outro grupo formado por cinco pessoas, mas estas pareciam pertencer à mesma família, dada a semelhança das roupas, cortes de cabelo e gritos de guerra.

O vizinho de Andy e o sujeito barbudo sentaram-se nas cadeiras próximas a mim. Este último também aproveitou para montar o assento de pano trazido pela garota que o acompanhava na entrada. A “família” partiu direto para a cozinha atrás de Andy logo que ouviram seu estômago borbulhar de fome.

O sujeito barbudo questionava Edu sobre uma suposta experiência. Deixei de me preocupar com a movimentação no apartamento para me ater a resposta, tomado pela curiosidade:

- Minha última experiência foi realmente muito boa, Cris. O pessoal parece ter gostado bastante. – Edu tinha um jeito sereno e pausado de falar, como se cada palavra sua tivesse um significado especial.

- E qual foi o tema mesmo? – perguntou o suposto Cris.

- A ideia era debatermos nossa relação com o dinheiro. Relativizar nossa dependência dele e discutir formas concretas de lidar melhor com a falta dele.

- E deu pra trazer alguma coisa bacana desse, Marinheiro? – questionou sorridente a suposta proprietária da cadeira de pano. Ela retornava da cozinha com dois copos de água, enquanto eu pairava disperso na tentativa de compreender alguma daquelas sentenças.

- Dessa vez, fizeram o pagamento em dinheiro mesmo. – Edu respondeu como se estivesse decepcionado, mas ao mesmo tempo grato pelas circunstâncias.

Pressentindo minha situação de total desnorteio, Andy se sentou ao meu lado sobre o braço do sofá. Sua torta já estava no forno sendo preparada e o odor salgado se espalhando pelo ambiente comprovava isto.

Como se estivesse cochichando algum segredo, iniciou um breve resumo dos seus companheiros, enquanto os mesmos continuavam a debater a misteriosa experiência.

Edu era um pouco mais velho que Andy. Todos o chamavam de Marinheiro, inclusive ele próprio ao se apresentar. Era um nômade natural e já havia vagado por todo o Brasil. Nos últimos meses, passou a ser convidado para palestrar sobre suas peregrinações.

- Através das palestras, ele começou a participar de encontros com grupos que buscam transformações pessoais ou coletivas. São pessoas que se unem para criar uma inteligência coletiva, para se encontrarem de alguma forma ou escancorar uma visão holística do mundo que possibilite desenvolver novas perspectivas. – Andy mencionou, sem perceber que sua explicação era também intrigante.

Edu preferia batizar estes trabalhos de experiências criativas. Com o tempo, passaram a ser experiências, por mera praticidade. Por isso, seus amigos se referiam da mesma maneira ao questioná-lo. Andy ainda citou seu vizinho como o

único e verdadeiro xamã que tivera oportunidade de conhecer durante toda sua vida.

O Marinheiro morava no apartamento vinte e seis ao final do corredor do mesmo andar. Conheceu Andy pelo simples fato de serem vizinhos. Passaram assim a frequentar a casa um do outro logo que notaram o vínculo e a sinergia de ideias. O apartamento pertencia na verdade a um parente, generoso em diminuir consideravelmente o valor do aluguel para que Edu pudesse se assentar até se restabelecer novamente em São Paulo.

Usava chinelos velhos, que tratou de tirar logo ao se sentar no chão taqueado da sala, e uma bermuda bege com evidências de um passado marrom distante. Sua camiseta preta lisa de gola escarçada estava repleta de pelugem branca, resultado aparente de um sistema de lavagem de roupas eficiente e apressado. A barba por fazer e a pele bronzeada se alinhavam em uma figuração do que seria um andarilho moderno. Óculos escuros sobre a cabeleira rala com a mesma coloração de um mico leão. A despreocupação do corte indicava uma fase de crescimento seguinte ao de uma careca raspada.

O sujeito barbudo, Cris, e a garota ao lado dele, Kaila, formavam um casal e estavam morando há pouco tempo no apartamento vinte e seis. Andy os conhecia apenas de alguns encontros na casa de Edu, mas já os tratava como amigos de longa data. Os dois juntos expunham uma proporção encantadora, expressa pela idade nitidamente maior do corpo tatuado dele junto das medidas compactas da companheira.

Quando Andy retornou a cozinha para checar o estado da torta, o grupo arqueou suas cadeiras em minha direção, como se me incluíssem no círculo. Não perdi tempo e comecei a questioná-los sobre aqueles termos inéditos:

- Mas você disse antes que recebera um pagamento em dinheiro... Como assim? Por acaso você também é pago com outras coisas? Ou ainda... Prefere ser pago de outra forma? Não entendi direito essa parte. – questionei diretamente o Marinheiro.

- É bem simples, Joshua. Quando sou convidado para participar destes encontros, muitas pessoas perguntam quanto eu cobro para colaborar. Eu digo a elas que devem pagar o quanto acham justo. Elas não entendem esse raciocínio, pois estão habituadas ao nosso sistema atual de recompensa, que é totalmente baseado no dinheiro e no lucro resultante de qualquer forma de negociação.

- Acho que estou entre elas então, porque eu também não estou entendendo. – falei, de certa forma, constrangido.

- Veja, eu sou a favor de um sistema de remuneração baseado na troca livre e espontânea. Ou seja, as pessoas devem pagar o que acham que aquela experiência vale para elas. Devem criar uma noção de valor que expande a concepção de valor monetário. É uma noção que leva em conta sentimentos, resultados e benefícios que essas pessoas tiveram graças a estes encontros. Resumindo simploriamente, as pessoas me gratificam com o que consideram justo. Para entender, você só tem que fugir da concepção monetária que a palavra “pagar” conota. Não há pressão ou negociações envolvidas, mas sim uma ideia de generosidade, ou melhor, solidariedade. – diferentemente do seu andar cômico, suas palavras refletiam um tom elegante de sobriedade.

- Mas e nessa “experiência” sobre a qual vocês estavam conversando? Você foi gratificado com dinheiro então? É isso?

- Aquela que o Cris estava perguntando? – ele questionou, apontando Cris.

- Isso!

- Nesta em questão, sim.

- E mesmo em dinheiro, as pessoas que participam ou organizam te pagam o que consideram justo?

- Exatamente! Mas por mais que o dinheiro ainda seja a forma mais usada de recompensa, de uns tempos pra cá, tenho visto os participantes se empolgarem com essa ideia de valor afetivo. Elas acabam me dando coisas muito mais simbólicas e expressivas do que qualquer cheque.

- Teve uma vez que um casal te levou por um tour em Minas, não foi Edu? – Kaila comentou depois de matar o último gole de água do copo.

- Teve sim. Graças a eles, conheci as cidades históricas de Minas Gerais. Desde então, eles frequentam os encontros que fazemos em Belo Horizonte. Inclusive aquela bicicleta do meu apartamento que você usa toda manhã também foi uma recompensa de um destes eventos.

- Graças a ela, começo meu dia de pé direito. – ela replicou alegremente, franzindo ainda mais seus olhos puxados, logo antes de partir, agora em direção ao quarto.

- A ideia é sensacional, cara! – falei entusiasmado.

- Valeu Joshua. – o Marinheiro agradeceu sorrindo. Um sorriso ameno, porém claro, pacífico, brandeado em honestidade.

- Mas tenho que te falar. Nunca vi nada parecido! – falei de olhos esbugalhados – É o suficiente pra você se virar?

- Não vou mentir pra você e falar que todo mundo aceita isso ou considera uma maneira correta de troca. Como te disse, estamos ainda muito presos à noção do valor monetário. E é claro, todos precisam pagar suas contas. Tanto eu, como aqueles que me convidam. Por isso, o dinheiro permanece tendo papel fundamental na minha rotina. Mas acho que estou aos poucos amenizando esta dependência.

- E desculpe de novo por insistir tanto no assunto. É que realmente nunca tinha escutado nada parecido. – emplaquei, após mais uma sequência de breves elogios.

- Não tem problemas. Sua reação é normal e me sinto muito bem falando do meu trabalho. Que na verdade, não é bem um trabalho. É mais uma forma diferente de se viver repartindo experiências que, pelo que eu saiba, ainda não tem nome.

- Felicidade! – Andy gritou da cozinha depois de escutarmos o som da porta do forno se movendo.

- Mas de onde você tirou essa ideia? – eu perguntei, já induzindo em minha cabeça de onde Andy tirava parte de sua sagacidade.

- Esse é o tipo de coisa que eu passo nos meus encontros. Não faria sentido pregar isso e fazer o contrário, certo? – respondi que sim com a cabeça. – É uma descomplicada relação de respeito recíproco. O objetivo é ressaltar a relação de afeto que as pessoas têm entre si, mas que muitas vezes é posta de lado em decorrência das noções de valor superficiais que estamos acostumados a ver por aí.

- Tudo e todos têm algum valor hoje em dia! – Cris bravejou, certamente não se referindo ao sentido positivo da palavra.

- Eu só queria simplificar as coisas. Resolvi acreditar nas pessoas, assim como elas acreditam em mim no momento em que aceitam ouvir minhas ideias. – Marinheiro completou serenamente, sem se deixar levar pelo entusiasmo gritante vindo tanto da cozinha, como da cadeira ao seu lado.

O Marinheiro me abria as portas para a sua barca de sabedoria. Suas experiências nada mais eram do que encontros com indivíduos que enfrentavam os mesmos desafios, dúvidas e reflexões pelos quais eu também passava. Pessoas desiludidas ou insatisfeitas com as possibilidades convencionais procurando semelhantes com os mesmos questionamentos. Uniam-se para discutir questões relacionadas à concepção moderna de qualidade de vida e possíveis caminhos em busca da auto realização, que não fossem os oferecidos tradicionalmente pela sociedade. A maior diferença para outros grupos semelhantes era a de que se reuniam para enfrentar conjuntamente tais obstáculos e dificuldades, e não só apontá-los.

Inclusive, muitos dos participantes já haviam optado por abandonar este cenário e agora buscavam novos objetivos, caso do Marinheiro. Era comum ele ser convidado a participar para compartilhar sua própria jornada.

Kaila então retornou do quarto carregando o tabuleiro de chás de Andy. Uma caixa de madeira antiga, pintada a mão, dividida em pequenos compartimentos

retangulares, cada qual com uma inscrição oriental. Em seu interior, apenas alguns sachês remanescentes.

Após um breve estudo das embalagens, ela partiu em direção à cozinha para buscar um bule de água previamente fervida. Além dele, trouxe de volta consigo um copo completo de gelo e algumas rodela de laranja, aproveitando o trabalho em equipe de Andy e seus amigos. Preparavam as frutas que seriam usadas nos drinques durante a festa. Atirou então alguns sachês para dentro do bule e ficou aguardando se dissolverem na água fervente.

Um pouco menos preocupado com a onda de calor que já tomava o interior do apartamento, Cris se contentou em degustar seu vinho à temperatura ambiente. O resultado não muito agradável era expresso pelas diversas caretas involuntárias que surgiam detrás das goladas.

- Mas e aquela turma que entrou junto com vocês? Não sabe quem são? – perguntei ao casal.

- Na verdade, foi tudo uma coincidência. Estávamos andando pelo corredor quando o elevador se abriu com todo o grupo dentro. – Cris afirmou após outra careta.

- Só conhecemos o Andy por causa do Marinheiro. Estamos ficando na casa dele por um tempo enquanto decidimos nossa vida. – Kaila complementou.

Andy retornou finalmente à sala com a torta já pela metade. A outra parte fora deixada de refém na cozinha junto com a “família”. Estava quente nas bordas e ainda gelada em seu interior, retrato sólido da pressa causada pela fome.

- Sabe Josh, já faz um tempo que quero te apresentar este casal aqui. – ele falou enquanto servia um pedaço da torta aos namorados.

- E por que não apresentou? – perguntei.

- Eles têm viajado mais do que o próprio Marinheiro ultimamente. Nem eu tenho visto os dois ultimamente.

- É verdade, Andy. Quase não te vimos direito nesses dias morando com o Edu. – Kaila falou.

- Mas foi por um bom motivo. – Andy replicou.

- Como assim? – eu perguntei, novamente arriscando me passar por um intrometido.

- O Cris e eu estamos planejando de nos mudar para o litoral, Joshua. Estamos atrás de um lugar já faz algumas semanas. Não fazia sentido continuar pagando o aluguel do nosso apartamento no centro, sabendo que iríamos sair. O

Cris e o Edu já eram amigos e ele nos ofereceu pra ficar com ele até que possamos nos mudar.

- Então vocês estão viajando na verdade para encontrar sua nova casa?

- Isso! – ela respondeu sorridente. – Amanhã devemos ir de novo e, se Deus quiser... – olhou em direção ao namorado soltando um suspiro de alívio. – a última vez nessa indecisão.

- Vai ser! – Cris exclamou, erguendo a jarra.

- Estamos apaixonados por uma casinha que achamos lá no litoral norte... Tudo indica que vai dar certo... Mas... A ansiedade sempre deixa você com os pés no chão. – ela concluiu ao mesmo tempo em que banhava o copo de gelos com o conteúdo de dentro do bule, como se esperasse pelo ruído da fusão do gelo para completar cada frase.

O aroma do chá concentrado tomou conta da sala assim que a tampa do recipiente foi descoberta. Na certa, se tratava de alguma essência apaziguante, tamanha era a leveza da fragrância. O som estalante do gelo sendo posto em contato com a água quente fazia o copo suar. As rodela de laranja dançavam ao redor do recipiente conforme as pedras de gelo se partiam em fragmentos menores. Assim que o espetáculo findou, saímos de nosso estado de contemplação, voltando eu para a minha condição de curioso:

- E o trabalho? Tiraram férias pra resolver isso tudo?

- Não, não. – Kaila tornou a falar, depois de se deliciar com mais um conjunto espirituoso de risadas. – Na verdade, não deixamos de trabalhar um só dia!

Após checar minha expressão abalada e comum a quem estava desacostumado a ouvir tal resposta, Cris começou a explicar a situação:

- Cara, nós montamos um site um tempo atrás. No início, era mais como um hobby mesmo, um passatempo pras horas vagas. Que como acontece com quase todo mundo, eram muito poucas. Acontece que ele foi dando certo conforme nos empenhávamos mais nele. E quanto mais no dedicávamos, mais nos apaixonávamos pela ideia. Por outro lado, quanto mais esse projeto crescia, maior era o conflito de interesse e tempo que tínhamos que dividir entre ele e nossos trabalhos. Chegou um momento em que tivemos que escolher entre o projeto e o trabalho e depois de muito refletir, levando principalmente em conta nosso esgotamento com o estilo de vida que levávamos, decidimos focar nossas energias e habilidades no site. Na verdade, a Kaila acabou saindo do emprego antes que eu. Eu tinha alguns projetos pra terminar onde eu trabalhava e oficializei minha saída só depois de um ano. Foi melhor assim também porque o site não nos garantia nenhuma renda quando começamos. Comigo trabalhando, pelo menos, podíamos arriscar mais sem nos surpreender lá na frente, caso as coisas não dessem certo.

- Mas pelo visto as coisas deram certo! – falei retomando minha empolgação anterior, afinal eu já escrevia um enredo de sucesso para eles na minha cabeça.

- Hoje estamos os dois trabalhando exclusivamente com o site. Deu tão certo que tivemos que contratar mais duas pessoas pra nos ajudar, além de outra que faz uns serviços esporádicos. Por sinal Kaila, seria bom dar uma ligada para algum deles. Eles devem vir juntos e não lembro se sabem o endereço do Marinheiro.

- Pode deixar! – ela falou já sacando o celular do bolso.

- Agora vem a melhor parte! – gritou Andy ainda de pé gesticulando com a torta na mão.

- Com o site andando com as próprias pernas, não temos mais a necessidade real de ficar em São Paulo. Fazemos tudo pelo computador. No máximo, voltamos periodicamente pra cobrir algum evento ou visitar algum parceiro. Coisas que podem ser feitas a cada duas semanas, pelo menos é o que estamos planejando.

- Por isso querem ir pra praia! – falei com a boca cheia de torta congelada, enquanto Cris terminava sua fala.

- Por isso vamos à praia!

- Nós sempre tivemos esse sonho. Agora que temos a chance, por que não tentar? - Kaila sempre complementava o pensamento do namorado, mostrando estarem realmente sintonizados.

- Exato! Nosso site trata muito de temas ligados a natureza, ecologia, meio ambiente, qualidade de vida, entre outras coisas. Nada mais justo que vivermos tudo isso na pele pra então poder passar nossas experiências fielmente. Podem ser que as coisas mudem lá pra frente. Que São Paulo comece a demandar de novo nossa presença. Nunca se sabe. Temos outros projetos já em mente. Mas nada tira da minha cabeça, e tenho certeza que da Kaila também, que esse é o momento pra realizar esse marco. Tudo nas nossas vidas potencializa pra isso. Uma chance dessa talvez não apareça mais!

- Excelente! Realmente excelente! – era como se agora eu torcesse pelo desfecho dos dois. – Mas como você e o Edu se conheceram? – apontei com o dedo na direção dos dois, certo de que outra história igualmente genial estava a caminho.

- Conheço o Marinheiro há tanto tempo! Antes mesmo de ele começar suas andanças por aí. Você que tem a memória boa, Marinheiro, pode contar melhor.

- A gente estudou direito na faculdade. – Marinheiro disse esticando os lábios e relaxando a ponte entre os olhos e o resto do rosto.

- Nem eu sabia dessa! – Andy gritou.

Suas gargalhadas instantâneas me premiaram com alguns pedaços mastigados de torta sobre a perna.

- Porra Andy, se eu quisesse mais torta eu pedia! – retruquei, conforme ria com o resto do grupo.

- Que fase, não é mesmo Marinheiro?! – Cris comentou num tom cômico de ironia.

- Nem fala broder... Naquela época, lembro você gastando mais dinheiro com festas do que com comida. Só viajava quando era pra farrear. Foi nessa época que você fez sua tatuagem com aqueles símbolos em chinês né? Ou era japonês? Nunca sei. – a tatuagem havia se perdido no tempo, pois Cris já estava com o corpo praticamente completo de desenhos.

- Não precisamos entrar em detalhes né Edu?

- Calma Kaila. Só estou contando os fatos pro Joshua. – após um brinde rápido com Cris, prosseguiu. – Na verdade Josh, estudamos juntos por pouco tempo. Nós dois largamos o curso. Eu larguei primeiro. Depois foi o Cris, acho que uns dois semestres depois.

- Um! – Cris corrigiu.

- Aí vocês foram para outra faculdade? – melancolicamente, foi a primeira questão que me veio a cabeça.

- Mais ou menos cara... O Cris foi fazer administração.

- Porque não sabia o que fazer. Então me pareceu o curso mais amplo na época. – Cris respondeu, como se precisasse se defender de uma acusação.

- Sei como é. – e realmente eu sabia, pois havia enfrentado o mesmo dilema.

- Eu na verdade nunca mais entrei em nada relacionado aos estudos convencionais. Talvez hoje eu soubesse o que fazer. Mas naquela época não tinha ideia. Nunca ia imaginar que ia acabar fazendo o que eu faço.

- Então você não é formado? – continuava minhas indagações enquanto, à porta, Andy recepcionava outro grupo de amigos.

- Só tenho diploma da vida meu amigo.

Todos então brindaram junto do Marinheiro.

Capítulo 19

Um Marinheiro solitário

O volume da música já alcançara um patamar de destaque. A tarefa de ouvi-la se tornou mais fácil do que a de responder perguntas e, assim, era comum presenciar frases sem sentido soltas pelo ar.

Andy optou por tirar a prancha que servia de mesa do centro da sala com o objetivo de criar mais espaços, levando-a para seu quarto trancado. Evitaria também qualquer acidente capaz de danificá-la, garantindo à prancha que ela seria a provável sobrevivente ao final da festa.

As caixas de cerveja continuavam a ser despejadas na banheira. A essa altura, ela já estava preenchida até a boca. Boiando sobre a água congelante, era fácil de notar a diversidade de marcas, tipos e tamanhos oferecidos.

Com ou sem multidão, a festa já conotava para mim um significado notável. Conhecendo o Marinheiro e seu casal de amigos, as verdadeiras origens da viagem de Andy eram traídas. Uma das opções plausíveis era aceitar que aquela congruência de pensamento entre os quatro não passava de uma coincidência. Mas não seria o próprio acaso uma obra do destino? O universo havia conspirado novamente a favor de quem almejava mergulhá-lo. De todas as pessoas na cidade que poderiam ter se mudado para o apartamento vinte e seis, lá estavam aqueles três paladinos do nosso tempo.

Minha posição era também privilegiada porque ficava ao lado da varanda. Apesar dos ventiladores espalhados, aquele era o local mais fresco do apartamento. O prédio vizinho possuía um imenso jardim com árvores que ultrapassavam ou nivelavam com a altura do segundo andar. A vegetação contribuía com a refrigeração da sala, pois barrava a passagem do sol. O apartamento vinte só era pintado pelo astro durante o amanhecer, período em que os raios abençoavam a morada com sua presença, sempre vindos do leste.

Após outro breve social, Andy voltou ao seu posto no braço do sofá. Na varanda, um casal de amigos recém-chegados papeava com o Marinheiro.

Passamos a espreitá-los no exato momento em que Marinheiro começou a falar sobre algumas de suas jornadas. Eram tantos caminhos percorridos que ele soava como o Marco Polo do nosso tempo. Mais intrigantes que seus relatos, eram os semblantes de espanto e admiração daqueles dedicados a ouvi-los. Imaginei que eu havia exprimido a mesma feição ao conhecer aquela figura emblemática.

O contador de histórias falava sobre o início da sua vida “cigana”. Revelou ao casal que teve de esmolar por comida e se contentar a usar pontos de ônibus como dormitório em algumas das muitas noites vagando pelo mundo. Depois de um tempo aprimorando estes hábitos, tentou se aproximar dos moradores de rua que conheceu pelo caminho. Queria aprender a lidar melhor com aquela realidade sem base, vivida um dia de cada vez. Como o próprio Marinheiro disse, futuro é um lugar que estas pessoas não conhecem.

Em muitas das cidades, conseguia trocar um prato de comida por alguns afazeres domésticos. Quando comentava sobre um destes casos, lembrou-se da vez em que a fome o submeteu a passar a noite no mesmo quarto de um sujeito enigmático. Era um homem já de idade e, além da coluna enfraquecida, tinha também medo de dormir sozinho.

- Só fui compreender o que havia acontecido quando acordei exatamente na mesma posição em que eu tinha me colocado na noite anterior. O velho continuava a dormir e, de alguma forma, parecia estar sorrindo, embora sua boca estivesse aberta o suficiente para deixar estalar o sopro falho dos seus pulmões. – possuía um estilo único de narrar, intercalando cada frase de uma breve pausa que durava cerca de dois segundos. – O homem de fato só tinha medo de ficar sozinho! Havia perdido a mulher para o câncer. Os filhos já não moravam mais em casa e, poucas vezes, o visitavam. Sentia que havia sido abandonado pela família, pelo próprio corpo e pelo mundo. Só queria voltar a experimentar a sensação de companhia e afeto. Resultado típico do estilo de vida acatado pelas pessoas hoje em dia. Ele, como tantos outros, acabam notando que o resultado dessa vida pré-fabricada é a solidão e o arrependimento. Trabalhou a vida inteira como um cachorro para dar o melhor a sua família. Agora aposentado, com tempo livre, percebeu do pior jeito que era tarde demais para começar a viver. – notou que o casal continuava em silêncio, num estado de choque previsível, para retomar a fala. – E por isso, tinha medo até de sair de casa, pois seus pesadelos não se limitavam a penitencia-lo somente durante o sono. Passava as tardes em uma pequena varanda olhando as pessoas na rua, talvez imaginando que aproveitavam a vida em seu lugar.

Demorou até o casal criar forças para se expressar. Eu próprio fui tomado por um bloqueio involuntário. Andy, por sua vez, continuava solidamente manso.

- Mas e sua família? Como assim?! Não te ajudaram? Quero dizer... – perguntou a garota.

- Mudar de vida assim radicalmente deve ser uma puta experiência, mas a sua virada foi meio extrema, você não acha? – o namorado tentou complementá-la, pois estava tão atônito quanto ela.

- Por todo o tempo que eu morei com meus pais, sempre fui muito bem tratado. Eles sempre me deram do melhor e eu sou muito agradecido por tudo que fizeram por mim. Mas a partir do momento que decidi seguir meu instinto, assinei no mesmo documento, metaforicamente falando, minha carta de emancipação, insolvência e independência. – respondeu o Marinheiro, mostrando ter experiência com aquele tipo de questionário.

- Acho que não entendi direito o que você quis dizer. – a garota afirmou, alisando os longos fios de cabelo com ambas as mãos.

- Veja bem. Antes de qualquer coisa, não espero que você entenda tudo que eu te fale. E muito menos concorde. Não quero soar rude, nem nada parecido. Essas escolhas foram corretas pra mim, por mais que não possam parecer corretas pra sua realidade. Não sei se me fez entender.

- Claro, claro! Cada um sabe o que é melhor pra si próprio. O Andy sempre fala isso.

O garoto tinha razão, pois Andy realmente citava a expressão a todo o momento. Havia inclusive soltado a frase cerca de cinco minutos antes, quando comentava a respeito da variedade de cervejas. Estava contente por seus convidados terem poder de escolha diante de tantas possibilidades.

- Excelente. A ideia é mesmo essa. – o Marinheiro falou, piscando estrategicamente na direção de Andy.

- Mas você estava falando sobre sua relação com a família... – retomou o garoto.

- Bem. Depois de ter recebido tudo do bom e do melhor, eu tive algumas desavenças com o meu pai. Ele queria que eu fosse estudar direito, eu fui. Era o sonho dele. Planejava uma carreira de sucesso pra mim, acredito. O final dessa história vocês já sabem: acabei largando a faculdade. Ele, como qualquer pai que tenta planejar a vida dos filhos, ficou puto. Mais puto ainda quando falei que estava largando a faculdade pra começar uma vida nova. Por mais que eu tentasse explicar meus motivos, ele não fazia nenhuma questão em me dar ouvidos. Então esperei ele balbuciar raivosamente todas as suas preces morais: “Sua mãe e eu te demos tudo do melhor!”, “Você foi para as melhores escolas da cidade!”, “Nós nos esforçamos para dar a você as coisas que não podíamos ter!”, “Eu não trabalhei duro para criar um filho vagabundo!”, e por aí vai... E vai longe, acreditem. Uma coisa de certo eles haviam me dado: educação. Aguardei meu pai terminar seu desabafo, afinal, ele precisava daquilo mais do que eu. Então, parti para o quarto e comecei a juntar algumas tralhas. Após deixar sua bolha de cólera, ele notou que eu não estava mais na sala de casa. Quando me viu colocando algumas roupas na

minha velha mochila dos tempos de escola, virou as costas e saiu. Eu não o vi mais aquele dia. Sabia que poderia ser a última vez. Dei um abraço na minha mãe e saí de casa.

- Mas só com a mochila? Sem dinheiro, nem nada? – o cigarro da garota queimava pela ação dos ventos atingindo a varanda.

- Nada.

- Mas por quê? Poderia ter te ajudado no começo, até que arranjasse alguma coisa diferente para fazer. – ela completou.

- Não era necessário. E garanto que não foi. Além do que, eu estava tentando escapar de um mundo que me fora arranjado a vida inteira e, portanto, queria me desvencilhar totalmente da relação de dependência que eu tinha com o dinheiro. Queria quebrar o limiar invisível, porém denso, que criamos entre as preocupações e pressões sociais e a possibilidade de experimentar um horizonte novo sem limitações convencionais.

A ausência de reação do casal depois de atentar àquelas palavras incomodou-me de uma maneira quase inconsciente. Foi então que compreendi o porquê do Marinheiro ressaltar a relação singular de cada experiência e como elas podem ser conflitantes se inseridas em outras realidades pessoais. Pela expressão calada de aversão tanto do garoto, como de sua namorada, haviam entendido que o Marinheiro falava de um mundo ao qual jamais pertenceriam.

No término do último cigarro, retornaram para dentro do apartamento como se tivessem participado de apenas mais uma conversa banal entre as tantas recorrentes naquela festa. Não era uma reação de desprezo, mas a saída repentina demonstrou ser uma atitude de indiferença quanto aos magníficos relatos e o peso que eles refletiam.

O Marinheiro ficou por um tempo sentado numa banquetta de plástico ao lado do vaso de espadas de São Jorge. Aquele era o único assento cabível dentro do pequeno espaço formado pela varanda. Descalçou o rodado par de chinelos feito de tecidos reciclados e borracha crua, apoiando as pernas sobre a grade de metal que delimitava precocemente a altura do apoio. Não deixou nenhum instante de mirar o leste enquanto acendia um novo cigarro.

Do alto do nosso camarote epifânico, Andy e eu permanecíamos absorvidos na cena:

- Cara, olha bem pra ele. Às vezes não parece que está inventando tudo só pra espantar as pessoas?

- Como assim Andy? Você acha que ele ia mentir sobre essas coisas?

- Não, não. Jamais. Quero dizer que... Bem, ele já espera esse tipo de reação neutra ou de choque nas pessoas. Digo assim, no jeito que ele conta. Por mais que ele comece todas suas histórias com aquela coisa do realismo positivista individual, ele no fundo sabe... Como posso dizer... Sabe que as pessoas dificilmente irão entendê-lo e, muito menos, aceitar suas escolhas.

- Você quer dizer que, pelas experiências que ele já teve contando essa história, a tendência é das pessoas defenderem o lado do pai. É isso?

- Exatamente! As pessoas nem sabem por que, mas a vida inteira foram direcionadas a pensar da mesma maneira que o pai descrito por ele. É algo inconsciente que nós carregamos desde a infância, porque fomos criados dessa forma. Seja pela nossa família, seja pela escola, seja pela sociedade ou qualquer outro agente que tenha participado da nossa trajetória. E depois que essas ideias já estão enraizadas em você, é extremamente complicado contrariá-las. Você não reparou que eles nem prosseguiram com o papo? Eu teria mais um milhão de perguntas pra fazer!

- Eu também tinha algumas em mente...

- E mais do que isso. Ele sabe que não é culpa delas. É algo inconsciente. Como inspirar involuntariamente quando ouve alguém comentando sobre determinado cheiro. Por isso, ele passa essa noção breve de como tudo começou. Se o cara não entende o momento dele ali, como vai querer argumentar com o resto da sua jornada?!

- Faz sentido.

- Deve servir de filtro pra ele. Embora eu tenha certeza que esta postura indiferente é algo irrelevante para ele.

- Como assim?

- Tenho certeza que ele conta suas histórias por pelo prazer de compartilhá-las. Não por dever ou por querer parecer superior diante dos outros.

- Ele tem esse jeito zen de não se incomodar com nada.

- E ele não se incomoda de verdade. Eu sei disso. Mesmo diante desse filtro, muitas vezes involuntário, que as próprias pessoas se impõem. Como se uma barreira fosse ativada em seus intelectos para que a partir dali passassem a ouvir tudo com um pé atrás.

- Acho que o ser humano tem medo de ouvir a verdade.

- Mais do que isso. O ser humano tem medo de ouvir uma verdade que não lhe pertence. – Andy concluiu.

Capítulo 20

A festa

O apartamento já abrigava a atmosfera de um bar que se enche de vida nas tardes ensolaradas dos sábados paulistanos. Talvez fosse possível encontrar manobristas no piso térreo ou ainda uma banda tocando em um palco montado as pressas no canto da sala.

Apenas dois canudos inquietantes se destacavam diante do conglomerado estático de pernas da sala. Kaila perambulava por todas as esquinas do apartamento carregando um saco de lixo sem fundo, tamanha era a quantidade de latas, garrafas, restos e pensamentos arremessados para dentro dele.

Na cozinha, um grupo de garotas se esbaldava após descobrir um compartimento secreto de barras de chocolate atrás do cesto de frutas. A maioria soube dividir o ouro, mas duas ou três não se comoveram com a situação. Estavam dispostas a alavancar ferozmente suas fábricas de endorfina. Quando alguém ameaçava tirar uma lasca da barra, faziam cara de desprezo, parecendo cachorras raivosas que não gostam de ser incomodadas durante uma refeição.

Para conseguir um copo de água, tive de passar despercebido por elas. Peito estufado em sinal a minha valentia. Sempre tomando a cautela necessária para não me distrair diante dos beijos femininos lambuzados em cacau.

A pequena janela da lavanderia esbanjava o retrato de um céu colorido por uma tonalidade menos sufocante que a da manhã. O sol cedia passagem às nuvens contanto que não tirassem seu protagonismo no esplendor daquela tarde. O resultado desse tratado se expressou em um azul carente da mesma cor da calcinha de uma das garotas viciadas em chocolate. Parte da costura sedosa emergira prazerosamente quando a beldade se inclinou para resgatar um pedaço acidentalmente jogado no piso frígido da cozinha.

A miscigenação do cavalheirismo praticado no céu com o impacto refrescante da água, junto das alças insinuantes da calcinha que permanecia a me fitar, provocava uma sensação difícil de descrever. No entanto, simples de saborear.

A música ambiente continuava a ressoar embora ninguém soubesse ao certo de onde ela emergia. O lugar estava repleto de DJs ambulantes, o que implicava em canções interrompidas antes do segundo refrão.

Os gostos eram tão distintos que a pequena caixa de som aguentou firmemente as trocas constantes de CDs até que, em uma das mudanças abruptas, finalmente cedeu. Como se fosse ela a transmitir todos os diálogos mixados pela festa, um silêncio intenso ressoou pelo apartamento. Ninguém de fato havia reparado na música até o momento em que ela deixou de existir.

Andy tentava inutilmente remexer num aglomerado de cabos e fios extraídos da pequena caixa na expectativa de ressuscitá-la. Seus amigos faziam um círculo de misericórdia ao redor do cadáver já temendo pelo pior. Foi a oportunidade que tive de me arrastar para fora do apartamento ao notar a vibração do celular no bolso.

Não só o corredor já pertencia à festa, como também os primeiros degraus da escadaria do prédio. Passando ao lado da porta vinte, ela funcionava agora como assento para aqueles que não tinham a sorte de conseguir uma cadeira dentro do concorrido e pequeno espaço do apartamento.

Driblando o fluxo de pessoas próximas à entrada, tive tempo apenas de checar o nome de Pedro acedendo na pequena tela. Ao tentar retorná-lo, fui repreendido pela falta de sinal do aparelho. Efeito comum a quem vive em São Paulo, tão frequente quanto a incompreensão que as pessoas têm dele.

Subitamente, uma passagem se abriu a minha frente como se o público ali se separasse por instinto ao que se movia diante dele. Transpassando os espaços formados, Andy, Cris e o Marinheiro. Moviam-se com tanta determinação que as pessoas rapidamente retornavam às suas posições originais, impedindo-me de alcançá-los a tempo de aproveitar a mesma rota.

Quando finalmente consegui atravessar os embriagados obstáculos humanos, vislumbrei a porta de madeira ao final do corredor aberta. A passos tímidos, aproximei-me sem perceber o que estava por vir.

Havia uma correria mandatória dentro do apartamento vinte e seis. Marinheiro, o mais novo anfitrião, reorganizava os móveis da grande sala, abrindo espaços maiores entre eles. Andy fincou-se diante da porta aberta da geladeira, parecendo contar algo com os dedos das mãos. Após ajudar Marinheiro a posicionar a mesa de jantar, Cris se trancou em um dos quartos dispostos pelo corredor.

Com o novo espaço aberto no centro da sala, o Marinheiro se sentou em uma grande almofada junto do móvel da televisão, vasculhando todo o conjunto de gavetas abaixo do aparelho de tela plana.

Nenhum deles havia me notado no vão de entrada, até que Marinheiro foi distraído pelo grito do solado de borracha do meu tênis em atrito com o piso de madeira:

- Josh, vai até o apartamento do Andy e traga os engradados que estão na porta. Tenta carregar o máximo que você conseguir.

Como um soldado, assenti com a cabeça enquanto ele tomava para si um emaranhado de fios após esvaziar todo o conteúdo de uma das gavetas pelo tapete.

Dei meia volta e segui o trajeto de retorno ao apartamento do outro lado do corredor. Ainda pude ouvir um fatídico “que merda que está isso aqui” vazando da boca do Marinheiro, claramente se referindo à relva de cabos e fios que ele estava prestes a desbravar.

O movimento no lado agitado da festa seguia intenso. Degraus mais distantes da escadaria já haviam sido conquistados e o local parecia abrigar uma quantidade maior de convidados do que o próprio apartamento onde a festa havia começado.

Um enorme narguilé fora aceso na sala de Andy e agora o apartamento todo exalava essência de morango. Aos poucos, a fumaça aromatizada possuía as paredes do lado de fora, camuflando ainda mais os acontecimentos no corredor.

Passei pelos elevadores rapidamente, o que não me impediu de observar novas levas de amigos sendo saudadas pelas portas automáticas.

À frente do apartamento vinte, os engradados requeridos serviam de assento a uma garota. Ela se levantou educadamente assim que me referi a eles e entrou em direção à cozinha. Eu me dirigi até o banheiro atrás de mais sacos de gelo.

A banheira continuava a exercer seu papel utilizando-se apenas da água derretida. Como fiquei sabendo a diante, uma pobre garota chegou a escorregar para dentro daquele foço congelante. Nenhum objeto foi danificado ou perdido no acidente, com exceção da embriaguez da vítima, que teve sua sanidade recuperada graças ao poder do banho glacial. Comovida pela situação, Kaila foi a responsável por oferecer à garota um conjunto seco de roupas. Desmerecendo a generosidade em questão, a vítima voltou rapidamente a se engraçar com o rapaz que entrara no banheiro junto dela.

A cozinha em si apresentava-se como obra de um pintor impressionista, dada a infinidade de efeitos provocados pelas cores do ambiente. Refletidas sob as luzes incandescentes acopladas ao teto, estas tonalidades brotavam tanto do próprio aspecto antiquado da mobília, característico de todo o apartamento, como também da quantidade de dejetos espalhados. Havia ali cadáveres de frutas já apodrecidas e castelos de latas erguidos sobre a pequena mesa de parede. Cascas de limão entupidas sobre o ralo da pia e talos de morango pisoteados conferiam ao ambiente um odor semelhante ao exalado pelas feiras de rua. Comparava-se em cores apenas o rosto pichado de um rapaz adormecido no sofá.

Retornei para junto dos engradados e logo me encontrei com a mesma garota que os fazia companhia. Junto dela, três garrafas de vodca, Kaila e outro sujeito que me ajudaria a transportar os mantimentos.

Seguimos todos em direção ao apartamento vinte e seis, como se tivéssemos esgotado a vida útil do primeiro habitat e agora nos dirigíssemos ao próximo para também liquidá-lo. Formávamos um grupo decidido de nômades boêmios levando apenas o que tínhamos de mais valor, pois nossos líderes nos aguardavam impacientes nos confins do corredor.

Como ocorrera anteriormente, uma longa faixa instintivamente se abriu a nossa frente, fechando-se de súbito conforme nosso grupo avançava por entre a multidão. Nossos rastros eram assim disfarçados diante dos mais curiosos.

Fomos direto para a cozinha do apartamento vinte e seis e depositamos todos os mantimentos sobre a bancada de mármore ao lado da pia. Talvez irritado por perder as contas na geladeira, Andy começou a rasgar as embalagens plásticas dos engradados como se sua vida dependesse disso.

Conforme ele liberava as latas de cerveja, eu as passava diretamente para o rapaz desconhecido que as organizava impecavelmente dentro do um cooler encontrado na parte inferior de um dos armários da dispensa. O excedente de latas foi deslocado para a geladeira enquanto eu ajudava o rapaz a preencher a caixa térmica com gelo.

Depois de retirar todo o conteúdo de dentro das sacolas, Kaila e a outra garota começaram a descascar as frutas que alguma boa alma havia trazido à festa. Na certa, este indivíduo caridoso estava atrás dos seus delírios tropicais na cozinha do outro apartamento. Fazia sentido adiantar o processo para evitar um prejuízo maior, parecido com o do apartamento vinte, conforme as pessoas entendessem que o local da festa seria estendido até ali.

Ao finalmente deixar o cômodo, Cris trancou a porta e veio entregar as chaves para sua namorada. Ele então começou a ajudar o Marinheiro, que continuava agachado sobre os joelhos desenrolando os fios intermináveis, em sua causa perdida.

O auxílio foi de fato útil, visto que o emaranhado logo foi se abrindo até se transformar em diversos cabos independentes. Foram testando um a um até finalmente encontrarem o que se encaixava perfeitamente no aparelho de mp3 de Cris. Sem qualquer suspeita de combinação, ouviu-se simultaneamente de ambas as bocas um efusivo “Porra! Finalmente!”.

O Marinheiro então recolheu os cabos restantes dispersos pelo tapete e os atirou brutalmente para dentro da mesma gaveta sem se importar em mantê-los isolados, insinuando que teria novamente de enfrentar a tirania dos fios em uma próxima oportunidade.

Logo que a música voltou a ecoar pelas paredes ampliadas da festa, a porta encostada da frente voltou a se abrir, trazendo um grupo de fieis em uma procissão libidinosa.

Uma grande linha partindo da porta do banheiro logo se formou no novo pátio, construída exclusivamente por mulheres. Elas tinham agora liberdade de tempo para executar suas tarefas femininas, já que o recinto não abrangia funções extras, diferentemente do bar instalado no sanitário do outro lado do corredor. Pela explicação convincente de Kaila, o espelho ali também era maior e se encontrava em perfeitas condições.

O esquema não planejado de banheiros separados funcionava bem, visto que todos os marmanjos da festa preferiam usufruir do banheiro-bar. Afinal, existem poucos prazeres na vida de um homem comparados ao ato de urinar se refrescando com uma cerveja gelada.

Os outros ambientes acomodaram bem os convidados saturados da baderna lunática originária do apartamento vinte. Muitos também caminhavam até ali e, ao perceber o entorno mais recatado, deixavam o local pensando que o mesmo não pertencia à festa.

Num dos novos espaços descobertos na sala, um grupo jogava baralho usando o cooler de cervejas como mesa. O jogo era interrompido a todo o momento, fosse para esvaziar, fosse para recarregar o caixote. O grupo pouco se importava com estas paradas forçadas, pois aproveitavam a oportunidade para apanhar mais bebidas. E pelo pouco que pude acompanhar do jogo, elas eram fundamentais para o seu andamento.

Os jogadores gritavam continuamente, embora um deles se pronunciasse somente depois de checar a manifestação dos outros três. Na certa, não se tratava de um especialista no carteadado. Pelo que entendi do placar anunciado por dois pares de cartas postos sobre os joelhos de um quinto elemento, o iniciante pertencia a dupla que vencida o jogo.

Por se tratar de uma rodada decisiva, os sujeitos embriagados gritavam com mais vontade, contagiando os espectadores a acompanhá-los em seus chamados. Eu era um deles e me aproximava com mais êxtase conforme os rugidos eram disparados.

Em um dos breves instantes de silêncio nos quais os jogadores se concentravam para fazer uma leitura precisa do jogo, reconheci ao fundo um timbre

de voz familiar. Caminhando em direção à porta do apartamento, de costas para mim, tive certeza de ver Ana e Clarissa lado a lado.

A gritaria novamente se acendeu como em uma chuva de fogos, inflamando também meu instinto masculino. A rodada decisiva tinha início sobre a “mesa”. Os lances foram rápidos, embora bem calculados, fazendo com que o jogo tivesse um final imediato. O par do garoto iniciante se enfureceu quando notou o movimento equivocado do rapaz, entregando assim a estratégia da dupla. Seus adversários não perdoaram o deslize, não só virando jogo, como também liquidando com ele.

A premiação se deu em uma sequência obscena de palavras aos ouvidos dos perdedores, que logo se levantaram e deram lugar a outros desafiantes. Tive tempo apenas de pescar uma lata dentro do cooler antes de um novo jogo ser iniciado e quando direcionei minha visão para a porta, Ana e Clarissa não estavam mais lá.

Antes que eu tivesse tempo de traçar um possível paradeiro, Cris atravessou meu caminho. Muito mais falastrão e titubeante do que o sujeito sério e ponderado conhecido algumas horas antes. Ele já havia se separado do barril de vinho, mas se consolava com um frasco grande de caipirinha. Carregava o “fardo” com dificuldades entre as mãos.

Era acompanhado pelo sujeito responsável por me ajudar com os engradados. Sua camiseta branca estampava agora com uma enorme mancha grená na altura do peito, possível prova do fim trágico do barril de vinho.

No meu estado levemente alterado, só era capaz de parabenizá-lo por ter encontrado o cooler na dispensa. Apontei em direção aos jogadores que o usavam como mesa e eles brindaram em nossa direção.

- Josh, vem aqui! Quero te apresentar esse cara! – Cris exclamou estremecido enquanto colocava a batida sobre a mesa de jantar, visivelmente entorpecido.

- Você tem que conhecer essa figura, Mat! – ele dizia ao amigo abraçando-o contra o próprio corpo.

Mateus, seu verdadeiro nome, e eu trocamos um rígido aperto de mão, como se a figura de cada um fosse admirável diante do olhar do outro.

Fiquei ali o tempo todo calado escutando Cris nos introduzir. Faltavam-me palavras não pela perceptível dificuldade dele em se comunicar, minimamente constrangedora a ouvidos mais atentos, mas sim pela precisão com a qual me descrevia. Usou palavras certas para explicar o que eu fazia e de como eu não gostava do que fazia.

Pintou um retrato meu certamente mais realista do que eu mesmo seria capaz ou provavelmente fizera a ele quando nos conhecemos. A lucidez embriagante com que a expressão “simplificar a vida” saiu de sua boca me confortou de uma maneira que me fez admirar ainda mais aquele homem.

- Josh, lembra que comentei sobre uma pessoa que nos ajuda esporadi...
- Esporadicamente! – Mat foi complacente com o estado do amigo.
- Esporadicamente com o site? – Cris completou.
- Lembro sim Cris.
- Então, essa pessoa é o Mateus aqui.

A maior parte deste trabalho se dava graças a sua capacidade fenomenal de desenhar. Havia sido ele, inclusive, o autor da imagem marcante da mulher seminua concebida na prancha de memórias de Andy. Ambos haviam se conhecido em uma exposição fotográfica de um artista gaúcho. Depois de relembrares com entusiasmo dos trabalhos exibidos na ocasião, Cris retomou a falar do amigo:

- O Mateus aqui é na realidade publicitá...
- Publicitário nas horas vagas! – Mat novamente o ajudou.
- Exato! – Cris exclamou novamente tomando o drinque em suas mãos, como um troféu ostentado.
- Sou desenhista! Se quiser pode se referir a mim como ilustrador também. – Mateus disse em uma posição faustosa, nitidamente estruturada para provocar acessos de riso no amigo.
- Bom, acho que vocês têm bastante o que conversar. – Cris sacudia a jarra, derramando seu conteúdo na já sequejada camiseta do amigo. – Minha missão aqui está feita!

Ele então nos deu as costas e seguiu petulante até a roda de carteados, unindo-se ao uivo retumbante da plateia.

- Ele já está chegando à outra dimensão. – comentei com Mateus, que rapidamente consentiu com a cabeça enquanto enxugava a roupa com um guardanapo.

- Mas então Josh... Com essa situação que o Cris falou sobre você, acredito que queira buscar outras oportunidades na sua carreira.

- Não sei exatamente se esse é o ponto aqui. – respondi.

- Você está desiludido com o seu trabalho ou não está?

- Sim, sim. Isso é verdade. Mas como vou te explicar? Bem... É uma situação mais ampla que não envolve apenas o trabalho. Como ele mesmo falou, estou querendo simplificar a vida.

- Acho que não tem muito sentido então te falar que o lugar que eu trabalho está contratando gente, não é mesmo?

- Ahhh! Por isso o Cris queria nos apresentar.

- Acho que sim! – concordou, conforme riamos das habilidades ébrias de Cris que, mesmo sem reflexos para falar ou andar, ainda era capaz de projetar aquele encontro.

- O cara é ligeiro mesmo! – falei.

- Ele contou um pouco sobre você ali na varanda quando perguntei quem era o sujeito que havia me ajudado a levar os engradados e encher o cooler.

- Entendi. Na certa, ele já sabia da sua necessidade e acabou ligando nossos caminhos.

- Sabia mesmo. Semana passada eu falei com ele sobre isso. Perguntei se não conhecia alguém que eu pudesse indicar aos meus chefes.

Eu tentava prever um possível desfecho para aquela situação quando subitamente uma correria tumultuada se deu para fora do apartamento em direção ao corredor. Gritos e chamados ecoavam pelas paredes entre os dois apartamentos. Calçados em batida desatavam ruídos cortantes.

Os próprios jogadores abandonaram a partida, colocando as cartas em seus bolsos antes de partirem em debandada. Mat e eu olhamos um para o outro e, sem pensar duas vezes, seguimos o fluxo desenfreado.

Com dificuldades para transpassar a porta, dado o excesso de contingente, tivemos de aguardar os mais agitados passarem. A própria música se emudeceu diante da gritaria.

Um empurra-empurra generalizado foi responsável por configurar um perfeito círculo próximo à entrada do apartamento vinte. No decorrer da confusão, algumas pessoas foram empurradas escada abaixo antes que tivessem condições de entender a situação.

Uma fenda se abriu por entre a cordilheira humana comprimida entre o círculo vazio e a porta do apartamento. Prestes a adentar a roda, e para minha total surpresa, estavam Pedro, Andy, Kaila e um quarto elemento desconhecido. Todos acompanhados de feições intimidadoras e copos gigantes.

Mateus e eu habilmente nos enfiámos para dentro da multidão e conseguimos ficar a poucos metros da primeira fileira de pessoas que delimitava o círculo. Tentei gritar na direção de Pedro, mas ele estava comprometido demais com o cenário a sua volta, clamando por gritos da multidão.

Conforme eu ria da babaquice da situação, pude ver Ana se ajeitando dentre as pessoas em um diâmetro oposto ao meu. Na realidade, apenas metade do seu rosto surgia entre dois ombros maiores a sua frente. Ela parecia deslizar o olhar pela multidão também zombando do cenário inesperado. Percorreu uma metade inteira da roda até sua visão cruzar a minha, continuando seu trajeto sem nenhuma reação imediata.

Quando estavam quase completando uma volta inteira, seus olhos subitamente se interromperam e, como se o impulso elétrico da visão tivesse alcançado o cérebro, voltaram a encarar os meus. Como somente a parte superior do seu rosto era visível diante do par de ombros aglutinados, fui impedido de observar sua expressão quando me notou de fato.

Tomado pela curiosidade e na tentativa de aliviá-la de qualquer responsabilidade diante daquele momento de pressão, esbocei pateticamente um sorriso minguado. A reação de Ana foi ainda mais incógnita agora que seus olhos haviam se perdido por trás dos ombros saltitantes.

No meio do círculo, Andy, Pedro, Kaila e o quarto elemento, um rapaz jovem de boné, fixavam as regras do jogo. A disputa nada mais era do que a continuação de uma partida iniciada na cozinha do apartamento vinte. Copos eram cheios por inteiro com cerveja e o perdedor seria o último a terminar sua dose. Além dos quatro

remanescentes, outros brincalhões participavam dentro do apartamento, mas haviam logo desistido ao descobrir o castigo estipulado para esta disputa final: repor um estoque inteiro de bebidas para uma multidão alucinada impossível de ser calculada.

O fato foi se espalhando cabeça a cabeça pela roda, mas o que nitidamente fazia as pessoas se exaltarem era a notícia da escassez alcoólica da festa. Muitos inclusive deixavam a plateia logo ao saber que aquela não era uma roda de briga. Estes céticos logo retornavam aos seus postos quando o motivo verdadeiro do encontro era trazido em uma segunda mensagem, passando a gritar o nome dos participantes como se suas vidas estivessem nas mãos daqueles gladiadores.

Uma terceira mensagem era transmitida conforme os copos da batalha eram preenchidos dentro da roda. A disputa seria impulsionada acima de todos os limites até então conhecidos para aquele tipo de duelo. A primeira rodada seria composta por dois copos de cerveja para cada adversário. O primeiro a terminá-las seria o vencedor e se safaria das rodadas seguintes. Na segunda, seriam usados três copos, também de cerveja, já que era a única bebida restante em toda a festa. Novamente, o primeiro a finalizar todo o conteúdo sairia como vencedor. Na terceira e última, os dois jogadores restantes teriam de encarar um mistura exótica composta pelas bebidas remanescentes dos convidados. Os tais restos poderiam ser doados pela plateia ou retirados dos copos abandonados pelos cantos do corredor. Levando em conta que Kaila havia deixado de limpar o ambiente há muito tempo, o drinque resultante daquela combinação seria uma verdadeira anomalia.

Eu temia pela situação de Andy, pois sua habilidade com largas quantidades de bebida era reconhecidamente nula. Mas como sempre tivera esse ímpeto de exemplar anfitrião, se viu obrigado a participar da disputa. Pedro na certa estava ali por não ter trazido algo bebível para a festa. O rapaz de boné estava ao seu lado provavelmente pelo mesmo motivo.

A razão para Kaila participar da disputa era simples: ela havia nascido para aquilo. Fez desaparecer o conteúdo das duas latas da primeira rodada em tempo recorde. Não só a plateia como os outros participantes se detiveram diante daquela habilidade descomunal. Ela foi saudada de glórias pela torcida enquanto apreciava seu prêmio: outra lata de cerveja.

Com a garganta já aquecida da primeira etapa, Pedro não teve dificuldades para concluir as três latas seguintes, vencendo seus adversários com relativa vantagem no segundo estágio. Tanto Andy como o garoto de boné não foram capazes de terminar sequer uma embalagem em ambos os desafios.

Quando as regras da última etapa foram novamente repassadas, praticamente todas as pessoas da festa estavam torcendo por Andy. Eram ostensivamente tomadas pela euforia dos seus amigos mais próximos, dentre os quais Mateus e eu nos incluíamos.

Pedro e Kaila agora exibiam pose de juízes. Coube a eles transitar pelo público atrás dos ingredientes do drinque final. Ele segurava o famoso balde vermelho antes usado para carregar cervejas e ela esvaziava o conteúdo dos copos encontrados ou oferecidos para dentro do recipiente. Sujeitos não tão amigáveis jogavam pontas de cigarro dentro de seus copos antes de repassá-los a juíza.

Os dois finalistas se olhavam fixamente no centro da roda, evitando assim se aterem ao que estava sendo misturado no balde. Os gritos de incentivo da plateia haviam sido trocados por expressões de enojo por parte das mulheres e gargalhadas vindas do setor masculino.

Quando já haviam coletado material suficiente para encher os dois copos compridos, os dois juízes voltaram ao centro da arena. Num toque final, Kaila despejou os últimos goles de sua lata premiada de cerveja dentro do balde.

Os copos foram então preenchidos com um líquido que ora beirava uma tonalidade marrom, ora era tomado por uma aura esverdeada. Os gritos de asco deixaram de pertencer exclusivamente às mulheres e foram ecoados por todas as bocas presentes. Andy parecia visivelmente arrependido de se portar como um bom anfitrião, enquanto o garoto utilizava o boné para tapar a visão. Os juízes concordaram em permitir que as pontas de cigarro fossem retiradas dos copos, embora a torcida não tivesse se mostrado satisfeita com esta decisão. O círculo imaginário foi se encolhendo aos poucos, fechado pela pressão das pessoas ao fundo que tentavam se aproximar para contemplar a eminente batalha.

Percebendo o cenário pronto para o duelo, a multidão começou a clamar pelo início da disputa. Andy e o garoto não haviam tomado coragem para esticar

suas mãos em direção aos copos, mas foram obrigados a empunhá-los conforme a torcida exigia maior entusiasmo por parte dos jogadores. Os gritos dispersos e indistinguíveis se uniram em um só coro que bradava: “Vira! Vira! Vira!”. Os dois finalistas então brindaram com força os copos e começaram a virar o conteúdo exótico dentro deles.

Um não tirava o olho do outro enquanto executavam a tarefa. Derramar ou babar não era permitido de acordo com as regras previamente impostas por Kaila. Pedro, que supostamente deveria desempenhar o mesmo papel neutro, estava mais exaltado do que a torcida. Pulava no meio da roda enquanto reproduzia as vozes a sua volta.

Os participantes eram interrompidos por acessos de enjoo logo ao sentir o sabor do líquido asqueroso dominando as paredes da garganta. Respiravam fundo ou tapavam as narinas antes de retornar os copos à boca com extrema dificuldade. Mas gole a gole, o nível dentro deles diminuía.

Andy exprimia um semblante de impugnação conforme batalhava para cerrar o recheio do seu possível troféu. Já o garoto distribuía caretas desgarradas e sons amaldiçoados toda vez que era paralisado por uma sensação de ânsia.

A quantidade de bebida dos copos se nivelava mais e mais conforme se aproximavam do fim. Junto do líquido, os jogadores eram encharcados pelos urros enlouquecidos da torcida que agora pressentia a proximidade de um desfecho.

Após um último suspiro detestável, o garoto retornou o copo à boca. Fechou os olhos com extrema força e num último ato de bravura, despejou o conteúdo restante para dentro da garganta. Quando todo o líquido foi ingerido, sua boca se abriu com tanta força que fez seu boné cair pra trás. Era a comprovação da sua vitória. Andy finalizou sua dose segundos depois, mas quando olhou para o adversário, sabia que o combate já havia terminado. O volume da plateia instantaneamente se recuou.

Não sendo acometido pelo abatimento geral do corredor, Pedro em um de seus momentos de iluminação dos quais só os muito sóbrios ou os extremamente bêbados são capazes, segurou o braço do campeão e o ergueu até a altura dos

seus olhos. O juiz não deixou de espiar a atitude de Andy conforme levantava o braço vencedor, como se tentasse transmitir algum sinal ao amigo.

Passou então a examinar minuciosamente o copo com um só olho. O garoto de boné permaneceu em silêncio, ofuscado pela curiosidade do procedimento em curso. Após reavaliar a garrafa e novamente espiar na direção de Andy, Pedro chegou à conclusão que lhe cabia como juiz daquele duelo:

- Ainda tem bebida aqui dentro cara! Você tem que beber tudo!

- Porra! Mas eu bebi! – o garoto suplicou em desespero.

- Não está vendo esse resto no fundo? Isso mostra o contrário. – Pedro afirmou com um ar de genialidade.

- Este resto sempre acaba ficando no copo. Você sabe juiz! – tamanha foi sua indignação que nem por um segundo passou pela sua cabeça a imbecilidade com a qual aquilo tudo soava.

Pedro então tomou o braço de Andy, erguendo em seguida seu copo completamente vazio, clamando:

- Temos claramente um vencedor!

O barulho no corredor foi tão estrondoso que o pobre rapaz não teve sequer tempo de contrariar a decisão. Quaisquer que fossem seus argumentos, a corte daquele tribunal não teria compaixão pela sua causa. O público já havia tomado à decisão final muito antes de a batalha começar. Tamanha foi a anarquia do momento, que o boné do novo perdedor foi arremessado para longe. Ele não seria mais encontrado durante o restante da festa.

Após o trinfo de Andy, os juízes decidiram caber ao perdedor não só repor o estoque de bebidas, como também atender a qualquer outro pedido dos convidados.

Entorno do pobre rapaz, pessoas foram se amontoando, não para consolá-lo, mas para justamente imporem suas exigências. Com uma mão ele recolhia o dinheiro e com a outra anotava os pedidos no celular. Mateus foi um dos comissários que seguiu até o indigente para solicitar sua sonhada garrafa de tequila, embora a quantia de dinheiro repassada fosse notoriamente insuficiente.

Andy e Pedro voltaram para o apartamento vinte abraçados e sorridentes. Tinham aquela feição comum aos políticos que se sagram vencedores em uma eleição. Eu estava satisfeito com os pedidos feitos e fui me juntar ao time vencedor. Olhei para trás para chamar Mateus, mas ele já havia se perdido entre a multidão que, aos poucos, voltava à sua loucura normalizada. Ainda consegui me aproximar do rapaz sem boné, tentando confortá-lo de alguma forma:

- Pelo menos da próxima vez, você já sabe que tem que terminar a copo por inteiro.

Ele me encarou enraivecido como se minhas palavras fossem de ironia e descaso com a sua derrota. Finalmente havia entendido que estava cercado por bandidos naquela festa para a qual nem havia sido convidado.

- Vai querer alguma coisa ou não? – ele bravejou.

- Me traz um chiclete se sobrar dinheiro. – respondi tapeando-o nas costas.

O perdedor deu meia volta e seguiu em direção ao elevador, ainda organizando o calhamaço de notas em suas mãos. Um fiel companheiro tornou a acompanhá-lo quando se deu conta de que a multidão já havia se esquecido de quem ele era. Ambos olhavam para as garotas dançando perto das escadas, enquanto a porta do elevador se fechava vagarosamente, desenhada exclusivamente para torturá-los naquele momento. Eles remexiam suas cabeças em sinal negativo durante o percurso final das cortinas de ferro.

O rapaz sem boné deixara claro em sua expressão impetuosa que voltaria a qualquer custo para a festa, fosse para apreciar as garotas, fosse pelo boné perdido. No fundo, ele já sabia que uma revanche jamais aconteceria. Depois de ter aprendido tantas lições, certamente tentaria desafiar alguma outra alma inocente perambulando perdida pelo corredor.

Capítulo 21

O segredo do mundo na ponta de um sorriso

Já era fim de tarde quando tornei a encontrar Pedro na varanda do apartamento vinte. O calor continuava pujante embora a partida eminente do sol já aliviasse consideravelmente a massa de ar quente sobre a atmosfera. Meu amigo continuava a aumentar sua taxa de consumo de cigarros e eu estava ali apenas para acompanhá-lo.

Além de me contar, usando detalhes indecorosos, sobre seu apetite por garotas de óculos, revelou que seus pais já estavam cuidando dos documentos do divórcio.

Embora fosse um cenário inevitável, a notícia me atingiu mais de surpresa do que o esperado. Ele por outro lado relatou os fatos com toda tranquilidade que um filho não demonstra ao ficar a par de uma situação como esta. Talvez na sua cabeça fosse algo esperado também e, mais do que isso, algo desejado.

Pelo seu relato, Paulo parecia estar encarando a situação exatamente do mesmo jeito. Sua irmã ainda se mostrava relativamente abalada, sem saber ao certo como lidar com a nova condição. Os três se reaproximaram assim que a notícia eclodiu na casa. Fora dada em um jantar de família realizado um dia depois de Lua terminar seu namoro com Felipe. E Pedro sabia que o rompimento contribuíra para elevar a insegurança da irmã.

Notando a situação delicada de Lua, Paulo, pela primeira vez em anos, chegou a cancelar uma viagem pela empresa para passar uns dias com a família na casa onde haviam crescido juntos. Pedro abordou o fato com o velho orgulho que tinha pelo irmão mais velho, traduzido por uma quase imperceptível variação no tom de sua voz toda vez que se referia a ele. Só quem conhecia Pedro há muito tempo poderia distinguir a diferença nos timbres.

O pai já estava fora de casa a alguns dias, pingando de hotel em hotel pela cidade. O casal chegou a um acordo após muito refletirem sobre a situação degradante na qual haviam se enterrado. A decisão de deixar a casa partiu dele próprio e, embora não fosse definitiva, serviu para acalmar os ânimos. Segundo

Pedro, o jeito tirano do pai se tornava mais aceitável agora que não se viam com tanta frequência.

A mãe, por sua vez, planejava uma viagem junto dos três filhos, pensando principalmente no bem estar de Lua. Ela aos poucos demonstrava novamente se animar com a vida em si. Paulo foi o primeiro a concordar com a ideia e agora só estavam no aguardo da confirmação de Pedro, que já alertara seu chefe sobre a inevitabilidade da ocasião.

Insisti tantas vezes em perguntar se Pedro estava bem que acabei me convencendo, pelas suas respostas brincalhonas, de que ele de fato estava. Mesmo não sendo passível de se abrir para tais assuntos, eu sabia de alguma forma fazer uma leitura precisa do seu estado emocional apenas notando o modo como conduzia suas conversas. Na festa, elas eram muito mais descontraídas e despreocupadas do que no fatídico dia do aniversário da mãe. “Cedo ou tarde, ela também vai se dar conta de que esta era a melhor solução para os nossos pais”, disse em um raro momento de austeridade, ao se referir à irmã.

Revivendo nossa juventude, a sobriedade da conversa se limitou àquele breve instante e logo passamos a decorrer sobre o laço boêmio que nos ligava.

Comentou sobre a garota que o acompanhava desde o momento de chegada. Haviam se conhecido no parque Ibirapuera. Pedro traçava seus trinta e poucos quilômetros de bicicleta quando acidentalmente a atropelou. Por sorte, conseguiu frear a tempo de não causar maiores danos. O resultado foi uma troca de telefones com um objetivo além de checar a saúde da vítima nos dias seguintes.

Como Pedro sempre sabia o que levar para festas, acabou convidando não só a vítima, como também suas amigas. Após uma rápida excursão no banheiro feminino do outro lado do andar, o grupo se reuniu na varanda. Sua garota passou a nos fazer companhia enquanto as outras seguiram de volta para o centro da confraternização: o corredor. Ela usava um par de óculos exatamente da maneira como ele descrevera há pouco. Era grande e esguia, quase nivelando com a altura do seu par. Carregava uma grande bolsa da cor do vinho de Cris e um par de seios artificial. O primeiro ato foi o de acender um dos seus cigarros mentolados e Pedro se viu obrigado a acompanhá-la.

Das suas três companheiras, apenas uma não era digna de uma boa bebida. Pensando melhor, se fazia valer pela simpatia e a dupla de coxas salientes, consagradas ainda mais pelo short jeans típico de verão.

O casal indicou-me um alvo potencial dentro do grupo, mas o ato anterior das garotas partindo em retirada não creditava àquele plano qualquer margem de sucesso. Talvez considerassem carente minha perambulação solitária pela festa, quando na verdade eu só estava em busca de um bom papo. Fui grato á proposta de qualquer jeito.

Ela detalhava ainda mais a amiga numa tentativa quase frustrante de me agradar quando avistei Ana exatamente de baixo do batente da porta do apartamento. De mãos dadas ao seu lado, estavam Andy e Clarissa, finalmente unidos após o episódio da batalha. Havia também outro homem na roda, mas não fui capaz de reconhecê-lo graças a aba espaçosa de um chapéu que encobria a maior parte do seu rosto.

Ao reparar minha atenção totalmente focada para a porta, Pedro puxou sua amiga de lado, interrompendo sua fala maquinal. Em seguida, aplicou-lhe um beijo de novela. Pela intensidade e profundidade, parecia ser o último que dariam em vida. Não precisei sequer agradecer meu amigo, pois sua companhia o recompensava com muito mais paixão.

Andy e o resto do grupo já haviam se perdido entre a multidão do corredor. Apenas o chapéu pontudo continuava destacado pelas paredes ao fundo. Ele parecia ter vida própria diante das tantas cabeças finadas, sambando conforme seu portador se esforçava para traçar uma rota dentre os coágulos de gente.

Eu mesmo permaneci imóvel após ultrapassar a saída do apartamento. Temia perder de vista minha única pista do paradeiro do grupo. Só me senti seguro em desbravar o corredor quando o chapéu se perdeu dentro da porta número vinte e seis.

O piso do se transformara em uma grande pista de dança. A música de origem indecifrável continuava a marcar os passos de todos na festa. As luzes automáticas já haviam se queimado há algumas horas, incapazes de acompanhar a dinâmica progressiva do ambiente.

Pelo barulho ressoante das escadas, os limites da comemoração haviam fugido junto com a noção dos convidados. O sentimento comum era de que, a qualquer momento, a festa seria interditada por ordem de algum vizinho mal humorado.

Não havia mais distinção entre dentro e fora ou qualquer outro tipo de padronização inferida a um ambiente civilizado. O apartamento vinte, o corredor e agora também o vinte e seis estavam tomados pelo mesmo espírito inconsequente e as portas, que antes restringiam cada um dos três espaços, não passavam de efeitos distorcidos na totalidade do cenário.

Quando já estava na metade do percurso, fui barrado por alguns amigos do escritório. Eles me abraçavam e giravam meu corpo numa espécie dança inibida. Eu tão pouco sabia que estavam na festa e, pelas dúvidas incessantes sobre Andy, ele também não.

Minha paciência durou pouco logo que notei, olhando por sobre a multidão, Ana parada próxima à entrada do apartamento vinte e seis. Uma chance única estava diante de mim e eu não podia arriscar perdê-la de vista novamente. Não me deixaram outra escolha, a não ser inverter o paradeiro do anfitrião. Só fui de verdade liberado quando aceitei dividir algumas doses de uma bebida literalmente em chamas. Um dos rapazes insistiu em me acompanhar, mas desistiu da ideia ao ver a quantidade de pessoas e obstáculos espalhados pelo corredor.

As paredes laterais delineavam um caminho mais acessível até o meu destino, pois serviam de retiro para casais recém-formados. Assim, fui desbravando esta rota até finalmente alcançar a porta de entrada. Ao pisar no solado de madeira, Andy pulou como um assaltante na minha frente:

- Por onde você andou cara? Estávamos atrás de você!
- Nem eu sei direito por onde eu estava. Mas agora estou aqui. Isso que importa. – respondi ainda ofegante pelo susto tomado.
- Pois é! O agora é o melhor lugar para estar.

Recobrando o fôlego, notei o chapéu pontudo bem atrás de Andy. Ele então se voltou em minha direção, revelando a identidade do seu carro abre-alas. Marinheiro não só parecia um mago com aquele artefato à cabeça, como talvez

fosse a única pessoa capaz de usá-lo sem dar a impressão de ser um lunático, tamanha era sua lucidez.

Andy e eu nos achegamos perto dele que agora tinha como expectadoras Clarissa e Ana. Ele as entretia não só com o rico conteúdo de suas narrativas, mas também com sua fala mansa e aconchegante. Abusava dos nossos sentidos, utilizando-se de sons, movimentos e a mais pura mímica descritiva.

Eu me postei comedidamente ao lado de Ana para que ela não se distraísse do trecho narrado. O Marinheiro contava novamente sobre o dia em que perdeu seu único par de sapatos. Como todas as outras, aquela história valia a pena ser ouvida ao menos quatro vezes. Eu gostava de ouvir sobre a casinha de palha em que passou algumas de suas noites quando desbravava descalço a penúria do interior nordestino. Por ser uma de suas melhores narrativas, se enquadrava dentre as mais contadas. O Marinheiro havia decorado com tanta intimidade as características do lugar, que suas palavras sempre sensibilizavam conforme relatava a simplicidade imposta à região.

Ana retribuiu minha serenidade com um sorriso maravilhosamente afetuoso. Os próprios dentes continuaram velados dentro da boca, pois não ousaram desfigurar aquele gesto sutil de ternura. Os olhos levemente fechados faziam os lábios se destacarem ainda mais.

Deixei minhas preocupações com os vizinhos de lado quando Andy me apontou o casal de cinquentões do apartamento vinte e dois acendendo um narguilé egípcio ao nosso lado. Um odor de mato queimado foi aos poucos tomando conta da área junto da fumaça.

A televisão na sala transmitia um jogo de segunda de algum campeonato internacional. Mesmo a voz do narrador sendo vencida pela música ambiente, a atração havia conquistado alguns passantes. Eles se ajeitavam no sofá de onde tinham uma visão privilegiada de um grupo de garotas estonteantes, as quais dançavam ao lado de um grande amplificador de cuja presença eu não me lembrava.

Na mesa de jantar, uma caixa de pizza esvaziada ostentava os restos finais do que outrora fora um sonho realizado com recheio extra de queijo. Um casal se

emaranhava com tanta paixão na varanda que a cena intimidava qualquer um sedento por ar naquela noite ainda abafada.

Sem maiores explicações, o Marinheiro se retirou para um cochilo antes mesmo de alcançar a segunda parte da história. Seus olhos estavam pregados e já não conseguiam acompanhar nossa empolgação. Andy comentou que a situação era normal na sua rotina, sendo o cochilo parte essencial do seu dia. Como todo exímio contador de histórias, sua imaginação precisava de um repouso forçado depois de tantos enredos consolidados.

Andy e Clarissa já estavam na boca da varanda e bastou um pequeno puxão dele para que fossem engolidos por completo para dentro daquele antro lírico. Ana se sentou na cadeira da mesa de jantar e me induziu com o poder de outro sorriso a acompanhá-la.

Como se tivéssemos toda eternidade a nossa frente para consumir as questões que de fato nos interessavam, passamos um tempo jogando conversa fora. Foi como uma prova mútua do desejo por aquele instante. E não seria a pressa a responsável por corrompê-lo.

Tal como Andy previra, fui completamente fisgado pela naturalidade com a qual Ana se movia das questões mais complexas para as mais banais. Em um minuto, debatíamos profundas questões filosóficas. No seguinte, vagávamos pelos sabores de pizza estampados sobre a caixa vazia em cima da mesa. Neste ponto, tínhamos opiniões muito contrárias sobre nossas preferências. Ela sabia transitar por tais variações de uma maneira que amigos de longa data fazem entre si.

Não precisava ativar em mim uma chave para acompanhá-la em temas mais valorosos ou ainda desligá-la conforme éramos dominados por acessos de riso. Assim como eu também não tinha tal preocupação em relação a ela. Guiava-se pelo meu fluxo espontâneo de pensamentos, como se premeditasse minhas falas.

Havia uma consciência subliminar por trás de cada ação nossa que nos fazia, mesmo que por alguns instantes, preterir nosso apetite. Estávamos ligados não só pela atração física, mas também por uma admiração de caráter afetivo. Este libido ambivalente florescia potentemente conforme nossos instintos eram alimentados pela certeza que um incidia no outro.

Ana pertencia àquele tipo de mulher capaz de controlar seus gestos e movimentos a ponto de serem armas poderosas. Mas naquele momento, a sucessão de sorrisos simbolizavam atitudes meramente naturais, apaixonadamente espontâneas. Mais do que isso, gestos indefesos que pela primeira vez ela não havia sido capaz de moderar. Embora este breve lampejo de vulnerabilidade tenha surpreendido mais a ela do que a mim, foi talentosa o suficiente para não censurá-lo mais pelo resto da noite.

Meu olhar compenetrado no seu tinha um caráter que beirava a hostilidade, tamanha era a devoção com a qual eu a observava. Foi quando comecei a ser instigado pelos seus primeiros sinais verdadeiramente femininos. Passou a sobrepujar a mão nos cabelos toda vez que se prendia as minhas palavras. Ao se chocarem contra as minhas, suas pernas instintivamente se acomodavam como se buscassem abrigo, deixando a dança gestual de sua fala a cargo exclusivo das mãos. Pouco a pouco, estas também foram censuradas após caírem na armadilha imposta pelos meus próprios dedos.

Um conjunto de gestos homogêneos nos transportou para um novo estado de silêncio. Era como se a sala antes repleta de movimento e dissonância tivesse sido levada para outra dimensão. As pessoas e os objetos a nossa volta perderam volume e nitidez. A energia advinda de nós dois era suficiente para manter a existência do mundo em um sistema primário de movimento.

Tamanha era a capacidade de Ana em me surpreender, que foi ela a dizer as primeiras palavras após aquele intervalo de sublimação:

- Tudo pode acontecer, se é que não aconteceu nessa festa. Se eu fizesse parte do “Ministério do Vai Dar Merda” do Chico Buarque, eu com certeza falaria que aqui vai dar. – disse num tom jocoso assim que me fez notar um sujeito tráfegando com a bicicleta do Marinheiro no corredor.

Sem dar qualquer importância a factual insanidade do ciclista, fui tomado por uma sensação grandiosa. Eu já havia sido instigado raras vezes por ela, mas aquela era a primeira oportunidade em que eu entendia de fato sua essência. A inteligência de Ana me excitava e, mais do que a obviedade da sua beleza, ela que me atraía cada vez mais para o seu controle.

Em meus devaneios irritantemente masculinos, tentava encontrar algum tipo de defeito naquela beldade. O máximo que pude lembrar foi de ter escutado uma conversa dela a respeito do seu horóscopo. E mesmo assim, faria todo sentido do mundo naquele momento se sagitário fosse complementar ao signo de aquário.

Desatei-me da posição perpendicular e endireitei o corpo frontalmente ao dela que, por sua vez, não precisou se mover, pois já estava na posição que eu imaginava ser a melhor possível. Dei-lhe um beijo ligeiro, porém intenso. Pela sua reação, já era algo esperado. Houve uma troca de olhares de aprovação e volúpia entre nós que, por si só, foram capazes de atrair nossas bocas por uma segunda vez.

Minhas mãos repousaram sobre suas coxas enquanto ela pressionava com força a lateral da minha nuca. pulsações gananciosas se alastraram por todo o meu corpo quando nossas bocas se desprenderam. Mas desta vez, nossos rostos se detiveram a milímetros um do outro. A ponta do seu nariz empinado rabiscou sorrateiramente pelo meu rosto, conforme ela imaginava um mundo perfeito dentro dos olhos fechados. Eu podia apenas sentir a delicadeza expressa em torno dos lábios que deslizavam. Duas almas cegas sendo guiadas pelos sentidos da pele que voltaram a se brindar ao sentir boca e boca novamente emparedadas. Meus olhos só abriram novamente ao ouvir o sorriso de Ana se desenhar. Por ele, eu notei que eu era capaz de arriscar muito mais.

Decidi sem aviso prévio que aquela plenitude não era digna de terminar. Guiei então seu corpo com a mesma reverência calculada de um pescador ao recolher sua rede das águas, nos fazendo levantar.

Mais uma vez fomos preenchidos por um silêncio purificante, tornando o trajeto pelo corredor igualmente virtuoso. A única coisa a se conter em Ana durante o percurso foi seu sorriso uno. Ela confiava em mim para guiá-la pela multidão e, em troca, garantia que seu sorriso não seria vazado a mais ninguém.

O quarto do apartamento vinte estava trancado e eu era um dos poucos, se não o único, a quem Andy havia confiado o esconderijo da chave. Cuidadosamente tirei a prancha embalada de cima da cama e a coloquei resguardando o piso sobre nós. Ana reclinou levemente as persianas alcançando um tom dourado nas paredes

do quarto digno do jardim onde os deuses se deitam. Voltamos a não nos importar com o mundo quando as luzes finalmente se apagaram.

Capítulo 22

Eudaimonia

Ao acordar no quarto de Andy, uma sensação perene de que eras haviam se passado tomou conta de mim. Período em que o mundo voltou a ser morada de apenas uma mulher e um homem. Ao mestre de tudo, o tempo, negou-se passagem para além da porta do quarto dourado. Somente Ana e eu guardávamos os segredos desmistificados ali.

Era uma cena encantadora admirar os longos cabelos dela debruçados pela cama. Não tão adormecidos como Ana, pois eram tocados pelo sabor da brisa noturna entrando pela janela, lavrando seu corpo em retalhos até a altura da cintura.

Ela continuava entorpecida e aparentava estar distante de uma realidade que já não era mais nossa. Um mundo estranho e desnecessário que se materializava audaciosamente para além dos limites daquele quarto.

No silêncio profundo, o quarto também permaneceu em estado de transe, sendo contaminado por nosso desejo de transgressão. Nosso abrigo havia se amorenado tanto pela ausência de luz quanto pela presença pacífica de uma bela adormecida. A única essência que se fazia sentir naquele abrigo era a respiração precisa de Ana. Embora de longe só fosse possível ouvi-la, quando me aproximei do seu corpo em repouso, pude sentir o carrossel de movimentos harmoniosos fazendo seu peito contrair e dilatar.

Tentei me regrar ao máximo para não tocar seu ventre, pois temia acordá-la daquele estado de graça. Estava descoberta da cintura pra cima, iluminando com sua beleza indiscutível os focos de escuridão por todo o quarto. Acabei sendo vencido pela tentação e repousei minha mão sobre a região do umbigo (e que umbigo inebriante ela tinha), apenas para sentir mais uma vez o ritmo gracioso e compassado daquele suspiro de vida. Atraído pela vulnerabilidade que era a iminência do seu despertar, deitei-me uma última vez ao lado dela.

Difícil explicar como tive de fato coragem para deixar aquele lugar. Mas sentia que era hora de dar alguma satisfação ao anfitrião da festa e aos meus

recém-descobertos companheiros de outras vidas (que pareciam ter combinado de juntar a todos nós novamente naquela data).

Ana permaneceu dormindo, enquanto eu me vestia com dificuldade, tentando proteger o silêncio. Pelo vão escasso da janela, dava para ver a noite mais negra do que os cabelos esparramados pela cama.

Saí do quarto usando apenas um dos chinelos, já que não fui capaz de encontrar o pé direito no meio do breu. Tranquei novamente a porta e joguei a chave por baixo dela, presenteando Ana com todo o tempo do mundo.

O apartamento vinte estava completamente vazio. Vazio de pessoas, de sons, de qualquer sinal da vida que passara o dia inteiro brigando por um espaço dentro dele. A única exceção eram as espadas de São Jorge que permaneciam alertas na varanda, sempre mirando o leste infinito.

Como se tivesse sido demolida e reconstruída desde as suas fundações, a cozinha se encontrava em um estado mais digno daquele encontrado no início da festa. Seu arranjo organizado só foi conturbado por um copo deixado por mim em cima da bancada da pia.

Pela primeira vez, a porta da frente estava trancada. A sensação de que eras haviam sido deixadas pra trás tornou-se então ainda mais real. Que não fossem eras, mas temia que àquele momento, Andy já estivesse sobrevoando o Pacífico, examinando suas revistas de surf ou lendo alguma obra não traduzida sobre a vida de Chris McCandless, como se precisasse aperfeiçoar o idioma da nova pátria. A oração dos despertos milagrosamente jazia firme sobre a entrada.

O corredor ainda abrigava alguns últimos sobreviventes que se ajuntavam seguindo o formato de uma ferradura. Na lacuna aberta, uma cantora agradável guiava estas almas desencontradas. Era boa tanto em voz como em habilidade com o instrumento precário de cordas enferrujadas.

Os olhos da plateia estavam nitidamente exaustos e alguns indivíduos pareciam travar uma luta com seus corpos. Postavam-se como dualistas da madrugada. A mente não sabia mais como viver outra vida, que não fosse a daquela festa, embora o corpo gritasse por alguns míseros minutos de descanso.

A cantora loira e de voz madura era o único ser completamente vivo, por assim dizer. O pouco tempo que permaneci ali me rendeu uma cerveja e uma boa canção. A música me fazia lembrar um filme sobre um garoto que fez de um ônibus abandonado sua morada.

Algumas latas vazias no chão degradado, que ainda nos prendia a cada passo dado, como se nossa presença fosse vital àquele lugar. Aquela devia ter sido a primeira grande festa do piso recém-reformado, e ele não queria que ela acabasse. Tanto que fazia questão de abafar o barulho da cantoria para que as ondas sonoras não invadissem os outros andares.

A porta do apartamento vinte e seis estava semiaberta e apenas as luzes de alguns abajures permaneciam acesas. Elas eram suficientes o bastante para templificar o local, graças também aos incensos acesos próximos a varanda. Eu me senti ainda mais extasiado ao encontrar a harmonia do lugar, traduzida também no semblante relaxado das pessoas ali presentes.

O sofá em L estava inteiramente ocupado pelo grupo que assistia a “Clube da luta” na televisão. A mesa de centro entre o grande assento e a instantê da tevê havia sido movida para o canto da sala para que mais pessoas pudessem se acomodar e acompanhar o filme. Cris usava o tapete como colchão, deitado ao lado de Kaila. Mateus estava ao lado dela. Havia uma tensão grande à medida que as cenas se desenrolavam, como se todos ali assistissem ao filme pela primeira vez.

Alguns carregavam xícaras pertencentes a um jogo de chá tailandês que Kaila havia trazido do país asiático. Em cima da mesa, agora de canto, um bule prateado ainda emanava vapor da parte superior, pois a tampa fora posta em diagonal sobre a abertura. Nenhum deles percebeu minha presença com exceção de Andy que estava na cozinha lavando parte da louça. Eu acenei com a cabeça e ele me devolveu uma piscada enquanto raspava com força uma panela grande de alumínio.

- Tem um pouco de comida na geladeira se você estiver com fome. Um pouco literalmente. A galera devorou tudo. – ele me disse assim que imbiquei na cozinha.

- Pra onde foi todo mundo?

- Cara, você ficou muito tempo “ausente”. O pessoal foi simplesmente... embora. – apontava com a cabeça para a janela da cozinha, mostrando que um céu cor de bronze alimentava as nuvens com os primeiros raios de sol.

- E o Pedro? Já foi também? – perguntei tirando um pano de louça de uma das gavetas.

- Foi sim. Disse que tinha que levar as amigas embora. Disse também que ia voltar, mas não apareceu até agora.

Clarissa então surgiu no batente que dava à cozinha, parecendo nada surpresa ao me ver:

- A Ana ficou por lá?

- Ficou sim. Não quis acordá-la.

- Vou lá ver se está tudo bem.

- Talvez você tenha que acordar ela pra saber isso. Eu tranquei a porta e joguei a chave pra dentro. Achei que a festa ainda estava rolando.

- Bom, estão posso ficar tranquila pelo jeito.

- Pode sim. Ela só está dormindo.

Eu estava secando a grande panela que Andy terminara de lavar quando ela pegou o pano da minha mão e deu uma sapecada atingindo minha bunda. E então concluiu ironicamente:

- Acho que você precisa relaxar também. Pode ir lá pra sala. Aquele chá acabou de sair. Ainda está quente.

Seguindo as ordens dadas, abandonei o casal na cozinha e rumei de volta ao resto do grupo. Arrastei uma cadeira da mesa de jantar até perto do sofá e mesmo com o barulho sinuoso da tarefa, continuei passando por despercebido. Peguei uma das xícaras tailandesas sem orelha e servi-me do chá verde com menta do bule.

Ao notar um efeito exterior ao filme, Cris esticou a mão com o copo vazio, me obrigando a também servi-lo. Só foi se virar quando ouviu minha voz questionar a quantidade de chá em sua xícara. “Fala Josh” foram suas únicas palavras, respondendo não só por ele, mas pelas outras pessoas naquele ambiente, as quais dispuseram uma saudação conjunta usando apenas o olhar.

O silêncio reinante seria quebrado por uma série de pensamentos que só poderiam vir de indivíduos diferenciados. A saga de comentários se iniciou

lentamente, até todos perceberem que eles deixavam o filme ainda mais interessante.

A partir de tal vislumbre, o público só passou a se conter quando tinham suas xícaras levadas à boca. Estas, sem suas habituais orelhas, eram as únicas desafortunadas impossibilitadas de presenciar a sessão.

- Qual é a profissão desse cara que eu não entendi até agora?

A escuridão parcial que pairava sobre o sofá ocultava os autores de seus comentários. Pareciam todos vindos do além, de uma terra em que não há sentido na vida se todas as perguntas tiverem respostas.

- Depende. Mas acho que ele é um ator.

- Porra, que sorte dessa mulher hein. Ficar nesse quarto o dia todo...

- Falam que a maquiadora usou somente a mão esquerda pra fazer a personagem dela. Ressaltar o tipo desequilibrado.

- Ela não fez Harry Potter?

- Fez sim. Era aquela amiga dele.

- Lógico que não seu maluco. A amiga dele é aquela atriz que virou uma gostosinha.

Alguém esticou um celular até a mão do curioso, que pela iluminação do aparelho pude ver que se tratava de Mateus. Na tela, uma foto recente da atriz estava sendo carregada.

- Alguém poderia me passar aquele saco de batatas?

Eu me ofereci para a tarefa, e o saco então se perdeu no breu do sofá. De qualquer forma, ele já estava vazio.

- Que porra de filme de maluco é esse que o cara vira um pinguim?

Por pouco, a pergunta não foi interrompida por um grito familiar vindo da cozinha. Andy havia encontrado um pedaço de torta de limão no canto da geladeira. Ele se apressou em devorá-lo sem qualquer referência a um talher.

- Ouvi dizer que o New Beetle foi escolhido pra ser destruído nessa cena porque os atores odiavam o carro.

- Ele era um símbolo de liberdade nos anos sessenta e foi todo remodelado para servir de chamariz para jovens executivos e madames. Concordo!

- “Trabalhamos em empregos que odiamos para comprar porcarias de que não precisamos”! – urgiu uma voz do escuro, repetindo exatamente o mesmo tom corrosivo do personagem na tevê.

- É amigo, uma hora ou outra a chuva cai sobre todos nós.

Eu nunca seria capaz de induzir tais percepções por conta própria. Era como se cada um tivesse o dever de acompanhar algum mínimo detalhe e então expô-lo ao resto do grupo que, por sua vez, estava distraído com outras minúcias igualmente relevantes.

Já próximo do término do filme, ou do que eu esperava ser o final pelo tempo decorrido, fui abatido por uma sensação monstruosa de fome. Tive de ir até a cozinha para comprovar que Andy havia se equivocado ao me oferecer comida. As reservas de alimento haviam sido liquidadas junto do último pedaço de torta digerido por ele.

Lembrei-me então de ter visto alguns pacotes de queijo na geladeira do apartamento vinte. Assim que a memória do alimento disponível se desenhou na minha cabeça como uma iguaria succulenta e tangível, fui instantaneamente atraído para o outro lado do corredor.

Como se estivesse hipnotizado pela eminente desnutrição, cruzei novamente a sala sem maiores explicações. O final do filme já não valia a atenção do meu estômago e ele era o meu senhor naquele momento.

O corredor já estava inteiramente vazio, assim como o cooler deixado para trás. Eu aproveitei para arrastá-lo comigo até o apartamento de Andy, jogando as latas vazias pelo caminho para dentro dele. Minha mente só era capaz de reunir energias suficientes para me guiar à geladeira. Era a única memória que ela fazia questão de preservar.

Ao transpassar a porta de entrada, fui arrastado para a cozinha em um processo instintivo o qual nunca fui capaz de explicar. Tudo voltou ao normal quando o queijo, e mais algumas fatias de pão, se mataram entre os meus dentes.

Saciado e revitalizado, prestes a tomar o caminho de volta, avistei o corpo do Marinheiro estendido pela varanda. Os pés descalços palpitavam segundo um ritmo silencioso. Tinha ao seu lado um pequeno regador que na certa havia dado de

beber as espadas de São Jorge. Ambos permaneciam estáticos admirando o sol que se empunhava sobre o horizonte. A poeira planava sobre as vertigens luminosas. A presença ainda tímida do astro já era suficiente para homenagear as duas almas devotas através de estrondosos raios alaranjados que iluminavam até o canto mais secreto daquela varanda.

A porta do quarto continuava fechada e eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, os raios solares abusariam da pequena fresta da janela. Durante a noite, a pequena abertura funcionara como nossa fonte refrescante. Agora, daria ao sol a chance de espiar uma Ana exuberante em seu estado mais belo. E por isso, eu o invejava. Se tivesse sorte o bastante, ela já teria se debruçado pela cama a ponto de tornar visível a curvatura delicada da sua lombar. Aquelas covas tinham o poder de desvairar até mesmo os raios mais íntegros e inflexíveis. E se isto não fosse o bastante para comovê-lo, indubitavelmente seria agraciado com o aroma feminino emanado eternamente pelo seu corpo. Tamanha seria o encantamento provocado pela morena, que certamente alguma nuvem seria ordenada a vigiá-la.

Encostei o cooler repleto de sucata perto da entrada da cozinha e continuei admirando a tranquilidade do Marinheiro. Tinha certo receio em outorgá-lo naquele momento, mas fui traído pelos meus próprios passos, que acabaram destacando a minha presença. Enquanto o pé achinelado fazia questão de ser silencioso, o descalço parecia socar os tacos de madeira a cada pisada. Logo fui convidado a acompanhá-lo.

O Marinheiro já estava sem seu chapéu pontudo e colorido, pelo qual eu podia finalmente agradecê-lo. Não fosse o roteiro descrito pelo artefato reluzente, o quarto de Andy ainda estaria trancado pelo lado de fora. Sentei-me sobre o corredor metálico responsável por carrilar a porta de vidro da varanda e minhas pernas foram esparramando pelo piso refrescante.

Tentando mais compreendê-lo do que simplesmente plagiar seus movimentos, fiquei admirando o sol por alguns minutos. O guru de barba por fazer recolheu os óculos escuros da cabeça e os descansou no chão, fazendo fluir espontaneamente o som do seu interior:

- Essa planta tem a chance de ver o sol nascer todo dia, desde que brotou aqui mesmo nesta varanda. Nunca se escondeu por medo dele. Também jamais passou pela sua cabeça de vegetal que um dia ele não fosse aparecer. É como se sua vida fosse vida por isso e somente por isso. A vida que ela leva dedicada ao sol vale por ela mesma.

- Ela faz isso, pois tem de sobreviver. Ou não? – perguntei, quase imitando a tonalidade contemplativa dele.

- Esta relação simbiótica está além da nossa compreensão, Josh. É algo tão natural e perpetuado pela planta que possui para ela um sentido muito mais íntimo que apenas ela é capaz de compreender. Não é meio para nada, pois é o máximo que ela pode querer. É sua finalidade, seu bem supremo. A planta não simplesmente sobrevive, pois ela tem total plenitude desse seu propósito. Assim deveria ser com os seres humanos. Também não deveríamos nos limitar a apenas sobreviver.

- Você quer dizer que nós mesmos nos reprimimos ao encarar a vida da forma limitada que encaramos?

- Quero dizer que o ser humano está sempre aquém de suas reais intenções e emoções. Está sempre buscando algo a mais, quando na verdade a busca, o caminho, os sentimentos que somos capazes de experimentar são por si só o bem supremo que nós todos podemos querer. A planta ao que tudo indica, não possui a noção exata da felicidade. Ela age como planta porque esta é a sua natureza. Mas nós temos esta noção e, contudo, a vida é sempre algo a ser atingido, perseguido, distante. Nunca é o momento em curso. A consciência é a garantia de que temos um poder divino para contemplar nossa existência sem se deixar levar por motivos secundários, artificiais ou insignificantes. É dela que parte nossa liberdade, ou por que não, a oportunidade sagrada que temos de construir nosso próprio caminho. No entanto, a felicidade se tornou algo intangível conforme nos apequenamos e nos limitamos a definir nossa finalidade aqui como algo banal, sem valor.

- Não sei se entendi direito seu raciocínio...

- Josh, você tem amigos não porque espera atingir alguma coisa através deles. Você tem amigos porque estar rodeado por estas pessoas já lhe garante uma felicidade singular que se vale por si só. Que te transforma em algo melhor. Você não trata alguém com compaixão visando segundas intenções. Ou faz porque aquilo promove seu próprio prazer. Tudo que você faz deve valer por si e, consequentemente, fazer a vida valer a pena. Você não deve trabalhar em busca de um objetivo secundário, como mais dinheiro, mais sucesso, etc. Você deve trabalhar porque aquilo o satisfaz, eleva sua realidade e a do mundo a sua volta. Que você não tenha o emprego dos sonhos, mas que ele pelo menos seja justo em relação à energia que você desprende por ele. Ou ainda te garanta tempo suficiente para se dedicar a você mesmo. Ninguém para pra pensar nessas coisas hoje em dia. Amor, amizade, trabalho, ócio e tantas outras coisas que fazem parte da nossa vida deveriam valer por elas mesmas. Tudo parece ser tão automático que é como se quiséssemos pular de etapa rapidamente pra poder experimentar uma nova sensação. Logicamente, com tantas situações e cenários postos a nossa volta, muitas vezes não temos controle para construir um mundo hipoteticamente perfeito. Mas que pelo menos você seja capaz de refletir e contemplá-lo. Só assim, só assim,

seremos capazes de ser realmente livres. As pessoas desaprenderam a contemplar, admirar, frear. Elas agora seguem um ritmo complexo e desvirtuado.

- É incrível como sempre estamos fazendo coisas buscando outras coisas.

- Como um professor um dia me disse, quando existe esse bem estar soberano, esse instante de vida sublime, ao qual nós demos o nome de felicidade, a questão sobre a finalidade de se estar fazendo algo não possui resposta, a não ser ela mesma. Buscar na vida coisas que tenham sentido por elas mesmas. O nome dado pelos gregos a este estado sublime era *Eudaimonia*.

- São realmente palavras muito belas. Era um poeta seu professor? – questionei, ainda tentando memorizar a frase.

- Eram filósofos. Mas encarando a beleza com que descreviam tais ideias e pensamentos, pode-se dizer que tinham um lado bucólico.

- E não te chamam de Marinheiro por você ser filho de pescador ou por amar uma mulher que conheceu em alto mar.

- É verdade Josh. É verdade... – ele riu voltando a sua plenitude humanamente alegre.

- Você deve ter encontrado estes instantes sublimes nas suas andanças por aí.

- Com certeza meu amigo.

- Você se considera um nômade?

- Em certo ponto sim. – alisava carinhosamente as hastes que brotavam do pequeno vaso ao seu lado.

- Qual ponto?

- No ponto que diz respeito que o nômade conserva um segredo de felicidade perdido nas pessoas.

Permaneci em um estado de admiração silenciosa, onírica, tentando dimensionar o tamanho daqueles pensamentos.

- Por isso, elas me atraem tanto. – ele prosseguiu. – E por isso, continuo vagando por aí. Como eu disse antes, não estou atrás de um objetivo último. A busca por si só já vale a pena. O caminho que eu tenho percorrido já vale minha existência. – meus olhos contemplavam a energia pulsante que o Marinheiro emanava quando se referia as suas jornadas – E é por isso que essa busca, esse caminho, jamais cessa. Ela é infinita. E infinitas também são as nossas possibilidades.

- Agora entendo porque você participa dos grupos e das experiências coletivas que comentava quando te conheci. – afirmei com um ar de sabedoria incomum às minhas conclusões.

- Como assim Josh?

- Do mesmo jeito que você sorri ao afagar essa planta, você se realiza em transmitir suas experiências e tudo que você aprendeu nesse longo e radioso caminho.

Seu sorriso inocente logo se transformou em uma graúda risada quando percebeu meu acerto.

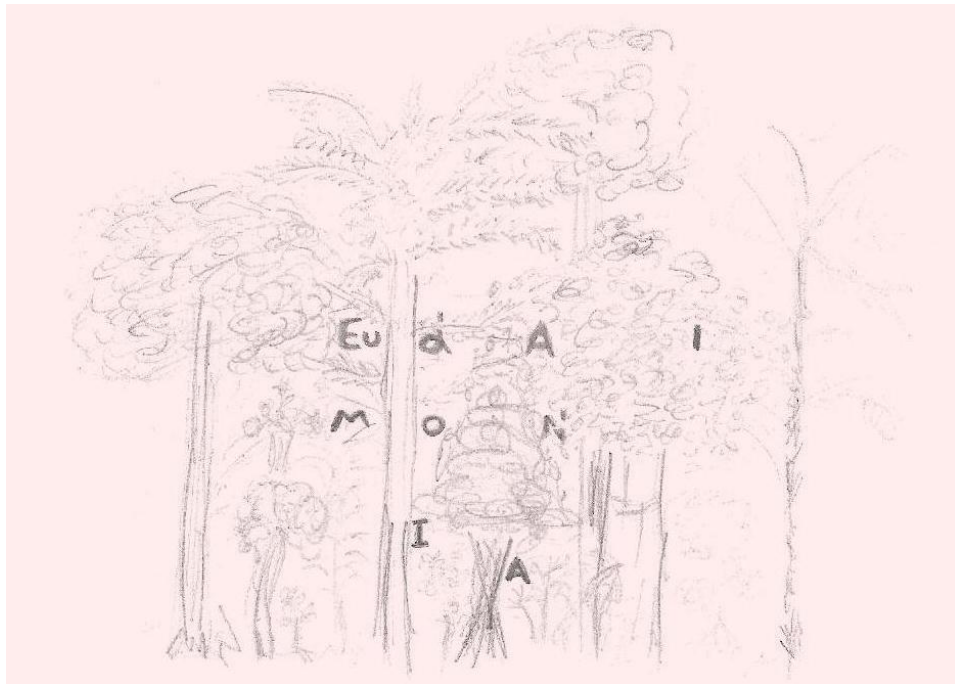
- Você tem toda razão meu amigo. Mais uma vez, é a vida valendo por si só. É a liberdade que vale por ela mesma.

Como acontecia toda manhã, a oração à porta do apartamento se realçava diante do toque solar. Eu fiquei a admirar o reflexo fulvo emanado dela enquanto o Marinheiro voltava sua atenção aos raios transbordando por entre os troncos, galhos e ramos do jardim vizinho. Dali a pouco, a varanda seria novamente tomada pelas sombras para assim permanecer até o próximo amanhecer.

Logo ao mirar a visão na mesma direção dele, a mesma para a qual os ramos de Espadas se curvavam, deparei-me com uma tela incomum e de certa forma inexplicável. Um conjunto iluminado de letras se destacava bem ao fundo do jardim. Pareciam ter sido modeladas em alguma placa mágica, aguçada pelos primeiros raios de sol dos dias de verão, como se dependessem daquele exato período e intensidade para se mostrarem. Estavam dispersas nas lacunas formadas pelo contorno das árvores a nossa frente. Reluziam tão cintilantes quanto as palavras descritas na porta de entrada. Era a primeira vez que eu tinha contato com um evento como aquele.

Marinheiro parecia também fitá-las, embora seu olhar distante fosse impossível de ser apurado com precisão. Ele parecia estar além das letras e, mais do que isso, além do próprio sol que agora potencializava ainda mais o brilho dos caracteres por entre a vegetação.

Parte dos símbolos foi se enfraquecendo diante do contraste desbotado entre o céu e a vegetação. Um combate entre o clarão crescente do sol e a áurea crepuscular pintada pela densidão de árvores. Foi neste instante de antagonismo entre a luz e a sombra que uma palavra nitidamente se formou ao leste da varanda. Ela era tudo aquilo que estava ali. E tudo que estava ali se expressava por ela.



Capítulo 23

Um Marinheiro e sua tripulação

- Sabe Marinheiro, eu concordo com tudo que você me falou. E também admiro muito a atitude do Andy de tentar encontrar o caminho dele, sabendo que aqui ele não estava feliz do jeito que as coisas caminhavam.

- Mas...?

- Mas parece que me falta alguma coisa que me permita tomar o próximo passo. Que me desprenda de uma vez por todas dos meus próprios medos. Por mais que eu concorde com você, Andy e os outros que deram esse passo a mais, não sei, parece que existem outras regras em jogo das quais eu não consigo me desvencilhar.

- Você acabou de definir estas regras, Josh.

- Acabei?

- São nada mais do que medos. Medos que partem de você e que são alimentados pelas pessoas, pela sociedade, pelos padrões. Medo de não ter um emprego bem remunerado. Medo de não ter uma carreira de sucesso. Medo de não acompanhar o êxito das pessoas próximas a você. Medo de não pertencer a algum grupo. Medo de ser diferente da maioria. Medo de adotar uma postura não convencional ou não conveniente aos padrões. Medo de expor seus verdadeiros anseios e sentimentos por medo de ser julgado. Medo de ser tido pelos outros como um mal agradecido ou, pior ainda, um vagabundo idealista. Medo de jogar fora as chamadas “oportunidades de ouro”. Medo de ficar para trás no rebanho a uma distância que você nunca mais possa alcançá-lo. Medo de dar razão à voz que grita dentro de você.

- Isso... É exatamente isso, Marinheiro! – a precisão de suas palavras me chocou com tamanha força que tive a sensação de estar diante da minha própria consciência desabafando.

- Pressões baseadas num manual supérfluo e artificial que ocultam nossa capacidade inata de escolher e moldar nossas vidas da forma que desejamos. E não é culpa sua ser influenciado. Toda essa opressão está tão enraizada nas pessoas que passaram a ditar o modo como vivemos. No fundo, muitas delas sabem que algo não está certo. Sentem a defasagem desse sistema. Assim como você.

- Deve ser por isso que, hoje, mais do que nunca, todo mundo parece estar infeliz com os rumos da própria vida.

- Esse ambiente carregado de leis sociais e pressões parece querer nos sugar de volta para dentro dele sempre que pensamos em desmascará-lo. O resultado é que acabamos sendo influenciados muito por conta daquilo que os outros falam sobre nós. As pessoas a sua volta pensam que sabem o que é melhor pra você mais do que você próprio. No fundo, você pode até não concordar com as

opiniões alheias, mas invariavelmente elas acabam desencadeando no seu interior uma série de sentimentos adversos. E eles te impedem de tomar esse próximo passo que você está buscando dar, pois você teme decepcioná-las ou contrariá-las. Quando na verdade, você está decepcionando a você mesmo.

- Mas você é uma das poucas pessoas que eu conheço que não sofre desses medos.

- Porque maior do que o meu medo Josh... – pausou como se buscasse as palavras exatas. – era a minha frustração. Era a sensação de que minha rotina estava me levando na direção oposta aos meus sonhos. Era reconhecer que eu não estava cumprindo o meu propósito no universo. Era perceber que eu não estava gastando meu tempo e energia indo atrás do que faz meu coração de fato vibrar. Eu estava sendo arrastado para uma vida medíocre, banal.

- Só existe uma saída para mim então...

- Pelo que vejo sim. Mas sempre tome um passo de cada vez. A iluminação, liberdade, felicidade, estado superior, despertar ou como quer que você queira chamar a sensação de estar em paz consigo mesmo não está em algo a ser buscado, mas sim no caminho em si. E nunca se esqueça de que “é possível estar iluminado e ainda assim ser vítima de defeitos humanos”, já dizia o famoso autor da frase colada naquela porta. – falou apontando para a porta do apartamento.

- Me sinto iluminado neste exato momento ao participar dessa conversa. Então é assim que se sente quando temos os tais instantes de felicidade... Obrigado mesmo pelas palavras. – ele assentiu generosamente com a cabeça, enquanto repousava novamente os óculos escuros sobre ela – Não faria sentido perguntar para você se tudo valeu a pena, certo?

- Acho que sei lidar bem com tudo isso, pois já vivi situações incomuns a nossa realidade. Quero dizer, aprendi a desconsiderar tais medos quando passei a compartilhar minha vida com pessoas mais humildes. Quando entendi que a coisa de maior valor que podemos adquirir é o agradecimento pela vida que temos. Seja ela repleta de riquezas, seja ela simples e ordinária, foi o maior bem que nos coube cuidar.

- Pessoas mais pobres, você quis dizer?

- Na verdade, sim. Mas prefiro não me referir a eles como tais. É triste pensar que riqueza e pobreza são adjetivos definidos pela quantidade de papel que você leva no bolso ou por um número grande de zeros. São muitas vezes muito mais ricos que todos nós. A grande parte que eu conheci vagando por aí tinha um coração enorme, transbordando em bondade e compaixão.

- Eu sei. Conheci um garoto assim. – referia-me a Tino.

- Eu acabava então me aproximando mais delas. Principalmente porque sentia na pele a indiferença com a qual elas eram tratadas. Paulatinamente, eu fui me afastando mais da sociedade ao notar que ela repudiava quem agia com bondade. Era assim quando eu observava um garçom sendo maltratado em um restaurante. Ou quando alguém do trabalho passava a perna em outro colega para se garantir. Aquilo me incomodava e me distanciava do mundo que eu havia sido

criado. Eu nunca entendi esse mundo por achar que ele vivia em uma competição que jamais teria fim. Tudo aqui gera competição ou é fruto dela. O emprego, a namorada, o dinheiro que sua família tem, a profissão que você escolhe, enfim, acho que você entendeu. Eu não conseguia entender isso e sinceramente, ainda não consigo. Foi por isso que saí de casa. Queria experimentar uma realidade nova. Mais do que isso, queria criar minha própria realidade.

- Lembro que você falou que saiu de casa sem nada. Apenas com a mochila.

- Como eu não tinha nada de valor, eram os pequenos gestos que me conquistavam. Uma vez estava vagando pelo nordeste. Estava morto de fome e exausto de tanto andar pela cidade atrás de uma refeição. Sem notar, eu perambulava por uma área mais nobre da região. Fui expulso de restaurantes e recebia ameaças quando me aproximava das pessoas, que se irritavam com a minha presença modesta perto de suas belas casas. Continuei vagando até alcançar os limites fora da cidade, onde tudo se resumia a mato. – mesmo repetida, a estória sempre me encantava e agora eu estava prestes a entender seu real significado para o Marinheiro – Atormentado muito mais pela fome do que pelo medo de ter sido esquecido pelo mundo, encostei-me diante do portão de uma casa bem simples, uma das únicas da área. Tinha tijolos e argamassa cinza em seu entorno como se nunca tivesse sido acabada. O telhado era feito parte de telhas, parte de palha ou algo que parecia muito como palha. As grades que entornavam o pequeno terreno eram feitas de madeira velha e boa parte delas já estava aleijada. Já era bem noite e eu não conseguia dormir fazia alguns dias. Uma senhorinha muito pequena abriu a porta da frente ainda descalça quando ouviu os latidos do seu pequeno vira-lata. Ficou olhando com um sorriso de vó para aquele sujeito de roupas sujas e rosto amassado. Relembrando o hábito da parte nobre da cidade, desencostei temeroso meu corpo do portão enquanto a senhora continuava a me observar. Ela ficou ali parada me escutando com toda paciência do mundo, enquanto eu me desculpava, por tê-la feito sair do conforto da sua casa com o céu já escuro. Depois de me ouvir, caminhou em minha direção. O vira-lata trotava ao seu lado com a mesma velocidade. Com a mão no meu ombro, ela sorriu e apontou para dentro da casa, como se eu fosse algum filho que voltava após anos de ausência. “Veja só seu estado. Deus do céu. Você vai dormir aqui dentro. Chega de ficar zanzando pela rua.” – contou, imitando o sotaque delicioso da senhora. – Pela manhã, me convidou para o café da manhã mais simples e o mais saboroso que eu teria em toda minha vida. Percebi que ela sempre andava sem sapatos. Nós por aqui fazemos isso atrás de conforto, ela porque não tinha outra opção. Tirou um saco de pães velhos e os esquentou em um fogão de chão que fora usado antes para esquentar a água para o café. Ria enquanto comíamos juntos lembrando que eu teria de buscar mais lenha para ela após o café, caso contrário ficaria sem o suficiente para me preparar o almoço. Nunca havia sentido aquele tipo de amor, de carinho. Não em São Paulo ou em qualquer outra cidade. Ela não tinha nada, e ainda sim estava disposta a ceder o nada que tinha apenas para me agradar. Eu tinha pouco também, mas ao menos pude presenteá-la com o meu único par de sapatos.

Era a primeira vez que ouvia aquele trecho com tanta sinceridade, traduzida na umidade nos olhos marejados do Marinheiro refletida pelos raios da manhã. Então concluiu:

- É disso que eu sinto falta nas pessoas daqui... Dessa humanidade. Dessa essência amorosa que nos faz ser quem somos. As próprias relações pessoais hoje em dia são mais mecânicas do que a tecnologia que nos move.

- Tenho certeza que a mulher foi também tocada pela sua experiência. Mais do que isso, pela essência que hoje você demonstra quando nos conta essa estória. É realmente linda.

- Obrigado, cara.

- Admiro muito o caminho que você tomou, embora talvez me falte coragem para fazer a mesma coisa. – admiti novamente em um visível estado de consternação.

- Talvez o que lhe falte não seja a coragem. Falta sua consciência de entender que quem alimenta seus medos é você.

- Agora que tivemos essa conversa, já sei que sou capaz de superá-los. Mas pra te falar bem a verdade, às vezes penso que estou resmungando de barriga cheia. Quer dizer, querendo ou não, tenho minha família que me ama, um emprego digno, bons amigos, uma casa boa pra morar. Fico pensando nas suas pessoas humildes e é impossível não fazer comparações.

- Elas são realizadas do jeito delas. Dizer que elas não podem buscar esse estado superior seria rebaixá-las. Nem todos podem ter “empregos dos sonhos”. Não é todo mundo que pode largar tudo e botar uma mochila nas costas vagando pelo mundo. Existe um discurso de felicidade por aí que, além de inatingível para a maioria das pessoas, só pode ser comprado. E nós temos que tentar mudar isso de alguma forma. Talvez rediscutir a organização do trabalho tal como ela é hoje, modificar o valor das relações pessoais atuais que envolvem quase sempre dinheiro e ganância. O que eu posso te dizer é que você deve ajudá-las sempre que possível, da sua maneira, do mesmo jeito que você deve tentar com qualquer outra pessoa. Seja bondoso com os outros e eles serão conduzidos junto da sua luz. Alguns precisam de um prato de comida, outros apenas de um abraço. Você sozinho dificilmente irá salvar o mundo inteiro. E por mais que você ache muita coisa errada e descontrolada nele, do que adianta querer salvá-lo, se você não conseguir antes salvar a si próprio? A mudança que você quer ver tem de começar por você. “Seja você a mudança que quer ver no mundo”, se você me permite ser original e citar Gandhi. Se você vive o que acredita e dá valor, expressa seu potencial genuína e honestamente, então você se torna luz, um farol para os outros a sua volta. E chegará o momento em que esta luz alcançará e beneficiará a todos.

- Mas e a suas andanças por aí? E a viagem do Andy?

- Josh, talvez eu tenha me expressado mal. Quero dizer que você não deve seguir o mesmo caminho dos outros apenas levando em conta impulsos externos. Eu saí de casa porque senti que era aquilo que deveria fazer naquele momento. Como tenho certeza que o Andy está fazendo a mesma coisa porque está atrás de uma nova realidade, a qual ele não foi capaz de encontrar aqui. Se as pequenas coisas que acontecem com você não te fazem felizes, isso não vai mudar porque você está viajando, trabalhando num emprego melhor ou morando numa cidade diferente.

Continuei a escutá-lo.

- Você é muito severo com você mesmo, Josh. Não pense nas suas bênçãos como castigo. Por algum motivo secreto do universo, você é merecedor delas. Confie na sabedoria do universo e desse Algo maior que nos envolve, embora saibamos muito pouco sobre Algo assim. Se você tem as oportunidades que tem, é simples: aproveite-as. De um jeito bem didático de entender, o universo não vai ficar puto por você ser grato pelo que tem.

- Talvez me prenda também o pensamento de que as minhas decisões vão afetar as pessoas a minha volta.

- Por mais que você se concentre inconscientemente em acreditar que tudo o que você fizer irá repercutir de alguma forma positiva ou negativa nos outros, no fundo, no fundo, só repercute a você.

Tornei a contemplá-lo com curiosidade.

- Seus sentimentos, suas verdades e suas decisões, se não causam mal a ninguém, só dizem respeito a você. E é assim com todo mundo. Afinal, não existe ninguém na Terra que irá sentir o que você sente quando leva um tombo, ou quando termina de ler um livro, ou quando tem um orgasmo. Você é esse um, assim como eu sou o meu um, assim como essa espada de São Jorge é o um dela. É como eu lhe disse antes. Posso ficar aqui te dando conselhos ou contando minhas histórias, mas apenas você pode saber como elas de fato irão te afetar. Só você é capaz de abrir seu caminho através das suas próprias reflexões.

- Sempre tentei negar minha intuição, pelo que eu me lembre.

- Ela é sua melhor amiga. Pode confiar em mim. Todas as respostas estão dentro de você. Mas não esqueça também de se atentar aos sinais do universo.

- Tendo a dizer que você é um deles.

- Bom, uma posição a seu respeito você já tem Josh. Agora, o que você vai fazer sobre isso?

- Essa é a pergunta de um milhão de reais.

- Por que não um milhão de zebras? Ou um milhão de grãos de areia? Andy diria um milhão de ondas.

- Você é muito bom em criar sua própria realidade, Marinheiro.

- E você é muito bom em entender as coisas, tenho certeza. Mas que tal você trazer um pouco daquele queijo da geladeira, se é que sobrou alguma coisa?

Eu respondi que sim com a cabeça levantando em direção à cozinha. Como se fosse da sua genialidade ficar em silêncio para não gastar a saliva em palavras que não fossem ensinamentos, ele permaneceu quieto, ostentando o horizonte a sua volta.

A cada minuto que o Marinheiro passava admirando o horizonte, ele se desligava mais e mais da nossa realidade. Seu corpo permanecia imperturbável diante do sol, enquanto sua mente vagava longe, pelos confins do mundo.

Eu mantive o fluxo de reflexões num turbilhão estratosférico, pois ainda não havia aprendido a lidar com a minha mente da mesma forma que ele. E isto de certa forma me aliviava. Havia ainda muito que aprender.

Congelei diante da geladeira aberta como se procurasse dentro dela mais respostas do universo. Tomado pelo êxtase da boa aventura do próprio Marinheiro, eu compreendi o real valor da minha vontade de transformação. E que este desejo estava acima de qualquer medo.

Aquele momento fora de um significado transcendente. Como meditar ao lado de um monge sobre o pico de uma montanha cristalizada, apreciando um chá abençoado pelas energias dos ventos que chegam do sul. Jogar conversa fora com um poeta estoico, que construiu com as próprias mãos sua cabana no bosque para tentar viver uma realidade que considerava correta para si. Sentar em uma estação de trem abandonada na menor cidade já feita pelo homem com um jovem viajante que espera do mundo apenas o que o mundo espera dele. Atravessar o mundo junto de um andarilho naturalista, aprendendo a contar os grãos de areia pelo caminho. Assistir ao nascer do sol com um marinheiro hipnotizado pela *Eudaimonia* que vazava por entre as árvores do jardim vizinho, e que dela jamais conseguiu se desvencilhar.

Capítulo 24

Desabafo

Quando eu estava na cozinha debulhando os armários atrás de algo que pudesse acompanhar o queijo, ouvi a porta da frente se abrir. Mateus logo apareceu pelo batente:

- Está tudo certo por aqui?
- Com certeza! – exclamei ainda caçando dentro das prateleiras.
- O filme terminou. Acho que só eu percebi pra falar a verdade. Quando saí, a maioria estava dormindo.
- Aposto que você veio atrás de comida também.
- Vim atrás do seu paradeiro, mas já que você comentou...

Assim que expliquei as razões do meu sumiço, Mateus se convenceu de que ali também era o seu lugar. Almejava do mesmo modo contemplar a sabedoria do Marinheiro.

Eu segui na frente o caminho de volta até a varanda, enquanto ele finalizava sua missão de preparar o café. Junto do pacote de queijo, eu carregava algumas fatias de pão e também um pote de margarina já perto do final.

Minutos depois, Mateus surgiu da cozinha ostentando um grande copo de vidro contendo café suficiente para nós três. O transporte só foi possível graças a um calhamaço de guardanapos que usou para acobertar suas mãos do calor. O copo inspirava calor e expirava uma fumaça tênue.

Marinheiro foi o primeiro a dar uma boa golada e não demorou muito para que seus olhos comesçassem a arder. A febre era tanta que até seus cabelos pareciam mais claros. Quando a boca drasticamente se abriu para burlar a queimação, nos denunciou a vermelhidão de sua língua agonizando em vapor.

Enquanto nosso mentor dos domingos de sol se recompunha, comecei a encher alguns pães com a margarina restante, deixando-os sobre um prato descartável encontrado junto da louça lavada. Aproveitei o momento para retomar a conversa com Mat:

- O Cris me contou que você gosta muito do que faz. Deve ser surreal conseguir captar a essência de um lugar, de uma pessoa ou de um sentimento em apenas um desenho. Como é isso pra você?

- Não sei explicar ao certo como é o processo. Parece algo inconsciente que vai fluindo naturalmente em mim assim que inicio alguma imagem. É tudo um pouco maluco!

- Por saber desenhar bem, você também deve ser bom com fotografia, ou não?

- Não sei se sou bom, mas também sou apaixonado por isso.

- Sempre quis aprender a fotografar... – o Marinheiro falou miudamente. A língua enferma ainda não concedera permissão para ele participar do papo.

- Alguns acham que basta querer e se dedicar. Eu já tenho a visão de que, assim como outras qualidades artísticas, fotografar também é um dom. Eu, por exemplo, não acredito ter a capacidade de leitura e entendimento que os fotógrafos de verdade possuem. Você já reparou nesses caras?! Eles passam minutos, às vezes até horas pensando em todas as características de um objeto para então decidir qual ângulo ira descrevê-lo da maneira mais fiel possível. Da mesma forma, eles passam dias num local ou aprofundam o relacionamento com uma pessoa antes de fotografá-los. Você pode imaginar o tamanho da tarefa que é conseguir retratar um momento, uma pessoa, uma paisagem em uma só foto. É um mundo de possibilidades que você tem que conseguir descrever em alguns megapixels.

- Que você fala como um bom fotógrafo, Mat, isso posso te garantir. – atestei enquanto assoprava o conteúdo do copo.

- Sou apaixonado por isso, então estou sempre buscando melhorar. Mas na verdade Josh, eu acho que o Cris estava se referindo realmente ao meu trabalho quando falou aquilo para você.

- Você quer dizer o de publicitário?

- Sim!

- Bom... É que você mesmo disse que era publicitário nas horas vagas. Pela descrição, achei que estivesse tentando focar mais no seu lado artístico. Além do que, você conhece Cris e toda essa turma.

- Sou apaixonado por desenhos e fotos, mas pra ser bem sincero, não me vejo vivendo exclusivamente com isso. O lance das horas vagas é mais uma brincadeira com o Cris. Ele me chama de publicitário nas horas vagas e eu o chamo de hippie que não consegue deixar de tomar banho.

- Mas ele disse que seus desenhos são realmente bons. Eu mesmo vi aquele feito na prancha do Andy. É sensacional!

- Valeu cara.

- E pelo modo apaixonado que você fala da fotografia, seus retratos devem ser tão bons quanto!

Chegou a vez dele de usufruir do café. O Marinheiro usava o tempo perdido para devorar os pães.

- Para mim, era uma situação óbvia quando o Cris nos apresentou. – parei para mastigar um pedaço de pão. – Achei que você estava prestes a sair do trabalho e seus chefes estariam procurando alguém pra te substituir.

- Não, não. – intercalava algumas risadas conforme a minha versão fazia sentido na sua cabeça. Devia ser o efeito do café já agitando as veias – Mas é verdade, pelo jeito que nos conhecemos, faz sentido mesmo montar este cenário. Eu ia te contar tudo isso, mas...

- Teve a confusão no corredor, com o jogo e tal. – completei a frase por ele.

- Isso! Mas enfim, agora você já sabe, Josh.

- Vou te falar uma coisa com a melhor intenção do mundo. Tenho uma inveja branca de você. Ama o que faz. Tem seus hobbies. Sabe levar bem sua vida. Sabe mais ou menos aonde quer chegar.

- Pode ser verdade, cara. Gosto muito do que faço embora já tenha repensado mil vezes se vale a pena trabalhar tanto. Quero dizer, já passei tantas noites no escritório à base de café apenas pra concluir um projeto.

- Mas... Isso não te incomoda ou aborrece de alguma forma? – perguntei um pouco mais contido.

- Não vou mentir e dizer que acho tudo isso muito bom. Sei que posso estar condenando um pouco minha qualidade de vida, inclusive minha saúde. Pra mim, é sensacional conhecer pessoas como o Cris e o Marinheiro. Eles enxergam o outro lado da moeda e nos mostram que existem outras saídas, outras possibilidades. Mas no final das contas, vou fazer o quê? Eu gosto do trabalho. Lido bem com a pressão. Acho até que trabalho melhor quando estou diante dela. Mais do que isso, e sem querer parecer metido, sinto que sou realmente bom na minha área. Tão bom como sou com os desenhos, por exemplo. Existem contrapesos nessa balança, como a qualidade de vida que eu comentei antes, a falta de tempo livre na maior parte dos meus dias, entre outros. Mas no final das contas, não me imagino fazendo outra coisa.

- Desculpa, mas é difícil isso tudo entrar na minha cabeça, Mat.

- Eu entendo. Ainda mais pela fase que você está passando.

Mat me encarava com certa solidariedade enquanto minha cabeça se abaixava. Os olhos agora fitavam o piso esbranquiçado da varanda, caçando formas familiares entre as manchas do granito.

- Josh, não se decepcione com as pessoas por não pensarem como você. – Marinheiro já recuperado, embora com a língua ainda um pouco saltitante, nos presenteou com outra de suas premissas inquietantes.

- Eu sei que ele não está decepcionado comigo. Talvez não entenda meu lado por ainda não ter vivido essa experiência de paixão que se tem pelo que se faz. – Mateus presumiu.

- Pra aproveitar o momento de sinceridade, não é só bem isso Mat. De fato, talvez eu nunca tenha experimentado o puro prazer de fazer algo que eu realmente goste. Aliás, já experimentei, apenas nunca fui pago pra isso, o que não me incomoda nem um pouco. Mas como eu te disse antes, limitar a questão da minha frustração ao meu trabalho especificamente é algo muito pequeno. Minhas angústias são muito mais profundas e complexas. Têm a ver com esse martírio que se tornou a nossa realidade, em que pra se ter alegria é preciso antes ter sofrimento. A falta de vontade das pessoas em se conectar com algo maior, grandioso, como se o dia-a-dia fosse apenas mais uma operação calculada como outra qualquer. Têm a ver com a vida limitada que nos impusemos, coberta de medos sociais, egoísmos e padronização. Têm a ver com a perda de um instinto antigo que levava o ser humano a desbravar, descobrir, explorar. Ele agora é ocultado sobre a ideia de sedentarismo e conforto artificial que, da mesma forma, encobriu uma relação de simbiose com a natureza. Não estamos conectados com ela como podíamos estar. Têm a ver com a ausência de espiritualidade do homem moderno, pois ele já acredita que já descobriu Deus há muito tempo. Nós não conseguimos nem de nos entender, como seríamos capazes de entender Ele ou Ela? Têm a ver com a prioridade que as pessoas dão ao material. Têm a ver com a cidade em si que não colabora com as nossas vidas. Com o aspecto cinza que parte dela. Prédios, lixo, poluição, carros, buzinas, gritos, disparos, fumaça, hostilidade, – pausa para puxar fôlego – egocentrismo, orgulho, competição, julgamento, vaidade, interesses e alienação. E já que o assunto trabalho entrou na roda, por que não falar também que a frustração tem a ver com a passividade com a qual nós aceitamos a escravização dos nossos cérebros? Nos tornamos meros parafusos substituíveis. Nos entregamos de corpo e alma a uma companhia... E a família? E a saúde? E o lazer? E a felicidade? Será que ser o melhor publicitário do mundo vale a pena quando você abdica das coisas que realmente importam? Tudo isso por dinheiro? Ou seria status, ou ainda reconhecimento? É justo que mais da metade do meu dia seja gasto com uma profissão? Que eu não tenha tempo para fazer as coisas que realmente importam? Coisas como refletir sobre a minha vida, estudar, ler, me exercitar, meditar, escrever, viajar, aproveitar meus amigos e minha família? É justo que só o trabalho tenha peso nessa balança? Elas ganham nossa criatividade e competências, mas o que nós ganhamos em troca? Elas dizem que estão preocupadas com o nosso bem-estar, mas você já parou pra pensar que tudo aquilo não passa de uma máquina de dinheiro? Tudo tem a ver com o lucro e o quão grande ele pode ser. Que bem estar de fato elas nos garantem tendo essa visão, promovendo competição e subordinação moral? Domenico de Masi disse que graças a essa política ilusória de preocupação por parte das empresas, as pessoas “vivem num quartel psíquico e são infelizes porque são limitadas, vivendo numa espécie de cárcere mental”...

- Domenico o quê? – Mateus interrompeu quase gaguejando as palavras. Seu rosto estava pálido.

- É válido para nós – eu prossegui. – que sempre buscamos mudança e movimento, estarmos mergulhados em ondas e mais ondas de rotina? Não quero só viver a noite ou nos fins de semana. Não quero estar sempre cansado ou indisposto. Por esses e outros motivos, parece que sempre falta algo em nossas vidas. O resultado óbvio é preencher este espaço com a infinidade de coisas que compramos atrás de satisfação. Somos viciados em gratificação e recompensas. Nós gastamos para recompensar, felicitar, comemorar, solucionar problemas, nos sentirmos

melhor com nós mesmos e por aí vai. Sei lá. Não entra na minha cabeça uma vida assim. Não foi por isso que viemos aqui. Não pode ser...

Àquele ponto, eu não me dirigia mais especificamente a alguém. Olhava para infinito do jardim, como se as árvores fossem os autôfalantes que iriam amplificar meu discurso ao mundo.

Uma sensação de cansaço então me abateu, não pelas poucas horas de sono, mas sim pela explosão de pensamentos. Como alguém que carrega uma carga pesada por uma longa jornada e ao final dela é tomado por um esgotamento satisfatório, quase que recompensador.

Mateus permanecia imóvel, atônito, buscando assimilar o significado das palavras. O Marinheiro ora me encarava, ora encarava Mateus, tentando disfarçar um sorriso claro. Parecia estar tão aliviado quanto eu.

- Você já pensou em se mudar para perto do trabalho, como o Andy, por exemplo? Assim teria mais tempo para fazer suas coisas... – Mateus questionou-me ainda tímido e incerto de seus pensamentos.

- Bom... isso não foi o suficiente para segurá-lo aqui, certo?

- Você tem razão, não foi mesmo... – ele adoeceu levemente a voz.

Novamente fomos silenciados, mas agora pela brisa da manhã incendiando o jardim, fazendo as folhas balançarem como chocalhos.

- Mat... – falei com a aprovação do vento.

- Sim?

- Quero te pedir desculpas cara.

- Tá maluco Josh?! Pelo quê?

- Por ter escolhido você pra fazer esse desabafo. Você é um cara gente boa, não a causa dos meus problemas. Não queria te chatear ou nada parecido.

- Fica tranquilo Josh.

- Acabei te passando um lado muito pessoal. Não quis soar rude, muito menos reativo. Eu acabei de aprender que eu tenho todas as ferramentas para deixar de viver nesta realidade, se essa for de fato a minha intenção.

- Entendo muito seu lado e fico feliz de você compartilhá-lo comigo.

- Não sei se você chegou a conhecer meu amigo Pedro.

- Claro que eu conheci! Inclusive me apresentou uma das amigas que o acompanhavam.

- Qual delas? – perguntei, já batendo a mão em suas costas, como se quisesse congratulá-lo.

- Aquela com as pernas grossas. Deliciosa.

Assim que Mateus revelou a identidade da garota, o Marinheiro começou a gargalhar. Ele então resgatou do bolso da bermuda um pedaço rasgado de uma página de revista contendo um número de telefone. Eu ri ainda mais alto quando Mateus exibiu a mesma sequência anotada na agenda do celular.

- O Pedro é assim mesmo. Gosta de ver os amigos se dando bem. E na certa se ele fez isso, é porque foi com a cara de vocês. E eu estava pra te falar exatamente sobre isso. Ele é meu melhor amigo, mesmo pensando de maneira muito deferente da minha.

- Você parece ser muito mais tranquilo que ele, isso é fato. – Mateus afirmou.

- O Pedro é um paulista endêmico. Daqueles que tem orgulho de falar que em São Paulo pode-se fazer de tudo, a qualquer hora. Ele tem uma ligação com este lugar que eu jamais terei mesmo passando o resto da minha vida aqui. Ele pode não amar o que faz, mas o importante, ele sempre fala, é que não se incomoda com o que faz. Foi pelo trabalho que conseguiu conquistar aquilo que mais desejava: morar sozinho. Trabalha muito na semana, mas aproveita ainda mais o final de semana. Sai de casa todos os dias, anda de bicicleta, vai viajar, enfim, vive um mês inteiro em um sábado e domingo. Não é a vida que eu escolheria pra mim. Mas não o imagino vivendo outra. Nem por isso, nem por ser tão ligado em carros, roupas e festas, ele deixa de ter um coração gigante. É um amigo que qualquer um gostaria de ter, embora seja possível motivo de investigação científica a fonte de tanta energia e disposição.

- Ele pelo jeito não foi revelado pelo dinheiro. – profetizou Marinheiro em toda sua sabedoria.

- Em que sentido você quer dizer? – Mateus perguntou por nós dois.

O Marinheiro nos olhou surpreso, pois por alguns segundos deve ter passado pela sua cabeça que, após tantas discussões, um de nós já teria discernimento suficiente para descobrir o significado de suas palavras sem qualquer ajuda. E assim, como se fosse ele o inventor da arte da paciência, tornou a falar:

- O dinheiro não corrompe as pessoas, ele as revela.

- Bom, nesse caso... Pedro realmente não foi revelado. Seu entusiasmo o revela!

- Só posso te desejar boa sorte nessa sua empreitada, Josh. – Mat falou. – Seja lá o que você decidir pra você, tem meu apoio. Apenas tente algo diferente. Saia desse lugar comum para o qual você se arrastou. No final das contas, há sempre segundas chances em todas as esferas da vida. O que não vai existir vai ser aquilo que ficará apenas no pensamento, caso você não tente nada. Se perda para então se encontrar.

- Já está soando como nosso Marinheiro aqui.

Mat riu na minha direção. Eu completei:

- Você tem toda razão, cara. Toda razão.

- Sabe, uma vez durante um curso de fotografia, tivemos que assistir a um documentário sobre o diretor Martin Scorsese. Falava sobre a facilidade com que se pode executar qualquer forma de arte atualmente, seja pela tecnologia, pela abertura, possibilidades de divulgação, tudo isso. Entrava numa discussão válida e imparcial sobre como este cenário poderia afetar ou até descomprometer artistas em ascensão. A inquietação que o diretor queria causar era algo como querer dizer que potencializamos toda nossa vontade e impulso quando sabemos que as oportunidades e os meios para concretizá-las são escassos.

- Estou te ouvindo, Mateus. – o Marinheiro falou com uma das mãos apoiando o queixo.

- Mostraram então uma carta que Scorsese escreveu para a filha. Não me lembro de fato se ele estava lendo a mensagem, se era a filha ou ainda alguma outra pessoa aleatória. Mas isso não é importante. Quer dizer, é importante, pois era um ótimo documentário. Mas está aí mais um motivo para eu revê-lo. Recordo-me com exatidão das palavras na carta: “No futuro, você terá de proteger-se contra outra coisa: a tentação de se deixar levar pela corrente e permitir que o filme fique a deriva, distanciando-se de você. Esta não é apenas uma questão de cinema. Não existem atalhos para nada. Não estou dizendo que tudo tem que ser difícil. Estou dizendo que a voz que inflama você é a sua voz, a sua luz interior”.

Havia um grau superior de reflexão conquistado naquele nascer do sol, agora finalmente consumado. Novamente, eu vivia o esplendor de um instante superior, de prazer da consciência.

Nenhum outro lugar ou realidade se comparava àquela vivenciada dentre as paredes descascadas da varanda do apartamento vinte. O brilho imaturo da manhã se confundia à própria luminescência da minha alma.

Na cabeça, apenas um único pensamento pairando entre os cantos infinitos que a imaginação alcança: tudo vivido até então fazia sentido, que não por outras inúmeras razões, mas pelo fato trivial de ter me trazido até ali.

Capítulo 25

O último banho de Andy

A parte superior da porta da frente deixaria rapidamente de ser atingida pelos raios do sol, que logo voltariam a ser intimidados pelas sombras do jardim vizinho. O feixe luminoso se erguia por ela com mansidão, como se deixasse o apartamento educadamente.

A porta então subitamente se abriu, não para dar saída às últimas fagulhas do sol, mas sim para a entrada de Pedro. Cruzou a sala feito um foguete capaz de emitir os sons de sua explosão por todo o corredor.

Não foi de causar espanto quando a porta ao final dele se abriu, revelando Andy e Clarissa. O casal se despedia de Cris e Kaila no apartamento vinte e seis. Estes acenaram em nossa direção em um último gesto de despedida. Partiriam dali a pouco para o litoral na expectativa de finalmente consumir a mudança para o novo lar.

O tumulto recatado se confirmou quando a maçaneta do quarto de Andy titilou após o tradicional som mecânico originário do encontro entre chave e fechadura. A porta se abriu para Ana que nos cumprimentou com um efusivo bocejo. Fora instigada a se levantar da cama após notar um par de pés correndo pelo apartamento, embora já estivesse desperta há algum tempo.

Pedro se desculpou pela correria somente depois de processar explicações pouco convincentes de seu paradeiro madrugada a fora. Uma das amigas de sua garota não passara a noite bem (justamente a famosa moça das pernas grossas). Foram obrigados a aguardar até que a amiga pudesse voltar para casa em um “estado minimamente apresentável”, como ele mesmo falou.

As marcas ainda salientes no seu pescoço avermelhado, no entanto, não haviam entrado em acordo com aquela versão da estória. Em uma decisão mútua tomada secretamente por olhares cruzados, o grupo optou por não contrariá-lo.

Andy aproveitou para revistar o quarto a fim de encontrar seu celular, perdido desde o meio de tarde do dia anterior. Recepionei Ana com um copo de água em

mãos e, em troca, recebi um abraço curto, porém íntimo. Ela então seguiu os passos da amiga em direção ao sofá, onde Pedro distribuía gomos de tangerina, compradas na feira da rua vizinha. Não demorou para que Andy deixasse o quarto de mãos vazias, mas foram logo preenchidas com os nacos de fruta. Éramos todos observados pelo olhar ardoroso de Jimi Hendrix, mais vivo do que nunca após as quase vinte e quatro horas de festa.

Alguns tacos do piso estavam fora do lugar. Para tanto, Andy possuía um produto especial que permitia recolocá-los pacificamente. Após desistir de funcionar, o pequeno aparelho de som fora guardado dentro de uma pequena caixa próxima ao cadáver do televisor. O caixote continha praticamente todos os pertences de valor de Andy, tais como livros, revistas e CDs antigos.

O Marinheiro insistiu que era possível concertar os dois aparelhos defasados e se fez responsável pela custódia dos mesmos na ausência do dono. Pelo tom cordial do seu pró-ativismo, aparentava estar tomando um animal de estimação em suas mãos. Andy, por sua vez, não teve o menor trabalho em realizar a doação. “Pega que é teu” foram suas últimas palavras aos pertences.

O lixo do banheiro poderia ser considerado como o grande drama resultante da festa. Havia declarado independência total do pequeno cesto plástico e sua migração já havia conquistado todo o chão do recinto. Algumas colônias inclusive foram hábeis o bastante para se instalar perto da pia, como se estivessem na busca por uma fonte de água para sua aldeia de celulose.

O primeiro a conseguir se libertar do cenário foi Mateus. Ele ainda fazia companhia ao Marinheiro na varanda, mas logo começou a se despedir quando se lembrou que teria um compromisso pela frente. Iria almoçar com a família naquele domingo, mas sentia a necessidade de dormir algumas horas a fim de não se apresentar para o evento apenas em corpo.

As garotas juntamente se ergueram do sofá, prontas para voltarem às rotinas normais de suas vidas. Ana só veio em minha direção depois de se despedir de todos os presentes. Ganhei um novo abraço, mas desta vez mais longo. Olhou-me fundo nos olhos após me beijar com descrição, como se soubesse que ou outros ali acompanhavam nossos movimentos curiosamente. Ela então sussurrou uma

sequência linear de palavras carinhosas, as mesmas que fazem uma mulher ganhar um homem, e finalizou sua dedicatória com outro beijo suave.

Pelos abraços acanhados naquele momento, Andy e Clarissa haviam passado boa parte da festa se despedindo. O gesto simbólico era apenas uma apresentação formal. Pareciam estar tomados por uma comoção confusa de que um sentimento maior e inesperado havia nascido.

Os três acenaram uma última vez antes de fechar a porta do apartamento vinte, deixando apenas os quatro mosqueteiros reunidos em silêncio na sala. A cena remetia a quatro reis retornados de suas batalhas épicas, trazendo consigo os louros e glórias de suas belas jornadas. Cada um de volta ao seu trono, simbolizados humildemente naquele momento pelo piso da varanda, o sofá encapuzado, o cooler vazio de canto e uma cadeira de praia listrada.

Andy endireitou os braços para trás fazendo força para se lembrar de mais detalhes da despedida. Pela primeira vez, notei o Marinheiro vislumbrando o momento utilizando de fato seus óculos escuros. Eles realmente preenchiam por completo o esplendor da áurea vibrante que tinha aquele sujeito.

Pedro se uniu a ele para fumar o último cigarro do seu maço, como se o fato de ser o último conferisse ainda mais razão ao desfecho daquele espetáculo. Eu permaneci sentado apenas admirando suas ações, contemplando meu posto de caçula e, conseqüentemente, o de mais impressionável naquela corte. Estudando e aprendendo suas ações, absorvendo de peito aberto a grandeza de seus pequenos atos.

Já com o cigarro carburando, Pedro se abriu para nos revelar a verdadeira trama da sua noite. A garota de pernas grossas de fato não estava bem, obrigando-o a utilizar o famoso balde vermelho como alternativa para aliviar seus enjoos. Pela sua descrição, evitara o que seria um acidente ainda maior na sala. Os outros reis ficaram perplexos pelo modo responsável com que agiu justamente no ápice psicodélico da festa.

Após esperar por uma evolução no estado da garota, ele e a amiga chegaram à conclusão que ela estava apta a retornar para casa. Assim que a entrega foi feita, Pedro persuadiu sua companheira a seguirem para um ambiente

mais tranquilo, onde poderiam conversar calmamente, ao invés de serem novamente atordoados pela algazarra da festa. A garota, por sua vez, ou decidiu que sua proposta fazia sentido ou fingiu acreditar que um quarto de motel era realmente uma opção excelente para um encontro sereno, pois foi exatamente para lá que seguiram. A noite terminou como ele havia previsto e agora estava de volta para se gabar de sua saga.

Ficamos todos remontando cenários do longo dia que havia se passado. Cada um contou sua versão dos momentos inesquecíveis, sendo o duelo no corredor o vencedor nesta categoria por unanimidade. Admiti a minha queda por Ana e Andy revelou ter sido mais difícil do que esperava se despedir de Clarissa. Lembramos a balburdia do corredor que descia pelas escadarias e do estado alucinante dos vizinhos espalhados por toda a festa. Depois de muito confabular, o Marinheiro suspirou do seu canto, após um último trago:

- O que eu precisava mesmo agora era de um pulo no mar.
- Concordo! Tirar um pouco dessa inhaca. – Pedro acrescentou.
- Nem me fale... – Andy disse, se espreguiçando no sofá.
- Ia fechar com chave de ouro nosso dia. – eu comentei.
- Ora, o que estamos fazendo aqui então?!
- Como assim Pedro? – eu questionei, como que fingindo não conhecer suas reais intenções.
- Vamos para a praia! Dar um mergulho. Relaxar a mente. Continuar essa conversa junto da água salgada. Lavar a alma! – Pedro gritou pelas paredes da varanda, novamente usando as árvores como autofalantes.
- Tenho que estar no aeroporto às sete da noite. Se tivéssemos mais tempo... Mais um dia, pelo menos... – Andy falou com a mente distante, parecendo calcular com os olhos se de fato havia tempo para a empreitada.
- Mas você não disse que já está com tudo pronto? – Pedro teve que se esforçar para encontrar uma brecha no cinzeiro abarrotado de restos de cigarro para então conseguir apagar o seu, enquanto assoprava o último lasco de fumaça.
- Você realmente está falando sério?! – o Marinheiro indagou. De fato, ele não conhecia Pedro como nós para fazer aquela pergunta.
- Se o Andy já estiver com tudo pronto, não vejo problemas! – enquanto Pedro se justificava, o olhar de Andy havia se perdido por completo, provavelmente traçando a rota até o litoral e considerando, por mais desajuizada que a ideia fosse, a possibilidade real de seguirmos viagem. – Saindo agora, não levaria mais do que

uma hora para ir até lá. Só chegar, dar um bom mergulho e voltar. Pelas minhas contas, devemos estar aqui perto das cinco. Tempo de sobra para o Andy!

- Hoje não vai estar trânsito. A previsão era de chuva no litoral. – Andy já estava praticamente convencido, embora nunca fosse necessário muito esforço para seduzi-lo a ir à praia.

- Vamos gente! O Andy merece isso! – Pedro emplacou, já abraçado a Andy no meio da sala.

- Eles têm bons argumentos. – Foram as palavras sacramentais do Marinheiro.

- O Andy ainda tem a chance de se despedir do Atlântico e juntar as últimas energias pra grande viagem! – eu disse decolando da cadeira listrada e me juntando ao grito.

Os quatro agora sustentavam a sanidade do projeto, como se ainda precisassem convencer alguém naquele apartamento.

- Marinheiro, você tem algum shorts pra emprestar pra eles? Tudo que eu tenho já está na mala.

- Eu não preciso. Tenho uma no carro que eu uso para a academia. – Pedro falou.

- Só pra você então, né Josh? – Andy questionou.

- Se tiver, melhor. Se não, vai pelado mesmo!

O Marinheiro saiu em disparada para o seu apartamento e voltou cinco minutos depois já com a minha bermuda em mãos. Carregava também uma troca para ele e duas toalhas para todo o grupo.

Neste meio tempo, Andy voltou ao quarto. Conferiu algumas vezes sua bagagem e separou os principais documentos, assim como a passagem, em um local de fácil acesso. Assobiava uma canção de autoria própria enquanto remexia nas gavetas da cômoda, abrindo e fechando a todo o momento a mochila que usaria como mala de mão. Apesar de sua aparente atitude imperturbada diante de tudo e todos, fora sempre muito precavido e organizado. Fato que gritava a seu favor quando algum amigo surgia com uma ideia como a que estava sendo colocada em prática.

Aproveitou também para avisar a mãe, deixando tanto o meu numero como o de Pedro em caso de alguma emergência. O paradeiro misterioso do celular logicamente foi o que menos a preocupou. Ela tentou convencê-lo por alguns

minutos da mediocridade da nossa ideia. Em resposta, obtive apenas um punhado de gargalhadas estrondosas, como se Andy já sentisse falta daquelas discussões antes mesmo de embarcar. No final das contas, ela sabia que era uma batalha em vão. Mais ainda, conhecia o filho muito bem para saber que ele não perderia aquele voo por nada. Combinaram de se encontrar perto das seis e trinta, para então seguirem ao aeroporto.

Nem eu mesmo lembrava estar calçando apenas um dos chinelos, quando Pedro me chamou a atenção para o pé descalço. Graças a ele, fui intimado a resgatar o lado desaparecido dentro do quarto. Uma primeira busca, sem sucesso, se deu atrás da porta e dentro do armário. Quando me abaixei para vistoriar por baixo da cama, lá estava ele escondido sob a proteção da velha prancha rabiscada de Andy.

Mais comovente do que encontrá-lo a salvo, foi me deparar com a prancha e ser entulhado por aquela sensação fulminante de que um grande amigo estava partindo. Eu sempre soube que Andy jamais pudesse se manter aqui por muito tempo. Sempre esteve prometido a ser um filho do mundo e o mundo merecia um filho como ele. No fundo, eu sempre torci para que um dia ele tivesse uma oportunidade como esta. O que o estaria aguardando nessa nova jornada? Como o universo reagiria diante daquele novo ser espalhado para fora dos seus próprios limites?

Eu pensava em todas essas possibilidades examinando cautelosamente a prancha, agora em minhas mãos. Fosse em corpo, fosse em espírito, fosse no que for, aquele Andy na sala partiria para nunca mais voltar. Era animador, apaixonante e histórico ao mesmo tempo em que criava um vácuo incapaz de ser preenchido.

Dentre as mensagens e símbolos quase sagrados feitos por ícones da vida de Andy, dentre eles o Marinheiro, Cris, Kaila, Mateus e tantos outros, encontrei um espaço vazio na borda superior. Imaginei todos os autores e artistas possíveis que pudessem celebrar com suas obras nossa amizade e, mais do que isso, minha felicidade em vê-lo trilhar seu próprio caminho. Músicas, poemas, imagens e citações que pudessem tatuar meus reais sentimentos por Andy e toda a inspiração que ele despertava em mim. Após muito meditar sobre a questão, encontrei-me

aborrecido com os limites da minha própria sabedoria, incapaz de dar vida àquele sentimento.

Pesquei então uma caneta esferográfica de dentro de uma caneca colorida utilizada como estojo. Pedi socorro a ela pela minha ausência de criatividade na esperança de que a tinta fosse capaz de escrever por si algo arrebatador. Estava aceito em tornar-me seu fantoche, deixando às suas ordens o complexo funcionamento biomecânico dos músculos e tendões da minha mão direita. A caneta, no entanto, estava mais confusa do que eu, ziguezagueando entre os dedos como se fugisse da solicitação, envergonhada tanto quanto o homem que a segurava. Ela sabia que a responsabilidade de expressar algo na prancha era uma tarefa que só cabia a um homem executar.

As imagens da convivência com Andy já tomavam por completo minha imaginação. Fui levado desde o dia da festa até o momento crucial do fumódromo em que a viagem foi revelada. Passando pelas suas charadas e os momentos de ponderação e reflexão que vivemos em muitas tardes vazias no escritório. A única memória que se estagnou no turbilhão de pensamentos foi a do sujeito abatido sentado à beira da praça da figueira, como se aquela cena fosse a mais marcante em toda minha trajetória com Andy. Marcante porque o sujeito que agora partiria desbravando seu próprio destino era outra pessoa totalmente diferente. Ele havia renascido de uma prisão de tormentos e, de alguma forma, eu havia participado do processo. Eu também era responsável pela sua partida e, mais do que isso, pela sua felicidade.

Foi quando, vagando o olhar pelas imagens e letras desenhadas, deparei-me com a mulher seminua desenhada por Mateus. Trazia a lembrança das nossas mulheres, da nossa admiração por elas. Uma das poucas válvulas de escape a qual nos dávamos o direito de desfrutar. A mulher do desenho me lembrava de fato Lua com seus longos cabelos em degrade, o que trouxe inevitavelmente a recordação de nossa viagem à casa de praia. Foi nela que Andy revelou ter o desejo de viajar.

Tendo exatamente os eventos daquele fim de semana em mente que a caneta começou a rabiscar alguns primeiros traços na prancha. Eu não sabia ao certo se a controlava, mas meu raciocínio estava todo focado em recordar os dias vividos na praia. Tal como meu pé criara as figuras simétricas na areia por conta

própria, a mão era agora domada pela mesma força misteriosa. Duas caudas, duas cabeças grandes, um conjunto de patas armados, todos preenchidos por pequenas listras rasuradas.

E assim, o conjunto de traços aleatórios logo se transformou em dois grandes felinos dispostos igualmente lado a lado na prancha, como se aquele pequeno espaço em branco de fibra pertencesse à mesma imensidão de areia no qual haviam sido inicialmente concebidos. Novamente, eu me propunha a proteger o conhecimento de um sábio. Conhecimento que estava destinado a ele nessa nova experiência. Sabedoria que caberia àquele Andarilho compartilhar.

O desenho representava uma forma de agradecimento por tudo que eu havia aprendido com aquele ser. Um espírito livre, generoso, ligado indubitavelmente a uma essência superior. Muito graças a ele, eu havia sido convidado a participar de uma consciência cósmica, sentia-me parte de um todo maior, tal como os dois animais agora pertenceriam ao conjunto afetivo da prancha. Guardariam todos os símbolos e vibrações ali presentes até o retorno vitorioso de Andy.

Larguei a prancha sobre a cama assim que ouvi os gritos vindos da sala. Os rapazes alertavam que Pedro nos aguardava em frente ao prédio e o tempo era precioso como nunca. O céu estava totalmente pelado e reluzia de um azul que, de tão puro, fazia os olhos arderem.

Por todo o caminho, travei uma batalha insuperável com os meus olhos, entorpecidos pela ausência de descanso. Além disso, fui vítima do êxtase desenfreado de Andy que me impossibilitava de dormir por mais de cinco minutos ao seu lado. O Marinheiro foi no banco da frente, pois suas longas pernas de andarilho demandavam espaço. Pedro não teve vontade de fumar durante o dia todo e sentia pela primeira vez que poderia desistir do hábito.

Apenas algumas gotas do orvalho atingiram nossa barca quando já próxima do litoral. Ficamos sabendo depois por um local que a tempestade da manhã havia limpado a atmosfera da costa. Era possível avistá-la se dirigindo para além dos limites do horizonte, confundindo assim o limiar entre céu e oceano.

A praia nem sequer notou nossa presença, tamanha era nossa pequenez diante da imensidão vazia que nos rodeava. O único a ser contemplado ali era Andy. Ele não deixou o mar um minuto sequer durante aquela tarde.

Capítulo 26

As armadilhas

O avião decolou, tal qual programado, minutos depois das nove horas da noite. A notícia foi confirmada no dia seguinte graças a uma mensagem de texto da sua mãe. Na verdade, Andy voaria até o Chile para uma última conexão que o levaria até Sidney.

O volume de trabalho no escritório diminuiu consideravelmente em comparação às semanas anteriores. Isto, somado aos recentes eventos da minha vida pessoal, contribuíram para acalmar meus ânimos. Assim, eu tinha mais tempo, vontade e noção de como refletir sobre a minha vida. E mais do que isso, de raciocinar sobre onde eu queria chegar com aquilo tudo.

A semente adulta, no entanto, marcada pelo veneno da ansiedade, logo se atreveu a bater na minha porta depois de alguns dias despreocupados, nos quais eu me comprometi apenas comigo mesmo. E o ambiente em si foi novamente culpado por me afligir. Por onde eu andava, na plenitude da minha vitória, encontrava uma infinidade de gente que não entendia minhas intenções. E isto começou a me incomodar de um jeito que eu não conseguia entender.

Eu estranhava minhas próprias reações angustiantes à relutância das pessoas em aceitar minha nova caminhada. Um tipo de sensação pela qual eu imaginava já ter controle.

A cidade em si também contribuía com isso. Rodeada por agito, barulho e uma massa cinzenta de pensamentos, São Paulo nunca foi o local mais recomendado para se trilhar um caminho de autorreflexão. E isto é a essência da cidade, algo que eu jamais tive a pretensão ilusiva de mudar. Senti que precisava de um tempo longe da urgência e intimidação urbana, antes que aquele sentimento de liberdade voltasse a se ocultar.

Por alguns dias, segui uma prática de Kaila e Cris na tentativa de banir tais ideias controversas. Conforme o casal havia me aconselhado, passava um tempo em silêncio no quintal da minha casa, numa espécie de meditação não tão profunda, mas ainda sim inspiradora. Encontrara um tapete antigo de kilim recostado na

garagem que serviria como meu pequeno altar. Sentado nele, eu desprendia algumas horas do meu dia tentando esvaziar a cabeça.

Fosse lendo um livro, ouvindo música ou escrevendo o que viesse a mente, eu tentava burlar os pensamentos involuntários provocados pelo excesso recente de preocupação. A sessão era feita junto de uma dose quente de chá, um copo de água gelada e um maço de incensos, presentes do casal junto de um pequeno manual de meditação. Os incensos eram prendidos em alguns dos vasos que habitavam o modesto jardim.

No entanto, a tranquilidade conquistada era constantemente perfurada pela escassez de silêncio da minha rua. Eram raros os grandes intervalos de calma intensa e era exatamente nestes breves instantes que eu conseguia me desvincular da realidade abafante. Quando não pela rua, a harmonia era quebrada pela minha própria casa, muito graças às estrondosas batidas da máquina de lavar que jamais se cansava de trabalhar. Da mesma forma, o ar puro do jardim era deturbado por enxames da vaidosa poluição. O incenso se misturava aos feixes de fumaça emanados da rua, desprendendo incontrolavelmente minha atenção.

Foi num desses dias nublados e barulhentos, nos quais eu me irritava facilmente com a inexistência de um momento de silêncio, que eu por acaso reencontrei Mateus. Pedro havia me convidado para um bar com o pessoal do seu trabalho e eu aceitei o convite com alguma precaução. Já se somavam alguns dias desde minha última saída de verdade e eu achei que não me faria mal um pouco de socialização.

Eu estava sentado no canto da mesa ouvindo desatentamente a conversa do grupo. Eu fingia me interessar pelo assunto, do qual não consigo me lembrar de fato dada sua banalidade. Tomava minha segunda caneca de chope quando notei Mateus entrando solitário pela porta do bar. Ficou aguardando algum sinal familiar enquanto varria as mesas com seus óculos de vanguarda. Teve de forçar a vista para me notar bem ao fundo do salão principal do estabelecimento, mas logo que confirmou minha presença, veio em minha direção.

No caminho, esbarrou involuntariamente em um garçom que, por sorte, carregava apenas alguns cestos de pão já esvaziados. Ajudou o homem a erguê-los novamente antes de alcançar finalmente nossa mesa. Ele deu um alô generalizado a todos, mas apenas alguns notaram sua presença enquanto continuavam disputando o volume da conversação com o samba de raiz ao fundo.

- Grande Josh! Fazendo o que por aqui? – ele perguntou.

- Dando uma descontraída. Tomando uma gelada. Ouvindo uma música boa. Um homem precisa disso, certo?

- Com certeza!

Ergui o copo em sua direção.

- É que o Marinheiro tinha me falado que você estava numa fase mais sossegada.

- Ele está vindo também?! – questionei-o entusiasmado, já crente que meu tédio repentino teria fim.

- Não, não. Ele viajou pra um evento. Acho que no interior. Ele falou o nome da cidade, mas não me lembro. Organizado por uma ONG, se eu não me engano. Perguntei de você há alguns dias e ele me falou isso. E como faz algumas semanas desde a última vez que saímos...

- Ele tem razão, na verdade. Mas hoje decidi acompanhar o Pedro. Faz bem também dar uma espairecida. – respondi, apontando Pedro na cadeira ao lado da minha. Ele então se levantou para cumprimentar Mateus e se sentou novamente, imergindo rapidamente de volta no assunto da roda. – Mas e com você Mat, como estão as coisas?

- Tudo indo bem. Tudo na mesma pra falar a verdade. O que não deixa de ser uma coisa boa.

- Quando vi você andando apressado até aqui, achei que precisasse falar alguma coisa séria comigo. – falei em tom de brincadeira.

- Na verdade, estou esperando uns amigos, mas já que você mencionou... – meu olhar descontraído deu lugar a uma expressão confusa. – Lembra-se do lance do emprego que eu comentei com você na festa do Andy?

- Lembro sim, cara. O que tem ele?

- Então, o pessoal lá ainda não encontrou ninguém. Estão meio desesperados pra falar a verdade. E como eu já tinha comentado de você pra eles, acabaram perguntando esses dias de novo. Falei um pouco mais de você, inclusive que não havia se animado muito com a ideia. Mas mesmo assim, eles te acharam totalmente compatível com o perfil da vaga e ficaram me enchendo pra te marcar uma entrevista. Estava meio assim de te falar por causa do papo que rolou aquele dia na festa.

- Pô cara, te peço desculpas de novo por aquele dia. Eu sei que eu me exaltei um pouco. Era só uma conversa e eu fui um pouco além. – respondi em um tom visivelmente envergonhado.

- Fica tranquilo, Josh. Já conversamos sobre o que rolou e sabemos que está tudo bem.

- Bom saber.

- De qualquer forma, você estava tão decidido pelas suas palavras que fiquei um pouco receoso de comentar isso. Não queria que você achasse que estou tentando te empurrar alguma coisa goela a baixo.

- Entendi.

Ele permanecia me encarando com alguma inquietação, como se esperasse outra resposta.

- Mat, te agradeço de novo, mas não sei se este é o momento certo pra isso. É verdade que estou meio perdido nesses últimos dias. E o trabalho também continua no mesmo ritmo monótono de sempre. Os próximos passos são bem incertos, mas aos poucos sinto que as coisas vão acontecer.

Certamente notando a insegurança na minha fala, ele tomou a frente e se pronunciou a respeito da tal vaga. Enquanto falava, não tive coragem de interrompê-lo. Situação gerada muito mais por uma sensação indefinida de curiosidade dentro de mim, do que por respeito. O fato de Mateus ser um ótimo comunicador lhe dava uma vantagem poderosa sobre uma alma caracterizada por ser curiosa e ocasionalmente flexível, como a minha.

Sua excitação em comentar sobre o emprego fomentava um ser dormiente dentro de mim. Aquele mesmo que eu estava tentando reprimir nas semanas anteriores à base de reflexão, chá e incenso. Um alvo fácil diante das incertezas do futuro.

O ambiente tipicamente paulistano também consumia e alimentava esse ser que agora reencontrava um prazer artificial em cada golada de cerveja. Passei não só a escutá-lo, como questionar ainda mais a respeito do tal trabalho. Não era apenas o efeito do álcool, mas também o ataque de uma intuição muito mais profunda e já fora do meu controle. Por uma hora, talvez menos, era como se outro tivesse tomado o meu corpo e falado por mim. A ausência de alguém como Andy ou Marinheiro seguramente dava maior convicção a este novo indivíduo perspicaz.

A situação só foi cessar quando Mateus foi interrompido pelo toque do celular. Seus amigos o aguardavam do lado de fora do bar. De lá, se dirigiram para outro local por não haver mais mesas disponíveis ali. Convidou-me para acompanhá-lo, e eu provavelmente teria aceitado a invitation, não fosse todo o dinheiro já gasto até aquele momento, o que me impossibilitava de continuar a noite cidade a fora.

Ficamos no bar por mais algumas horas antes de sermos convidados a nos retirar. Tive sorte de Pedro estar cansado o suficiente para não querer estender a

farra, como seria comum em noites normais. Conforme havíamos combinado anteriormente, me levou até em casa.

A essa altura, eu já havia voltado parcialmente ao meu estado de consciência normal, praticamente entorno em sobriedade. No entanto, me sentia estranhamente fraco e abatido, como se a noite tivesse tomado toda a energia do corpo.

Consegui reunir apenas forças para ir até a cozinha, encher um copo de água e despencar, ainda vestido, sobre a cama. Não me recordo de ter sonhado naquela noite. Conseguia pensar apenas no que havia dado em mim para aceitar marcar a bendita entrevista.

Capítulo 27

A melhor xícara de chá

Depois de tudo passado naquele final de ano, não sei exatamente porque dei oportunidade àquela oportunidade. Era tão confuso pra mim que parecia certo. Quando as coisas andavam muito tranquilas, eu desconfiava e então me metia nessas.

Honestamente, a vaga era bem interessante a qualquer um que a examinasse. Mateus havia me convencido muito bem disso tudo na fatídica noite do bar. Segundo ele, a empresa possuía uma reputação muito boa de balancear bem o condenado dilema moderno de vida vs. trabalho. Dias depois, já próximo à data do compromisso, imaginava se todas elas não afirmavam a mesma coisa.

Parte de mim realmente pensava, ou queria se convencer, que neste caso seria diferente. Regurgitava a maldita esperança de existir luz no fim daquele túnel que eu pensara ter escolhido não mais ultrapassar.

A verdade era somente uma: eu continuava a ter medo, a sentir a tal pressão. E com ela cabem majestosamente todos os sinônimos que vierem à testa: influência, coerção, imposição, competição, constrangimento, força, tensão.

Novamente me deparava com a obrigação tradicional do “ter que fazer algo”. Se conscientemente minha mente clamava por uma desaceleração, irracionalmente uma sensação maquinal tomava cada vez mais espaço com seu poder de decisão. Quando você defronta seus amigos e familiares bem sucedidos, engravatados, se mudando para os seus apartamentos alugados perto da Av. Paulista, não tem como mentir: você também queria estar colocando mais da metade do seu salário em uma quitinete remanescente dos anos setenta. Alguns já faziam planos de casamento e família e eu ainda querendo me encontrar.

Não à toa, alguns deles me encaravam com um desprezo disfarçado de pena. Quando acontecia de nos encontrarmos, o mundo voltava a girar em torno daquela antiga engrenagem. Eu revelava querer um tempo daquilo tudo. Eles me apoiavam por caridade, mas logo retomavam seus assuntos “burocráticos”, como se me excluíssem intencionalmente. Eu, que poucas vezes experimentei uma

sensação de pertencer a essa realidade, digamos, executiva, era agora oficialmente descartado dela.

E para o meu espanto pessoal, isto me incomodava. O fato de eu ter tentado, tentado e falhado. Vencido e convidado educadamente a me retirar, pois àquele mundo eu não pertenceria mais. Sentia um duelo profundo e radical dentro de mim. Fraqueza por novamente não conseguir tomar uma frente, sempre vencido ou vendido à indecisão. Mas como abandonar tudo, se eles me fazem parecer um elo necessário?

O cenário passou a me amedrontar. Não há muitos relatos heroicos de gente que abandonou um caminho de certeza e sucesso para trilhar um em direção à liberdade e auto realização. Apenas sátiras, comédias traiçoeiras e melancólicas tomadas por finais irônicos. Afinal, não há tempo para poesia na vida moderna. E esta vida é um vírus. Daqueles que quando atacam, envenenam até a unha do desgraçado. É como uma gripe que vai ocasionalmente te consumindo. É curável, mas por alguma mutação, ele te ataca de novo. Mais forte, resistente, imune às ações de qualquer remédio. E paulatinamente, vai te arrastando para um estado terminal.

No dia da entrevista, levantei cedo para ir ao cabelereiro. O cabelo estava moderadamente longo, assim como a barba, partes fundamentais do novo trajeito que eu tentava adotar. Estilo aceitável para um “mochilão” no Peru, mas não para uma entrevista de emprego ou qualquer outra ocasião que envolvesse gente séria e que não fossem meus tios.

Solicitei um daqueles cortes bem tradicionais e miseráveis, mas não me entreguei por completo ao regime. Nessas entrevistas, a etiqueta adequada seria aparecer com as bochechas reluzindo, lisas e despeluzadas. Por insubordinação própria, a barba foi apenas aparada. Não imaginei que alguém pudesse se incomodar com aquilo. A dúvida final poderia ser aniquilada com um elegante par de sapatos e uma camisa bem passada, afinal a palavra da vez é estética.

As cretinices dessa etiqueta das aparências estabelecida para os empregos elitizados foi o assunto que vingou dentro do “salão”. Eu mesmo havia criado o termo e, quando terminei de citá-lo, um sujeito sentado na cadeira ao lado me

interrompeu. Dizia não concordar com a parte final da minha fala, enquanto dava alguns toques no cabelereiro que desenhava um moicano bizarro na sua cabeça.

Após questioná-lo sobre a situação, explicou que era segurança e havia sido demitido do seu último emprego em um restaurante porque não tinha “cara de mau”. Contou também que já havia trabalhado em outros lugares, feito cursos profissionalizantes e era bom no que fazia. Tinha inclusive boas recomendações. Mas pelo corte de cabelo agressivo recém-adotado, tais qualidades não foram suficientes para garantir-lhe qualquer oportunidade. “Não é exclusividade de playboy”, concluiu. Estava com toda certeza certo em seu discurso, embora o moicano o deixasse com uma feição mais cômica do que assustadora.

Comentei que um primo não podia ter tatuagens no braço, pois queria seguir carreira militar. Meu cabelereiro, por sua vez, tinha um primo comissário de bordo com o mesmo problema. E sabe lá Deus como um soldado vai marchar competentemente cheio de tatuagens ou o perigo que é para uma tripulação ser guiada por um louco todo pintado. Charlatões engravatados podem seduzir suas secretárias ou agredir moralmente seus subordinados, contanto que se barbeiem.

Já atrasado, pois em São Paulo sempre se está atrasado, fui de carro até o escritório de Mateus. Tamanha é a insuficiência da cidade que aqui aderimos ao termo “contra-fluxo”. Vias ou transportes vazios por estarem em rota contrária ao do movimento que se dirige ao trabalho ou ao final do expediente. E por mais triste que soe, faz a alegria de muitas almas paulistanas, como fez a minha naquela tarde.

Parei o carro há uns dois quarteirões da empresa. O estacionamento mais próximo não sairia por menos de vinte reais, valor que eu não queria abrir mão. Assim, estacionei em frente a uma pizzaria fechada. Provavelmente permaneceria assim pelo resto da tarde, já que o costume vespertino de se comer pizza é raro em São Paulo.

Apertado pela ansiedade, entrei em um modesto bar de esquina e perguntei ao atendente atrás do balcão se era possível usar o banheiro. Ele se limitou a apontar com a cabeça para um corredor ao fundo enquanto secava estranguladamente um copo. O pano estava acinzentado, mas não era possível diferenciar com certeza se por reflexo da escassa luminosidade do local. Uma

mulher e dois homens estavam sentados em uma das mesas perto do tal corredor. Eram os únicos clientes presentes no momento e para o meu delírio, comiam pizza.

Levando em conta a atmosfera duvidosa do estabelecimento, o banheiro se encontrava em condições decentes. O único aspecto inoportuno era seu teto rebaixado, possivelmente devido a uma escada, que pela arte do improvisado de um engenheiro, acabou ganhando uma privada e uma pia em seu ventre. Era uma posição um tanto quanto desconfortável, mas suportável à medida que a urina saía.

Chamar o líquido esverdeado que saía do dispositivo acoplado a pia de sabonete seria um demérito da minha parte. Principalmente levando em conta sua grande capacidade de não fazer espuma. O papel havia acabado e, pela atitude do lugar, não seria repostado por algum tempo.

Segui em direção à porta da outra esquina secando as mãos na calça jeans escura, agradecendo ao homem atrás do balcão. Ele não fez questão de responder, se mantendo atento a secagem do copo. De algum jeito, parecia que eu não era bem vindo ali.

Fui recebido por uma camareira que varria o jardim externo do pequeno edifício. Aguardei alguns minutos antes de ser encaminhado pela simpática atendente responsável por agendar meu horário. Já dentro do escritório, eu folheava uma revista de curiosidades quando dois homens de aparência jovem terminaram a fileira de degraus de uma escada de madeira. Apresentei-me como amigo de Mateus e logo fui informado que o mesmo ficaria fora durante o resto do dia. Um dos homens convidou-me até uma sala pequena ao lado da porta principal, enquanto o outro seguiu em direção a um bebedouro totalmente colorido.

A entrevista em si foi realmente corrida, pois durou apenas alguns minutos. A maior parte das perguntas tinha como objetivo aprofundar minhas experiências anteriores. Algumas das quais eu havia pateticamente inventado após ler o perfil desejado pela empresa. Eles também não foram muito claros no que procuravam e em nenhum momento levantaram os aspectos ressaltados por Mateus no dia do bar, tornando a conversa vaga em boa parte dos temas abordados. De qualquer maneira, pareciam estar satisfeitos com o que estavam ouvindo, gerando-me confiança e certo comodismo.

Eu aproveitei umas duas oportunidades para tentar levar o diálogo para um tom mais descontraído, fazendo com que um deles até arriscasse uma piada. O outro sempre mantinha a feição séria e contida, sendo ele o responsável por executar boa parte das questões “profissionais”:

- Você, sinceramente, se considera um bom vendedor? – perguntou.

- Eu, sinceramente, não me considero.

Ambos exprimiram um olhar de dúvida, então senti que eu deveria tomar as rédeas daquela conversa, e prossegui:

- A vaga é na área de vendas?

- Não exatamente. – responderam simultaneamente, no que o piadista questionou:

- Você possui bom nível de espanhol?

- Posso garantir que a situação é bem tranquila. Sempre me comuniquei em português com amigos fluentes na língua e sempre fui muito bem compreendido.

O olhar de dúvida foi transformado em uma expressão quase desafiadora, como se desaprovassem minha honestidade.

- Alguns dos nossos funcionários têm o privilégio de tirar um dia da semana de folga. O que você faria caso fosse um deles?

- Escreveria um livro.

- Um livro?! Em um dia?!

- Ok. Escreveria um conto.

Troca insinuante de olhares entre eles.

- O que eles costumam fazer? – questionei.

- Não sabemos. O tempo livre é deles. Fazem o que bem entender.

- Bom, nesse caso... Então o que vocês fazem quando ganham este dia de folga?

- Aproveito para adiantar as coisas do escritório. – respondeu o mais carrancudo.

Olhei na direção do outro.

- Eu também...

Enquanto terminavam de explicar algumas tarefas e responsabilidades, eu repassava na minha cabeça o constrangimento ao qual eu havia me submetido ao

topar aquele encontro. A sensação corriqueira de insegurança de todas as outras entrevistas até então foi substituída por um desconforto enorme.

Ao final, apertamos as mãos e o piadista me guiou até o portão principal, onde a camareira ainda varria o piso, embora parecesse bem limpo do meu ângulo. Fizemos alguns comentários breves sobre o calor, mas as camisas úmidas de ambos respondiam por si sós. Ganhei mais um aperto de mão antes de deixar o local. A porta se fechou atrás de mim e eu pude finalmente respirar em paz.

Traçando vagarosamente o percurso de volta ao carro, desabotoei minha camisa em uma respiração profunda de alívio. O boteco da esquina já estava cheio e o homem atrás do balcão parecia mais animado, tanto que me saldou quando notou minha presença nula vagando pela esquina.

Enquanto andava, senti o celular vibrar no bolso e quando o apanhei, o nome de Mateus estava escrito na tela. Embora eu tenha me repreendido posteriormente por não atendê-lo, considerei o silêncio a melhor opção naquele instante. Talvez estivesse ligando já com uma resposta e, no fundo, eu já sabia estar torcendo pelo não. O que eu queria mesmo era parar de transpirar e poder voltar ao carro com a cabeça resfriada.

Um cachorro encoleirado cruzou meu caminho e latiu em minha direção, como se estivesse me amaldiçoando devido às minhas atitudes recentes. Sua dona pediu desculpas em seu lugar, mas eu não tinha como contrariá-lo.

A uma quadra da onde havia estacionado o carro, pude ver de longe a porta de ferro da pizzaria se abrindo. Apressei-me para tirar o carro e evitar qualquer constrangimento maior do que aquele dia já havia me causado. Após apertar o passo e atravessar a rua desbravando um sinal aberto, consegui alcançar o veículo a tempo de me desculpar com a senhora que terminava de enganchar um dos portões na parede interna do espaço. Ela não ouviu meu primeiro chamado devido ao som forte resultado do impacto do portão esguio contra a parede. Aprecei-me a ajudá-la, segurando a grade de ferro, e então pude novamente me solidarizar:

- Peço desculpas à senhora. Estava num lugar aqui por perto. Não achei que fossem abrir tão cedo.

- Não tem problemas meu filho. A guia da calçada é rebaixada, mas como você pode ver, não a usamos pra nada. Os motoboys costumam parar suas motos aí em frente. Mas eles ainda vão demorar pra chegar.

- De qualquer forma, muito obrigado pela compreensão. – respondi aliviado.

- Sem problemas. Quem não compreendeu pelo jeito foi a pessoa que te deu aquela multa. – ela respondeu apontando em direção à traseira do carro, enquanto amarrava em um gancho um cordão de barbante ligado ao portão.

Virei a cabeça na direção do carro e avistei um pequeno papel amarelo preso ao limpador de para-brisas traseiro. Realmente, a senhora tinha razão sobre a multa e a falta de solidariedade do oficial. Minha reação instantânea, no entanto, foi de começar a rir. Não de forma irônica ou pejorativa, mas rir de maneira a contemplar a situação com a sutileza que ela demandava.

O pequeno papel de cor amarela era o detalhe final daquele dia a parte na minha trajetória recente. Ele representava a resposta do universo aos meus dilemas e minha falta de posicionamento. Eu era mais uma vez brindado com pitadas comicamente severas de realidade a ponto de todo aquele enredo se transformar em um cenário inexplicavelmente cômico. Como se o universo estivesse dizendo algo como: “Ok, amigo. Agora vamos parar de brincar”.

Foi um momento lindo e, ao mesmo tempo, emblemático dadas as circunstâncias misteriosas que haviam me arrastado desde os primeiros momentos de frustração, as tardes no fumódromo, a viagem à praia, os dias solitários, a festa de despedida, passando pelas horas de meditação, a noite do bar e agora o episódio da entrevista.

E eu havia aprendido muito bem com o Marinheiro a não desperdiçar os tais sinais do universo. Mesmo que eu quisesse, não havia como contrariá-lo diante de tantos indícios. Agradei então a senhora tanto pela vaga, como pela multa. É provável que minhas palavras e o inexplicável entusiasmo tenham se passado por atitudes sarcásticas. Talvez ela tenha pensado que eu estava caçoando dela e, portanto, não fiquei aborrecido quando me retrucou o agradecimento com uma cara de zangada.

Parti de volta para casa o mais depressa possível, pois senti que precisava de uma dose final de algum tipo de curativo para sacramentar e cicatrizar totalmente

aquela ferida. O trânsito fluía inesperadamente suave enquanto meu veículo costurava seus poucos irmãos de metal.

Ninguém atendeu ao meu chamado quando abri a porta de casa. O silêncio milagrosamente reinava dentro e fora dela, caso raro nos dias de verão. Um aglomerado de nuvens ria no céu azul, ao mesmo tempo em que acalmavam não só a mim, como também a temperatura.

Corri para o jardim já de roupa trocada, mas não antes de ferver uma panela de água no fogão. O tapete me convidou para perto de sua companhia, enquanto o ar do ambiente parecia ter sido retirado a pouco de uma floresta virgem. O chá verde de hortelã bravamente se impunha diante da fragrância benevolente das varas de incenso. Aquela foi a melhor xícara de chá de toda a minha existência.

Capítulo 28

Atendendo aos sinais do universo

No dia seguinte, tive de retornar ao prédio de Andy para buscar alguns CDs de Pedro, que ele jurava ter deixado lá desde o dia da festa de despedida. Como a distância do escritório era muito próxima, não hesitei em ajudar o amigo. O apartamento na verdade já havia sido devolvido ao antigo dono. Todas as sobras e tralhas encontradas nele foram entregues ao “sujeito peculiar do apartamento vinte e seis”, seguindo instruções do próprio Andy. Se os CDs tivessem participado da festa, na certa eu os encontraria sob a custódia do marujo residente no final do corredor do segundo andar.

A cidade havia sido atingida por um poderoso temporal de verão que, diferentemente do habitual nesta época, demorou a cessar. A Internet e as rádios já premuniam o caos total, assim como a janela ao lado da minha mesa, de onde uma fileira infinita de veículos engarrafados se destacava dentre borralhos acinzentados. Algumas almas teimosas insistiam em abrir os guarda-chuvas no meio da tempestade. Estes eram instantaneamente varridos pela ventania sem a menor chance de resistência.

As ruas menores que circundavam a grande avenida já haviam sido transformadas em lagunas. Nelas, os carros eram obrigados a passar um por vez, visto que apenas uma metade era transitável. Guardas de trânsito tentavam coordenar o episódio, mas seus apitos eram ofuscados pelas fortes rajadas de vento, além das trovoadas que pareciam sobrepujá-los propositalmente.

Dispersando do desespero instalado no escritório, eu sentia-me tranquilo como há muito não acontecia em um dia de chuva na cidade. Já havia me convencido da ida ao prédio de Andy antes mesmo da confusão provocada pelo mau tempo ter início. Agora, com os carros se barricando no sentido contrário ao que eu tomara para alcançar meu destino, sabia que a natureza jogava do meu lado. Imaginava o caminho de volta para casa e, graças aos baixos relevos das avenidas, a consequente incapacidade de transitar por tais vias, tomadas por inundações e alongamentos. A missão me pouparia assim de uma ou talvez duas horas no pânico total daquela sexta-feira melindrosa.

Deixei o escritório meia hora depois do término do expediente e segui meu rumo esvaziado, como se o próprio Moises também se apressasse em desbravar tais ruas junto de mim, abrindo caminho para nossa empreitada.

Já perto do prédio, comecei a desacelerar o carro a fim de encontrar uma vaga próxima a sua entrada. A rua possuía laterais rebaixadas, construídas assim para facilitar o fluxo de água em dias chuvosos e fazê-lo escorrer mais rapidamente pelos bueiros da cidade. No entanto, em temporais como o daquele dia, tal artimanha atuava contra os cidadãos, escoando para os buracos todo tipo de entulho, o que entupia todas as saídas e calhas. Consequentemente, a rua tornava-se uma grande piscina, sendo seus flancos rebaixados os pontos com maior acúmulo de água e lixo. O resultado se dava, entre outras coisas, na impossibilidade total de estacionar o carro nestas lagoas de asfalto. A única solução cabível foi me dirigir a uma rua não muito próxima.

A consolação logo se esvaiu quando me tornei cobaia da sentença de Cris: a chuva cai sobre todos nós. A maldição se deu logo que vasculhei todos os cantos do carro e não fui capaz de encontrar o guarda-chuva. Descrente do tamanho da minha estupidez, custou-me a admitir sua ausência. Estava na verdade ao lado da minha mesa, apoiado contra o cesto de lixo, ainda úmido devido a breve caminhada durante o almoço.

Quanto mais eu permanecia de baixo da chuva, menos a calça social me incomodava, o que me proporcionou uma satisfação imediata. Como uma espécie de sinal, acabei encontrando um par de chinelos no porta-malas do carro, o mesmo par usado no dia da festa. O fiel pé direito, junto de seu parceiro canhoto, o herói que me guiou até a prancha pintada de Andy naquela manhã. A camisa também foi deixada junto dos sapatos no veículo, pois eu usava uma regata branca por baixo dela.

Assim, aceitei meu destino invariavelmente molhado e rumei em direção ao prédio. Com a rua toda ao meu dispor, não tive pressa ao caminhar. Resolvi aproveitar o momento e transformá-lo em algo digno de ser lembrado. Queria desfrutá-lo tal como fazemos quando crianças.

Vagando pelos toldos e lajes gotejantes, refletia sobre o fato de o homem ser provavelmente o único animal temeroso à chuva. Não que outros não a evitem, mas não parecem receá-la assim como nós. É verdade que ela perde parte do seu encanto quando é originária de um céu coberto por imundices como os das cidades grandes. Mas há um charme em seu fluir que talvez só os casais apaixonados ainda compreendam. De uma forma ou de outra, ela faz lavar tudo que não é estável.

Olhava para os retratos urbanos em minha volta e admirava o borro cinzento deixado pelas correntes de água vindas do céu. Aveludavam-se pelas paredes e limites das edificações, purgando-os de uma energia antiga. Permaneciam apenas as camadas mais sólidas de tinta em cada um dos cantos das tantas casas ao meu redor.

As grandes árvores nos canteiros agiam da mesma forma, conservando apenas sua folhagem mais pura diante do banho de verão, oferecendo aos deuses superiores ramos enferrujados que agora se amontoavam pelo granito da calçada. Estes dariam lugar a outros mais firmes, reproduzindo em sua perseverança o vigor do temporal. Pessoas se amontoavam dentro de uma padaria. Era possível se alimentar com o aroma do café na relva fria causada pelo orvalho chuvoso.

No quintal de um cortiço paroquial, um pardal cantava ininterruptamente para os céus, abalado pela quantidade excessiva de trovoadas. O combate não teria fim até que um dos lados se desse por vencido. Depois de ser respondido por assíduos rugidos sobrenaturais, o animal, supremo de sua inteligência, pousou próximo a um jardim, aproveitando o abrigo oferecido pela extremidade de uma grande calha que corria por cima da casa. Não foi uma desistência, apenas um ato nobre de um ser intimamente ligado ao ambiente que o rodeia, consciente do seu posto inferior.

Após atravessar um dos cruzamentos, as pancadas sonoras da chuva se confundiram com um ruído asfíxiante e ríspido, seguido instantaneamente por um estrondo mecânico. O primeiro impulso foi de fechar os olhos assim que o primeiro dos sons começou a se elevar. Olhei para trás após o ato final e encontrei dois carros atravessados no meio do cruzamento, formando um T único de metal. O carro prata era um pouco menor que o preto, mas ambos tinham praticamente as mesmas dimensões.

Pelo para-choque vomitado no asfalto, além de algumas outras peças aleatórias, o carro preto parecia ter sido o mais prejudicado. Um senhor idoso abriu a porta do motorista com certo esforço, evidenciando uma perna manca por motivos anteriores àquela batida. Sua passageira permaneceu visivelmente amedrontada no banco ao lado, contida tanto pelo susto como pela potência da chuva. Do outro veículo atingido, ergueu-se um homem de meia idade, trajado com roupas sociais. Tinha o telefone à mão, como se estivesse preparado para acionar alguma entidade que pudesse solucionar o caso.

Os dois homens trocavam bravejadas entre si, conforme iam advogando a favor do seu veículo e de sua trajetória. Os carros passantes esboçavam o começo de uma fila, mas o primeiro deles decidiu driblar o acidente, no que foi seguido de imediato pelos outros. De uma farmácia exatamente em frente ao local, dois vendedores saíram pela porta da frente para contemplar a cena. Junto deles, uma senhora encapuzada com expressão de espanto e seu guarda-chuva aberto sob a laje coberta.

Os dois proprietários não chegavam a nenhuma conclusão e decidiram por conta própria reavaliar os danos causados em ambos os carros. O homem de meia idade cobria o celular com a mão enquanto parecia digitar a placa do outro veículo. Ao mesmo tempo, o senhor recolhia seu para-choque e as peças que acreditava serem de importância. Abriu o banco de trás e as jogou com alguma dificuldade para dentro.

Trocaram mais alguns insultos antes de uma última tentativa melancólica de remontar o caso. Após sentenciar uma série de desaforos incabíveis, o senhor do carro preto deixou o homem de meia idade falando sozinho e retornou ao seu veículo capengante. Ele guiou de ré e o carro respondia com tremeliques. Acelerando com proposital rispidez, seguiu na direção que parecia tomar antes do incidente. O outro homem imbicou o carro no estacionamento da farmácia, enquanto mantinha o celular perto do ouvido. Eu já caminhava longe quando o avistei papeando com os dois vendedores da loja.

A chuva aumentara sinuosamente no decorrer do episódio. A visibilidade era prejudicada pelo excesso de água entre as minhas pálpebras, o que me impulsionou a desacelerar ainda mais o caminhar.

Foi numa tentativa branda de experimentar o sabor da chuva caindo sobre mim que estiquei o pescoço para trás, contemplando a imensidão das torrentes de água. Os olhos permaneciam fechados sempre buscando visualizar algo interior. Uma sensação revigorante advinha do contato entre pele e gotas. As mãos se apertavam como se quisessem tomar posse da chuva em si. Queria mesmo era enxergar nelas toda a tempestade abrigada entre os vincos e linhas, como se fossemos apenas um evento, uma experiência, uma essência.

Quando meus olhos voltaram a se abrir, reparei de imediato a parede larga e sem janelas de um dos prédios descascados da rua. Ele se destacava, pois se erguia, mesmo que não muito, numa altura maior do que as construções ao seu redor.

Além da lateral desjanelada, continha outro atributo único em comparação aos outros edifícios de mesmo teor descamado: uma parede lisa, contínua e insinuante. Graças a tais atributos, seus tijolos serviram de tela para algum artista de rua cujo nome lembrava um daqueles guetos famosos da Nova York dos anos 70. Na certa, estava descontente com a opacidade romântica das velhas casas e cortiços da região.

Uma arte completa, algo como a capa de um CD que marcou uma geração, mas que voltava a fazer barulho, como se ainda tivesse uma última mensagem a passar. Letras gordas, significativas, cazuzando sobre fundos infinitos de tinta, como se saíssem de dimensões distintas. Eram de uma matriz tão intensa que pareciam saltar do concreto e caminhar cintilantes pela rua, usando seus sotaques coloridos para cumprimentar os passantes.

Percebi então que conhecia aquelas letras e a vivacidade refletida nelas. Olhei na direção para onde a parede apontava e vi ao fundo, surgindo de um conjunto organizado de árvores, o prédio de Andy. O primeiro andar estava totalmente encoberto pela vegetação, mas partes da varanda do segundo se tornavam perceptíveis por entre as árvores. Eram pequenas frestas que a chuva agora tratava de salientar, realçando o tom escuro do verde da vegetação e clareando a palidez da varanda. Indubitavelmente, as árvores ao fundo nada mais eram do que aquelas erguidas no jardim vizinho do prédio de Andy. As mesmas que comprometiam a passagem dos raios de sol conforme ele se erguia por todo o dia.

O vislumbre de letras por entre a folhagem naquela ocasião se deu justamente pelo destaque daquelas de tonalidades mais brilhantes, realçadas pelo reflexo da luz solar. O “***Eu dei a mim mesmo*** o que ***ninguém mais podia*** dar” na parede sem janelas se transformou em *Eudaimonia* diante do nascer do sol.

Quando dobrei a última esquina, avistei o edifício solitário e exclusivo no meio da rua. Firmava-se orgulhoso e soberano perante as pequenas casas atoladas no dilúvio. Dava a impressão de ser o local mais seguro da região, tanto que uma mulher adentrava o portão com a pressa de quem pede socorro em um hospital.

Orgulhei-me pela sobriedade da decisão de estacionar longe dali. Com o aumento da chuva, o excesso de água já tomava a rua por inteiro, não se limitando apenas às suas laterais. Eu já estava mais molhado do que a água em si. A única parte do meu corpo que permanecia seca era uma sacola embrulhada por dentro de outra sacola, na qual eu havia refugiado as chaves do carro. Torcia para que cumprissem seu papel, evitando colocar a mão encharcada no bolso para Tateá-las e verificar se de fato ainda eram fiéis a mim.

Na portaria comedida do prédio, acolhi-me para de baixo do pequeno toldo acrílico que cobria o interfone e o caminho entre o portão e o hall do edifício. Pressionei o botão de número vinte e seis e continuei aguardando. O vento já franzia as gotas de chuva a ponto de atingirem por completo aquele pequeno espaço, outrora seguro e seco. Sem qualquer resposta imediata, apertei o mesmo botão mais duas vezes, enquanto observava os ramos de um ipê se contorcendo com as rajadas de vento.

Diferentemente das chaves, optei por deixar o celular no carro, seco e longe de problemas que a tecnologia ainda não era capaz de resolver, e assim não havia como contatar o Marinheiro. De qualquer maneira, eu não tinha o seu telefone, pois achei que o acaso da vida nos guiaria por mais encontros.

Eu não tinha nada a perder ali e continuei apertando ambos os botões da maneira que eu bem entendesse. Tentei encadear uma sequência embalada no ritmo insaciável da chuva, mas faltava-me habilidade para prever o tremor das trovoadas.

De repente, reparei por entre as paredes de vidro do hall, uma mulher alta e jovem acompanhada de uma criança. A mulher aguardava em pé por uma trégua do mau tempo enquanto que o menino, sentado ao chão, brincava com dois bonecos de braços levantados, usando o tapete capacho como parte do cenário da sua pequena trama. A mulher, provavelmente sua mãe, o puxava sempre que se aproximava demais da porta de vidro, temendo que ele fosse molhado pelos respingos que infiltravam o hall pelos vãos da entrada.

Com todas minhas esperanças por uma resposta do interfone reduzidas, encontrei na presença da mulher um último suspiro de animosidade. De início, fiquei acenando do lado de fora, primeiro com uma mão, depois com as duas. Fui notado apenas pela criança, que após me fitar durante algum tempo, resolveu acenar de volta. Embora estivesse com um livro aberto às mãos, a mulher encarava um vazio tão distante quanto eu me sentia dela. De tão presa ao seu esquecimento, sequer reparou na proximidade nociva do menino à porta.

Fui finalmente notado quando meu pequeno salvador cutucou-a e, após algumas breves palavras de convencimento, apontou em minha direção. Orgulhosa e tomada pelo nobre gesto da criança, ela instantaneamente abriu um enorme guarda-chuva. Seus gestos dublavam suas palavras e eu podia compreendê-los nitidamente, apesar do barulho excessivo do céu, que parecia invejar a perda da minha atenção.

Antes de sair, alertou o filho para que se sentasse e aguardasse pelo seu retorno. Abriu a porta de vidro com dificuldade devido aos sopros constantes vindos de encontro à entrada do hall. O guarda-chuva também caminhava com dificuldade, fazendo-me um pouco constrangido por vê-la enfrentar aquela situação. Partia ao meu resgate, deixando seu filho a mercê das infinitas fantasias que uma criança pode criar em um dia de chuva.

Assim que alcançou o portão de entrada do prédio, tirou uma chave do bolso para abri-lo, logo me dando passagem. Esbocei algumas palavras de agradecimento, mas ela estava muito ocupada tentando estabilizar o guarda-chuva. Passei a admirá-la ainda mais quando me dei conta da força necessária para abrir a porta de vidro. Após uma rápida passagem pelo furacão, estávamos seguros novamente.

Dessa vez, ela respondeu aos meus agradecimentos, dirigidos agora também ao seu filho, como ela mesma me confirmou ao apresentá-lo. Disse inclusive que levava na bolsa da criança uma toalha infantil com a qual eu podia me secar. Mas ela já tinha feito muito por mim. Eu agradei novamente todos seus favores e dei a entender que um amigo já me aguardava no segundo andar. Ela não ter questionado minha longa espera do lado de fora confirmou o fato de que havia sido longa apenas para mim.

Antes que eu pudesse questioná-la sobre o paradeiro do meu amigo, minha heroína acenou para o fato de que não era moradora do prédio. Havia ido buscar o filho no apartamento do pai da criança e estava no aguardo de um táxi. Mas a rua inundada impedia o acesso do mesmo e eu concluí que era preferível aguardar pelo fim da chuva no hall do prédio.

Meu maior desejo era poder abrigá-la em algum dos apartamentos do segundo andar. Mas eu estava ali tão abandonado quanto ela. E assim, tomei o caminho da escadaria não antes de desejar boa sorte àquele anjo e dar um aperto de mão firme em seu simpático pequeno amigo.

Após transpor o último degrau, segui direto para o apartamento vinte e seis, embora todos os meus instintos me levassem automaticamente para o outro, no início do corredor. O velho tapete de entrada já havia sido retirado e apenas uma sombra de poeira demarcava seu antigo território.

A caminhada, que não chega a completar um minuto inteiro, tomou um período de tempo aquém de qualquer unidade de medida. Flashes e mais flashes invadiam minha cabeça enquanto meu andar parecia estar sendo flagrado em câmera lenta. Eu mal podia sentir meus pés, empapados de um composto de água e sujeira, tocando o chão. Minha mente estava drasticamente voltada para analisar as imagens que surgiam no interior mais profundo do meu eu. Era como se os olhos tivessem feito uma volta completa para enxergar esse meu outro lado, deixando o corpo à deriva do conhecimento que as pernas tinham do percurso.

Tudo de mais célebre, assim como também as lembranças mais banais vieram à tona nesse curto intervalo espectral que eu vivi. Após alguns breves lapsos a cerca das poucas vezes que eu havia frequentado aquele corredor, as imagens, e

não tinha como ser diferente, se concentraram nas memórias do final de semana em que Andy havia partido. Mostravam cenas das quais eu sequer sabia estarem ali gravadas, mas que voltavam a fazer sentido na minha consciência conforme ressurgiam. Detalhes sucintos como uma música específica ecoando pelo corredor, a porta do elevador se abrindo e fechando toda vez que pressentia a passagem de alguém ou o hábito viciante das pessoas em limpar os pés no pequeno tapete antes de adentrar o apartamento. As pequenas virtudes que fizeram daquele dia algo ainda mais monumental e que eu só conseguia venerar agora.

Em uma espécie de estado de transe, fui atacado e penetrado por todas as imagens e sentimentos que haviam mistificado aqueles dias. Relembrei meu velho, porém entusiasmante, estado de rebeldia. Ele se fazia agora vivo novamente. Renovado e intenso, ele queimava meu interior. Estava ocultado há algum tempo e pela expressiva sensação de libertinagem com que voltou a fluir, parecia estar reunindo forças para, mais uma vez, tomar o poder.

Experimentava-me tão vigorosamente bem que, por um segundo, pensei ter sentido meu corpo seco novamente. O pálido tom esverdeado das paredes do corredor era agora refletido de uma aura lustrosa e sapiente, azulando e confortando todo seu perímetro.

Os diálogos com o Marinheiro e com as outras pessoas naquele dia rodavam minha imaginação em pequenas letras a uma velocidade impressionante, o que não impedia minha mente de interpretá-las. Estava tudo ali armazenado o tempo todo, aguardando os sinais corretos para serem imaculados. Estava completamente entregue àquele fluxo de lembranças, as quais se tornavam novamente palpáveis graças ao pequeno corredor entre os apartamentos vinte e o vinte e seis. Foi o interruptor encontrado pelo universo para desligar a repentina falta de sentido para a qual eu havia me rebaixado. Voltou a iluminar um caminho quase esquecido, e que tinha uma perspectiva ainda mais bela agora. Interpolando aquele feitiço, uma voz grave soou do fim do corredor:

- Boas lembranças, hein?

O Marinheiro me aguardava ao lado da porta com sua bermuda escanchada e os clássicos óculos escuros sobre os cabelos, ainda mais longos que da última

vez. Meus pés surdos não foram capazes nem ao menos de notar o ruído da porta se abrir, se é que ela já não estava aberta. Pela sua expressão de continência, assistira toda a “cerimônia”, usando sua nobreza e sensatez típicas para não interrompê-la. Eu sorri em sua direção, confirmando a resposta para a sua pergunta. Dei-lhe um abraço apertado na tentativa de transmitir um pouco da energia que transcorria pelo meu corpo. Ele entendeu o recado e retribuiu o gesto, não se importando com as roupas encharcadas, que agora eram de fundamental importância para resfriar e controlar meus pensamentos. Novamente empossado pela grande presença daquele homem, fiquei admirado com a coincidência de tê-lo esbarrado justo naquele momento. Na minha cabeça, ele havia se provado além de guru, um grande sensitivo. Então, questionei-o:

- Você conseguiu sentir minha presença aqui? – assim que terminei a pergunta, ele começou a rir. Da mesma maneira que um pai sorri a um filho, ele foi paciente e sereno ao me retrucar:

- Não meu amigo. Ouvi uns passos vindos do corredor. Fiquei curioso por não ter escutado nenhuma campainha ou batida de porta. Pensei que a pessoa, no caso você, estivesse perdido. Apenas saí para ajudar. – ele não precisava mentir para justificar sua genialidade.

- De fato, você ajudou Marinheiro.

Ele percebeu meu receio em encharcar o apartamento e me empurrou para dentro do recinto sem maiores explicações. Àquele ponto, já tomado pela normalidade e de volta ao planeta Terra, os calafrios resultantes da brisa gelada em contato com o corpo molhado voltaram a me dominar. Embora o dia tivesse começado com uma temperatura alta e a chuva fosse muito bem vinda para desabafá-lo, os ventos intensos haviam despencado consideravelmente a média do dia. Além do que, o sol não batia ali fazia algumas horas, o que contribuiu para minha tremedeira excessiva. Imaginei também que os altos graus de energia dispersos nos instantes anteriores haviam desestabilizado meu organismo. A fome repentina me ajudou a formular essa tese.

O Marinheiro, que partiu direto para o quarto assim que entramos, voltou trazendo uma toalha e uma troca de roupas. Enquanto eu me trocava no banheiro, ouvi um barulho vindo da cozinha, o que já aguçou meu estômago e fez rangê-lo com potência ainda maior.

Deixei as roupas úmidas estendidas no cabo de ferro que delimita o espaço do chuveiro e retornei à sala. Sobre a mesa de jantar, o jogo de chá tailandês de Kaila era saudado pelo som da água em ebulição que vazava da cozinha. O Marinheiro trouxe também alguns biscoitos caseiros comprados de uma senhora viúva do sétimo andar. Gostaria de tê-los experimentado em um estado normal de fome para realmente apreciar seu sabor, pois àquele momento, qualquer coisa seria deliciosa.

Expliquei rapidamente o motivo da minha visita e, à medida que as palavras eram formadas, me dei conta da injustiça que havia cometido. O Marinheiro não precisava de motivos tolos como aquele para receber uma visita de um amigo. Em uma atitude típica de Andy, ele considerou tudo bem normal e, pela reação inofensiva, não se importou com a minha repentina ausência após a festa. Tanto que, após vasculhar as gavetas do móvel da tevê, além dos CDs de Pedro, trouxe também mais um pacote de biscoitos. Estávamos a ponto de colocar os assuntos em dia, quando me recordei da longa história que aquele dia havia me proporcionado:

- Cara, mas se você estava aqui esse tempo todo, por que não atendeu o interfone? – indaguei sem pressão alguma.

- Quanto tempo faz que você está esperando?

- Pelas minhas contas, bastante.

- Sério mesmo?

- Eu cheguei no prédio e fiquei na portaria esperando. Chamava aqui e nada. Até chamei no apartamento do Andy. Mas nada também. Fiquei um bom tempo lá, até que uma alma caridosa abriu a porta.

- Certeza que você tocou o apartamento vinte e seis?

- Certeza.

- De qualquer forma, você podia ter me ligado.

- Pensei nisso sim marujo, mas aí lembrei que não tinha seu telefone. Aí lembrei também que estava sem celular. Então, não adiantaria nem ter seu telefone.

Ele tentava segurar o riso, mas não conseguia e, de fato, era uma boa história pra ser contada durante uma mesa de chá.

- Foi mal mesmo cara. Mas estranho, porque eu estava aqui o tempo todo.

- O interfone também estava? – brinquei.

- Eu não devo ter escutado. Estava dando banho no meu filho pouco antes de você chegar.

- Seu filho?! Como assim Marinheiro?! Você tem filho?

- Tenho sim, um molequinho. Achei que o Andy tivesse te contado. – nesse momento, eu tentava conter a surpresa, mas ainda não tinha capacidade suficiente para ligar os fatos.

- Ele estava aqui comigo esses dias – prosseguiu.

- E ele está dormindo agora?

- Não, acabou de ir. Hoje a mãe dele veio buscá-lo. Talvez tenha sido no exato momento que você ficou lá em baixo esperando, porque fui acompanhá-la até lá.

Então as coisas começaram a fazer sentido.

- Espera. Uma mulher alta e magra junto com um menino moreninho, de cabelo tigela?

- Sim, ué. Como você sabe? – ele falou, rindo das minhas adivinhações.

- Não pode ser cara! Não pode ser! – eu gritava alto, levantando da mesa, em êxtase total.

Ele apenas continuava com sua face de interrogação, apesar de se alegrar com a minha completa anarquia, então prossegui:

- Marinheiro, meu bom Marinheiro! Seu filho que me salvou desse dilúvio! Eu estava lá em baixo esperando e já tinha perdido as esperanças quando ele me viu e acenou para mim. A mulher alta me resgatou com seu guarda-chuva! – eu gargalhava como a criança que há pouco me salvara. – Que dia! Que dia!

- Como assim Josh? Eles ainda estavam lá em baixo quando você chegou?

- Sim, cara! Por isso ela me salvou! Por quê?!

Ele então saiu em disparada pelo corredor, deixando a porta do apartamento aberta, como se fosse algum caso de vida ou morte. Pensei em segui-lo, mas tive receio em me intrometer em um assunto além de mim. Instantes depois, consegui avistá-lo voltando pelo corredor mágico.

- Você está bem, cara? Aconteceu alguma coisa? – perguntei já mais calmo.

- Sim, sim. Tudo bem... – o coração ainda palpitava do seu súbito esforço, que pela consternação da voz, havia sido em vão. Ele percebeu então pela minha expressão pungente que eu não hesitaria em questioná-lo até que confessasse algum sentimento. Então, resolveu falar:

- Amo muito meu filho, Josh. E também já amei muito a mãe dele.

- Mas o que aconteceu entre vocês então? – achei injusto não continuar a conversa, agora que o homem começara a se abrir.

- Meu filho nasceu quando ainda éramos jovens. Tivemos que virar adultos rápido demais. Não estou culpando a criança. Isso jamais. Ele é uma benção. Só não estávamos preparados para lidar com ele juntos. Implicava em mais responsabilidades e, o que era mais difícil, solidificar uma família. Depois de algumas tentativas, chegamos à conclusão que funcionávamos melhor separados. E assim, teríamos mais condições de dar uma vida melhor pro menino, sem ter que viver uma mentira que não estávamos em condições de assumir. Você tem que montar uma família quando sente que está pronto pra isso. Não é um simples amontoado de pessoas com o mesmo sangue que faz de uma casa, um lar. Não era nossa hora. E pelo amor ao nosso filho, criamos um respeito maravilhoso entre nós dois que talvez eu não consiga te explicar com palavras.

- Seu filho é radiante mesmo, Marinheiro. – conseguia agora notar com exatidão o semblante majestoso que partia tanto do pai, como da criança.

- Obrigado.

- Mas por que toda essa agitação?

- Esses últimos dias, tenho pensado muito sobre ele. Sobre ela também. Como mudamos, crescemos, amadurecemos. Somos duas pessoas completamente diferentes de quando o Daniel nasceu.

- Você acha que poderiam dar outra chance à família agora. É isso?

- Mais ou menos isso. Acho que valeria uma tentativa. Sempre nos demos muito bem. Muito bem mesmo, mas faltava alguma coisa. Não estávamos prontos para aceitar os caminhos que havíamos escolhido. Hoje, estamos. Essa alguma coisa que faltava agora cresceu. É um menino lindo.

O Marinheiro, e eu havia aprendido isso muito bem com ele, era mestre em entender os sinais do universo. De certo, fora atrás da mulher para finalmente confessar seus sentimentos como se a chuva tivesse lhe dado a oportunidade de finalmente se reconciliarem. E pelo olhar carente com o qual apreciava o vazio na primeira vez que a notei, ela devia sentir o mesmo.

Finalmente havia presenciado o quão longe estamos de uma verdade absoluta e que, de fato, não existe um ser no mundo mais sábio do que um girassol, ou uma pedra, ou uma tempestade. “O homem é por demais mortal para entender as coisas imortais”, diria Sêneca sobre o assunto. Se o Marinheiro, a quem eu considerava a alma mais preparada caminhante pela terra, tinha que lidar com situações completamente humanas, por que eu tentava fugir delas? Ele mesmo

havia me dito, no dia da festa, uma frase que adormecera no meu interior e agora voltava à tona com toda precisão semelhante ao pensamento de Sócrates, que compreendeu que a sabedoria extrapola os limites do homem: se você é a pessoa mais sábia de uma sala, então você está na sala errada.

Foi então que percebi que o Marinheiro também era humano. E por um momento, voltei meus pés ao chão para finalmente pousar daquela viagem que havia sido meu dia. Este era o momento máximo. Aquele em que o homem finalmente se enxerga como tal e entende que ele está sujeito a muito mais variáveis do que consegue controlar. Eu relutara, principalmente depois da partida de Andy, em aceitar minhas próprias escolhas. Enquanto isso, ao meu lado, um sujeito que eu achava ser dono do próprio destino, confessava ter aberto mão de um amor por outro ainda mais intenso. Eu servia apenas a mim mesmo e ainda assim, dava as costas às oportunidades que o universo insistia em me apresentar. O instinto ganhava poder e as escolhas ultrapassavam qualquer razão. Estava na hora de aceitar o Algo que queimava no meu coração.

Um mês exatamente após aquele episódio da praia no último dia de Andy em São Paulo, sentei-me na sala do meu chefe para pedir demissão. Não havia culpa, nem remorso. Minhas justificativas, e elas nunca foram necessárias, fluíram com tanta coesão, a ponto dele mesmo se denunciar: “Faria o mesmo se estivesse no seu lugar”.

Não foi nada muito planejado, embora soasse completamente correto diante de todos os fatos. Apenas surgiu como a coisa certa a se fazer diante da beleza do mundo. As janelas da sala pareciam sorrir e me parabenizar pela decisão, enquanto meu chefe ouvia um dos relatos mais sinceros dos quais já tivera conhecimento.

Tomei o cuidado devido para não me exaltar demais, pois não queria passar a sensação de mal agradecido. E eu era muito grato porque foi ali que passei a enxergar de fato o mundo. Talvez nunca fora capaz de vê-lo verdadeiramente, ou entendê-lo com precisão, mas ao menos sabia agora de como eu gostaria que ele fosse visto.

Eu precisei de um mês para tomar a decisão mais sábia da minha vida até então. Parece pouco tempo perto da significância que tal sentença refletiu em tudo

que eu fiz dali pra frente. Após o fato, não tomei ações premeditadas ou fui atrás de uma atividade que me desse algum prazer imediato, como é comum ouvir nos muitos relatos de demissão dados em São Paulo. Enfrentei tudo com a maior neutralidade possível, como algo que já era esperado e, portanto, não dava motivos para ser encarado de outra forma que não fosse a natural.

Não houve exaltação ou lampejos de extremo excitamento. Eu já havia conquistado tudo aquilo tudo dentro de mim. Estava apenas permitindo ao corpo completar a tarefa. Tinha grande vontade de dar a mensagem a alguém do meu time. Pensei em Andy, no Marinheiro, até mesmo em Ana, com a qual eu já tinha tido algumas conversas a respeito. Mas a todo o momento era contido por um equilíbrio incorpóreo, além da minha leitura e compreensão.

Lembro-me que no meu último dia no escritório, quando houve uma singela confraternização em minha homenagem, eu ainda me sentia anestesiado pela repentina virada no jogo. Apenas alguns companheiros reunidos, um discurso modesto e simpático do chefe e guloseimas para quebrar um pouco do ritmo de uma tarde que ainda seguiria cambaleante para eles. Nada que uma sexta-feira qualquer não pudesse empatar. O episódio me deixou ainda mais aliviado, pois também carecia de êxtase. Era como ver alguém saindo de um lugar ao qual nunca havia pertencido e isso para mim era recompensador.

Alguns sugeriram que eu deveria tirar férias, ir viajar e descansar um pouco antes de me comprometer com outra coisa. Eu agradecia solenemente a todos os conselhos, pois sabia que eram feitos nas melhores das intenções. Eles evidenciavam ainda mais a distância dos nossos mundos. Não podiam compreender o tamanho da minha decisão, muito menos meus motivos. Transcendia a realidade deles involuntariamente. Não tinham culpa, afinal não havíamos criado intimidade durante o tempo que passei ali. Portanto, não eram conscientes das minhas virtudes, muito menos das minhas aflições.

Muitos outros fora dali, também próximos a mim, se enquadravam no mesmo conjunto. Falávamos línguas diferentes e neles, eu nunca esperei encontrar compreensão ou empatia. Talvez voltasse atrás neste quesito após ter aprendido algumas boas lições. Abraçaria de coração mais aberto outros na expectativa que

pudessem, não se sujeitar aos meus valores, mas encontrar algo positivo nas novas ideias que eclodiam em mim.

Ao sair pela última vez por aquele prédio, não fui capaz de perceber nada de novo ou diferente. O sol brilhava tão quente e alto como nos dias anteriores. O ar ainda tinha a mesma essência de folhas úmidas sobrecarregadas pelos golpes da poluição. Os carros em excesso não chamavam nenhuma atenção. A velha figueira continuava lá, enigmática e inócua àquele mundo. As pessoas indo e vindo, como se fossem engrenagens, pois se submeteram como tais, obrigadas a se encaixarem em um ritmo ordenado e frenético de realidades intransigentes. O fumódromo era rodeado de gente de todo o tipo, mas pertencentes ao mesmo vínculo. Talvez fosse um dos poucos locais ali pelos quais eu tinha algum apressado.

Encontrei com meu olhar vagando pelas redondezas um rapaz parecido com Andy. Imaginava se possuíam as mesmas ideias, antes de me lembrar de o que existe é a ideia de cada um. Outros teriam a oportunidade que eu tive ali e, com sorte, nossos caminhos um dia iriam se cruzar. Fui tomado pelo contágio repentino e por uma fagulha de animação ao finalmente concluir que tudo estava no seu lugar. Não era o mundo que havia mudado, era eu.

Capítulo 29

A mente é uma câmara de ecos

Nas semanas seguintes, passei a frequentar a casa do Marinheiro com muito mais regularidade. Ele se mostrava mais aceso do que eu sobre a decisão tomada. Como se o fato de apenas conhecê-lo não tivesse sido suficiente para rearranjar toda minha vida, ele continuou a me acompanhar nesta nova fase de autoconhecimento.

Nos encontrávamos no seu apartamento ou em algum outro lugar mais próximo da onde eu morava. Tive a mesma sorte de conviver também com Cris e Kaila durante aquele período. Tudo ia melhor do que o planejado na nova casa de praia.

Graças a minha decisão de deixar o emprego, voltei a encarar o mundo como um lugar divertido e aprazível. Abandonei minha bolha solitária e voltei a ter prazer em explorar a vida urbana e sua variedade infinita de possibilidades, tal como Pedro havia me aconselhado nos nossos tempos áureos. Junto dele, ou também de Mateus, fugíamos na missão de desbravar a cidade e contemplar a magnitude da noite paulistana. Ambos eram profundos conhecedores e apreciadores das mil e uma possibilidades que São Paulo é capaz de oferecer em uma noite quente de verão. Os programas me distraíam eficientemente, já que eu passava a maior parte do meu tempo livre lendo e escrevendo.

O Marinheiro e eu costumávamos ir também a um parque próximo à minha casa e passar as tardes conversando sobre os mais diversos assuntos. Algo semelhante às tardes inesquecíveis no fumódromo, com a diferença de que agora eu tinha posicionamentos muito mais claros e estava longe de estar frustrado. Cheguei inclusive a ficar amigo de seu filho, o encantador Daniel. Ele nos acompanhava em alguns encontros, nos fazendo suar com seu excesso de disposição. O Marinheiro havia tomado a coragem dos bons navegantes e retomava lentamente os laços com a mãe da criança. Parecia mais sereno e amistoso do que quando eu o havia conhecido. Dava para confundir sua paz com a das árvores que comandavam a fachada do parque.

Continuei com Ana por algum tempo, a quem me senti muito mais ligado dado o apoio total que teve sobre a minha decisão. Ela, no entanto, tomava rumos cada vez mais opostos para si, muito por influência da amiga Clarissa que, assim

como ela, dava grandes saltos na vida profissional. Ela sempre tentava me convencer de ter tomado a decisão correta ao se dedicar fielmente ao trabalho. Mas no fundo, eu sempre soube que ela só queria convencer a si própria. Assim, eu me tornava um excelente ouvinte perto dela, pois sentia funcionar como um escape da sua realidade tradicional.

Não havia qualquer tipo de pressão sobre nosso estado e isso nos agradava, pois tirava aquele peso excessivo dado aos relacionamentos. Fato que eu sempre olhei com depreciação diante dos casais a minha volta. Ela encarava a situação com um pouco mais de sobriedade do que eu, muito pelas circunstâncias do amadurecimento repentino vivenciado no trabalho, impactante também na sua vida pessoal. De qualquer forma, o meu altruísmo idealizador e a maturidade sorridente de Ana se amarraram numa mistura emblematicamente envolvente, o que fortaleceu ainda mais nosso pequeno romance.

A vida corria seu sentido pacificamente, sem pressa ou exagero. Apenas seguindo o ritmo normal das coisas. Deixei de esperar pelo que iria acontecer e me contentei em experimentar a realidade instantânea das coisas. Lembrei-me de ter vivenciado lampejos de tal prática durante a viagem à praia, outra ocasião que jamais deixou de rondar meus pensamentos (assim como a festa de despedida), tamanha foi sua importância na minha vida.

Não foi fácil retomar e absorver toda habilidade proveniente deste mantra, que mais se torna um culto ao agora do que qualquer outra coisa. Ainda hoje, não aprendi inteiramente como desenvolvê-lo e há momentos em que tropeço e me pego contemplando o que ainda está por vir. Mas um instante real do presente sempre valeu mais do que a eternidade incerta do futuro. Esta é a lição aprendida quando não vivemos a base de preocupações ou medos que têm foco na obsessão por um mundo ilusório que está muito além da nossa compreensão, chamado futuro.

Muito disso se deu pela convivência espetacular com o pequeno Daniel. Por não estar acostumado a refletir sobre seu destino, sua imaginação tem tempo de sobra para vislumbrar as verdades e belezas do mundo no momento em que são vividas. Ele não é vítima do amanhã, como nós adultos somos. E isso me fez adorar ainda mais sua breve e intensa essência.

Por outro lado, eu ainda estava atrás daquela sensação de harmonia arrebatadora. Ela parecia cada vez mais distante agora que eu tinha tempo e

disposição para reparar em todos os excessos de sons, informações, notícias, imagens, etc. emanados pela cidade. Tal como nos dias anteriores a minha demissão, sentia-me perseguido pela dissonância provocada pelo ambiente urbano.

Passei a reparar que tais momentos de silêncio e sigilo eram raros não só dentro de casa, aonde eu continuava a realizar minhas meditações e pausas de reflexão, como também em todos os lugares que eu frequentava. O próprio parque também carecia de sossego, pois não podia se livrar da prova humana erguida ao seu redor. As árvores por si só não eram capazes de vedar a quietude da natureza. Um dos poucos sons naturais que se consagrava diante dos ruídos do homem era o de um trovão à distância. Entretanto, me incomodava o fato dele ser facilmente confundido com o rugido emitido pelas turbinas de um avião passante.

O próprio latido de um cachorro se tornava penoso diante da balburdia concebida pelos automóveis das vias próximas, além da martelada constante de uma cidade que nunca será concluída. Não seria de se admirar que os pássaros tenham se cansado de cantar nas grandes cidades por já não terem mais plateia. Devem ter seguido o movimento de Kaila e Cris, se mudando para o litoral ou para o interior, atrás de novos palcos. A pouca quantidade ainda restante de pios soltos pelo ar talvez sejam apenas canções de despedida.

Era como se meu corpo e eu seguissemos um ritmo próprio e a cidade outro completamente destoante. Nossa sintonia já não era a mesma há algum tempo e tal desarranjo parecia de alguma forma afetar minha concentração, ocultando e reprimindo minhas verdadeiras intenções. A confusão, muitas vezes bela, a minha volta passava a ganhar poder sobre mim e eu sentia precisar me afastar daquilo tudo para experimentar algo novo. Talvez não inteiramente novo, mas uma sensação esquecida depois de tanto me habituar ao estilo de vida da cidade.

Foi quando recebi a notícia de que meus avós viajariam. Não conseguia me lembrar da última vez que haviam deixado o sítio onde moravam. Só sairiam desta vez, na verdade, diante de uma condição: a de conseguir alguém que pudesse alimentar os cachorros da casa enquanto ausentes. Sabendo disso, logo me ofereci para a tarefa, contanto que eu pudesse passar os quatro dias requisitados no próprio sítio.

Tudo se encaixava perfeitamente. A grande casa, repleta de natureza, construída muito afastada de qualquer centro, seria minha por praticamente quatro dias. Sozinho, naquela imensidão de vida, poderia finalmente desfrutar de um momento culminante de harmonia e, quem sabe, alcançar um estado interior até então desconhecido.

Não tive trabalho para convencer meus pais ou meus avós de que eu era a pessoa perfeita para a missão. Afinal, eu estava desempregado e tinha tempo de sobra para passar os quatro dias, caídos exatamente no meio de uma semana comum, cuidando dos cachorros e da casa. Acima de tudo, eu era um filho e neto de confiança e os convencera de que eu precisava daquele tempo sozinho tanto quanto os cães precisavam de uma companhia durante aquele período inédito, já que nunca haviam passado tanto tempo longe dos donos. E assim, meus avós puderam viajar em paz, não antes de me deixar as chaves da casa.

Um dia antes da mudança temporária, enviei uma mesma mensagem em tom de despedida para Pedro e Marinheiro. A intenção real era de alertá-los sobre a minha ausência durante os quatro dias. Como o sinal de celular não alcançava as mediações do terreno, achei conveniente informá-los o número de telefone do sítio, mas ressaltando com todas as letras para entrarem em contato apenas em situações de extrema emergência.

Arrumei as malas do jeito mais inapropriado e desorganizado possível, pois no fundo eu sabia que iria passar os quatro dias jogados ao mato e à vida. Não só os cachorros viveriam este momento inédito, como eu também estaria finalmente distante daquela realidade que me influenciou por toda a vida. O mundo seria meu e somente meu por quatro dias e eu pressentia que aquele Joshua nunca mais retornaria.

Capítulo 30

Despertando

Embora o ser humano tenha sido elaborado para ser um animal socialmente ambientável, não significa que tal característica seja aplicada por todo o decorrer da vida de um homem ou uma mulher. Afinal, é na solidão e na retidão que muitos relatam ter encontrado e vivenciado instantes de paz interior e sublime. Uma frase que percorreu o mundo desde os tempos medievais afirmava: “a sociedade nos mostra o que somos; a solidão nos mostra o que devemos ou queremos ser”.

Desde os filósofos primitivos até os pensadores atuais, o retiro sempre foi visto como uma etapa crucial da auto investigação. Nietzsche, por exemplo, acreditava que apenas a solitude poderia libertar o ser humano da “tentação de seguir irrefletidamente a massa”. Outros menos radicais ligavam a solidão à meditação, reflexão e a um estado essencial para preservação e elevação da mente brilhante do homem. Por fim, aqueles mais naturalistas enxergavam o homem solitário como um ser independente das manias da sociedade, voltando ao seu estado original e intrinsecamente natural.

O que talvez todos tivessem, e possivelmente ainda têm, em comum era esse desejo interno e externo por um significado maior, verdadeiro e, por que não, transcendente da essência humana. Uma sensação superior que só poderia ser atingida longe das amarras e caminhos tradicionais carimbados nos percursos seguidos pela maioria. Não eram necessariamente indivíduos solitários e, em grande parte dos casos (assim como eu), dependiam do convívio múltiplo e enriquecedor com outras pessoas a fim de formularem e abrilhantarem seus pensamentos e ideias.

Mas era nos momentos de solidão, isolamento, retiro ou eremismo que atingiam o êxtase do seu potencial e autoconhecimento. Afastados das pressões, medos e leis sociais, eles podiam esvaziar a mente, contemplar a si próprios e venerar a sabedoria primitiva do universo.

E foi buscando este significado maior, este sentido elevado, que eu coloquei meus pés no sítio dos meus avós no final daquele verão. Talvez o que tenha me

motivado de fato foi a mera oportunidade de viver o silêncio e presenciar momentos de calma dos quais eu já não tinha mais memórias vivendo na cidade. Naquele local reservado, eu estaria finalmente imune e protegido contra os ruídos internos e externos, os quais eu chegara à conclusão de serem incontroláveis e fora do domínio da minha mente ainda jovem e imatura. Assim, minha alternativa foi “escapar” da realidade a fim de tentar recriá-la através de um estado totalmente novo de paz e reflexão que eu esperava atingir ali.

Logo que cheguei ao sítio, fui recepcionado com uma empolgação exagerada pelos quatro cachorros da casa. O primeiro a me alcançar era na verdade o mais antigo do terreno e, apesar da idade, tinha o vigor e a energia de um filhote. Era sábio o suficiente para usá-la apenas nos momentos certos. Outro era grande feito um cavalo, mas abobado como um desenho animado antigo. Os outros dois cães eram menores e estavam sempre se engalfinhando pelo terreno, com se um quisesse provar ao outro quem mandava ali, sempre desconsiderando a presença dos outros maiores, como se estes fossem apenas meros troncos móveis.

A primeira sensação era a de que meus tão desejados momentos de paz seriam mais raros do que na cidade, dada a pirotecnia dos animais. Mas com o decorrer dos dias, eles me provariam errado, mostrando estarem totalmente a favor da minha causa. No final das contas, seriam parte fundamental daquele grande cenário de descobertas.

Mais do que qualquer outra coisa, sempre me motivavam a permanecer em movimento, e graças a eles, experimentei o prazer decorrente da necessidade de me movimentar, explorar, conhecer e desbravar. Assumindo o corpo assim sua finalidade máxima como veículo da mente e da alma, oposta a imobilidade proporcionada pelo cotidiano da vida moderna.

O mais velho sempre me acompanhava em caminhadas pelos terrenos e matagais vizinhos. Ele seguia na frente, mostrando ser conhecedor dos caminhos camuflados pelas chuvas, e eu o acompanhava sempre alguns metros atrás. Representava o elo entre a natureza e o homem, mostrando que, de fato, não estamos conectados com ela como poderíamos estar.

Quando a distância crescia e eu o perdia de vista, ele me aguardava próximo a uma árvore ou uma clareira, com os olhos encarando o rastro da minha presença. Logo eu me aproximava, ele apontava com o focinho para a trilha que deveríamos seguir, como que querendo me ensinar as rotas de um mundo infinito que só alguns poucos sortudos têm o direito de conhecer.

Eu me sentia finalmente distraído do mundo, como se ele tivesse me esquecido. Deixava por instantes de pensar e me limitava a seguir os passos do fiel animal que me guiava desconhecido adentro. Um instinto primitivo, esquecido há tempos, controlava meus movimentos, como se eu fosse a sombra do animal. A cada pegada, eu alimentava um sentimento dos meus antepassados.

Sentia a mente relaxada e despreocupada, como se ela fosse apenas mais um músculo do corpo. Um que não precisasse se contrair e trabalhar diante da caminhada. Esquecia-me de ser e esquecia-me quem eu era ou o que eu era. Minha existência já estava milhas a frente do pensamento, descansando naquele mesmo firmamento descrito nos livros infantis.

Quando retornava destes instantes de vazio, percebia a infinidade de caminhos possíveis a serem trilhados e desbravados. Assim como eu não era obrigado a transitar somente por um deles, eu também não estava fadado a fazer uma só coisa pelo resto da minha vida. Por que ao invés de tomarmos uma estrada única de pedras e segui-la até seu final em direção a nascente do rio, não nos acostumamos a percorrer uma trilha, apreciá-la, depois voltamos por ela e seguimos outra, ou ainda pegamos um atalho que nos leva até uma ponte de madeira, ou também avançamos em uma canoa velha pelas correntezas do riacho, também pulando de galho em galho por cima da cabeça de todos?

Nós escolhemos um caminho sem nos dar conta de que, às vezes, a própria natureza, o próprio universo é obrigado a alterá-lo conforme andamos por ele. Por que não podemos experimentar algo por completo, tirar dele o melhor proveito possível e depois partir para outra etapa e aproveitá-la também ao máximo? No trabalho, por exemplo, por que temos de nos contentar em fazer uma só coisa pelo resto da vida? Por que temos que nos adaptar e concentrar em apenas um botão quando temos aptidão e virtudes para apertar vários? O objetivo final de tudo é simplesmente levar uma vida tradicional? Escola, universidade, emprego, filhos,

promoção, aposentadoria, gastar tudo. Parece um ciclo um tanto quanto limitado perto da beleza dos atributos que fazem do homem ser o que ele é. Se a existência se limita a estes breves lampejos de conformidade, não há porque pensar em um propósito maior. Afinal, uma das características do universo é a abundância. Precisamos superar o modo de vida atual, pois ele foi projetado em um passado que não faz mais sentido.

Por que não vagar por um mundo sem paredes, grades ou fronteiras? Arrebentar as hastes da gaiola que aprisionou por tanto tempo. Não ter mais de usar máscaras, mas sim aprender a utilizar o coração e a mente para continuar seguindo em frente. Deixar de lado as intenções mesquinhas, a competição sufocante e as verdades absolutas (que não sejam aquelas decorrentes das leis naturais). Buscar o conhecimento não porque isso te levará a uma posição melhor, mas sim porque a sabedoria é uma bênção da condição humana, tal como a ciência que, se usada de forma correta, tem a capacidade de aprimorar o bem-estar do homem e da Terra. Talvez não apenas me preocupar em ser apenas feliz, mas sim em ser completo. Completo não no sentido de perfeito, mas ser capaz de experimentar completamente a vida. Provar toda sua abundância. Conseguir mudar o controlável e aceitar o incontrolável.

Quando retornávamos destas longas caminhadas, depois de repor com comida todas as vasilhas da casa, eu ficava sentado sob a sombra de uma árvore junto dos outros cachorros no alto de uma colina. Dali, podíamos contemplar toda a extensão do sítio. O casarão de paredes brancas no centro do terreno, erguida junto de uma varanda tão grande que parecia ser ela a sustentar a casa, e não o contrário. Pelas janelas, era possível contemplar os móveis adornados de madeira no interior, esperando eternamente por alguma visita. Eu admirava a harmonia das redes sendo levemente arredadas pela brisa de fim de tarde e me perguntava por que eu não estava ali deitado junto dela. Os cachorros choramingando lembravam-me que meu lugar era exatamente aquele, no topo do mundo, de admiração e contemplação às sutilezas da vida.

Do lado do canil e da grande garagem que servia também de armazém, havia um gramado impecavelmente armado. Era como se fossem pequenas espadas verdes penteadas todas para a mesma direção. Este tapete homogêneo seguia até

a parte de trás da casa, findando próximo a uma laje retangular sobre a qual repousava um banco de lenho que parecia ter sido feito a mão há muito tempo atrás. Ele tomava conta de almofadas acolchoadas espalhadas a sua volta, como se estivessem ali preparadas para ouvir mais histórias do ancião amadeirado. Havia almofadas grandes, médias e pequenas. Coloridas, pálidas e desencapadas.

A laje dava apoio para quatro troncos não tão robustos, mas extremamente firmes e sólidos. O papel deles era sustentar uma armação de troncos um pouco menores erguidos lado a lado para servir de apoio a uma infinidade de brincos de princesa. Eu conseguia me lembrar de quando aquela planta era apenas uma muda recém-erguida da grama. Agora já tomava mais da metade da armação e, pela pressa aparente, logo completaria seu próprio telhado de flores. Sentado nas almofadas, dava para ver o riacho que cortava o terreno do sítio e, ao fundo, a casa vizinha erguida sobre um barranco da mesma altura daquele onde eu sentava junto dos cachorros.

O sol do fim de tarde flechava os ramos das árvores mais delicadas, numa mistura impecável de fragilidade e brandura. Ele desacelerava não só a mim, como a todo o universo. E como me agradava viver em segundos mais lentos. Aquele silêncio impreciso e místico, típico cantar da natureza, tomava conta da atmosfera.

Os cachorros menores arriscavam um último duelo, ou uma derradeira espreitada nos limites do terreno, mas logo se rendiam diante da riqueza serena. A quietude dos latidos parecia refletir algum ensinamento aristotélico, como aquele que dizia que “é preciso fazer coisas necessárias e úteis, mas ainda mais, fazer coisas belas”. Não demorava para que o bobalhão começasse a roncar junto à grama queimada graças às noites frias. Eu imaginava se seus sonhos não refletiam a mesma visão que eu tinha daquela colina.

Meu companheiro de trilhas era o único a vislumbrar o mundo da mesma maneira que eu. Pelo menos, era esta a sensação retratada em seus olhos escuros e profundos. Ficava vagando o olhar pelo nada enquanto eu o observava. Ensinava-me em sua tranquilidade a simplificar as relações, os pensamentos, a própria existência, a aproveitar o ócio e a paz instantânea. Havia momentos em que eu podia jurar que ele passava horas olhando para cima, como se me dissesse com um uivar: “você já olhou para o céu hoje?”.

A noite caía rapidamente, assim como as certezas. Um céu estrelado tomava conta de nós, como se os deuses mais antigos piscassem do limiar do universo. Os insetos criavam seu próprio caos ao acender das luzes, sobrevoando os feixes claros, contrapondo a solidão necessária da escuridão. Os cachorros corriam de volta para casa e eu os seguia. Não era hábito deles dormir do lado de dentro, mas aquela foi a forma de agradecimento mais justa que eu consegui encontrar. Meus pés sempre estavam gratificadamente mais sujos do que suas patas e não havia preocupação nenhuma nisso. Um momento de felicidade daqueles dentre os mais saborosos, pois são incapazes de serem previstos.

Foi quando percebi que eu queria ter uma casa invadida por grãos de areia e fiapos de grama. Queria viver todo dia uma desorganização livre, insistentemente caprichosa, distante da obsessão não confiável que atormenta a tantos. Desejava sentir minha pele seca e dourada. A água matando a minha sede como se cada gole fosse o último. Primava por um horizonte mais colorido, diferente daquele pintado por prédios que arranham.

Logo me deitava em um pequeno colchão de borracha, pois assim me sentia mais preso a terra. Também porque o gesto espelhava uma simplicidade que eu admirava. Gostava do caráter ingênuo ao meu redor, como se eu voltasse a ser uma criança em simbiose com a fragilidade da vida. Sentia-me especial em algum sentido obtuso, talvez mais abrangente do que a própria palavra possa conotar.

Conseguia finalmente enxergar a beleza das coisas. Coisas que são menos coisas do que eu imaginava. Ali, era capaz de não só disseminar esta magnitude, como também desenhá-la em uma folha de papel caso fosse necessário. Aquilo tirava de mim uma sensação de ter nascido numa época errada, de ser complacente com a futilidade. A vida deixara de ser uma ordem.

Por alguns segundos, cheguei a dominar o sentimento de que a existência é uma experiência infinitamente complexa e empolgante. Havia naquele imaginário uma consciência cósmica capaz de me ligar a um todo, fazendo com que o mundo subitamente se transformasse em algo enorme. Um sentido coletivo de existência com uma natureza intrinsecamente cooperativa. Tal como Drummond tinha “apenas duas mãos e o sentimento do mundo”, eu possuía agora duas mãos e o sentimento do universo.

Eu estava reconectado comigo mesmo. Era capaz finalmente de revelar o que havia de melhor em mim. Mais do que tudo, estava surpreso com a minha capacidade de poder vivenciar tais instantes. Eu finalmente servia a um propósito maior e a partir dali, sabia que realizaria apenas coisas grandiosas.